

ALMANACH ILUSTRADO do Jornal



A Seiva de Cajueiro

DE

E. CENTENO DIAS

LISBOA

E' o depurativo por excellencia o mais poderoso em todas as manifestações do *arthritis*. Recommendado pelos mais notaveis clinicos portuguezes e brasileiros os quaes attestam a sua efficacia nos casos de: *Rheumatismo, gotta, dermatoses inflammatorias, eczemas, syphilis em todas as suas manifestações, morphêa, darthros, arterio sclerose, dilatações dos ovarios, colicas nephriticas e hepaticas, dlothese urica, arcias, calculos biliosos e vesicaes, inflammações dos rins e da bexiga, etc., etc.*

E' pois, este preparado, o que mais se recommenda, não só pelos seus salutaes e therapeuticos effeitos senão tambem pela pouca dieta que exige.

DOSE:—*Salvo indicação medica: Para adultos, tres colheres das de sopa antes de cada refeição. Para creanças metade da dose.*

PREÇO DE CADA FRASCO 1\$200 RÉIS
6 FRASCOS 6\$000 RÉIS

Unicos depositarios para Portugal, Colonias e Brazil **E. Centeno Dias & C.^{ta}**—Instituto Souza Martins, R. dos Alamos, 7, 1.^o—Lisboa



CALENDARIO PARA ESCRITORIO

ANNO DE 1910

ANNO DE 1911

ANNO DE 1910					ANNO DE 1911				
JANEIRO		MAIO		SETEMBRO	JANEIRO		MAIO		SETEMBRO
D.	2	1	8	4	D.	1	7	3	—
2.	9	8	15	5	2.	2	14	11	4
3.	16	16	22	12	3.	9	21	18	11
4.	23	23	29	19	4.	16	28	25	18
5.	30	30	—	26	5.	23	—	—	25
6.	31	31	—	—	6.	30	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
FEBREIRO					FEBREIRO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
MARÇO					MARÇO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
ABRIL					ABRIL				
D.	3	—	—	—	D.	2	—	—	—
2.	10	8	15	12	2.	9	16	23	20
3.	17	15	22	19	3.	16	23	30	27
4.	24	22	29	26	4.	23	—	—	—
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
MAIO					MAIO				
D.	2	—	—	—	D.	1	—	—	—
2.	9	8	15	12	2.	8	15	22	19
3.	16	15	22	19	3.	15	22	29	26
4.	23	21	28	25	4.	22	29	—	—
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
JUNHO					JUNHO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
JULHO					JULHO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
AGOSTO					AGOSTO				
D.	3	—	—	—	D.	2	—	—	—
2.	10	8	15	12	2.	9	16	23	20
3.	17	15	22	19	3.	16	23	30	27
4.	24	22	29	26	4.	23	—	—	—
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
SETEMBRO					SETEMBRO				
D.	2	—	—	—	D.	1	—	—	—
2.	9	8	15	12	2.	8	15	22	19
3.	16	15	22	19	3.	15	22	29	26
4.	23	21	28	25	4.	22	29	—	—
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
OCTUBRO					OCTUBRO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
NOVEMBRO					NOVEMBRO				
D.	6	—	—	2	D.	5	—	—	1
2.	13	5	12	9	2.	12	5	12	2
3.	20	12	19	16	3.	19	12	19	9
4.	27	19	26	23	4.	26	19	26	16
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—
DEZEMBRO					DEZEMBRO				
D.	3	—	—	—	D.	2	—	—	—
2.	10	8	15	12	2.	9	16	23	20
3.	17	15	22	19	3.	16	23	30	27
4.	24	22	29	26	4.	23	—	—	—
5.	—	—	—	—	5.	—	—	—	—
6.	—	—	—	—	6.	—	—	—	—
S.	—	—	—	—	S.	—	—	—	—

Edição semanal do jornal O SECULO
RUA FORMOSA
LISBOA

Illustração Portugueza

DIRECTOR :
 Carlos Malheiro Dias

DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Magazine semanal de litteratura, arte e actualidades. O mais notavel que até hoje se tem publicado em Portugal, contendo uma leitura sempre interessante. Um dictionario da vida portugueza. Uma obra de instrucção e recreio. A revista illustrada de arte, litteratura e actualidades de maior tiragem que tem havido em Portugal.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
 Portugal, colonias e Hespanha
 Anno \$800 — Semestre 2\$400 — Trimestre 1\$200

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA
 A assignatura conjuncta de «O Seculo», do «Supplemento Humoristico» e da «Illustração Portugueza» — Portugal, colonias e Hespanha
 Anno \$8000 — Semestre 4\$000 — Trimestre 2\$000
 Mez (em Lisboa) 700 rs.



- 1 S. ✠ Circumcissão do Senhor.
- 2 D. S. Izidoro.
- 3 S. ☉ S. Anthero e S. Aprigio.
- 4 T. S. Gregorio.
- 5 Q. S. Simeão Estellita.
- 6 Q. ✠ Os Santos Reis Magos.
- 7 S. S. Theodoro.
- 8 S. S. Lourenço Justiniano.
- 9 D. S. Julião.
- 10 S. ☉ S. Paulo.
- 11 T. S. Hygino.
- 12 Q. S. Satyro.
- 13 Q. S. Hilario.
- 14 S. S. Felix.
- 15 S. S. Amaro.
- 16 D. O Ss. Nome de Jesus.
- 17 S. ☉ S. Antão e S. Sulpicio.
- 18 T. A Cadeira de S. Pedro.
- 19 Q. S. Canuto.
- 20 Q. S. Sebastião.
- 21 S. Santa Ignez.
- 22 S. ✠ S. Vicente.
- 23 D. Desp. N. S.* com S. José. (Sep.)
- 24 S. ☉ Nossa Senhora da Luz.
- 25 T. A Conversão de S. Paulo.
- 26 Q. S. Polycarpo.
- 27 Q. S. João Chrysostemo.
- 28 S. S. Cyrillo.
- 29 S. S. Francisco de Salles.
- 30 D. Santa Martinha. (Dom. magro)
- 31 S. S. Pedro Nolasco.

Sem
mosta
fava,
tas, gr
planta
põem-
ter na
reben
ceder
parar
bacello
terras
fazer c
vimes.

Ao c
si todo
de Jan
as chlo
jasmin
ras, a
thocer
nos eu
tannas

Os E
da imp
cos. O
sentam
d'um g
cendem
lhões d
sas des
lhões.
importa
trinta r

As re
ricanos
ros pal
les edit
verdade

Phases da lua

- 3—Quarto minguante ás 4 horas e 50 minutos da manhã.
 10—Lua nova ás 11 horas e 14 minutos da tarde.
 17—Quarto crescente ás 9 horas e 43 minutos da tarde.
 24—Lua cheia ás 11 horas e 14 minutos da tarde.

Hortas e campos

Semeia-se durante o mez de janeiro mostarda em terras calidas, centeio, fava, ervilha, meimendro, alhos, batatas, grãos de bico, plantas medicinaes. plantam-se hortaliças e romeiras e dispõem-se morangos. E' conveniente metter na terra estacas de arvores que rebentem cedo, mergulhar vides e proceder á póda; limpar as colmeias, preparar as terras para a plantação do bacello, limpar os pomares, lavar as terras para as sementeiras de março e fazer o corte de madeira, de cannas e vimes.

Jardins

Ao contrario do que acontece em quasi todos os climas da Europa, no mez de Janeiro apparecem cheias de vida as chlorophoras e salvas canarins, o jasmineiro amarello, as malvas trigueiras, a rosa de Bengala, a maclura, o pythocercio, os hybiscos, abutões, solanos eupatorias, montaneas, ericas, lantannas, geraneos dobrados, veronicas,

magnolias roxas, calicantos, delicias de olfacto e as camelias.

Em plantas herbaceas as violetas e a thucillagem odorifera, nos alegretes as maravilhas ou malmequeres dobrados, as daphnes, galanthos, o veratro. As plantações feitas n'este mez exigem muito boa preparação de terra, com uma razoavel camada de estrume.

Nas zonas mais frias descarregam-se dos ramos as roseiras de collecção e outras; esta faina faz-se no outomno nas regiões temperadas. A roseira de collecção poda-se curta; a de moita toquia-se com os bardos; a amarella exige armação folgada.

Os cedros do Libano, do Atlas e do Hymalaia, as criptomerias, os abetos e podocarpos, os cyprestes, os pinheiros e outras arvores exoticas precisam adubos concentrados diluidos em agua e sobretudo copiosa applicação de sugo de montureiras deslavado em egual porção d'agua.

N'este mez limpam-se as arvores, amputando-lhes os ramos nocivos, decapando-se ou encabeçando-se aquelles a que se pretenda dar fôrma de moita, e substituem-se as arvores que não vingaram na primeira plantação. Tal operação faz-se em tempo encoberto.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Australia, Republica Argentina, Chile e Nova Zelandia.

A imprensa norte-americana

Os Estados Unidos batem o record da imprensa diaria com 2:500 periodicos. O capital que estes jornaes representam é enorme, pois as despesas d'um grande diario norte-americano ascendem annualmente a uns cinco milhoes de francos. N'outros jornaes essas despesas vão mesmo a vinte milhoes. Duas ou tres publicações de importancia excepcional chegam aos trinta milhoes e passam essa quantia.

As redacções dos grandes jornaes americanos estão installadas em verdadeiros palacios de 15 ou 20 andares. Estes edificios gigantescos albergam um verdadeiro exercito de redactores e em-

pregados. Algumas das machinas rotativas que utilisam custam 500:000 francos e tiram 300:000 exemplares por hora.

Os serviços telephonicos e telegraphicos são extraordinarios. Os correspondentes no estrangeiro formam legião. O reclamo dá a esses jornaes as sommas colossaes de que necessitam e ha jornal em que entram, por esse modo, 2.000.500:000 francos. Uma unica pagina vale de 20 a 25:000 francos por dia. Algumas grandes casas industriaes dispendem annualmente com um só jornal, em reclamos, um milhão de francos.

FEVEREIRO



- 1 T. ☉ S. Ignacio.
- 2 Q. ✠ Purificação de N. Senhora.
- 3 Q. ☉ S. Braz.
- 4 S. S. André Corsino.
- 5 S. Santa Agueda.
- 6 D. Chagas de Christo (*Dom. gordo.*)
- 7 S. S. Romualdo.
- 8 T. S. João da Matta. (*Entrudo.*)
- 9 Q. ☉ Santa Apolinaria. (*Cinzas.*)
- 10 Q. Santa Escolastica.
- 11 S. S. Lazaro.
- 12 S. Santa Eulalia.
- 13 D. S. Gregorio (*1.º domingo de quaresma.*).
- 14 S. S. Valentim.
- 15 T. Trasladação de Santo Antonio.
- 16 Q. ☉ S. Porphyrio.
- 17 Q. ☉ S. Faustino.
- 18 S. S. Theotónio.
- 19 S. S. Conrado.
- 20 D. S. Eleutherio (*2.º domingo de quaresma.*).
- 21 S. S. Maximiano.
- 22 T. S. Abillo.
- 23 Q. ☉ S. Pedro Damão.
- 24 Q. ☉ S. Mathias.
- 25 S. S. Cesario.
- 26 S. S. Torquato.
- 27 D. S. Leandro. (*3.º domingo de quaresma.*).
- 28 S. S. Romão.

Fev

1—Qu

9—Lu

16—Qu

23—Lu

Ho

É n'ro
de esp
nella,
rangos
ria, da
prestes
d'olive
planta
cidreir
humida

Na s
ro, em
aromas
de afor
os pas
guarne
plantas
nos se
pés ve
aconito
craveta

Nos
tribuen
como a
pathica

Sabe
essa a
Chopin
indiffer
o pinto
Ziem
unido
entre e
passada
teve a
tocar m
tom m

Phases da lua

- 1—Quarto minguante ás 10 horas e 50 minutos da tarde.
- 9—Lua nova ás 12 horas e 36 minutos da tarde.
- 16—Quarto crescente ás 5 horas e 55 minutos da manhã.
- 23—Lua cheia ás 2 horas e 59 minutos da tarde.

Hortas e campos

É n'este mez que se faz a sementeira de espinafres, bredos, repolho, pimpinella, couve murciana, cominhos, morangos, rabanos, alface allemã, chicoria, damascos, alperces, pecegos e cyrestes; plantações de bacellos, estacas d'oliveira, romeiras e figueiras; transplantações de laranjeiras, amoreiras e cidreiras. Podam-se vinhas em terras humidas e mergulham-se vides.

Jardins

Na segunda parte do mez de fevereiro, em que quasi sempre rescendem já aromas da primavera vizinha, é tempo de aformosear os jardins, ensaibrando os passeios, adubando, remexendo e garnecendo de novo os taboleiros com plantas vivazes que hão de florescer nos seguintes mezes, desdobrando os pés velhos das phlox, amores eternos, aconitos, arthemiza, heliantos, asters, cravetas e campanulas.

Nos taboleiros melhor expostos distribuem-se as plantas de flôr precoce, como amores perfeitos, alleluia ou hepathicas dobradas, roxas ou azues, que

já n'esta epoca acompanham a florescencia da tulipa, duque de Thol, do açafraão, dos narcisos de Constantino-pla, da fritillazin imperial, das penus-chas, dos jacinthos, dos lyrios e ixias. Começa-se a sementeira das plantas tardias em dar flôr, taes como douradinhas, melindres, estrellas do Egypto, assembléas, araras, arthemizas, alfine-tes de toncar, balsamica, acobea, cravos de defunto, campainhas, esporas, boquinhos, goivos, girasoes, mangericão, myosotis, sandades, valverdes, amaranthos, cruz de Malta, cravos ou cravinas e alecrim do norte.

Em cercaduras ou tapetes, semeia-se o topsyllium e a mimophyllia.

É bom advertir que o alecrim do norte pega de estaca na primavera, mas, querendo obter o de sementeira, colhem-se as banas em julho, antes de abrirem, põe-se ao sol n'um copo tapado e semeia-se em fevereiro. No verão deve-se conservar a planta á sombra; transplanta-se ao fim de 2 annos, dando-lhe sempre pouca agua.

Os arbustos floriferos que n'este mez de fevereiro dão flôr são os seguintes: Sidra arborea, drimis wintertil, polygala myrtifolia, veronica lindlexana, acacia arbustiva, geranio zonal, aloes, medicago arborea, abutilon venosum, correa speciosa, correa alha, raphislepissalicifolia, sedium holochysum, sedum dorame, echeveria metallica, centranthos, macrosingon, huddleya madagascariense, veronica salicifolia, templetomia retusa, sarothamus baeticus, nlex europaeus, genuta canariensis, malva umbellata, anagyris faetida, etc., etc.

A MARCHA FUNEBRE DE CHOPIN

Sabem os leitores como foi composta essa admiravel marcha funebre de Chopin, que arranca lagrimas aos mais indifferentes? Foi no *atelier* de Ziem, o pintor celebre dos canaes de Veneza.

Ziem, então muito joven, tinha reunido no seu *atelier* alguns amigos e entre elles Chopin. Depois d'uma noite passada a fumar e a beber, o artista teve a idéa de assentar-se ao piano e tocar uma valsa. Mas, para dar um tom macabro á scena, agarrou n'um

esqueleto e sentou-o nos joelhos como se fôsse uma mulher amada.

Esse grupo e essa musica surpreenderam bruscamente Chopin, que parecia mergulhado em profundo somno. Ergueu-se n'um prompto, tirou Ziem do piano e, assentando-se em logar do pintor, improvisou a admiravel marcha da morte, o adeus á alegria e á vida, que pouco tempo depois deviam ser a marcha funebre que o mundo inteiro conhece.

MARCO



- 1 T. S. Adrião.
- 2 Q. S. Simplicio.
- 3 Q. S. Martinho.
- 4 S. S. Casimiro.
- 5 S. S. Theophilo.
- 6 D. S. Ollegario. (4. dom. quar.^{ma}).
- 7 S. S. Th. d'Aquino.
- 8 T. S. João de Deus.
- 9 Q. Santa Francisca Romana.
- 10 Q. S. Militão.
- 11 S. S. Candido.
- 12 S. S. Gregorio.
- 13 D. Santa Sancha. (Lazaro).
- 14 S. Santa Mathilde.
- 15 T. S. Zacharias.
- 16 Q. S. Cyriaco.
- 17 Q. S. Patricio.
- 18 S. S. Gabriel Archânjo.
- 19 S. S. José.
- 20 D. S. Mart.° Dumic. (Ramos).
- 21 S. S. Bento.
- 22 T. S. Emygdio.
- 23 Q. S. Felix. (Trevas).
- 24 Q. S. Marcos (E. doenças).
- 25 S. S. Ann. de N.° S.° (Paixão).
- 26 S. S. Ludgero. (Alleluia).
- 27 D. S. Roberto. (Paschoa).
- 28 S. S. Alexandre.
- 29 T. S. Victorino.
- 30 Q. S. Climaco.
- 31 Q. S. Benjamim.

Phases da lua

- 3—Quarto minguante ás 7 horas e 15 minutos da tarde.
10—Lua nova ás 11 horas e 35 minutos da tarde.
17—Quarto crescente ás 3 horas da tarde.
25—Lua cheia ás 7 horas e 44 minutos da tarde.

Hortas e campos

Procede-se em março á sementeira do linho, do canhamo, do milho, feijão carrapato, tomates, melancia, melão, abobora, pepino, aipo, salsa, lentilhas, malaguetas, açafrão, painço, alpista, etc., planta-se hortaliça, alamos e outros arbustos; transplantam-se vimes, enxertam-se arvores que rebentam tarde. Deve-se n'este mez escavar as vinhas, mondar os trigos e proceder á trasfega dos vinhos, mas em dia bastante claro.

Jardins

No decurso d'este mez plantam-se todos os arbustos que se dão mal com o frio; murta, alecrim, jasmim, alfazema e outros; transplantam-se violetas, margaridas, primaveras e todas as plantas de raiz fibrosa. Semeiam-se sobre o alfobre tepido ou ao ar livre, segundo a docura do tempo, separando-as por collecções, todas as plantas annuaes vivazes, taes como açucenas, coreopsis, collinsias, goivos, cravos, mangerona, plumas, estancadeiras, phlox de Drummond, zinnias, mangeriões, rosas das Indias, hybliscos, amores perfeitos, perpetuas, petunias, boas-noites, claskias, phacelias, verbenas, celestinas, congossas. Semeiam-se onde hão de ficar, quasi sempre em cercadura, thaspi, paponlas, dormideiras silvestres,

ervilhas de cheiro, cynaglosa, silenes, esporas; e em alegrete, resedas, scholtzias da California e boas noites. Põe-se ao calor de estufas tuberculos de dhalias, datura e canna. A's plantas de areias graniticas ou terra preta gandraresa, camelias, rododrendos, azaleas, epacris, guidias, dioneas, andromedas e ericas, quer em taboleiro quer em vaso; depois de bem picado o chão deita-se uma camada de terra nova misturada com esterco puro de cavallo que tenha de 2 a 3 annos de curtido. Os arbustos transplantados no anno anterior, taes como silindras, lilazes, loniceras, etc., podam-se muito curtos para darem flôr por muito tempo. No clima de Lisboa dão flôr entre outros os seguintes: salva generiæ-flora, cestrum parqui, datura sanguinea, syphocampylus bicolor, nenecio ghiesbreghtu, Stayia salicifolia, eupatorium, omphriiaefolium, montagnea bipinnatifida, viburnum tinus, viburnum suspensum, achinophyllus digitatum, ancuba japonica, euphae strigulosa, euphaea jurullensis, fuchsia, arborescens, keria japonica, coronilla glaucagenista canariense, chorizema, ilicifolium, uly europæux, sarothamnus baetiens templetonia retusa, barberis, guimpellu, mahonia aquifolium, mahonia fascicularis, mahonia bealy, barberis darwinu, holbaellia latifolia, medianthus major, acacias arbustivas varias, polygalia myrtifolia, arenaria welwitschu, arenaria pungens, arenaria cinerea, eupatorium tharacias, phlomis ferruginea, borrag officinalis, jasmium grandiflorum, erica mediterranea, erica arborea, chrysanthemum grandiflorum, anthyllis barba-jovis, medicabo arboreo e muitas outras.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Alto Egypto e Indias Orientaes.

N'uma escola de hygiene:

—Qual é, na sua opinião, pergunta o mestre, o melhor logar para conservar o leite em perfeito estado?

A alumna:

—O melhor de tudo. . . é deixal-o na vacca.

ABRIL



- 1 S. As Chagas de Santa Catharina de Sena.
- 2 S. S. Francisco de Paula.
- 3 D. S. Pancrácio. (*Paschoela*).
- 4 S. Nossa Senhora dos Prazeres.
- 5 T. S. Vicente.
- 6 Q. S. Marcellino.
- 7 Q. S. Epiphânio.
- 8 S. S. Amancio.
- 9 S. S. Thiago.
- 10 D. S. Ezequiel.
- 11 S. S. Leão.
- 12 T. S. Victor.
- 13 Q. S. Hermenegildo.
- 14 Q. S. Pedro Gonçalves Telmo.
- 15 S. Santas Basílica e Anastácia.
- 16 S. S. Santa Engrácia.
- 17 D. S. Aniceto.
- 18 S. S. Gualdino.
- 19 T. S. Hermogenes.
- 20 Q. S. Ignez.
- 21 Q. S. Anselmo. (*Proc. da Saude.*)
- 22 S. S. Sotero e S. Caio.
- 23 S. S. Jorge.
- 24 D. S. S. Fiel.
- 25 S. S. Marcos.
- 26 T. S. Pedro de Rates
- 27 Q. S. Tertuliano.
- 28 Q. S. Victal.
- 29 S. S. Pedro.
- 30 S. Santa Catharina de Senna.

Ab

F
2-Q

9-

16-Q

24-L

H

Com
lões e
cente
pepin
alcapa
res q
escud
quia
colme

N'e
bercu
de cr
resed
bons-
gam-
mead
as pl
rante
nas, f
tropi
angel
a ma
ta-mã
d'ella
plant
meda
came
valle
como
los, b

Na
opera
balho
A mu
na, e
uma
tempo
lho e
peque
pois
rava-s
peras
ruído

Phases da lua

- 2—Quarto minguante ás 12 horas e 1 minuto da tarde.
 9—Lua nova ás 8 horas e 48 minutos da manhã.
 16—Quarto crescente á 1 hora e 27 minutos da manhã.
 24—Lua cheia ás 6 h. e 46 m. da manhã.

Hortas e campos

Continua-se em abril semeando melões e melancias só até ao quarto crescente, pevides de cabaça, milho, feijão, pepino, alface, azedas, alpo, bredos e alcaparras; planta-se amoreiras e arvores que não abrolham, enxerta-se de escudo. E' n'este mez que se faz a toquia do gado lanigero e se crestam as colmeias, vigiando-lhes os bichos.

Jardins

N'este mez mettem-se ua terra tuberculos, renovam-se as sementeiras de cravos e de flôres annuas, como o resedá, as perpetuas, o caracoleiro, bons-dias e boas-noites; sacham-se e regam-se as já dispostas. A partir de meados do mez mudam-se para a terra as plantas e estacas conservadas durante o inverno, como geraneo, verbenas, fuchsias, cupheas, lantanias, heliotropios, begonias, datutas, caladios e angelinas. Para que as flôres adquiram a maior belleza, deve-se sachar a planta-mãe antes do desabrochar completo d'ellas. N'este mez florescem, além das plantas de terra d'urze, azaleas rudromedas, dioneas, guideas, rhododendros, camelias, etc.; as diclytras, o lyrio convalle, muitas e variadas rainuncleadeas, como anemonas, bellas-rosas, rainunculos, borboletas, dionysias, tulipas, vio-

letas, amores-perfeitos, silenes, primaveras, margaridas, varias plantas bulbosas e as rosas. E' preciso cuidar das roseiras precoces, tirando-lhes o piolho por meio de fumigações de tabaco e seringagens de sabão amarello. Se opó branco lhes accomette as folhas, applica-se a ambos os lados d'estas a agua salgada, repetidas vezes. As flôres de tulipa requerem toldo de lona contra a chuva e o sol. O jacintho deve estar ao abrigo de muro exposto ao sol. Deve-se ter a tulipa em sitio arejado. No clima de Lisboa dão flôr n'este mez, entre outros, os seguintes arbustos floriferos: *cistus albidus*, *berderis*, *guimpellu*, *berberis dealbata*, *cistus populifolios*, *lavaterru arbore*, *pelargonium*, *adoratissimum*, *cuculatum*, *tomentosum*, *glotinosum*, *tropacolum majus*; *chorizema ilicifolium*, *templetonia retuza*, *coronill emerus glauca*, *valentina*, *elianthus punicens*, *phaca daetica*, *genista canariensis*, *cytissus laburnum*, *melianthus majores*, *acacia* [varios arbustos], *keria jonica*, *rhodolypos kerrioides*, *spiracea lanceolata*, *arenaria macrophylla*, *pungens*; *pungens* var, *major*, *pinifolio*, *ronyana*, *welwitsen*, *berlengensis*, *cinerea plantanginer*, *latifolia*, *statice occidentalis*, *salvia gesner afflora*, *oficinalis*, *adhatoda vasica*, *datura sanguinea*, *calceolaria pavoni*, *antirrhinum majus*, *lycium afrum*, *serophularia sambucifolia*, *rhyncosrerun* *jasmincides* e *vinca me vibornim tinus* e outras.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Baixo Egypto, Chypre, Syria, Asia Menor, Persia e Cuba.

Na aldeia belga de Bellenay vive um operario mineiro que, quando tem trabalho, passa alguns dias fóra de casa. A mulher, que é uma excellente matrona, cuida dos filhos e trabalha como uma negra para auxiliar o homem. Ha tempos o mineiro foi para o seu trabalho e a mulher ficou em casa, com a pequenada. Cêrca das 11 da noite, depois de haver deitado os filhos, preparava-se tambem para descansar das asperas fadigas do dia, quando ouviu um ruido estranho que parecia vir das lo-

jas. Suppondo que algum ladrão se achasse escondido no armario, gritou afflictivamente por soccorro. Alvorçada, a aldeia acudiu e, emquanto meia duzia de deccididos rapazes ficavam de sentinella, toda a casa foi revistada. Não houve canto nem desvão que não fosse rigorosamente examinado. Abriam-se os armarios, espreitou-se debaixo das camas, esquadrinhou-se tudo, mas, a respeito de ladrão, nem sombra. —Isso foi algum pezadello, disseram as mulheres.



- 1 D. S. Filipe e S. Thiago.
- 2 S. Santa Mafalda.
- 3 T. Invenção de Santa Cruz.
- 4 Q. Santa Monica.
- 5 Q. S. Agostinho. (*Ascensão*).
- 6 S. S. João.
- 7 S. S. Estanislau.
- 8 D. S. Aparição de S. Miguel.
- 9 S. S. Gregório Nazianzeno.
- 10 T. S. Antonio.
- 11 Q. S. Anastacio.
- 12 Q. Santa Joanna Princeza.
- 13 S. Nossa Senhora dos Martyres.
- 14 S. S. Gil.
- 15 D. S. Espirito Santo.
- 16 S. S. João Nepomuceno.
- 17 T. S. Possidonio.
- 18 Q. S. Venancio.
- 19 Q. S. Pedro Celestino.
- 20 S. S. Bernardino de Senna.
- 21 S. S. Marcos.
- 22 D. Santa Rita de Cassia.
- 23 S. S. Bazilio.
- 24 T. Santa Afra.
- 25 Q. S. Gregorio.
- 26 Q. S. *Corpo de Deus*.
- 27 S. S. João.
- 28 S. S. Germano.
- 29 D. S. Maximo.
- 30 S. S. Fernando.
- 31 T. S. Santa Petronilla.

Al
lões e
berin
azed
cheir
hort
prest
limpa
nha-s
pepin
lanci
etc.
proce

Ma
lenci
as pl
e de
esqu
tran
o ma
los; f
bosta
fino
verã
secca
de ac
sal-o
As
dois
tos i
a um

—C
Se e
A
lher,
da p
Mas
viu.
telos

Phases da lua

- 2—Quarto minguante aos 53 minutos da manhã.
- 8—Lua nova ás 4 horas e 56 minutos da tarde.
- 15—Quarto crescente á 1 hora e 36 minutos da tarde.
- 23—Lua cheia ás 5 horas e 2 minutos da tarde.
- 31—Quarto minguante ás 9 horas e 47 minutos da manhã.

Hortas e campos

Ainda em maio se podem semear melões e melancias; semeia-se pimpinella, beringella, feijão [em terras humidas], azedas, salsa, coentro, milho, melões de cheiro; planta-se hortaliças, segurelha, hortelã, tomateiros, malaguetas, cyrestes e sobreiros; monda-se os trigos, limpam-se as vinhas do pulgão, apanha-se os linhos maduros, capa-se os pepinos, as vinhas, os melões e as melancias; enxerta-se arvores de espinho, etc. É tempo de atestar os vinhos e proceder á tosquia das ovelhas.

Jardins

Maio é o mez das flores por excellencia. E' tempo de expôr ao ar livre as plantas guaidadas em internáculos e de fazer variadas sementeiras sem esquecer as dos cravos, que se devem transplantar em setembro. Este mez é o mais proprio para semear rainunculos; faz-se seccar debaixo do alpendre bosta de boi, que depois se reduz a pó fino e se passa por siranda. No fim do verão, quando as folhas da plantasinha seccam deixa-se perder toda a humidade ao conteúdo do vaso até poder passalo depois ao crivo.

As unhas virgens compõem-se de dois lobos pequenos e alguns filamentos imperceptíveis: replantam-se uma a uma á distancia de 5 a 6 centímetros

entre ellas, em grandes terrinas cheias de pó da bosta antiga, misturada por metade com terra fresca pulverisada. As terrinas passam o inverno em internaculo e devem ser arejadas e levemente humedecidas sempre que fôr possível. As unhas estão boas para plantar na primavera; a maior parte d'ellas floresce em maio e as menos vigorosas no outomno. Na segunda quinzena d'este mez e primeira do seguinte enxertam-se de borbulla as roseiras. A's que dão flôr catam-se os bichos e dão-se fumigações de tabaco e seringagem de agua salgada nas folhas, se são atacadas pelo bolór branco. As flores murchas arrancam-se, se não se destinam a semente.

E' necessario apanhar as bichas cadelas que se introduzem nos canudos dos canicos dos cravos, sacudindo aquelles. Para apanhar as lesmas e os caracoes que atacam os botões das dhalias, convem dispôr em torno dos pés folhas de couve untadas com manteiga rançosa. Florescem no clima de Lisboa durante este mez, entre outros, os seguintes arbustos floriferos: Roseiras, verbenas, azaleas, geranios, pelargonios, abuteloê, wigandia caracasona, tropedum majus, spirea ulsniifolia, diclytra forma, calicanthus ocellentallis, crataeaus pyracantha, indihofera australis, colutea arborescens, philadelphus grandiflorus, fuchsia arborescens, diplopoppus linariefolius, buddleya globosa, cabaça scandens, eupatorium emphaliaeiolium, dextrias cabra, diorvilva rosea, jasminium floridum, equilegia olympica, dichrosa, delphinium-ornamentum, peonias varias, cerasus lusitanica.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Argelia, Asia Central, Japão, Texas e Florida.

—Qual pesadello nem qual carapuça. Se eu não me tinha ainda deitado.

A aldeia recolheu a penates, e a mulher, conseguindo aquietar a espavorida pequenada, foi tambem deitar-se. Mas o estranho ruido de novo se ouviu. Pareciam passos de homens, cautelosos e lentos. Mas se tudo fôra re-

vistado quem é que poderia ter-se escondido dentro de casa?... Tomada de um terror medonho, a pobre creatura não pôde pregar olho.

No dia seguinte a casa foi novamente examinada. Tudo estava nos seus logares. Nada faltava. A' noite, porém, o mesmo extranho ruido, partindo pouco

JUNHO



- 4 Q. S. Firmo.
- 20 Q. S. Marcellino.
- 3 S. ✠ Santa Paula (*Coração de Jesus*).
- 4 S. S. Francisco Caracciolo.
- 5 D. S. Bonifacio.
- 6 S. S. Norberto.
- 7 T. S. Roberto.
- 8 Q. S. Salustiano.
- 9 Q. S. Primo e S. Feliciano.
- 10 S. Santa Margarida.
- 11 S. S. Maximo.
- 12 D. S. João de S. Fagundo.
- 13 S. ✠ Santo Antonio de Lisboa.
- 14 T. S. S. Bazilio.
- 15 Q. S. Victor.
- 16 Q. S. João Francisco Regio.
- 17 S. Santa Thereza.
- 18 S. S. Marcos.
- 19 D. Santa Joanna de Falconeri.
- 20 S. S. Silverio.
- 21 T. S. Luiz Gonzaga.
- 22 Q. S. S. Paulino.
- 23 Q. S. João, Sacerdote.
- 24 S. ✠ S. João Baptista.
- 25 S. S. Guilherme.
- 26 D. S. João e S. Paulo.
- 27 S. S. Ladislau.
- 28 T. S. Leão II.
- 29 Q. S. ✠ S. Pedro e S. Paulo.
- 30 Q. S. Marçal.

Phases da lua

- 7—Lua nova aos 39 minutos da manhã.
 14—Quarto crescente ás 3 horas e 42 minutos da manhã.
 22—Lua cheia ás 7 horas e 35 minutos da manhã.
 29—Quarto minguante ás 4 horas e 2 minutos da tarde.

Hortas e campos

E' chegado o tempo de semear couves, borragem, beldroegas, espinafres e favas de regadio, semear nas terras serodias; enxertar de escudo as arvores de casca grossa, sachar os milhos, ceifar o feno, recolher os alhos, cebolas, favas e todos os legumes que estiverem seccos, as plantas medicinaes, as fructas; enrestar os alhos para guardar, tirar cêra dos cortiços, castrar os carneiros, tosquiar as ovelhas e cuidar no terraço das eiras.

Jardins

Deve-se sempre cuidar dos craveiros, em junho, eliminando-lhes os peores botões para apurar os melhores e obter as flôres mais perfeitas. Em todo este mez é tempo proprio para fazer alporques de craveiro. E' preciso notar que, quando os botões do cravo apparecerem demasiadamente cheios, dando a entender que ao abrir reben-tará o calice, é conveniente praticar ligeiras incisões longitudinaes nos pontos de junção que dividem o calice, a fim de evitar que a flôr se estrague. N'este mez levantam-se da terra as cebolas dos lyrios brancos e amarellas, martagões, tigridias de corola mosqueada, gladiolas ou estoques, lyrios da Pensylvania, etc., bem como das tulipas, deixam-se enxugar bem da humidade expondo-as por alguns dias ao ar

antes de as recolher. As cebolas de jacinthos e tulipas desenterram-se mal que as folhas principiam a amarellecer; as unhas das rainunculeaceas só quando a folha seccar inteiramente. E' tempo de começar a dar maior desenvolvimento á plantação de flôres nas diversas caixas. A disposição é livre, ao gosto do amator; entretanto, indicaremos que é de bom effeito plantar junto das roseiras de pé alto pelargonias e petunias, a fim de encobrirem a nudez d'aquellas depois de darem flôr. Recordaremos que não só n'este mez, mas em todo o verão, convem refrescar as folhas das plantas para as lavar da poeira. Já desde o mez anterior se impõe a necessidade de passar as plantas de terra preta gandareza (camelias e outras) para o logar mais sombrio e humido que fôr possível. Ao contrario do que muita gente suppõe, a camelia requer adubos, sendo preferiveis os pós d'ossos misturados com a terra, a limpeza do pombal, ou o summo da montureira diluido em igual quantidade d'agua, deixando primeiro fermentar a mistura. Os adubos devem ser empregados na época em que o arbusto começa a deitar as guias e sempre em dia sombrio. Por ultimo deve-se renovar a sementeira de zinias e boas-noites no sitio em que hão de ficar, fazendo-lhes boa cama de terriço e não lhes faltando com a agua necessaria, para que a planta não seque.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

França meridional, Hespanha, Portugal, Italia, Grecia, Turquia, California, Oregon, Luisiania, Mississippi, Alabama, Georgia, Carolina, Tenassece, Virginia, Kentucky, Kansas, Arkansas, Utah, Colorado e Missouri.

mais ou menos do mesmo sitio. Então a pobre mulher succumbiu:

—São almas do outro mundo!

E o mulherio da aldeia, aterrado, concordou que eram phantasmas. E todos, homens e mulheres, se afastaram, a tremer, exclamando:

—São phantasmas!

Chegou, afinal, o marido. Cheia de

pavor, a mulher contou-lhe tudo. O mi-neiro sorriu.

—Não acreditas?... Pois á noite verás.

Deitados os pequenos, os esposos recolheram ao seu quarto. Eram 11 horas. O silencio não podia ser maior.

—Eu não te dizia! Ora que vocês hão de ser sempre patetas! commentou

JULHO



- 1 S. S. Theodorico.
- 2 S. Visitação de Nossa Senhora.
- 3 D. Pur. do sangue de N. Senhora.
- 4 S. Santa Izabel.
- 5 T. S. Athanasio.
- 6 Q. S. Santa Domingas.
- 7 Q. Santa Pulcheria.
- 8 S. S. Procopio.
- 9 S. S. Cyrillo.
- 10 D. Santa Amelia.
- 11 S. S. Silvino.
- 12 T. S. João Gualberto.
- 13 Q. S. Anacleto.
- 14 Q. S. Boaventura.
- 15 S. S. Camillo de Lellis.
- 16 S. N. S. do Monte do Carmo.
- 17 D. Santo Aleixo.
- 18 S. Santa Marinha.
- 19 T. Santa Justa e Rufina.
- 20 Q. Santo Elias.
- 21 Q. S. Praxedes.
- 22 S. Santa Maria Magdalena.
- 23 S. S. Apolinario.
- 24 D. Santa Christina
- 25 S. S. Thiago.
- 26 T. S. Symphronio.
- 27 Q. S. Pantaleão.
- 28 Q. S. Innocencio.
- 29 S. Santa Martha.
- 30 S. S. Rufino.
- 31 D. Santo Ignacio de Loyola.

Phases da lua

- 6 — Lua nova ás 8 horas e 43 minutos da manhã.
- 13 — Quarto crescente ás 7 horas e 47 minutos da tarde.
- 21 — Lua cheia ás 7 horas e 59 minutos da tarde.
- 28 — Quarto minguante ás 8 horas e 57 minutos da tarde.

Hortas e campos

Semeam-se em julho bredos, mostarda e espinafres; recolher cevada, cebola de regadio, amendoas, avellãs e sementes maduras de hortaliças. Começar a ceifa, amassar as ramas ás cenouras, regar os pomares, limpá-los de folhas seccas, arrancar a grama, regar os primeiros tomateiros e meloes que não são de varzea, preparar e arejar os celeiros para recolher as novidades, queimar as raizes prejudiciaes e recolher os trigos que estiverem promptos.

Jardins

Despejam-se em julho, nos jardins, quasi de todo os invernaculos e estufas de sol, onde apenas permanecem gloximias, archimeneas e tydias, algumas begonias, fetos, licopodios coleds e maranthas, e as reproduções, feitas no mez antecedente, de plantas succulentas e cactus.

A vegetação dos pandanus, das cycas, das palmeiras, fetos arboreos, caladios e alocasias, crontons e anthurium, bem como de muitas begonias, dá-se bem com o ar livre no periodo de maior calor. Nas caixas ao ar livre vegetam delphinios ou esporeiras, hebianthos, dhalias, pelargonias, fuchsias, petúnias, lobelias, amaranthos, tricolor e roxo, o cravo e muitas outras.

o homem, rindo e brincando com o terror da sua credula companheira.

Mas, mal tinham apagado a luz, o mysterioso ruido fez estremecer o mineiro e a mulher.

—Ouve?...

Resolutamente, o homem levantou-se e pegou n'uma espingarda. Toda a casa foi novamente revistada. E nada, abso-

lutamente nada de anormal appareceu. O mineiro, apezar de valente, não dissimulava a sua preocupação. De repente, o ruido pareceu-lhe sahir da chaminé. Foi tambem examinal-a. Nada, pela palavra nada.

Para realçar-lhes a belleza, pela potente vegetação da sua folhagem, recommendam-se as ancubas, as cannas, as gaves, as fourcrayas, os mesembryanthos, sedum e semper-vivum, as yuccas, os pharmium, os cactus, as echeverias e os aloes.

Nos grandes jardins não ha plantas que mais recommendadas devam ser no nosso clima para massifos do que os bambus, e como vegetaes ornamentaes em exposição abrigada a bananeira; e se não em plena terra, pelo menos em grandes vasos que se possam recolher, a heliconia, vegetal tropical.

No nosso clima é quasi indispensavel enterrar logo, a datar da segunda quinzena de julho, as cebolas de jacinthos e tulipas, apenas enxutas e libertadas dos bolbilhos. Fóra da terra o calor excessivo da nossa estação calmosa obriga-as a puxar; e portanto esgotam-se com manifesto prejuizo da florescencia futura. N'este mez não teem descanso as regas e refrescos á folhagem de todas as plantas.

Paizes em que n'este mez se fazem as colleitas

França, Inglaterra (sul), Alemanha, Suissa, Anstria-Hungria, Principados danubianos, Russia (sul), Nebraska, Minnesota, Wisconsin, Iowa, Illinois, Indiana, Michigan, Ohio, New-York, Nova Inglaterra e Alto Canadá.

Voltoando ao quarto, iam a pegar no somno quando a bulha de novo começou. O mineiro então teve medo e não



- 1 S. S. Pedro ad Vincula.
- 2 T. Santo Estevão.
- 3 O. Invenção de Santo Estevão.
- 4 Q. S. Domingos de Gusmão.
- 5 S. Nossa Senhora das Neves.
- 6 S. Transfiguração de Christo.
- 7 D. S. Caetano e S. Alberto.
- 8 S. S. Cyriaco.
- 9 T. S. Romão.
- 10 O. S. Lourenço.
- 11 O. S. Tiburcio e Santa Suzanna.
- 12 S. S. Santa Clara.
- 13 S. Os SS. Hypollito e Cassiano.
- 14 D. Nossa Senhora da Boa Morte.
- 15 S. S. Assumpção de N. Senhora.
- 16 T. S. Roque.
- 17 O. S. Mamede.
- 18 O. Santa Clara de Monte Falco.
- 19 S. S. Luiz.
- 20 S. S. S. Bernardo.
- 21 D. S. S. Joaquim.
- 22 S. S. Thimotheo.
- 23 S. S. Philippe Benicio.
- 24 O. S. Bartholomeu.
- 25 O. S. Luiz, Rei de França.
- 26 S. S. Victor.
- 27 S. S. S. José Calazans.
- 28 D. S. Agostinho.
- 29 S. Degolação de S. João Baptista.
- 30 T. Santa Rosa de Lima.
- 31 Q. S. Raymundo Nonato.

Phases da lua

- 4 — Lua nova ás 6 horas da tarde.
- 12 — Quarto crescente ás 1 horas e 24 minutos da tarde.
- 20 — Lua cheia ás 6 horas e 37 minutos da manhã.
- 27 — Quarto minguante ás 1 horas e 56 minutos da manhã.

Hortas e campos

E' costume n'este mez semear-se tre-moço, rabano, cenoura, arruda, rosma-minhos, cebola para semente, nabo, nabica em terras de regadio, cevada e aveia; planta-se couve tardia, apanha-se macella, recolhe-se o resto das searas, limpa-se a cevada, para melhor a conservar, recolhe-se amendoas, avel-lãs, arranca-se as hervas nocivas, vi-gia-se as colmeias, estruma-se as terras e prepara-se as vasilhas.

Jardins

As roseiras em agosto não devem ser descuidadas de tratamento, merecendo especial cuidado as que pertencem á tribu das bifloras ou de duas estações e as perpetuas ou de todo o anno, taes como a rosa avellã ou de tocar, a rosa Bouganville amarella desmaiada e sobretudo a rosa de Bengala. Todos estes arbustos de floração constante exigem poda moderada dos ramos accessorios e eliminação d'uma parte dos botões, e, mais do que todas, as variedades de côr escura (a côr de canella é a mais rara) das rosas de Bengala, cuja floração será sempre muito pobre na primavera, se não se lhes eliminar anteriormente uma parte dos botões. N'este mez procede-se á segunda sementeira da resedá, em vaso para a ornamentação das habitações durante o inverno proximo. Do

mesmo modo se semeiam as cinerarias, primaveras, etc., que ostentarão o seu esplendor em começo do inverno. Semeiam-se no chão, em sitio onde quasi não chegue o sol, goivos, borboletas, cravos, mimulos varios, verbenas, campanulas, cacalas ou boquinhãs de coelho, polemonias, sandades, phlox Leopoldt; e da mesma sorte, mas para ao depois passar para vasos cujo torrão será mettido na terra em maio do anno seguinte, calceolaria, clarkia, pulchella, campanilha ou anemona pulsatilla franjada, cœnothra de Drummond e ipomosis elegante. Estas plantas, depois de passadas para vasos, devem hibernar fóra da acção do temporal. Continua-se com a plantação das plantas annuaes ou perennes, que esperam no alfobre a vez de serem mudadas. Plantam-se ainda crysanthemos, secias balsaminas e bel-droegas de flôr grande para florescer em setembro e outubro. Não cessa a rega e refresca das folhas das plantas, e a applicação de adubo liquido aos massiços dispostos em terreno elevado, quer com relva, quer com estacadeira esmaltada de margaridas. Esses massiços são formados de salvas, phlox, petunias, geranios, heliotropos, velludos, ou moncos de perú, verbenas e amarantios (papagaios ou araras). Passado o dia 15 do mez de agosto, espeta-se em alfobre toda a casta de estacas, escolhendo para esse fim o canto do jardim de terra mais leve, melhor exposto, adicionando-lhe uma porção de terriço. Lembremos para esta reproducção entre muitas mais as seguintes plantas: achyranthus verschaaffelti, antemis, ageratum, cuphêa, calceolaria lenhosa amarella, hydranjas, jasmineiros, colens, datura arborea, geraneos (collecção) gnaphalium lanatum, (o *gnaphalio lan-zudo* que recommendamos para cerca-duras), Ferdinandia eminens, heliotro-po, fuchsia, etc.

poude tambem dormir. Na noite seguinte, decidido a desvendar o mysterio, foi, cedo, para o armazem. D'arma engatilhada esperou que tudo estivesse em silencio. Effectivamente, quando tudo estava em socego, recommçou o ruido. Vinha effectivamente da chaminé.

O mineiro aproximou-se, devagarinho, espionando. Era um rato, um rato enorme que, pela calada da noite, sahia do seu esconderijo para procurar de comer... Era elle o «phantasma» que alarmára a aldeia, que, deante do cadaver do roedor, exclamava em ar de troça:

SETEMBRO



- 1 Q. S. Emygdio. (Com. as ferias).
- 2 S. S. Estevão.
- 3 S. S. Santa Eufemia.
- 4 D. Santa Rosa de Viterbo.
- 5 S. Santo Antonino.
- 6 T. Santa Libania.
- 7 Q. S. João, M.
- 8 Q. Natividade de Nossa Senhora.
- 9 S. S. Sergio.
- 10 S. S. Nicolau Tolentino.
- 11 D. S. Santa Theodora.
- 12 S. Sant'Anna.
- 13 T. S. Filippe.
- 14 Q. Exaltação da Santa Cruz.
- 15 Q. S. Domingos em Soriano.
- 16 S. Trasl. de S. Vicente.
- 17 S. S. Pedro d'Arbues.
- 18 D. S. José de Cupertino.
- 19 S. S. Januario.
- 20 T. Santo Eustaquio.
- 21 Q. S. Malheus.
- 22 Q. S. Mauricio.
- 23 S. S. Lucio.
- 24 S. N. Senhora das Mercês.
- 25 D. S. Firmino.
- 26 S. S. Cypriano.
- 27 T. S. Cosme e S. Damião.
- 28 Q. S. Wenceslau. Annos de S. M. a Rainha.
- 29 O. S. Miguel Archanjo.
- 30 S. S. Jeronymo. (Acabam as fêrias).

Phases da lua

- 3.—Lua nova ás 5 h. e 29 m. da manhã.
 11.—Quarto cresc. ás 7 horas e 34 minutos da manhã.
 18.—Lua cheia ás 4 horas e 15 min. da tarde.
 25.—Quarto minguante ás 8 h. e 17 min. da manhã.

Hortas e campos

E' este o mez preferido para semear fayas, nas primeiras aguas, trigos nos altos, cevada e centeo em terras quentes, nabos, tremoços, dormideiras, linhos, oregãos, canhamo, arruda e trevo; plantar cidreiras, limoeiros e arvores de espinho, enxertar as mesmas, etc. Apanha-se nozes, amendoas, avelãs; recolhe-se a mostarda, o milho, os legumes, faz-se a cresta das colmeias, passam-se as uvas, procede-se á vindima e por fim lavram-se as terras.

Jardins

E' no mez de setembro em que as dhalias adquirem o seu maior esplendor, especialmente desde que veem as aguas do equinoxio outomnal.

As dhalias chamadas anãs não precisam de amparo, mas as de pé alto necessitam que as suas hastes sejam atadas a esportes bem firmes, sem o que não resistirão aos temporaes frequentes n'estes periodos. E' preciso tirar to-

dos os dias as flôres murchas e as dhalias, devendo cuidar d'ellas, fecundando-as artificialmente mediante o cruzamento das variedades.

As plantas de collecção bolbiferas podem começar a ser enterradas a datar do fim d'este mez e principio do seguinte.

Todas as plantas annuaes ou perennes destinadas a dar flôr nos mezes de abril, maio e junho do anno seguinte, para alcançarem toda a perfeição, devem ser semeadas n'esta epoca: farellos de borboleta, bellas-rosas, agostis pulcella, coreopsis elegante, collinsia, gilia tricolor, perpetua, goivos raiados, linho de flôr roxa e branca, lobelias, rinus, mimulus speciosus, nemophila, papoilas dobradas e esporas no sitio em que se hão de crear, alegrias ou malmequeres dobrados, veronica de Syria, etc.

As estacas plantadas no mez anterior regam-se e sacham-se convenientemente, e algumas d'ellas que já tenham deitado raiz, taes como as verbaenas, anthemis e geranios, vão-se passando para vasos, em cada um dos quaes, para poupar tempo e espaço, se podem acomodar tres ou quatro pés.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Escocia, Suecia, Noruega e Russia (norte).

—A gente logo viu que não podiam ser almas do outro mundo! Isso são historias da carochinha...

N'essa noite, a aldeia de Bellenay dormiu em paz, livre d'aquella afflicção que a torturava. E quem melhor dormiu foram o mineiro e a mulher, apavorados pelo terrivel sabbat... em que a ratazana desempenhava o principal papel!

Em Voneq (Ardennas) foram ultimamente encontradas tres moedas d'ouro, muito bem conservadas, com as effigies de Carlos I e Philippe II, reis de Hespanha, e Carlos IX, rei de França.

A este respeito um jornal recordou que em 1814, n'aquelle mesmo lugar, se descobriu uma pedra tumular com uma inscripção meio apagada. Os ar-

cheologos cahiram sobre ella procurando decifrar os dizeres mysteriosos que eram os seguintes:

Seu... quo... Templi... Famars... si bella... curiosi... te... appellaverunt... oves... Tibulli... similiter... causa... que... ego... ambo... te... Fumant... cum... de suis...

Durante dias os sabios não abandonaram a pedra na anela de completar as palavras apagadas. Afinal desistiram. Um bello dia, porém, souberam que a inscripção era a seguinte:

«Aquelles que a curiosidade chamar ao Templo de Famars encontrarão no vestibulo seis cossacos, eguaes em belleza, fumando como suissos.»

Mas, que queria dizer isto?... Após

OUTUBRO



- 1 S. O. Ss. Rosario de N. Senhora.
- 2 D. S. Leodgario
- 3 S. S. Candido
- 4 T. S. Francisco d'Assis.
- 5 Q. S. Placido.
- 6 Q. S. Bruno.
- 7 S. S. Marcos.
- 8 S. Santa Brigida.
- 9 D. S. Dyonisio.
- 10 S. S. Francisco de Borja.
- 11 T. S. Firmino.
- 12 Q. S. Cypriano.
- 13 Q. S. Eduardo.
- 14 S. S. Callixto
- 15 S. Santa Thereza de Jesus.
- 16 D. S. Martiniano.
- 17 S. Santa Hedwiges.
- 18 T. S. Lucas Evangelista.
- 19 Q. S. Pedro d'Alcantara.
- 20 Q. S. João Cancio.
- 21 S. Santa Ursula.
- 22 S. Santa Maria Salomé
- 23 D. S. João Capistrano.
- 24 S. S. Raphael Archânjo.
- 25 T. S. Chrispim e S. Chrispiano.
- 26 Q. S. Evaristo.
- 27 Q. Os Martyres de Evora.
- 28 S. S. Simão.
- 29 S. S. Feliciano.
- 30 D. S. Serapião.
- 31 S. S. Quintino.

Phases da lua

- 2 — Lua nova ás 7 horas e 55 minutos da tarde.
- 11 — Quarto crescente á 1 hora e 3 minutos da manhã.
- 18 — Lua cheia á 1 hora e 47 min. da manhã.
- 24 — Quarto minguante ás 5 horas e 11 minutos da tarde.

Hortas e campos

Semeia-se em outubro trigo, cevada, rabano, rabanetes, nabos, cenouras, chicharos, grão de bico, tremoço, favas, salsa, coentro, aipo, pimpinella, cebolas e ervilhas; plantam-se avelleiras, nogueiras, amendoeiras e cidreiras; recolhe-se o mel e a cera, apanham-se castanhas, abre-se covas para arvoredos de sombra, e lavra-se o resto das terras. São magníficos os taralhões e os laberços n'este mez.

Jardins

N'este mez continúa a fazer-se a plantação das plantas bolbiferas. E' mesmo este o tempo preferível no nosso clima para a sua plantação geral e especialmente de anemonas, rainunoulos, açã-

frão, iris, ichsias, jacinthos, junquillos, tulipas, as dylitras e as aurículas, conhecidas por orelhas d'urso. O bolbo d'esta ultima, que apodrece facilmente levando agua de mais, deve ficar mais enterrado, e exposto a todo o sol até dar flôr, occasião em que se retira para a sombra, para que aquelle não descore, convindo egualmente não molhar as folhas da planta.

Terminam-se durante este mez as sementeiras que não foi possível executar no antecedente; e recolhem-se dos sitios mais expostos á geada os tuberculos de dhalias, socas de cannas e daturas, boas-noites e caladio. Alporcam-se e dispõem-se craveiros; plantam-se roseiras, apara-se murta, e mudam-se para vasos estacas enraizadas de plantas que precisem de ser recolhidas para abrigadoiro. Nas caixas de jardins começa n'este mez a ostentar o crhyssanthemo ou despedida de verão, que no mez seguinte offerece a maior belleza, precisamente quando a geada acabou com todas as outras flôres.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Escocia, Suecia, Nornega e Russia (norte)

bastante trabalho apurou-se o seguinte:

Uma sociedade de sabios ordenou umas excavações, nas quaes se empregaram seis cossacos que haviam desertado. Como os trabalhos corressem com muita lentidão, alguns officiaes francezes, querendo divertir-se, mandaram gravar na pedra aquelles dizeres mysteriosos.

E aqui está como, passados annos, os archeologos deram tratos á imaginação para decifrar a inscripção que tanto os interessava, attribuindo-a a qualquer figurão do remoto tempo dos romanos!



Os cegos britannicos realisaram o anno passado manifestações para obter uma lei protectora. O chefe d'esse movimento, cego tambem, chamava-se Harry.

Entrevistado por um reporter, confiou-lhe intimidades dos cegos. Teem estes a voz, o som e o olfacto por princí-

paes guias. Conhecem o tempo que faz pelo cheiro das ruas e dos caminhos; se é dia ou noite, pelo movimento nas cidades e pela sensação do ar nos campos; a estatura da pessoa que lhes falla pela direcção e elevação da voz; a altura do que transita, pela rapidez dos passos; a idade e o sexo, pela voz; a volta de uma rua, pela diminuição gradual do movimento; a proximidade das arvores, pelo cheiro; a de uma ponte, pela resonancia; e... que o inimigo dos cegos é o automovel.



Edison occupa-se nas suas officinas de Orange, perto de New-York, de um novo assumpto a que liga grande importancia social—a casa de cimento.

Essa casa construe-se com o auxilio de moldes de ferro, facéis de armar e desarmar e que se transportam facilmente ao sitio onde se pretende construir a casa. Armam-se os moldes, reúnem-se e no intervallo das paredes deita-se um cimento, cuja composição

NOVEMBRO



- 4 T. ☩ ☉ Todos os Santos.
- 2 Q. Dia de finados.
- 3 Q. S. Malaquias.
- 4 S. S. Carlos Borromeu.
- 5 S. S. Zacharias.
- 6 D. S. Severo.
- 7 S. S. Florencio.
- 8 T. S. Severiano.
- 9 Q. ☿ S. Theodoro.
- 10 O. Santo André Avelino.
- 11 S. S. Martinho, B.
- 12 S. S. Martinho, P.
- 13 D. S. Eugenio.
- 14 S. Trasl. de S. Paulo.
- 15 T. Dedic. da Bas. do Coração de Jesus.
- 16 Q. ☿ S. Valerio.
- 17 O. S. Gregorio Thaumaturgo.
- 18 S. Ded. dos Ap. S. Pedro e S. Paulo.
- 19 S. Santa Izabel.
- 20 D. S. Felix de Valois.
- 21 S. Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 T. Santa Cecília.
- 23 Q. ☿ S. Clemente.
- 24 Q. S. João da Cruz, Dr.
- 25 S. Santa Catharina.
- 26 S. S. Pedro Alexandrino.
- 27 D. Santa Margarida de Saboya.
- 28 S. S. Gregorio.
- 29 T. S. Saturnino.
- 30 Q. Santo André.

Phases da lua

- 1 — Lua nova á 1 hora e 19 minutos da tarde.
- 9 — Quarto crescente ás 4 horas e 52 min. da tarde.
- 16 — Lua cheia ás 11 horas e 48 minutos da manhã.
- 23 — Quarto minguante ás 5 horas e 36 minutos da manhã.

Hortas e campos

Faz-se n'este mez a sementeira deerva doce, acelga, couves, alfaces, repolhos, espinafres, ervilha anã, brocolos e favas; plantação de carvalhos, castanheiros, oliveiras, couve, alface, chicoria, repolho, hortelã e segurelha. No minguante cortam-se as madeiras que estiverem sazoadas, assim como cannas e vimes, e prepara-se a salgadeira para as sardinhas.

Jardins

Em algumas localidades do paiz é tempo de enterrar plantas bulbosas e plantar roseiras, devendo-se tratar do açafraão, das jarras, serpentaria, corôa imperial, gladiolos, ou estoques, que se dão bem com a terra muito macia e rica de adubos. Para tornar a sua vegetação mais vigorosa, applica-se-lhe adubo liquido e muito terriço de boa qualidade. Os cyclamens, ou maçãs de porco, plantam-se em vasos, forçando-as em calor moderado, darem flôr todo o inverno. Plantados na terra ao ar livre, florescem com notavel belleza nos mezes de setembro, outubro e novembro.

E' este o mez mais proprio entre nós para podar roseiras enxertadas, tosquiar alto as fracos de pé, arrancar e

custou ao inventor longos mezes de investigação.

Os moldes de uma casa pesam apenas algumas toneladas e 40 ou 12 operarios podem armal-os em poucos dias. São dois ou tres dias para deitar o cimento e uma semana para que elle seque. Em menos de 20 dias a casa está concluida e pôde habitar-se. Uma casa com seis quartos de dormir não importa em mais de 1.800\$000 réis.

dividir as toças do phlox e de todas as plantas vivazes, e desenterrar os ultimos tuberculos de dhalias.

Amadores muito entendidos remocam tambem n'esta epoca a terra das suas camelias, pela fórma que n'outro logar dissémos, para que os botões logo ao abrir cresçam em tamanho e formosura. E' tambem no principio de novembro que se procede á sementeira de roseiras.

Para esse fim, colhem-se os fructos vermelhos das roseiras no fim de outubro ou principio d'este mez, sempre antes das primeiras geadas; e deitam-se dentro de um vaso tapado para os livrar dos ratos. No fim de seis ou oito dias, abrem-se os fructos com a unha, e extrahe-se-lhes a semente. Agita-se esta sobre uma peneira para largar o pello, deitando-a em seguida em uma terrina meia de agua. A semente boa deposita-se no fundo, a má sobrenada. Deita-se fóra esta e tira-se a boa, a que se dará tempo de enxugar.

Apenas enxuta, semeia-se em terra leve e cobre-se com 2 centímetros de areia e 2 centímetros de folhas seccas.

No meado de março, fazendo bom tempo, tira-se a camada de folhas e não tarda que as roseiras appareçam á superficie da terra. Um mez ou seis semanas depois de nascidas, transplantam-se os pés para alfobres, ficando 8 a 10 centímetros distantes uns dos outros. Regam-se e põem-se á sombra.

No anno seguinte as roseiras novas dão flôr, podendo apresentar variedades desconhecidas.

Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Perú, Africa e Australia.

Uma sociedade fez já propostas para comprar o privilegio e explora-lo por sua conta; mas Edison propõe-se com elle um fim philantropico e só concede o privilegio a quem se contente com um beneficio de 15 %.

A casa de cimento é, com effeito, destinada ás classes operarias e o inventor quer dar-lhes, em condições tão vantajosas quanto possivel, alojamentos baratos.

DEZEMBRO

- 4 Q. ● S. Eloy.
- 2 S. Santa Bibiana.
- 3 S. S. Francisco Xavier
- 4 D. Santa Barbara.
- 5 S. S. Geraldo.
- 6 T. S. Nicolau.
- 7 Q. Santo Ambrosio.
- 8 Q. ✕ N. S. da Conceição.
- 9 S. ● Santa Leocadia.
- 10 S. S. Melquiades.
- 11 D. S. Damazo.
- 12 S. S. Justino.
- 13 T. Santa Luzia.
- 14 Q. S. Agnello.
- 15 Q. ● S. Euzebio.
- 16 S. As Virgens d'Africa.
- 17 S. S. Lazaro.
- 18 D. Nossa Senhora do O'.
- 19 S. Santa Fausta.
- 20 T. S. Domingos de Silla.
- 21 Q. S. Thomé.
- 22 Q. ● S. Honorato.
- 23 S. S. Servulo.
- 24 S. S. Gregorio.
- 25 D. ✕ Natal.
- 26 S. Santo Estevão.
- 27 I. S. João Evangelista.
- 28 Q. Os Santos Innocentes.
- 29 Q. S. Thomaz.
- 30 S. S. Sabino.
- 31 S. ● S. Silvestre.



Phases da lua

- 1 — Lua nova ás 8 horas e 34 minutos da manhã.
- 9 — Quarto crescente ás 6 horas e 28 minutos da manhã.
- 15 — Lua cheia ás 10 horas e 28 minutos da manhã.
- 22 — Quarto minguante ás 9 horas e 59 minutos da tarde.
- 31 — Lua nova ás 3 horas e 44 minutos da manhã.

Hortas e campos

E' costume antigo semear-se n'este mez pinheiros, castanheiros, azinheiros, caroço de pecego, alcachofras, espinafres, bredos, aipo, pimpinella, couve, rabanetes, nabos e grãos: plantam-se sabugueiros, choupos e sobreiros e enxertam-se de espinho as arvores de cedro, antes que rebentem; dá-se descanço ás terras e prepara-se a salga-deira para a carne de porco, vis-

A opinião d'um philosopho

«Preferi o flirt ao sport»

O dr. Palmer, professor de philosophia e de moral na universidade de Haward, manifesta do seguinte modo as suas opiniões sobre o que é necessario á educação da mocidade:

«O flirt é o meio mais seguro para se chegar ao conhecimento da vida social. As escolas são perversas e não fazem outra coisa senão ministrar uma sciencia vã que secca e esterilisa o coração e o cerebro. Aos 22 annos os rapazes são myopes, carecas, neurasthenicos. Perdem um tempo precioso a lêr livros que não comprehendem, a resolver problemas resolvidos já desde os scythas, a demonstrar coisas demonstradas já desde Euclides. Os rapazes não se aproveitam vantajosamente do tempo que a natureza providente designou para outros exercicios mais salutaros. O que é que ordenam os programmas universitarios?... Coisas hediondas que atrophião, esterilizam, matam. Dizem aos rapazes:—cultivae o sport; fortalecei os musculos; tomæe banhos frios; dae longos passeios, etc. Quer dizer, a sciencia moderna proclama:

—«Quereis viver?... Dae cabo da vida...

to que se está no tempo da matança.

Jardins

E' n'este mez que todo o cuidado do jardineiro deve sempre convergir para a poda das arvores e dos arbustos, quando as geadas não fôrem muito intensas. Cuida-se dos taboleiros dos jacinthos e tulipas, preservando-os das lesmas, decepam-se os pés velhos das resedás; decepam-se rente ao chão as hastes dos chrysanthemos ou despedidas de verão, que acabaram de dar flôr. Quanto ao mais, remettemos os nossos leitores para o mez de janeiro, pois são tão semelhantes as condições climatericas nos dois mezes que os trabalhos d'um são os que se podem realizar no outro.

N'este mez de dezembro devem plantar-se profusamente as campainhas brancas, as hepaticas e o açafraão.

Paizes em que n'este mez se fazem colheitas

Birmania.

«Tolices... Deus não nos creou para levantarmos pesos de 50 kilos, nem para jogarmos o socco em combates selvagens, nem para nos fatigarmos em regatas extenuantes, nem para andarmos aos saltos, como os macacos, nem para cahirmos d'um trapezio. Fez-nos para vivermos pelo amor, de que depende a perpetuação da raça. O flirt é o descanso, o repouso em toda a sua graça e em toda a sua força curativa. Dizem que o flirt é uma invenção americana. Não é tal. O flirt é de essencia divina. Flirtae, pois, e sempre, com paixão, com enthusiasmo, e abandonae as leituras indigestas de pesados cartapacios que embrutecem e seccam nas almas a linda flôr do affecto. A belleza viril é o principio de todas as coisas generosas e fecundas. Cortejae as mulheres, namorae-as, conquistando-lhes os corações com palavras carinhosas e doces... A mulher é e será sempre o grande livro da vida universal. E deixae-vos de sports e outras toleimas.»

A maior das viagens ininterrompidas que se pôde fazer na Europa em caminho de ferro é a de Paris a Constantinopla. Percorre-se 3.090 kilometros em 64 horas e um quarto.

Chronologia

Datas chronologicas geraes

Do periodo juliano de Scaliger que comprehende todos os tempos historicos.....	6623
Da creação do mundo, segundo os calculos biblicos.....	5910
Do Diluvio Universal.....	4254
Da fundação de Carthago.....	2788
Da fundação de Roma, segundo Varão.....	2664
Da destruição de Jerusalem.....	1640
Da primeira cruzada.....	814
Da impressão do primeiro almanach.....	438

Datas chronologicas nacionaes

Da fundação da monarchia portugueza, por D. Affonso Henriques..	769
Da tomada de Lisboa aos mouros, pelo mesmo rei.....	763
Da conquista do reino do Algarve aos mouros, por D. Affonso III.....	647
Da criação da Universidade, por D. Diniz.....	620
Da aclamação do mestre de Aviz com o nome de João I.....	526
Da batalha de Aljubarrota contra D. João I de Castella, que pretendia o throno portuguez.....	526
Da descoberta da India por Vasco da Gama.....	413
Da descoberta do Brazil por Pedro Alvares Cabral.....	410
Da conquista de Ceuta por D. João I (primeira empreza maritima dos portuguezes).....	493
Da revolução de 1640.....	270
Da restauração do Brazil.....	256
Da invenção e ascensão do primeiro balão aerostatico pelo padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no Terreiro do Paço, em Lisboa.....	202
Do grande terramoto de Lisboa.....	155
Da expulsão dos jesuitas do reino e domínios de Portugal.....	151
Da revolução liberal do Porto de 1820	90
Da aclamação de D. Pedro IV e doação da Carta Constitucional.....	84
Do desembarque do exercito libertador nas praias do Mindello (8 de julho).....	78
Da entrada em Lisboa do Marechal Duque da Terceira e da divisão do seu commando (24 de julho).....	77

Férias

As férias escolares são geralmente: do Anno Bom aos Reis (1 a 6 de janeiro); de sabbado gordo a quarta-feira de Cinzas (3 a 9 de fevereiro); dos Ramos á Paschoela (20 de março a 3 de abril); todo o mez de setembro; da vespera do dia de Natal até ao fim do anno.

Dias feriados são todos os de grande gala e mais os de 24 de setembro (Anniversario da morte de D. Pedro IV) e 19 de outubro (Anniversario do fallecimento de El-Rei D. Luiz I, pae de S. M. El-Rei D. Carlos) e 1 de fevereiro (Anniversario do fallecimento de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filippe).

Dias em que são prohibidos os espectaculos publicos

Fevereiro, 1. Março, 23, 24 e 25 (Trevas, Endoenças e Paixão). Setembro, 24 (Anniversario da morte de D. Pedro IV). Outubro, 19 (Anniversario da morte d'El-Rei D. Luiz I). Novembro, 2 (Dia de Finados). E nos dias de luto por morte do rei, rainha ou pessoa real, patriarcha, bispo da diocese, em dias de preces publicas, etc.

Começo das Estações

Primavera...—21 de março —Outomno
Verão.....—21 de junho —Inverno
Outomno ...—23 de setembro—Primavera
Inverno.....—22 de dezembro—Verão
E' preciso notar que, quando é verão entre nós, é inverno nas regiões meridionaes.

Festas moveis

Janeiro 23	Septuagesima.
Fevereiro 9	Cinzas.
Março 27.....	Paschoa.
Maio 5	Ascensão.
Maio 15.....	Espirito Santo.
Maio 22	SS. Trindade.
Maio 26.....	Corpo de Deus.
Junho 3.....	SS. Coração de Jesus.
Novembro 27.....	Advento.

Dias de grande gala e recepção no Paço

1 de janeiro, dia de Anno Bom. 29 de abril, dia em que D. Pedro IV outorgou a Carta Constitucional da Monarchia. 31 de julho, dia do juramento da Carta Constitucional. 28 de setembro, dia do nascimento da rainha D. Amélia. 16 de outubro, dia do nascimento da rainha D. Maria Pia. 15 de novembro, dia do nascimento de el-rei D. Manuel II. O dia do nascimento do sr. infante D. Affonso coincide com o anniversario do juramento da Carta Constitucional, que é de grande gala.

Dias de pequena gala

17 de fevereiro, dia do nascimento da infanta D. Antonia. Dia de Paschoa. Dia da procissão do Corpo de Deus. 17 de junho, dia do nome de el-rei D. Manuel II. Dia da festividade do Coração de Jesus. 10 de julho, dia do nome da rainha D. Amélia. 8 de setembro, dia do nome da rainha D. Maria Pia. 4 de dezembro, dia da aclamação de D. João VI. 8 de dezembro, festividade da Immaculada Conceição. 25 de dezembro, dia de Natal. 31 de dezembro, dia de S. Silvestre.

Os dias uteis

No anno de 1910 ha 68 dias de descanso, incluindo os domingos, os dias santificados que occorrem em dias de semana e a terça feira de entrudo. Dias uteis: em janeiro, 23; em fevereiro, 22; em março, 23; em abril, 26; em maio, 24; em junho, 22; em julho, 26; em agosto, 26; em setembro, 26; em outubro, 26; em novembro, 25; em dezembro, 26.

Carnaval

Domingo magro, em 30 de janeiro.
Domingo gordo, em 6 de fevereiro.
Terça feira de entrudo, 8 de fevereiro.

Quaresma

Começa no dia 9 de fevereiro, quarta feira de cinzas, e acaba em 27 de março domingo de Paschoa.

Annos bissextos a seguir

1912, 1916, 1920, 1924 e successivamente de quatro em quatro annos.

Mezes de 30 dias

Abril, junho, setembro e novembro. —
Mez de 28 dias: fevereiro.

São domingos em 1909

Janeiro.....	2, 9, 16, 23, 30
Fevereiro.....	6, 13, 20, 27
Março.....	6, 13, 20, 27
Abril.....	3, 10, 17, 24
Maió.....	1, 8, 15, 22, 29
Junho.....	5, 12, 19, 26
Julho.....	3, 10, 17, 24, 31
Agosto.....	7, 14, 21, 28
Setembro.....	4, 11, 18, 25
Outubro.....	2, 9, 16, 23, 30
Novembro.....	6, 13, 20, 27
Dezembro.....	4, 11, 18, 25

Tempo por que se deve usar luto

Pelas pessoas reinantes, 6 mezes; por marido ou mulher, 1 anno; por paes, filhos, avós, bisavós, netos ou bisnetos, 6 mezes; por sogras, sogros, genros, noras, irmãos ou cunhados, 4 mezes; por tios, sobrinhos, primos, co-irmãos, 2 mezes; por qualquer parente mais afastado, 15 dias.

Sabe-se que a refrigeração das flôres é uma invenção recente. Colhem-se em botão e conservam-se pela refrigeração durante o tempo de transporte; quando se retiram do seu envolver e se collocam na agua, despertam lentamente para a vida, desabrochando completamente, sem perder as côres ou a vitalidade. Facto curioso: o desenvolvimento da flôr, suspenso pelo frio, faz-se tão lentamente que as flôres assim tratadas permanecem frescas e bellas n'um quarto mais tempo do que fôsem ali collocadas depois de ser colhidas no jardim. Este processo pôde fazer conhecer as mais raras flôres, como as que cobrem os declives dos Andes, na America do Sul.



Direitos de consumo em Lisboa

Carnes

Gado bovino abatido em matadouro publico de Lisboa e nas suas filiaes — peso das rezes vivas.....	100 k.	2\$730
Carne limpa, de gado bovino abatido fóra da cidade, fresca, secca, salgada ou fumada.....	100 k.	6\$551
Porcos vivos.....	100 k.	4\$913
Porcos mortos, completos (excepto os intestinos).....	100 k.	5\$735
Miudezas de gado bovino, despachadas em separado das rezes correspondentes.....	100 k.	2\$184
Miudezas de gado suino.....	100 k.	2\$184
Tripas de gado bovino ou suino, frescas ou salgadas.....	100 k.	1\$092
Banhas de porco em rama.....	100 k.	3\$730
Idem derretidas.....	100 k.	3\$275
Chouriços de sangue e os chamados mouroes.....	100 k.	2\$184
Farinheiras.....	100 k.	1\$092
Toda a outra carne de gado suino, fresca, secca, fumada, salgada ou por qualquer forma preparada, incluindo o toucinho.....	100 k.	7\$102

Liquidos

Alcool e aguardente simples em garrafas, frascos, botijas e vasilhas semelhantes, e alcool e aguardente preparados.....	litro	\$270
Aguardente e alcool simples em outras quaesquer vasilhas, pelo alcool puro que contiverem.....	litro	\$270
Licores e cremes.....	litro	\$180
Bebidas alcoolicas não especificadas.....	litro	\$270
Vinhos communs até 15°, vinhos engarrafados de produção nacional, e vinhos do Douro e Madeira, em quaesquer vasilhas, quando se prove a sua origem.....	100 k.	3\$392
Vinhos de 16° a 19°.....	100 k.	3\$922
Vinhos de 20° a 22°.....	100 k.	4\$432
Vinhos com 23 ou mais graus litro		\$270
Vinagre.....	100 k.	\$493
Cerveja (1).....	100 k.	1\$638
Bebidas fermentadas não especificadas.....	100 k.	3\$275

Azeite de oliveira.....	100 k.	5\$242
Oleo de mendobi.....	100 k.	5\$242
Oleo de amendoas.....	100 k.	5\$242
Oleo de purgueira e quaesquer outros applicaveis a illuminação.....	100 k.	2\$184
Peixe em conserva d'azeite ou quaesquer oleos comestiveis 6 k.		62,4

Varios generos

Azeitonas curtidas ou por curtir.....	100 k.	\$440
Ananazes.....	100 k.	5\$460
Anonas e morangos.....	100 k.	2\$406
Melões e melancias.....	100 k.	\$223
Fructas seccas não especificadas.....	100 k.	\$440
Alfarroba e pinhão em casca.....	100 k.	\$276
Miolo de amendoa doce ou amarg.....	100 k.	6\$531
Castanha secca, figo secco e amendoa durazia.....	100 k.	1\$203
Fructas seccas não especificas.....	100 k.	1\$968
Batatas.....	100 k.	\$164
Ovos.....	100 k.	2\$406
Manteiga.....	100 k.	3\$275
Queijos brancos, frescos ou com sal.....	100 k.	1\$638
Queijos não especificados.....	100 k.	3\$275
Carvão vegetal.....	Ad. val.	8,5 %
Carvão de coque.....	Ad. val.	8,5 %

Augmento de direitos pagos em Lisboa relativo a um periodo de 5 annos

1900-1901		
Carnes.....	628.466	\$544
Vinhos.....	1.143.346	\$069
Outros generos.....	449.552	\$923
Total.....	2.221.365	\$536
1904-1905		
Carnes.....	690.384	\$038
Vinhos.....	1.482.306	\$662
Outros generos.....	515.806	\$890
Total.....	2.688.497	\$590

(1) Por lei de 29 de julho de 1899, foi a cerveja isenta de imposto do consumo em Lisboa, mas fica sujeita ao imposto de fabricação e consumo, na razão de 20 réis por litro, estabelecido pela mesma lei, e por decreto de 14 de junho de 1901 elevado a 26,6 réis.

Direitos de importação

Animaes vivos

POR CABEÇA

Gado asinino, 2\$500; gado caprino, 500 réis; gado cavallar, cavallos castrados que passem da marca, 32\$500; gado cavallar não especificado, 24\$500; gado lanigero, 500 réis; gado mular, 14\$500; gado suino, 3\$600; gado vaccum, 7\$500; gado vaccum, novilhos até 3 annos, 2\$500.

Bebidas

Aguardente e alcool simples em cascos ou garrações, decalitre de alcool puro, 1\$930; aguardente e alcool simples, em garrafas, botijas e vasos semelhantes, decalitre de liquido, 2\$360; bebidas alcoolicas não especificadas, decalitre de liquido, 2\$500; bebidas não especificadas, decalitre de liquido, 1\$600; cerveja, decalitre de liquido, 810 réis; vinho em cascos, barris ou quaesquer outras vasilhas, excepto garrafas, decalitre de liquido, 3\$600; vinho en-
garrafado, cada garrafa de litro, 500 réis; vinagre, decalitre de liquido, 400 réis.

Cereaes

Cereaes em grão não especificados, kilogramma, 16 réis; farinha de trigo, legislação especial; farinha de outros cereaes, kilogramma, 22 réis; milho em grão, kilogramma, 18 réis; trigo em pão, legislação especial.

Farinaceos

Alpista, painço, e quaesquer farinaceos, não especificados, kilogramma, 35 réis; amido em pó, teculas e dextrina, kilogramma, 65 réis; amido em pedra ou preparado, em pó, 120 réis; arroz, 39 réis; batatas, 7 réis; biscoito e bolacha, 120 réis; cereaes panificados, 18 réis; farinha de pau e de agua, 10 réis; farinhas para caldos e não especificadas, 100 réis; favas, 15 réis; massas para sopa, 90 réis.

Generos coloniaes

Assucar areado pelo systema portuguez,

Um dos guindastes mais potentes do mundo é o que se inaugurou o anno passado nos estaleiros de Davenport, perto de Plymouth (Inglaterra). Pesa mais de 4:000 toneladas e custou mais de 420 contos. Nas experiencias levantou com facilidade uma carga de 240 toneladas, muito superior á sua

o superior ao typo S0 da escala hollandeza, kilogramma, 145 réis; assucar não especificado, kilogramma 120 réis; cacau e sua casca, 35 réis; café com casca e descascado, e raiz de chicoria não preparada, kilogramma, 180 réis; café torrado, moido e suas imitações, incluindo a raiz de chicoria preparada de qualquer forma (incluindo as taras), kilogramma 400 réis; chá, kilogramma, reis 1\$000; chocolate, kilogramma, 200 réis; especiarias não especificadas, kilogramma, 150 réis; melao e productos assimilaveis, kilogramma, 60 réis.

Pescarias

Bacalhau em qualquer estado, kilogramma, 39 réis; marisco, kilogramma, 6 réis; peixe não especificado, fresco, sem preparo algum, ou só com o sal indispensavel á sua conservação, kilogramma, 10 réis; peixe não especificado, salgado, prensado ou fumado, kilogramma, 20 réis; sardinha fresca, salgada e prensada, kilogramma, 5 réis.

Diversas

Petroleo, kilogramma, 67 réis; azeite de oliveira (peso bruto), kilogramma, 150 réis; banha e unto, kilogramma, 200 réis; carne de vacca secca, com sal ou sem elle, kilogramma, 60 réis; carne não especificada, fresca, secca, ou por qualquer modo preparada, e toucinho, kilogramma, 200 réis; conservas alimenticias (incluindo taras), kilogramma, 200 réis; doce de qualquer qualidade (incluindo taras), kilogramma, 200 réis; hortaliças e legumes verdes, kilogramma, 2 réis; forragens, kilogramma, 5 réis; fructas frescas e seccas não especificadas, kilogramma, 5 réis; manteiga natural, kilogramma, 60 réis; margarina de Mouriens, ou qualquer outra imitação de manteiga, kilogramma, 250 réis; mel, kilogramma, 35 réis; ovos, kilogramma, 5 réis; pimentão, kilogramma, 50 réis; queijos, kilogramma, 300 réis; uvas verdes, kilogramma, 200 réis.

carga normal. Esta é de 160 toneladas.

Póde levantar esse peso formidavel a 30 metros do sólo, com a velocidade de 1^m.50 por minuto e é capaz de effectuar uma rotação completa n'um raio de 29 metros em menos de oito minutos. E' movido a electricidade.

Correios & Telegraphos

Para o reino, ilhas, ultramar, Hespanha, possessões adjacentes e estabelecimentos hespanhoes

<i>Cartas</i> —Por 15 gram. ou fracção.....	25 réis
<i>Bilhetes postaes</i>	10 "
" " com resposta paga.....	20 "
<i>Jornaes</i> —50 gram. ou fracção.....	2,5 "
<i>Impressos</i> —50 gram. ou fracção.....	5 "
<i>Manuscriptos</i> —Até 250 gram.....	25 "
Cada 50 gram. a mais.....	5 "

Não tem limite de peso nem de volume.
Amostras—Cada 50 gr. ou fracção 5 réis
 Limite de peso, 250 gr.; Hespanha e colonias hespanholas, 500 gr.

Para as colonias hespanholas no golfo da Guiné

<i>Cartas</i> —Por 15 gram. ou fracção.....	50 réis
<i>Bilhetes postaes</i>	20 "
<i>Jornaes e impressos</i> —50 gram. ou fracção.....	5 "
<i>Manuscriptos</i> —Até 500 gram.....	50 "
Cada 50 gram. a mais.....	5 "

Não tem limite de peso nem de volume.
Amostras—Cada 50 gr. ou fracção 10 réis
 Limite de peso 500 gram.

Para os mais paizes ou colonias estrangeiras

<i>Cartas</i> —Até 20 gram.....	50 réis
<i>Bilhetes postaes</i>	10 "
Com resposta paga.....	20 "
<i>Jornaes</i> —50 gram. ou fracção.....	10 "
<i>Impressos</i> —50 gram. ou fracção.....	10 "
<i>Manuscriptos</i> —Até 250 gram.....	50 "
Cada 50 gram. a mais.....	10 "

N. B.—Nos *jornaes, impressos e manuscriptos*, o limite de peso é de 2 kilos; não devem exceder 75 centímetros quando apresentem a forma de rolo e 45 centímetros no caso contrario.

Amostras—Cada 50 gr. ou fracção 10 réis
 Limite de peso, 350 gram.; limite de volume, 30 centímetros em qualquer das faces.

Registo—50 réis por cada carta ou masso além do porte. No caso de perda o correio paga 9\$000 réis. Sendo o seguro de valor declarado o premio é de 250 réis por 100\$000 réis ou fracção. Maximo da declaração de valor é de 2:000\$000 réis.

Avisos de recepção—Para o reino, ilhas, ultramar, Hespanha, possessões e estabelecimentos hespanhoes 25 réis. Para os paizes e colonias estrangeiras, 50 réis.

Vales—Para o reino e ilhas, até 100\$000 réis para as sedes do concelho; até 200\$000 réis para as sedes de comarcas; até 500\$000 réis para as sedes de districtos. Premio 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Ultramar, 150 réis; Brazil e Hespanha, 2 %; Estados-Unidos, 25 réis; Inglaterra, 50 réis. Restantes paizes, 50 réis por 10\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Para o reino e ilhas, até 3 kilos, 200 réis; de 3 até 4 kilos 250 réis; de 4 até 5 kilos, 300 réis. Com valor declarado, 250 réis por 100\$000 réis ou fracção. Limite da declaração de valor 500\$000 réis. Para a Africa portugueza 400 réis por 5 kilos. Para a India, 1\$100 réis; Macau, 1\$150 réis; Timor, 1\$300 réis. Para os paizes estrangeiros, conforme o destino.

Cobrança de recibos—Para o reino, ilhas e ultramar, 10 réis por cada recibo a cobrar, além do premio do vale em caso de cobrança.

Valores declarados—*Cartas*: além do porte e premio de registo 250 réis por 100\$000 réis ou fracção. *Caixas*: além dos premios de registo e da percentagem pela declaração de valor, igual á das cartas, paga de porte 20 réis até 100 grammas; 50 réis de mais de 100 a 500 grammas; 100 réis de mais de 500 a 1:000 grammas, sem limite de peso. O maximo da declaração de valor para as cartas e caixas é de 2:000\$000 réis. Ha tambem cartas e caixas com valor declarado para diversos paizes e colonias estrangeiras, variando a percentagem conforme os destinos.

As cartas registadas com valor declarado so podem conter: Papeis representativos de valor, taes como: letras e ordens de pagamento, cheques, notas do Banco, cedulas, titulos de divida publica nacionaes e estrangeiros, acções ou obrigações de bancos, sociedades ou companhias, bilhetes ou cautellas da loteria nacional, sellos e outras formulas de franquia, estampilhas do imposto do selo, papel sellado, *coupons* para pagamento de dividendo ou juros.

Devem ser apresentadas no correio em sobrescritos de tela ou papel consistente, feitos de uma só peça e não orlados de côr, lacrados de forma que o lacre, sobre o qual o remetente imprimirá um sinete particular, prenda todas as dobras.

Lisboa
 Notici
 Ordina
 Madeir
 S. Vice
 S. Thla
 S. Thon
 Loanda
 Bissau
 Moçamb
 Açores.

Hespan
 França
 Suissa.
 Inglat
 Holland
 Italia...
 Allema
 Grecia
 Austria
 Dinama
 Suecia.
 Norueg
 Russia
 Turquia
 Zanziba
 Brazil (
 Pernam
 New-Yo

REC

De 1:
 " 40:
 " 50:
 " 100:
 " 250:
 Cada 2
 Cheque

Entre

A' vist
 8 d

Taxas telegraphicas

No paiz e colonias	Taxa add.	Por palavra
Lisboa e succursaes.....	20	2
Noticiosos.....	25	5
Ordinarios.....	59	40
Madeira.....	135	
S. Vicente de Cabo Verde.....	435	
S. Thlago.....	635	
S. Thomé e Principe.....	1145	
Loanda e Mossamedes.....	1245	
Bissau e Bolama.....	770	
Mocambique e Lourenço Marques.....	635	
Açores.....	110	
Para o estrangeiro		
	Terra	Mar
Hespanha.....	20	70
França continental.....	40	120
Suissa.....	60	80
Inglaterra.....	65	65
Hollanda.....	70	70
Italia.....	65	105
Allemanha.....	50	50
Grecia continental.....	135	135
Austria e Hungria.....	75	85
Dinamarca.....	75	75
Suecia.....	85	85
Noruega.....	100	100
Russia da Europa.....	125	125
Turquia da Europa.....	135	135
Zanzibar.....	625	
Brazil (excepto Pernambuco).....	1090	
Pernambuco.....	840	
New-York.....	340	



LEI DO SELLO

RECIBOS E SEUS DUPLICADOS

De 1:000 até 10:000.....	40
• 10:001 • 50:000.....	20
• 50:001 • 100:000.....	30
• 100:001 • 250:000.....	50
• 250:001 • 500:000.....	100
Cada 250:000 a mais ou fracção.....	50
Cheques ao portador.....	20

LETRAS DE CAMBIO

Entre praças do reino e ilhas adjacentes

A' vista e até 8 dias	De 1:000 até 20:000	20
	• 20:001 • 50:000	50
	• 50:001 • 250:000	100
	Cada 250:000 mais ou fracção.....	400

Mais de 8 dias	De 1:000 até 20:000	20
	• 20:001 • 40:000	40
	• 40:001 • 60:000	60
	• 60:001 • 80:000	80
	• 80:001 • 100:000	100
	Cada 100:000 mais ou fracção.....	100

Saccadas no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1:000 até 20:000.....	20
• 20:001 • 100:000.....	100
Cada 100:000 a mais ou fracção.....	100

NOTA—Ficam isentas as letras que, embora acceltas ou endossadas no reino e ilhas, sejam pagaveis no estrangeiro.



CAMINHOS DE FERRO

(PREÇOS DAS PASSAGENS)

TRAMWAYS DE LISBOA (ROCIO) A VILLA FRANCA

Estações	1. cl.	2. cl.	3. cl.
Campolide	50	40	30
Sete Rios	50	40	30
Larangeiras—Jardim	50	40	30
Rego	50	40	30
Entre Campos e Arieiro..	60	50	40
Chellas e Marvilla.....	60	50	40
Braço de Prata	60	50	40
Cabo Ruivo.....	60	50	40
Olivaes.....	180	110	70
Sacavem	240	160	110
Santa Iria	340	230	160
Povoa.....	340	230	160
Alverca.....	410	260	180
Alhandra	480	290	200
Villa Franca.....	530	310	210

DE LISBOA (ROCIO) A CINTRA

Estações	1. cl.	2. cl.	3. cl.
Campolide	50	40	30
Cruz da Pedra	50	40	30
S. Domingos.....	50	40	30
Bemfica.....	60	50	40
Buraca e Damala.....	150	110	60
Porcalhota	150	110	60
Queluz e Bellas	190	160	110
Barcarena	260	200	130
Cacem.....	310	240	150
Rio de Mouro	360	270	170
Mercês.....	410	300	190
Algueirão	480	330	210
Cintra.....	530	360	230

DE LISBOA (CAES DO SODRÉ) A CASCAES

Estações	1. cl.	2. cl.	3. cl.
Santos, Alcantara e Junq. ^a	50	40	30
Belem, Bom Successo, Pedrouços e Algés.....	60	50	40
Dáfundo	120	90	70
Cruz Quebrada	170	130	80
Caxias.....	210	160	110
Paço d'Arcos.....	230	190	130
S. Amaro e Oeiras.....	290	220	150
Carcavellos	330	250	170
Parede.....	370	280	190
S. João do Estoril.....	410	310	210
Monte Estoril.....	470	340	230
Cascaes	470	340	230



AGENDA DO CONTRIBUINTE

(PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES E EPOCAS PARA REQUERER ANNULLAÇÕES)

Contribuição predial:—1.^a prestação em Janeiro; 2.^a em Julho.

Reclamação contra a inscrição e classificação:—Em Setembro.

Annullações:—Até 15 de Dezembro e dentro de 3 mezes (Janeiro a Março).

Contribuição industrial:—1.^a prestação em Janeiro; 2.^a em Julho. Declarando durante o mez de Setembro, pôde pagar em 4 prestações, sendo a 1.^a em Janeiro; 2.^a em Abril; 3.^a em Julho e 4.^a em Outubro.

Annullações:—5 a 10 de Dezembro, de Janeiro a Março.

Rendás de casas e sumptuaria:—Junho e Dezembro.

Annullações:—Maio e Novembro.

Decima de juros:—Janeiro.

Annullações:—1 a 10 de Novembro.

Curiosidades de Lisboa

MUSEUS

Historia Natural—No edificio da Escola Polytechnica. Aberto ás quintas-feiras, das 12 ás 3 da tarde. Entrada franca.

Bellas-Artes—No antigo palacio da Imperatriz onde esteve a exposição de Arte Ornamental, por occasião da estada em Lisboa do fallecido rei de Hespanha, D. Afonso XII. Aberto aos domingos e ás quintas-feiras, das 10 da manhã ás 4 da tarde. Domingos, entrada franca; quintas-feiras, 200 réis.

Archeologico—Nas ruínas da antiga egreja do convento do Carmo. Entrada pelo largo do mesmo nome. Aberto todos os dias das 10 da manhã ás 4 da tarde, mediante o preço de 100 réis.

Agricola-Florestal—No edificio dos Jeronymos, em Belem.

Industrial e Commercial—Na Casa Pia, em Belem. Aberto todos os dias das 10 da manhã ás 4 da tarde, excepto ás segundas-feiras.

Militar—No Arsenal do Exercito. E' facultada a entrada todos os dias das 10 ás 3 da tarde, excepto feriados e santificados, com licença do director.

EGREJAS

Estrella—A basilica da Estrella é notavel pela sua architectura e pelas obras d'arte que encerra. E' ali que está o tumulo da sua fundadora, D. Maria I. Do zimbório avista-se um bello panorama.

S. Domingos (perto do Rocío)—E' um dos templos mais sumptuosos da capital e seguramente o mais vasto. Encerra importantes obras de arte.

S. Roque (perto da praça Luiz de Camões)—Celebre pela capella de S. João Baptista, que é uma das maravilhas de Lisboa. No resto do templo ha importantes preciosidades artisticas.

S. Vicente de Fóra (perto da Graça)—E' no antigo mosteiro annexo a este templo que hoje estão installados o sr. cardeal patriarcha e o sr. arcebispo de Mytilene. Na capella-mór da egreja de S. Vicente está o jazigo dos patriarchas, e no claustro o pantheon dos reis.

Sé—Notavel pelas recordações historicas que evoca e por algumas preciosidades artisticas que encerra. Estão ali sepultados alguns personages illustres.

Santa Maria de Belem (vulgo dos Jeronymos)—No sitio do Restello em que n'outro tempo estava uma ermida onde os nossos ousados navegadores recebiam os confortos da religião antes de partirem para as suas viagens. Foi ali que Vasco da Gama e os seus companheiros, vela-ram, orando, na vespera de embarcarem para a descoberta da India. No logar da capella é que el-rei D. Manuel, em 1499, mandou construir este sumptuoso edificio. A capella-mór foi construida na regencia da rainha D. Catharina. O corpo da egreja é uma maravilha de arte manuelina. E' digna de ver-se. Fica junto ao edificio da Casa Pia.

Conceição Velha—Fôra antes synagoga de Judeus. Depois pertenceu á ordem de Christo; ali se armavam seus cavalleiros.

Desenhos espiritas



oda a manifestação psychica provoca sempre uma curiosidade geral e peculiar. Referimo-nos ao automatismo, quer seja para escrever, falar ou desenhar, mas especialmente ao desenhar. Admitte-se que o homem em certas

ocasiões execute alguns actos que estão fóra do alcance dos seus meios ordinarios de execução. Todos nós temos ouvido falar de pessoas que, sem conhecerem o mecanismo interior d'um relógio, são capazes, quando estão hypnotisadas, de o montar e desmontar com tanta habilidade e sciencia como o mais experimentado relojoeiro. Já tem apparecido quadros feitos por pessoas absolutamente ignorantes da arte de pintar, que nos seus momentos normaes seriam incapazes de fazer qualquer cousa que merecesse o nome de *croquis*.

Ha annos, causou grande sensação a appareição em publico de David Duguid, aliás o «medium» pintor de Glasgow. A profissão d'este homem era a de marceneiro e era incapaz de desenhar qualquer cousa não estando *suggestionado*. Mas quando o hypnotisavam produzia excellentes obras d'arte, que podiam comparar-se a qualquer produção dos antigos mestres holandezes. O proprio Duguid affirmava que esse trabalho era executado sob a influencia de Jacob Ruysdael e Van Sturn. Segundo dizia, nunca apertára nos dedos um tubo de tinta nem pegára n'uma paleta e os espiritos guiavam-lhe o pincel até terminar a obra. Durante todo esse tempo, os olhos de Duguid permaneciam cerrados e notavam-se-lhe symptomas de inconsciencia que se não podia fingir com facilidade.

Mas, além do caso de Duguid, ha muitos outros de diferente natureza, cujos resultados são perfeitamente diversos e que se denominam *desenhos espiritas*. Entre esses *mediums* pintores ha um humilde agente da policia ingleza, cuja boa fé pode accentuar-se e que nos seus momentos normaes carece em absoluto de talento artistico. Cada uma das suas obras representa o que já se designou como uma *mescla de arabescos*

com *ideographia*, semelhantes a «essas formas de ornamentação nas quaes a mão do artista desenha inconscientemente no papel, como se estivesse sonhando e sem plano definido». Emquanto á maneira como foram executados, informa-se que o auctor gostava de sentar-se ás escuras ao lado da esposa. Se



Fig. 1

se lhe collocava um lapis na mão, ao manifestar-se os primeiros signaes de suggestão, immediatamente começava a desenhar. E assim continuava durante algum tempo. Ao accender-se a luz, encontrava-se uma serie de desenhos extravagantes e objectos ou seres desconhecidos. D'este modo produzia grande numero de desenhos, mas todos com o mesmo caracter. O seu poder de desenho durante a suggestão durou approximadamente um anno, perdendo-o

depois por completo. E embora hoje ainda se suggestione com facilidade, é

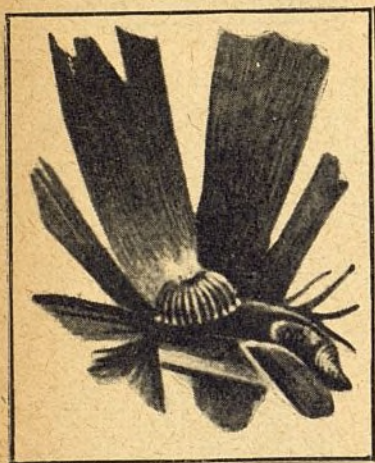


Fig. 2

incapaz de desenhar coisa diferente d'aquillo que desenha em condições normaes.

O primeiro dos desenhos que publicamos parece representar uma especie desconhecida de lepidopteros. O corpo ou mais propriamente os corpos (porque tem dois) offerecem á vista certas ramificações, talvez indicadoras de funções digestivas ou provavelmente apenas de caracter ornamental. Mas a impressão geral é chinesa. O mais extraordinario da produccão é a technica demonstrada pelo artista. Ha uma certa perfeição no traçado e nas sombras e uma delicadeza que só se encontram n'aquelles que profundaram a arte do desenho. A gravura n.º 2 é de inspiração diferente. Foi ideada por um caracol e sobre elle levantam-se as azas d'uma ou de varias andorinhas. E' indubitavelmente uma combinação muito grotesca!...

Observadas a distancia, as gravuras n.º 3 e 4 dão a impressão de qualquer caricatura que conhecemos; mas encurtando a distancia, a suggestão desapparece e é substituida por um sentimento de surpresa de que tamanha cabeça possa ser supportada por um corpo tão delgado. No emtanto, nada do que tem sahido do pensamento e do lapis dos expositores grotescos das

scenas d'um mundo desconhecido é tão extravagante como o que apparece representado na gravura n.º 5. Um pintor distincto que examinou esse desenho fez-lhe o seguinte commentario:

«A posição e a fórma dos braços e pernas é tão organica que estou em dizer que nenhum artista poderia inventar semelhante animal sem nunca o ter visto.»

Na gravura n.º 4 tambem ha alguma coisa de archaico e de egypcio, notando-se-lhe uma suggestão da esphinge e alguma coisa da phenix. A' volta, tudo é impressionismo sombrio, tanto o corpo como os appendices são muito vagos e só se distinguem uns olhos enormes. Não se pode dizer que o pensamento do artista que ideou tal desenho se houvesse fixado n'um animal determinado, porquanto não pensava quando o executou. O seu poder intellectual passava por um estado de suspensão e as suas mãos desenharam qualquer coisa sob um impulso alheio a si proprio e que não dependia das suas faculdades.

Estes desenhos, apesar de serem muito extraordinarios, não são unicos no



Fig. 3

genero. Na America, o mais celebre producer d'esses desenhos de espiritos era

mr. Sp
foram
clubs
feitos



go. Mr
gicas,
menso
mano
dium q
ma nat
collecc
espirita
teressa
aprecia
demico
list All
collecc
marlam
Ultim
o prof
que é c
Um
coenta
sibilita
doença
annos,

mr. Spear, e muitas das suas produções foram religiosamente conservadas em clubs espiritas; mas não são tão perfeitos como os que illustram este arti-



Fig. 4

go. Mr. Spear preferia illustrações magicas, anatomicas e interessava-se immenso pelas dissecações do corpo humano. Em Londres tambem ha um *medium* que apresenta preferencias da mesma natureza. Se se pudesse reunir uma collecção completa dos desenhos de espiritas produzidos até hoje, seria interessante fazer estudos comparativos e apreciar-os sob um ponto de vista academico. Nos salões da *London Spiritualist Alliance*, ha, por exemplo, uma boa collecção de desenhos floraes, que formariam um grupo excellente.

Ultimamente, na America do Norte, o professor James tratou de um caso que é extremamente curioso:

Um homem casado, C. H. P., de cincoenta annos de idade, viu-se impossibilitado de trabalhar por effeito d'uma doença da espinha dorsal. Durante alguns annos, uma das suas mãos esteve sujeita

a abalos e movimentos involuntarios do systema nervoso. Seguindo a indicação d'um hypnotisador, resolveu exercitar estes symptomas preventivos e com papel e lapis sentava-se durante momentos aguardando os resultados. Immediatamente começava a desenhar, fazendo movimentos bruscos: ao cabo d'alguns dias n'esses desenhos já se podia reconhecer um objecto. Gradualmente foram apparecendo, d'esse agrupamento de linhas, cabeças de aspecto barbaro e selvagem, grupos de individuos do reino animal de typos absolutamente novos e desconhecidos. E no fim de mezes, os desenhos já tinham um aspecto bastante artistico.

D'onde provem, pois, esse poder especial? Onde reside essa influencia mysteriosa? A estas perguntas occorrem muitas respostas e a principal é a obra da sublimidade do espirito, que Socrates desconhecia e á qual denominou o seu Demonio. Não ha duvida que muitas pessoas, quando se encontram sob a influencia do hypnotismo, produzem automaticamente desenhos. Já o disse Byron: «muitos são os poe-



Fig. 5

tas que nunca escreveram as suas inspirações.» Muitos são tambem os artistas consumados que nunca pegaram n'um pincel ou n'um lapis e que tem as suas faculdades em estado latente.

Comtudo, apesar da opinião que deixamos manifestada e dos exemplos citados, a maior parte dos homens de sciencia crê que esses phenomenos se produzem por auto-sugestão e affirma que é impossivel a uma creatura, mesmo hypnotisada, desenhar sem saber qualquer coisa d'essa arte ou escrever sendo analphabeta. Qual d'estas opiniões será a verdadeira? *Mysterio impene-travel!*...

Os progressos de Nova York

Nova-York augmenta d'um modo tão extraordinario que dentro em pouco será muito maior do que Londres. Um paciente observador deu-se ao trabalho de compôr uma estatistica que dá uma idéa approximada do desenvolvimento cada vez mais crescente da grande metropole americana.

De segundo em segundo, diz o auctor da famosa estatistica, chegam quatro estrangeiros. Todos os 45 segundos des- embarca um emigrante e em todos os 32 segundos chega um comboio. Todos os 3 minutos é preso um individuo nas ruas de Nova-York; todos os 7 minutos nasce uma criança; todos os 6 minutos morre uma pessoa e todos os 43 minutos celebra-se um casamento... Todos os 3 quartos de hora encontra-se uma nova theoria social, produz-se um incendio, um paquete levanta ferro, col- loca-se a primeira pedra n'um novo edificio. De hora a hora regista-se um accidente de certa importancia; de 8 em 8 horas ha um divoreio, de 6 em 6 um suicidio.

Esta febre continua, accrescenta o or- ganizador da curiosa estatistica, tende a crescer dia a dia. O movimento é cada vez maior, as impaciencias, as luctas, as paixões, são de minuto a minuto, mais desesperadas e intensas.

O DESAPEGO DA VIDA... NOS ANIMAE

O facto que vamos contar parece de- monstrar que o tédio da vida tambem cansa o animal, especialmente o cão.

Em Paris vivia uma mulher, residen- te na rua de S. Domingos, que recolheu, por caridade, um pobre cão faminto. Em casa chamavam-lhe simplesmente «Cão». Era um bicho vulgar, feio, que provavelmente toda a gente escurraçara. O animal affeiçãoou-se extraordina- riamente á dona e não saía de junto d'ella, fitando-a com um olhar em que parecia ir uma profunda gratidão.

Ha cerca d'um anno essa creatura morreu e uma vizinha tomou conta do animal. O cão aninhou-se a um canto, abatido e triste, recusando a comida. A espaços descia a escada e ia farejar á porta por onde saíra o cadaver da boa creatura que tão carinhosamente o ha- via recolhido e afagado. Olhava com um olhar apagado e parecia suspirar. De- pois, de novo subia a escada, aninhava- se e não comia.

Um bello dia o animal pareceu mover- se n'uma grande impaciencia. A dona, cheia de carinho, chamava-o, acaricia- va-o, offercia-lhe guloseimas. O «Cão», porém, mostrava-se indifferente. Pouco depois, reparando na janella que estava aberta, levantou-se, roçou-se pela dona fitando-a com os seus grandes olhos saudosos e, d'um salto, precipitou-se da varanda, indo cair na rua, com a espi- nha partida.

Este acontecimento impressionou vi- vamente a nova dona do animal, e o caso não é realmente para menos. O pobre bicho attento positivamente con- tra a existencia. E, segundo parece, não é a primeira vez que um cão se sui- cida.

A morphinomania

Ha em Berlim verdadeiras associações de morphinomaníacos, que tem os seus clubs situados em casas recatadas, on- de, como os fumadores de opio, se re- costam em largos divans, e, depois de feita a injeccão, se entregam aos phan- tasticos sonhos que a morphina pro- voca.

Vivem durante horas, alguns durante dias, mergulhados n'esse somno fatal, que lhes dá a illusão de uma vida cheia de encantos e de doçura, em que appa- recem estranhos sêres que causam sen- sações estranhas, verdadeiros paraizos, onde, atravez de campinas floridas, se canta e se bebe, n'uma loucura de praz- er que leva á morte.

A policia allemã tem procurado acabar com semelhantes clubs, mas aquelles que fecham abrem-se d'ahi a pouco, e, quando não tem clubs onde o possam fazer, os morphinomaníacos proseguem em sua casa com a pratica do terrivel vicio.

As consequencias da morphinomania são terriveis.

Os tartaros são os individuos de voz mais forte: os chinezes os de voz mais fraca.

MACHINAS INDUSTRIAES E AGRICOLAS

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24—LISBOA

Installações
electricas

**MOTORES a gaz, petroleo,
vapor, etc.**

MACHINAS TYPOGRAPHICAS
E LYTOGRAPHICAS

**Machinas para serralherias,
carpintarias, funilarias, serrações
e leitarias**

**Debulhadoras, locomoveis,
caminheiras, moinhos para farinha
e bombas**

A pathologia da noite

É um facto indiscutível que a noite e o dia exercem uma certa influencia na evolução da doença. E o facto não é novo. Hippocrates e Galeno já o tinham notado e a sciencia procura infructiferamente hoje em dia desvendá-lo na sua mysteriosa afirmação.

Desde o principio da medicina encontra-se a noção de crise, de uma modificação subita, como já o havia notado Hippocrates, em seguida á qual a doença toma outro rumo, para melhor ou para peor, assumindo outra forma ou caminhando para o seu termo. Esta crise não se dá n'um momento qualquer, mas produz-se em dias fixos, criticos, no quarto, setimo, decimo, decimo quarto, decimo setimo ou vigesimo dia.

Com Galeno, a palavra crise toma outro sentido, e d'ahi por deante significa o conjuncto das modificações favoráveis que se produzem de repente na evolução da doença. O mal não desapareceu, mas a reacção geral diminue, e o organismo volta a ser senhor da situação; em termos modernos, a crise é o signal da neutralização das toxinas. Até ahí havia super-saturação do organismo por obra das toxinas, agora são as anti-toxinas que levam a melhor,

Não ha, pois, verdadeira crise senão nas doenças infecciosas devidas a um microbio, como a pneumonia ou o typho, e nem é indispensavel essa crise, porque a cura se torna possivel tambem por lysis, isto é, por retrocessão

gradual da doença. Ora, a crise dá-se geralmente de noite. A noite em que ella se produz é mais calma e demanhã a febre diminuiu e observam-se melhoras evidentes.

Em presença d'este phenomeno formula-se naturalmente um certo numero de perguntas. Porque é que a intervenção das anti-toxinas se manifesta justamente de noite? Será pela falta da luz do sol? Não se comprehende qual possa ser o mecanismo d'estas mudanças. A differença de temperatura? Acha-se esta reduzida ao minimo no quarto do doente. Do magnetismo? As variações mais fortes não se produzem durante a noite,

mas sim pela volta das quatro horas da manhã ou das seis da tarde. A menor pressão barometrica? Póde ser igualmente baixa e até mais baixa a outras horas. A influencia da lua? Mas a crise sobrevem em todas as phases da lua.

Todavia nem sempre a noite é bene-



Quando a noite não traz olvido e repouso, é, como diz Ovidio, «magna dolorum nutrix»

fica
aque
noct
te, n
se p
dura
em o
culos
torna
mela
joelh
de o
crela
Cit
plo c
culos
o so
tros
rime
press
em
em
cam
za.
As
dura
licos
dia e
sol p
soffr
doen
rissi
gottc
As
rio,
a no
ças s
nhã
da ta
nos
termi
tre a
Syo
a int
teria
tifica
são
doen
tes,
no p
pois
meno
mesm
Par
do a
gunde
sitas
gue,
com
com
prop
cipro
te d'

fica para o doente. Os tuberculosos teem aquelles suores que se chamam suores nocturnos, mais intensos durante a noite, mas esta não é a causa unica d'esse phenomeno que se produz sempre durante o somno, seja qual fôr a hora em que o doente se deitar. Nos tuberculosos existe outro symptoma que se torna mais agudo durante a noite, a melalgia, as dores que se localisam no Joelho e que se attribuem a nephritis de ordem toxica devidas ás toxinas secretas dos bacillos.

Citam-se varios casos, como por exemplo o de uma mulher levemente tuberculosa, que sentia, assim que baixava o sol, uma dor localisada; e os de outros individuos que ao sol posto experimentavam sensações espezas, impressões de frio, entorpecimento, dores em diversas partes do corpo, etc. Até em individuos não doentes se verificam phenomenos de diversa natureza.

As nephritis tambem se exasperam durante as horas das trevas: ha nephriticos que não soffrem nada durante o dia e que começam a sentir dores ao sol posto. Acontece outro tanto aos que soffrem de sciatica e ainda mais aos doentes de gotta, a ponto de ser rarissimo ouvir-se fallar de um accesso gottoso que não comece de noite.

As febres intermitentes, pelo contrario, não se manifestam sempre durante a noite; as febres quotidianas e as tercias sobreveem geralmente ás 10 da manhã e descem ao minimo entre as nove da tarde e a meia noite. Mas em geral nos dois terços dos casos de febre intermitente, o accesso apresenta-se entre a meia noite e o meio dia.

Sydenham emittiu a hypothese de que a intermittencia pôde depender da "materia morifica". Ora esta materia morifica é constituida pelos parasitas que são a causa do mal. E' certo que, nos doentes atacados de febres intermitentes, os parasitas são mais numerosos no principio dos accessos, e que depois dos accessos diminuem mais ou menos na circulação. Pôde dizer-se o mesmo nos casos de febres periodicas.

Parecia, pois, que o accesso, é devido a uma accumulção de parasitas, seguindo este processo: quando os parasitas são demasiado numerosos no sangue, tornam-se nocivos uns aos outros; com os seus proprios excrementos ou com uma materia bactericida que elles proprios produzem, envenenam-se reciprocamente e morre uma grande parte d'elles.

Por este modo o meio volta a ser habitavel pouco a pouco, e os sobreviventes teem espaço para se multiplicar de novo. O phenomeno reproduz-se, pois, ao cabo de pouco tempo, e o accesso, que se manifesta nos momentos em que os parasitas são mais numerosos, repete-se.

Resta ainda explicar a razão por que este excesso de parasitas se verifica antes de noite do que de dia. Será talvez a influencia da luz do sol sobre as bacterias? Ou uma influencia indirecta devida ao facto de que a actividade do organismo não é igual nas diferentes horas? O problema não está resolvido, mas vê-se pelo menos de que lado se pôde procurar a solução.

Entre as affecções devidas á presença de parasitas no sangue nota-se a *filariose*. Aqui tambem os parasitas se mostram raras vezes durante o dia, mas, apenas se aproxima a tarde, começam a crescer em numero e augmentam sempre até á meia-noite. Depois tornam a diminuir progressivamente, de modo que ás 8 ou 9 horas da manhã não se encontram quasi parasitas nenhuns no sangue peripherico. Este phenomeno repete-se todos os dias, ás vezes durante annos, no mesmo individuo. Deve notar-se que os parasitas da filariose não morrem durante o dia; refugiam-se nas grandes arterias dos pulmões e ahí ficam escondidos até á tarde.

Outra doença de caracter nocturno é a *asthma*. O accesso começa quasi sempre de noite, e é esta a regra geral para todos os doentes, em uma enfermidade que tão poucas regras observa. Com effeito, a *asthma* é um mal caprichoso que varia de individuo para individuo; ás vezes um *astmatico* não pôde permanecer em uma dada localidade onde outro *astmatico* se dá muito bem. N'outros casos os periodos seguem as lunações ou o calendario; notou-se um doente que teve um accesso de *asthma* em cada lua nova durante vinte annos, e outro que se viu atacado de hemi-crania, irmã da *asthma*, todas as segundas-feiras durante tres annos e meio.

As dores rheumaticas são mais vivas durante a noite. E' de noite que se realisa o maior numero de partos. O *cholera* começa muitas vezes durante a noite; os alcoolicos, quando se levantam de manhã, teem as pernas paralyzadas. Existe uma "paralyisia de noite" que pôde atacar os braços, as mãos e até as partes do corpo.

Em certos casos poder-se-hia, na ver-

dade, suspeitar da noite uma influencia psychica; quando a noite não traz olvido e repouso, é, como diz Ovidio, *magnum dolorum nutrix*. N'alguns nevropathas pode exercer uma influencia depressimente. A pathologia nocturna não

provém, porém, toda da imaginação; além das recrudescencias devidas a causas conhecidas, existe uma infinidade de outras causas que ainda ignoramos e que nos hão de ser reveladas um dia.

Os perfumes são uteis ou nocivos á saude?

O uso dos perfumes é antiquissimo. Toda a gente, especialmente o sexo fraco, os emprega, porque o perfume é um signal de distincção e, muitas vezes, um meio galante para attrahir e prender. No entanto o seu uso pode causar muitos transtornos. Uma revista ingleza perguntava o anno passado:

—Os perfumes são uteis ou nocivos á saude?..

E respondia:

—Isso depende.

Exactamente. Se se limitam a produzir uma impressão ligeira, os aromas brandos determinam um bem estar geral accelerando as funcções vitales. E' preciso, porém, notar que um perfume agradável pôde não ser conveniente. Muitas vezes succede que as pessoas que se reúnem n'uma sala se queixam de dores de cabeça. De que se rá?... Ora de que ha-de ser?! Dos perfumes que erram no ar e que produzem cephalalgias, perturbações, vomitos e até syncopes.

As pessoas nervosas são as mais atacadas. Um perfume, por mais brande

que seja, de tal maneira as perturba que não raro succede ser preciso recorrer a calmantes para as serenar. Um musico celebre, se entrasse n'um aposento onde houvesse rosas, ficava immediatamente perturbado. E como o illustre artista ha muita gente.

As flores, chamadas capitosas, são as que mais actuam nos organismos, especialmente o jasmin, o jacintho, o lilaz, a mimosa. O seu perfume perturba e causa accidentes dolorosos. Ha flores tão perversas que até fazem perder a voz.

Em certa noite um artista lyrico sentiu um subito abaixamento de voz; está rouco, sente-se mal disposto?... Veja se tem flores no camarim. Se as tem, retire-as, approxime-se d'uma janella, respire, e o mal desaparecerá.

As violetas e o lilaz branco causam aphonía. Uma linda artista ficou sem voz pouco depois de collocar no seio um fresco ramo de violetas. Outra, aspirando o musgo, ficou de tal maneira aphonica que só recuperou a voz



Tende, pois, gentis leitoras cuidado com as flores...

depo
pla.

Ter
com
é cl
nos
teve
ficou
nem
cida
temp
via u
gia a
amig
uma
fez o
empa
dando
amig

—E
te m
Por
mativ
—M
tíficia
E a
O

pois,
fume
mas
teta,
nociv
mo, a
cessa
jacin
lilaz
um r
que s
O pro
fume
mais
E ace

—Q
cheira
A's
chron
Paris
Mas,
de e
vez f
porca

A
Un
ment
nha,
mo n
tas sã
plo, p
plina
que o

depois de ter recorrido á hydrotherapia.

Tende, pois, gentis leitoras, cuidado com as flores. Cuidado sem exaggero, é claro. Conta a revista a que acima nós referimos que uma dama, que esteve quasi envenenada com perfumes, ficou com tal aversão ás flores que nem de longe as podia vêr. Restabelecida da enfermidade que durante muito tempo a reteve no leito, sempre que via uma rosa, um lilaz, uma violeta, fugia aterrada. Um dia, indo visitar uma amiga, esta recebeu-a tendo no peito uma flôr. A dama, por polidez, não fez observações. Pouco depois, porém, empallidecia. A dona da casa, recordando-se então da aversão que a sua amiga tinha pelas flores, perguntou:

—E' por causa d'esta rosa que se sente mal?...

Por gestos, a dama respondeu affirmativamente.

—Mas, minha querida, esta rosa é artificial, de seda...

E a afflita dama socegou, voltando a si.

O que faz a imaginação! E' preciso, pois, repetimos, ter cuidado. Um perfume dá realmente distincção e prazer, mas é preciso saber-o escolher. A violeta, entre as flores capitosas, é a mais nociva. Quem trouxe um seio um ramo, ao cabo d'algumas horas ha-de necessariamente sentir tonturas. Com o jacintho succede o mesmo. E com o lilaz branco nem fallamos. Como diz um medico illustre, o melhor perfume que se deve usar é o que não tem cheiro! O proprio sabonete de mais activo perfume desorganisa individuos de nervos mais sensíveis. Nada de aromas, diz elle. E accrescenta:

—Quem muito se perfuma é porque cheira mal.

A's vezes assim succede. Conta um chronista do seculo XVII que havia em Paris uma dama que nunca se lavava! Mas, quando sahia, gastava um frasco de essencias para se perfumar. E talvez fôsse pouco para disfarçar tanta porcaria accumulada...

A disciplina germanica

Um jornal francez publicou recentemente algumas notas sobre a Allemanha, tomadas por um viajante anonymo no seu caderno de impressões. Muitas são interessantes. Assim, por exemplo, para mostrar o espirito de disciplina germanico, observa o viajante que o verbo allemão empregado com

mais frequencia é incontestavelmente *verboten* (prohibido). No novo theatro de Leipzig existem cartazes, tanto no interior como no exterior, informando os espectadores de que, sob pena de 50 marcos de multa ou prisão, é prohibido (*verboten*) levar cães á platêa ou ao *foyer* do theatro. Parece pouco plausivel que os habitantes de Leipzig tomem o seu theatro por um canil, mas o espirito de regulamentação allemão prevê todas essas possibilidades. E' muito difficil, observa ainda o viajante, comprar na Allemanha os jornaes locais. Vendem-se geralmente nas estações dos caminhos de ferro. Em Leipzig, contudo, funciona um kiosque, no Augustus Platz, mas a venda dos jornaes só é auctorizada depois das 11 horas da manhã, de maneira a dar tempo que os operarios e empregados de toda a especie cheguem á officina ou ao escriptorio antes de se contaminarem com o veneno da imprensa.

O visitante observou tambem algumas inscripções curiosas: na porta do lyceu de Erfurt, por exemplo, lê-se *Hinn/spfort*, que quer dizer *porta do céu*; n'um cinzeiro lê-se uma inscripção quasi litteraria que significa *logar de repouso para a cinza dos cigarros*; e n'uma cervejaria vêem-se pintados, em grandes caractéres gothicos, estes aphorismos: *O allemão vence todos os obstaculos, mas não a sede. Bebe-se muitas vezes o bastante para comprometter a saude, mas nunca o bastante para matar a sede.*

Conhecem-se, diz ainda o viajante, os esforços que faz ha uns dez annos a Allemanha para purgar a lingua de expressões estrangeiras, notadamente as francezas; o proprio imperador liga a essê apuramento da lingua uma importancia capital. Entre outras modificações linguisticas determinadas por esse espirito de vernaculidade, observa o viajante que se escreve *buro* e não *bureau*, *drogerie* em vez de *droguerie*, *bronce* em vez de *bronzee*, etc., e um bom patriota só comprará salchichas n'um *charkutier* com *k* (letra considerada germanica), mas nunca n'um *charcutier*, com *c* (que é considerado letra latina).



João Velloso Feijó

OURIVES-JOALHEIRO

Grande sortimento

em brilhantes, ouro, prata e relógios, a preços sem competência. Compram-se brilhantes e ouro usado, por alto preço. Concertam-se relógios e objectos de ouro e prata.

299, Rua da Prata, 301, 303
Rua da Bitesga, 51 a 55

SUCCURSAL

Rua da Bitesga, 120 a 124 (Torreão)

LISBOA

PAULINO FERREIRA

Encadernador - Dourador

82, Rua Nova da Trindade, 82

FUNDADA EM 1874 — TELEPHONE 1493

SUCCURSAL: 220, RUA AUGUSTA, 222

LISBOA

Livraria, papelaria, typographia e artigos religiosos, etc.

TELEPHONE 2089

OFFICINAS MOVIDAS A VAPOR

O theatro infantil e o theatro para creanças

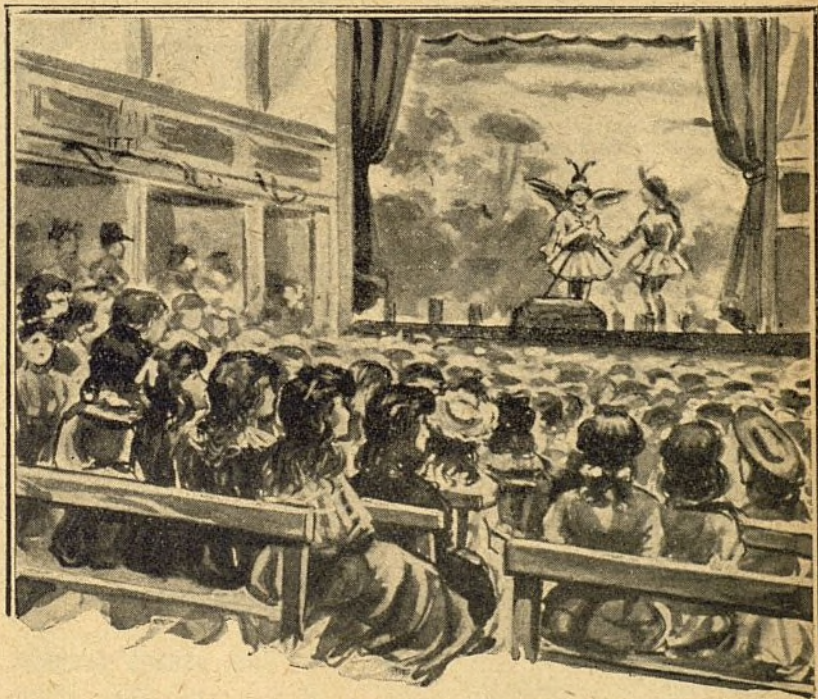
U



ma menina de Nova-York, Alice Minnie Herts, concebeu a idéa de utilizar para um fim educativo a grande paixão das crianças pelos espectáculos theatraes. Esta idéa obteve o apoio da *Educational Alliance* de Nova-York, que ha cinco annos pôz á disposição de miss Herts uma sala de theatro. A instituição, á testa da qual está o

peis são desempenhados por crianças, que são ensinadas n'uma escola de recitação annexa ao theatro, e só as crianças são admittidas a assistir ás representações. Miss Herts ao promover a instituição do *Educational Theatre* procurava antes de tudo exercer uma influencia moralizadora sobre as crianças.

Demonstrou, porém, a experiencia que esta instituição espalha a sua acção educadora sobre um vasto numero de pessoas. As crianças que assistiram aos



celebre humorista Mark Twain, teve um exito superior toda a expectativa. Miss Herts conseguiu, não sem muito trabalho, formar um repertorio de produções especialmente adaptadas a incutir na alma das crianças saos principios de boa moral. Os diferentes pa-

espectaculos do *Educational Theatre* falam em casa das peças que ouviram recitar. Os parentes adultos começam a interessar-se na questão, querem tambem conhecer a produção de que ouvem falar a seus filhos, e vão á livraria comprar o texto. Durante uma

série de representações de uma comédia de Shakespeare, os livreiros de *East Side*, bairro de Nova-York onde está situado o theatro, venderam mais de mil exemplares de uma edição barata da mesma comédia. Hoje basta annunciar que o *Educational Theatre* vai dar uma peça nova para que os livreiros vejam a sua loja invadida por pessoas que pedem um exemplar d'essa peça. Eis como a propria miss Herts se exprime com respeito á sua sympathica obra:

«O nosso fim é educar crianças, não para o theatro, mas sim para a vida. São pouquíssimas as crianças admitidas a representar... Procuramos desenvolver nas crianças a força de vontade e introduzir nas suas almas salutareos estímulos á acção. A nenhuma criança se permite representar o seu papel mais de uma vez; mudamos continuamente os nossos actores.»

Alguns criticos malevolos insinuaram que os pequenos actores do *Educational Theatre* poderiam, pelo facto de usarem fatos elegantes durante a representação, e de terem de adoptar maneiras distinctas, adquirir a tentação de um luxo e de um bem estar completamente irrealisaveis. Miss Herts sustenta, pelo contrario, que a arte de representar exerce optima influencia educadora nas crianças. A suggestão exercida pelo instincto dramatico corrige os defeitos de attitud, põe no seu logar os hombros curvados e endireita as espinhas dorsaes tortas.

«No fim da representação a criança que desempenha o papel de rainha depõe os trajes reaes, mas conserva a graça e dignidade, regras que adquiriu durante os ensaios e durante a recita e que permanecem como qualidade integrante no caracter da joven actriz.»

«A criança que desempenha na scena o papel de uma dama da corte poderá dedicar ao seu traje habitual um pouco do cuidado com que leve de tratar a rica vestimenta que ostentou em scena e que era necessario não estragar.»

Ao theatro está annexa uma officina de alfaiateria, que serve de optima es-

cola de costura para as irmãs mais velhas das pequenas actrizes. Os fatos de criança que devem servir para as representações indicam ás mães de familia pobres como ellas podem vestir os seus filhos com um certo bom gosto sem recorrer ás absurdas combinações baseadas sobre cousas baratas, usadas até agora pelas classes menos abastadas.

O repertorio do *Educational Theatre* comprehende uma série inteira de produções dramaticas, expressamente escriptas para o seu joven publico, como, por exemplo, *The little princess* (A pequena princeza), de Frances Hodgson Burnett. Tambem fazem parte do repertorio algumas peças de Shakespeare, entre outras *As you like it* (Como lhe aprouver). A's representações só podem assistir as crianças; os logares custam indistinctamente 10 cents, cerca d'um tostão.

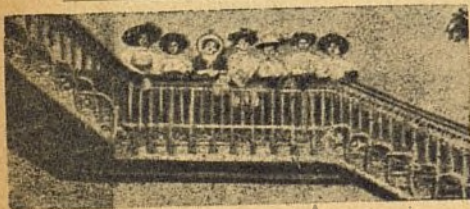
No decorrer de quatro séries de representações, assistiram aos espectaculos 134.000 crianças, e se tivesse havido um numero de logares correspondente á procura dos mesmos a concorrência haveria triplicado.

O publico segue como a maior attenção as peripecias que se desenrolam sobre a scena. Durante a representação reina, em geral, o maior silencio: silencio este todo espontaneo, visto que nenhuma regra prohibe aos pequenos espectadores a livre expansão dos seus sentimentos. A's vezes o publico aproveita-se d'esta liberdade; nos pontos culminantes do drama, ouvem-se, de quando em quando, do fundo da platéa, vozes que protestam contra as machinações de qualquer personagem sce-larada; e quando o protagonista está ameaçado pelas insidias de qualquer inimigo occulto, é raro não se encontrar entre o publico alguém que o previna em al a voz do perigo que está correndo... E' isto mais uma prova do vivo interesse que estas representações despertam.

Em muitas cidades americanas está-se pensando em promover a criação de instituições analogas ao *Theatro para crianças* de Nova-York.

Uma escada curiosa

E' facil vel-a n'um edificio de Philadelphia. Não tem aparentemente o menor supporte e os tímidos vacillam antes de a subir, calculando que vai desabar. No entanto, a sua construcção, engenhosa, offerece as maiores garantias de segurança.



Ayuntamiento de Madrid

Bolsa de Lisboa

ANTONIO SERRÃO FRANCO

*CORRETOR DE CAMBIOS E FUNDOS
PUBLICOS*



ESCRITORIO:

20—*RUA AUREA*—22

LISBOA

ANEDOTAS CURIOSAS

Wagner, Listz e Villiers de l'Isle Adam

Judith Gautier, a primeira mulher de Catulle Mendès, publicou recentemente na *Revue de Paris* o rosario das suas recordações relativas a Wagner, Listz e Villiers de l'Isle Adam. Eis, por exemplo, a genese da amizade de Luiz II, rei da Baviera, pelo auctor do *Lohengrin*.

O genial compositor estava dirigindo o havia uns mezes na Opera de Vienna os ensaios de *Tristão*. Esgotára-se-lhe o dinheiro, vivia de credito, contava com o producto da sua obra para pagar o que devia. O dono do hotel aguardava a *première* com tanta impaciencia como o proprio Wagner, e de tempos a tempos apresentava a sua conta para não se deixar esquecer.

Ao cabo de setenta ensaios, *Tristão* fôra declarado "irrepresentavel". Havia, pois, a temer os credores. Em Vienna existia ainda a prisão por dividas. Wagner fugiu e foi refugiar-se em Stuttgart. Um creado do hotel em que estava escondido trouxe-lhe um dia um bilhete de visita:—"Von Pfistermeister, secretario aulico de Sua Magestade o Rei da Baviera".

Wagner não estava em situação de poder esperar uma amabilidade real. Julgou que esse *Pfistermeister* era um credor que se dissimulava e recusou-se a recebê-lo. O secretario aulico insistiu: o rei havia-o mandado, não se podia despedir o com essa sem-cerimonia. Von Pfistermeister entregou então a Wagner o retrato do rei e o presente de um anel ornado de um diamante. Tinha ordem de não voltar para o palacio sem o compositor. Wagner chorava de commoção. Para o receber no paço, Luiz II desceu pela escada de honra, e pouco tempo depois dizia d'elle o grande compositor:

"Este rei é tão bello, tem uma intelligencia tão nobre e uma alma tão esplendida, que tenho medo de que a sua vida atravesse este mundo vulgar como um sonho dos Deuses... Está ao facto de tudo que me diz respeito e comprehende-me como a minha propria alma. Quer desembaraçar-me de todas as minhas misérias, ajudar-me a executar a minha obra!..."

Graças á liberalidade do rei, pôde Wagner instalar-se no tranquillo retiro de Tribschen, á beira do lago de Quatro Cantões, terminando ali os *Mestres*

Cantores e trabalhando no *Anel dos Nibelungen*.

No dia 22 de maio de 1866, em que Wagner completava cincoenta e tres annos, o rei partiu de manhã a cavallo e em segredo do seu castello de Stambury e foi tomar em Briesenhofen um comboio que o transportou a Lindau. Ahi embarcou e chegou na mesma tarde a Tribschen. Foi necessario armar-lhe uma cama de campanha no proprio gabinete de trabalho de Wagner.

A seguinte anedota revela a que ponto o rei apreciava a musica do genial compositor:

"No anno seguinte Luiz II estava noivo da sua prima, a archidukeza Sophia, irmã da imperatriz da Austria. Uma noite representava-se *Tristão* no Theatro Real. A princeza aborreceu-se e não dissimulou o seu sentimento; estava distrahi-da, de mau humor, e não prestava attenção á musica. Luiz II viu que a sua noiva não era wagneriana.

"Poder-lhe-hia talvez ter perdoado muita coisa—mas isto não!... E o rei não casou com a archidukeza Sophia."

*
* *

N'uma recepção em casa da condessa de Schleinitz, Judith Gautier encontrou entre outras celebri-dades, como Villiers de l'Isle Adam, o pintor Lenbach e Eduardo Schné, o pianista Listz, que se apresentava de sotaina, com os cabellos compridos cahindo-lhe sobre os hombros:

"Mas que olhos de leão, que pupillas ardentes, debaixo das so' rancelhas erigidas e cabelludas. Que ironia soberba nas sinuosidades da bocca larga e final! Em toda a sua attit'ude, que magestade moderada pela benevolencia!"

Testemunhavam-lhe todos uma grande veneração. As mulheres corriam para elle, ajoelhavam, beijavam-lhe as mãos, levantavam os olhos em extasi. Listz havia professado quatro annos antes. Tinha ido a Roma e voltára já padre, mas ninguem sabia porquê. Suppunha-se que elle quizera, com esta resolução, indicar claramente que não desposaria a princeza Wittgenstein, pois fallava-se muito d'esse projecto n'aquelle tempo. Listz sabia de resto desembaraçar-se das damas que lhe testemunhavam de-masiado affecto, sem por isso as asfas-

tar de todo da sua pessoa, pois gostava de as vêr alternadamente cheias de esperança e de desespero.

Exercia sobre ellas verdadeira fascinação. Chegava a ser idolatria, fetichismo. Uma flor que elle havia tocado, uma ponta de cigarro que atirava ao chão, eram por ellas disputadas como uma reliquia. Aquellas que eram um pouco independentes seguíam-no nas suas viagens; as outras ficavam furiosas por não poderem fazer outro tanto.

—E is'o não o exaspera? perguntou Judith Gautier a um dos convidados, que lhe dava todas estas informações...

—Pelo contrario; julgar-se-hia muito infeliz se lhe viesse a faltar essa atmosphera de amor que o rodeia. Gosta d'esse incenso e d'essas adulações excessivas. Precisa d'essa realza mystica, e, para a conservar, distribue muito habilmente pequenas recompensas segundo o merecimento de cada uma ou segundo as suas proprias preferencias...

O mais admiravel era a arte com que Listz conseguia manter a harmonia entre tantas rivaes.

—Isso é o mais incomprehensivel! confessava o informador de Judith Gautier. Elle consegue manter a paz no rebanho das suas fanáticas; chega até a fazer-lhes acceitar e respeitar uma favorita. Quando alguém se espania de uma abnegação tão pouco vulgar entre as mulheres, Listz responde com esta explicação imprevista: "Ellas amam-se em mim."

*
* *

Judith Gautier refere em seguida uma historia divertidissima, de que foi involuntariamente heroe o poeta e admiravel stylist Villiers de l'Isle Adam, que entre outras originalidades possuia a de se dizer grão-mestre da ordem de Malta, de que um antepassado seu fôra grão-mestre effectivo. Em tal qualidade, Villiers de l'Isle Adam julgava-se com direitos incontestaveis ao throno da Grecia. Em honra do imaginoso escriptor, uma certa condessa Muchanoff organisou um sarau para se ouvir o poeta recitar a sua peça ainda inedita n'esse tempo, *La Revolte*. Listz, naturalmente, foi convidado a essa recepção e, naturalmente tambem, assim que chegou, viu-se rodeado de admiradores dos dois sexos, que lhe pediam que locasse. Listz não se fez rogar:

"Foi direito ao piano, abriu-o com um gesto brusco, deixando os seus de-

dos soberanos correr sobre as teclas em uma improvisação fogosa, apaixonada, deslumbrante. A ovação que lhe foi feita chegava ao delirio, mas elle nem pareceu dar por tal."

Tudo isto não tornava muito facil o "sucesso" de Villiers de l'Isle Adam, que se adeantou para começar a sua leitura, muito bem frizado, com a cruz de Malta sobre o lado esquerdo e com porte de alta nobreza. Parecia, porém, nervoso, inquieto, quer o impressionasse aquella grande sala, quer o intimidasse uma tão imponente reunião de senhoras da nobreza, de altos funcionarios e de artistas.

Poz-se de pé em plena luz, encostado ao piano de cauda. Depois de uma pequena hesitação, começou a ler com voz firme e clara:

"Villiers está muito certo de si, lê sem precipitação, regula os seus effeitos; o auditorio interessa-se; certas passagens são acolhidas com um murmurio lisongeiro, applaude-se discretamente... Depois restabelece-se de novo respeitoso silencio, mas de repente Villiers de l'Isle Adam deixa de ler..."

Aconteceu então uma cousa extraordinaria e inacreditavel, se não fosse madame Judith Gautier que a contasse. Villiers de l'Isle Adam ficou pensativo no meio do silencio do auditorio. Depois deixou cahir o manuscrito e olhou para o publico com olhos arregalados e de repente desabotoou o cós das suas calças, tirou as botas e sentou-se resolutamente sobre o piano... Judith Gautier traduz n'estes termos o tumulto das suas idéas em presença de um tal incidente:

"Meu Deus, que é que isto significa? Fará parte da peça? Será uma mystificação, uma aposta? Em todo o caso uma graça de muito mau gosto!... Levantam-se todos em um borborinho de escarneo, veem ter commigo, interrogam-me... Que hei de eu dizer? Como poderei fazer comprehender a essa gente que Villiers julgou estar em perigo de vida e que em tal caso que importancia poderiam ter para elle as conveniências sociaes? Teve, sem duvida, um pequeno espasmo nervoso no coração; um medico, talvez farcista, disse-lhe que se este caso se desse, elle deveria logo desaperter o seu falo, descalçar-se e sentar-se muito alto para deixar os pés dependurados... Como se vê, o doente seguiu á risca o conselho do seu medico."

Depois de passar a crise, Villiers de l'Isle Adam pegou nas botas e fugiu

sem as tornar a calçar! O nobre cavalleiro de Malla, o pretendente ao throno da Grecia, fez n'essa noite uma retirada que nada tinha de commum com as façanhas dos antigos paladinos da Ordem.

O SATELLITE DA TERRA

O dr. Pickering, da universidade de Harvard, explica d'este modo as origens da lua:

«O satellite em questão, na sua primitiva metamorphose, foi um grande pedaço que se despegou da Terra. O primeiro ponto da crosta terreste que emergiu das agnas estava situado nas proximidades da Nova Zelandia; a seguir, produziu-se na mesma crosta um enorme rasgão, as agnas precipitaram-se lá dentro e assim se formou o Oceano Atlantico.

«Do outro lado do globo, uma parte egual ás tres quartas partes da crosta terreste deslacaon-se e abalou para o espaço, transpondo os limites da nossa atmosphera, mas ficando nosso satellite.



Uma das mais recentes photographias da lua

E aqui está como appareceu a lua. Conservou sempre os laços de estreito parentesco com as ilhas do Oceano Pacifico.

«Na Terra ha apenas dois vulcões parecidos com os da Lua e encon-

tram-se precisamente no archipelago de Hawaii. Teem uma cratera muito larga, enquanto os outros vulcões do globo teem a cratera muito estreita. Se a lua, fragmento do nosso globo, se não tivesse destacado da Terra, as



Outro aspecto

agnas immensas, em vez de encontrarem a bacia illimitada do Pacifico, teriam coberto os continentes com um sedimento liquido uniforme, onde afinal só poderiam germinar e viver pobremente os pescadores.»

A physionomia de Christo e a data da sua morte

Os pintores de assumptos religiosos, especialmente na Alemanha, preoccupam-se seriamente da physionomia e da cabelleira que devem attribuir a Jesus Christo. A tradição dá um Christo com uma barba densa, um pouco em ponta, e uma cabelleira longa e fluente; mas estes caracteres, que parecem satisfazer o ponto de vista ideal, estão em antagonismo com a escrupulosa verdade historica. Foi o que sustentou, no anno passado, Luiz Fahrenkroy, em longa discussão jornalistica no *Tuermer*, de Leipzig.

Segundo o conhecido pintor religioso, o Christo de barba densa e dos cabellos fluentes não pôde ser o verdadeiro Christo.

«Jesus, de certo, não usou nunca barba, e os seus cabellos eram corta-

dos mul-
historica-

As m-
seu ros-
nas cata-
Christo-
já se nã-
côrdo: o
Christo-
um pou-
xandrin-
recem u-
curtos o-
mente o-
comprid-
não um-
contrari-
pirito.

Por e-
vel que-
aos Naz-
Paulo d-
uma de-
os cabe-
tamente
vesse
nina.

Quant-
de alter-
toriador-
tos dos-
que, ter-
mã do
to auth-
sentou
teira e
ra dos
tribuido-
lo.

Desde
glosos
lico do
nardo m-
modern-
so pint-
ambien-
po da r-
ordem
nant, o-
sentenc-
do com-
tural, c-
parecer-
caracte-
de qu-
les dev-
amôr e
breza
caracte-
ser exe-
finalme-
dada p-
seu ro-

pelago
muito
ões do
treita.
bo, se
ra, as

dos muito rente. D'isto existem provas historicas."

As mais antigas representações do seu rosto, encontradas especialmente nas catacumbas romanas, dão todas um Christo sem barba. Quanto aos cabellos, já se não está tão perfeitamente de accordo: o typo hellenico das figuras de Christo representa-o com os cabellos um pouco mais longos do que o alexandrino. As Sagradas Escripturas offerecem uma outra prova dos cabellos curtos do Rabbi. Entre os Hebreus, sómente os Nazaritas usavam os cabellos compridos, e Christo era um Nazareno, não um Nazarita, o que teria sido contrario ao seu character e ao seu espirito.

Por exemplo, é mais do que provavel que bebesse vinho ás vezes, o que aos Nazaritas era prohibido. E depois S. Paulo declara nas suas epistolas que é uma deshonra para um homem usar os cabellos compridos, e não teria certamente escripto tal se o Mestre houvesse usado uma cabelleira feminina.

contra-
fico, te-
om um
nde afi-
ver po-

Quanto ao uso, que invadiu a egreja, de alterar a imagem de Christo, o historiador Eusebio, iconoclasta como muitos dos seus contemporaneos, conta que, tendo-lhe pedido Constancia, a irmã do imperador byzantino, um retrato authentico de Jesus, elle lhe apresentou dois retratos com a barba inteira e os cabellos compridos, á maneira dos philosophos do tempo, um attribuido ao Christo, o outro a Paulo.

morte

igiosos,
preco-
nomia e
ibuir a
n Chris-
pouco
longa e
de pare-
a ideal,
escripu-
ue sus-
Fahren-
nalistica

eligioso,
s cabel-
rdadeiro

i nunca
a corta-

Desde então todos os pintores religiosos ficaram fieis a este typo symbolico do Crucificado, não excluindo Leonardo nem Miguel Angelo. Entre os modernos, Frederico von Uhde, o famoso pintor que reproduziu Christo em ambiente moderno, é partidario do typo da tradição por diversas razões de ordem ethnica. E o professor E. Burnant, o artista biblico de Neufchatel, sentenciou que Christo deve ser pintado como um ser superior e sobrenatural, e que ao mesmo tempo deve parecer um homem verdadeiro: os seus caracteres humanos devem ser puros de qualquer traço de peccado, e n'elles deveria prevalecer a expressão do amor e da paciencia, e resaltar a pobreza do seu trajo; a fusão dos dois caracteres humano e divino deveria ser executada com especial moderação; finalmente, a belleza de Jesus deve ser dada principalmente pela expressão do seu rosto. Quanto ao tamanho da bar-

ba e dos cabellos... Burnant nem de tal se occupa.

* * *

Agora sobre a data exacta da morte do Christo:

O problema foi atacado pelo sabio hollandez D. J. Veen na *Hollandsche Revue*, com resultados bem diversos dos communmente acceitos. A crença, diz Veen, de que pela Paschoa judaica Jesus celasse com os seus discipulos n'uma sexta-feira á tarde, no dia 14 de *Nisan*, foi commun entre os christãos até á metade do segundo seculo.

Nasceu então um desacordo, que não se pôde mais desfazer, entre os christãos do Oriente e os do Occidente, a proposito da data exacta da celebração da Paschoa judaica e da morte de Christo. O ponto principal a estabelecer, então como agora, é se Christo expirou no dia 14 ou 15 do mez de *Nisan*, isto é, o setimo mez do anno civil hebraico (ou primeiro do anno sagrado).

Uns punham toda a sua confiança nos tres primeiros evangelhos, os *synopticos*, dos quaes parece resaltar que a segunda data é a verdadeira. Outros, baseando-se no Evangelho de S. João, eram pela noite de 14, dia do primeiro plenilunio após o equinoxio da primavera, isto é, depois de 21 de março. Justamente na noite de 14 de *Nisan*, ao apparecer da lua cheia, começa, juntamente com o 15 de *Nisan*, a Paschoa dos Hebreus.

Veen parte do facto que Christo morreu entre o anno 27 e o anno 34 da nossa era, e calculando o dia do plenilunio para cada um d'esses oito annos, acha que o plenilunio cahiu n'uma quinta-feira (os Evangelhos indicam que a morte de Jesus foi n'uma sexta-feira) no anno 29 (a 24 de março) e no anno 33 (a 9 de abril).

Observa depois o professor Veen que Christo nasceu, não no anno 754 da fundação de Roma, mas no de 750: portanto quatro annos antes da era vulgar; além d'isto, segundo S. João, a noite em que Christo morreu foi rigida, e por isso é muito mais provavel que fosse a de 24 de março do que a de 9 de abril, n'um clima tão brando como o da Palestina. Portanto, para a morte de Christo, a data de 25 de março do anno 29 deve ser aceita como a mais provavel, tanto mais que assim não haveria um verdadeiro desacordo entre os quatro evangelistas sobre este ponto.

José A. de C. Godinho

Grande deposito de moveis de ferro e colchoaria. Obra
de folha e zinco. Lavatorios. Cofres e fogões

54, Praça dos Restauradores, 56—LISEOA



José da Costa

73, R. DO CARMO, 75—LISBOA

TELEPHONE 1005

ARMAZEM DE VIVERES

Generos de primeira qualidade
Importação directa — Completo sortimento de productos
do Brazil.

*Carne secca, linguas do Rio Grande, farinhas de Seruhy,
Pimentinhas, etc.*

• Máquina de escrever •

Thomaz Barrisson, 40 annos, socio da casa Lewis Barrisson & C.^a, entra no seu escriptorio de Broadway, com o chapéu deitado para traz e o charuto ao canto da bocca. Um dos seus correspondentes, de passagem em Nova-York, convidou-o a almoçar: ambos comeram bem, beberam melhor e formaram grandes planos de negocios futuros.

chapéu)—Perfeitamente. E' preciso responder sem demora. Queira escrever, miss Shore. (*Afunda-se n'uma poltrona*).

Lucy—Um momento... Vou buscar o papel.

Barrisson chupa o charuto com incomparavel beatitude; a digestão é



«Nunca tinha reparado: tem uns olhos encantadores...»

Um veloz *taxi-cab* transportou-o ao escriptorio, favorecendo-lhe ao mesmo tempo o começo d'uma boa digestão.

Lucy Shore, 23 annos, cabellos e olhos negros, figurinha *mignone* e graciosa, apezar de certa pallidez e um ar grave que a distingue das outras empregadas da casa.

Barrisson (*entrando*).—Boas tardes, miss Shore. Alguma cousa de novo?

Lucy—Nada de novo. Ali está o correio. Mr. Potter abriu-o e separou essas duas cartas para que V. Ex.^a as lesse.

Barrisson (*lendo as cartas sem tirar o*

facil. Enquanto medita no texto das cartas, os seus olhos seguem os movimentos da dactylographa, ao principio distrahida e inconscientemente e depois com mais alguma attenção.

Lucy colloca o papel na machina e faz um gesto indicando que está prompta a funcionar.

Barrisson—Miss Shore, incommoda-a escrever agora?

Lucy (*estranhando a pergunta*)—Oh! não senhor!...

Barrisson (*sorrindo*)—E' só umas linhas. (*Intimamente*). Esta rapariga não é nada

feia. (*Elevando a voz*) «Excellentissimos senhores»...

Lucy (*repetindo*)—«Excellentissimos senhores»...

Barrisson (*á parte*)—Nunca tinha reparado: tem uns olhos encantadores; fartas pestanas. (*Alto*). Dizia...

Lucy—«Excellentissimos senhores»...

Barrisson (*continuando a diclar*)—«Acabamos de receber a vossa estimada carta com data de hontem...» (*á parte*) E as mãos também não são feias; muito cuidadas; e escreve depressa. (*Alto*) Quanto ganha, miss Shore?

Lucy—Eu? V. Ex.^a sabe perfeitamente: oito dollars por semana.

Barrisson—E' verdade, é... Suppunha que fosse mais... (*Muito sorridente*) Não tardará a ganhar o dobro...

Lucy (*com agradável surpresa*)—Oxalá!...

Barrisson (*familiar*)—Oh! decerto!... Para gastar em trapos, vestir toilettes d'essas que parecem transparentes e uns chapéus muito grandes, não é verdade?

Lucy—Para isso, não... Para as despesas correntes.

Barrisson—Para as despesas correntes! Uma rapariga como miss Shore não tem mais despesas que as da sua casa, comida e vestir. Os extraordinarios, theatros, etc., o noivo é que os paga.

Lucy (*confundida*)—Não tenho noivo.

Barrisson—O que?... (*Á parte*) Que linda está agora com a vermelhidão no rosto! (*Alto*) Deveras? (*Ergue-se da poltrona com intenções maliciosas, mas arrepende-se, Bruscamente*) Iamos em...

Lucy (*levantando o cylindro da machina*)—«Com data de hontem...»

Barrisson (*sério*)—«E apressamo-nos a responder...» (*Volla a falar á rapariga*) Miss Shore... Não gostaria de viver independentemente em sua casa... sem precisar trabalhar, tendo ao lado uma pessoa que se interessasse a valer por si?

Lucy (*abatida*)—Certamente... Mas isso só será possível no dia em que me casar, e se casar com um homem sufficientemente rico...

Barrisson—Merece-o e... muito mais. No entanto, para que limitar a felicidade ao matrimonio? (*Com calor*) A menina, que é intelligente, porque se não desprende de velhos preconceitos, porque pensa afinal como pensaram os nossos avós?... No seculo actual, n'este paiz de liberdade, não acha que a mulher deve conservar a sua independencia, disfructar a vida sem o sacrificio, o formalismo, d'uma cerimonia antiquada, ridicula e absurda, como é o casamento?

Lucy (*aturdida por este tom do patrão*)—Mas uma mulher honesta...

Barrisson—Ah! A honestidade! Creio que o conceito da honradez é muito relativo e tem variado bastante n'estes ultimos annos. (*Insinuante*). Supponha, miss Shore, que conhecia um homem sério, digno, um cavalheiro que lhe offerece uma vida livre de inquietações e cuidados, confortavel, sem o maior escandalo... (*Erguendo-se*). Um homem capaz de apreciar os seus meritos, de satisfazer os seus caprichos, um homem que a amasse não com os arrebatamentos d'um rapaz, mas d'um modo profundo, sincero...

Lucy (*confusa e indignada*)—Não sei... Nunca pensei n'isso...

Barrisson—Mas devia pensar... Podia viver feliz e ditosa... Amal-a-hia imenso... (*N'este instante, ouve-se a campainha do telephone. Barrisson dirige-se ao aparelho e applica o auscultador ao ouvido*). Quem? Ah! bem sei... Aqui fala Barrisson... Diga... (*Escuta com attenção e a sua physionomia parece obscurecer-se e alterar-se. Alira o charuto com violencia*). O que? Já não aceitam o negocio? Mas ainda hontem tinham resolvido... Não, não é possível!... Vou já ahi... Não me demore dez minutos... (*Dispõe-se a sair sem prestar a menor attenção ao que o rodeia*).

Lucy (*timidamente*)—As respostas ás cartas ficam para logo?

Barrisson—O que? Ainda não estão feitas? (*Olhando para o relógio*). E perdi meia hora estupidamente! Mr. Polter que as dicte quando voltar. (*Encaminhandose para a porta*). Malditas mulheres! Só servem para embaraçar um homem. Claro, não pensam em trabalhar! Só querem seduzir!... (*Sae*)

A dactylographa vê-o partir, faz um gesto de resignação, suspira e põe-se a mover nervosamente o teclado da machina.

Os seguros

Um jornal publicou o anno passado uma curiosa estatistica de varias pessoas que prudentemente seguraram a vida para que a familia não ficasse em circumstancias precarias. Na cabeça do rol figura o actual pontífice Pio X, que, quando arcebispo de Veneza, fez um seguro importante para que não ficasse sem rendimento proprio um instituto de caridade que havia fundado na sua diocese. Seguem-se depois:

O ex-presidente dos Estados-Unidos,



tavam a c
priolas á
ta. Para c
tou-lhe u
Durante
dou bem
imitar o
tia-se em
molle. Ma
se jogo
bardear
nhas de
Não co
chamal-o
teve de
obrigou
culpas ad
O jovent
grado e
disse ger
—Não
nard...
porque a
se seria

Um di
(era entã
um pobr
ção e q
não ous
da torre
O princip
brago e
ro cond
do lado
Não es
deciment
que toda
Pouco te
rough He
magnifico
com as
de Galle
suas bo

de! Creio
uito rela-
estes ul-
inha, miss
em sério,
e oferece
es e cul-
maior es-
omem ca-
ps, de sa-
homem
arrebata-
um modo

ão sei...

... Podia
a-hia im-
se a cam-
irige-se ao
tor ao ou-
Aqui fala
com atten-
se obscure-
ruto com
tam o ne-
am resol-
... Vou já
minutos...
menor at-

postas às

ão estão
. E perdi
r. Polter
acaminhan-
mulheres!
n homem.
alhar! Só

r, faz um
e põe-se a
o da ma-

S

o passado
varias pes-
guraram a
ficasse em
cabeça do
io X, que,
fez um se-
ção ficasse
n instituto
do na sua
os-Undos,

A infancia de Eduardo VII



ma serie de aneddotas, col-
leccionadas pelo escriptor
Henri Nicolle, mostra que
Eduardo VII foi na sua
infancia um menino tra-
vesso e de bom coração.

Em 1846 o esculptor Bus-
nard fôra encarregado de
modelar-lhe as feições. As
numerosas poses impacien-
tavam a criança, que preferia alegres ca-
briolas á immobillidade exigida pelo artis-
ta. Para o distrahir, o esculptor empre-
stou-lhe um pouco de barro e uma fôrma.
Durante alguns momentos a cousa an-
dou bem. O joven Eduardo procurava
imitar os gestos do esculptor e diverte-
ta-se em besuntar os dedos com barro
molle. Mas d'ahi a pouco fartou-se d'es-
se jogo e achou mais divertido bom-
bardear a cara de Busnard com boli-
nhas de barro.

Não conseguindo a sua governante
chamal-o ao respeito das conveniencias,
teve de ir prevenir a rainha, que o
obrigou logo a apresentar as suas des-
culpas ao artista.

O joven Eduardo obedeceu de bom
grado e, estendendo a sua mãosita,
disse gentilmente:

—Não fique zangado commigo, Bus-
nard... Não torno mais a ser mau,
porque a mamã disse que se continuas-
se seria transformado n'um burro!...

* * *

Um dia, ao aprear-se da carruagem
(era então já homem), o joven divisou
um pobre cego acompanhado pelo seu
cão e que fazia gestos desesperados,
não osando atravessar a rua no meio
da torrente incessante de carruagens.
O príncipe tomou o pobre homem pelo
braço e agarrando na trela do cachor-
ro conduziu os dois para o passeio
do lado opposto da rua.

Não esperava, é claro, nenhum agra-
decimento por este pequeno serviço,
que todavia não passou despercebido.
Pouco tempo depois recebia em Malbo-
rough House, de um desconhecido, um
magnifico tinteiro de prata massica
com as seguintes linhas: "Ao príncipe
de Galles, em recordação de uma das
suas boas acções, da parte de algum

que o viu soccorrer um cego perdido
no remoinho d'uma via publica."

* * *

Deu-se recentemente uma scena pareci-
da com a que acabamos de contar, quan-
do o rei de Inglaterra inaugurava uma
exposição. Eduardo VII atravessava
uma massa compacta de povo que a
policia só a custo fazia recuar diante
d'elle. Na pressa de se retirar do cam-
minho do rei, um dos assistentes, que
manquejava d'uma perna, deixou cabir
a bengala em que se amparava. O rei
abaixou-se com a maior simplicidade,
apanhou a bengala, entregou-a ao po-
bre coxo e seguiu o seu caminho.

Alguns dias depois o rei recebia
d'um anonymo uma bengala que trazia
gravada a data do encontro e umas pa-
lavras de respeitosa gratidão.

* * *

Em maio de 1903 Eduardo VII era re-
cebido em Paris com todas as honras
de soberano. No programma das fes-
tas que se organisaram por essa occa-
sião figurava uma prova hippica ex-
traordinaria. Essas corridas realisaram-
se em Longchamp.

Na tribuna official, ao lado do presi-
dente Loubet, o rei testemunhava, como
de costume, o mais vivo interesse pe-
los exercicios do turf. De repente a sua
fronte annuviou-se. Deixou de assestar
o binoçulo para os cavallos promptos
a partir... Olhava para outro ponto,
com uma extranha insistencia, e toda
a sua physionomia exprimiua um pro-
fundo descontentamento. O official ás
ordens do monarcha inquiriu d'elle a
causa d'essa visivel contrariedade:

—Veja... acolá... respondeu o sobe-
rano em voz baixa... essa pobre crea-
tura que a policia está maltratando.
Obsequiava-me dando as ordens neces-
sarias para que a deixassem em paz...

D'ahi alguns instantes as elegantes da
pesagem viram, com grande surpresa,
que a pobre mulher—uma vendedora
ambulante—era auctorizada a sentar-se
á beira das tribunas, sendo o alvo de
mil attentões da parte dos agentes da
policia. Ella propria parecia surprehendi-

díssima e a mil leguas de adivinhar a quem devia tal favor. Desembaraçado d'esta preocupação, o rei pegou de novo no binóculo e seguiu com vivo interesse todas as peripécias da corrida. No momento da chegada disse aos seus visinhos:

—O Tzar! O Tzar!... é o Tzar que vence! Com effeito, esse cavallo passára a méta antes dos outros.

—Vêem! O Tzar ganhou a corrida e fez-me ganhar uma boa aposta. Tanto melhor! Aquella mulherzinha trouxe-me sorte...

OS PROGRESSOS DA CIRURGIA PROPORCIONAM-NOS UMA NOVA VISÃO DO FUTURO



a cirurgia progride assombrosamente. Uma revista norte-americana descreve de tal modo as operações que um sabio francez, o dr. Alexis Carrel, tem feito ultimamente no Instituto Rockefeller, que temos a impressão nitida de que em breve será possível, por meio da cirurgia, reconstruir todo o corpo humano. Diz a revista em questão:

«Pela primeira vez na historia da medicina o dr. Carrel provou o importante facto de que o rim d'um animal pôde ser transplantado para um outro animal e desempenhar as suas funções normaes durante um certo periodo. Demonstrou igualmente que a perna de um cão pôde enxertar-se e crescer sobre a perna de outro cão. Estas experiências não são apenas curiosidades cirurgicas; como todo o trabalho do Instituto, são feitas com a mira em alcançar resultados positivos e de enorme utilidade na pratica.»

O dr. Alexis Carrel estudou medicina na universidade de Lyon e conceben ali a ideia de utilizar os órgãos sãos dos animaes para preencher o lugar dos órgãos avariados. Em 1905 foi para os Estados Unidos e entrou em relações com a universidade de Chicago. Em 1906 entrou para o estado-maior do Instituto Rockefeller. Desenvolveu um methodo novo para reunir arterias e veias cortadas, cosendo-as

umas ás outras com agulhas subtilissimas e seda muito fina. Por este meio conseguiu cortar a aorta de um homem a uma pequena distancia do coração e tornar a cosel-a. Depois, servindo-se d'este methodo, fez importantes transformações nos animaes. Tomou a aorta d'um cão e cosen-a á aorta d'outro cão. Transplantou com facilidade secções de arterias de cães e gatos. Os animaes submettidos a poderosos anesthesicos não soffriam absolutamente nada, nem durante, nem depois da operação. As feridas saravam rapidamente e os pacientes não tardavam a correr e saltar, sem suspeitarem que se estavam servindo dos vasos sanguíneos uns dos outros.

Mas não é tudo. O dr. Alexis Carrel descobriu que em circumstancias favoraveis era possível fazer desempenhar ás veias as funções de arterias e vice-versa. A importancia d'esta descoberta está no facto de que precisamos de todas as nossas arterias e não podemos prescindir de nenhuma parte d'ellas para concertar outra parte; ao passo que o corpo está cheio de veias superfluas e encontramos na nossa propria pessoa um pedaço de veia para tomar o lugar de uma arteria avariada. O dr. Carrel tem um gato cheio de saude e de vida, que se serve para uma parte do seu systema circulatorio da carotida de um cão, e possui tambem um cão cuja aorta é feita de uma secção de arteria tirada do joelho de um homem. Um dos seus ajudantes enxertou, com excellent resultado,

n'um cão de um gato vivas com blema balem, com peito, diz que acima «Não s



exemplo, ser resus e se por elles pud outro co mir as su factio per seguin-se

ence!
ára a
ida e
Tanto
ouxe-

n'um cão as arterias de um coelho e de um gato. A aquisição de arterias vivas constitue naturalmente um problema bastante serio; não se pôde, porém, considerar insolúvel. A esse respeito, diz a revista norte-americana a que acima nos referimos:

«Não suspeitamos em geral que, por

ração que fôra tirado do corpo mais de trinta horas depois da morte. O proprio dr. Carrel tirou o coração a um cão, enxertou-o no pescoço de outro cão, reunindo a carotida á aorta do novo coração e a veia cava á veia jugular. D'ahi a uns instantes o cão vivo possuía dois corações batendo

utilis-
meio
mem
ação e
ndo-se
trans-
aorta
'outro
e sec-
os. Os
anes-
mente
ois da
apida-
vam a
um que
angui-

Carrel
cias fa-
sempe-
rterias
d'esta
preci-
rias e
nhuma
ra par-
meio de
os na
ção de
a arte-
m gato
e serve
circu-
possue
eita de
joelho
judan-
ultado,



Uma operação delicada

exemplo, os rins e os corações podem ser resuscitados depois de morrermos, e se por qualquer milagre cirurgico elles pudessem ser transplantados para outro corpo não tardariam em reassumir as suas funcções naturaes. Eis um facto perfeitamente demonstrado: Conseguiu-se fazer pulsar de novo um co-

rythmicamente, tendo um d'elles 88 e o outro 100 pulsações.

Para fazer as suas experiencias, o dr. Carrel installou um deposito que é sem duvida o mais notaval que existe, nada mais nem nada menos do que um grande frigorifico onde se guarda um sortimento de arterias e de veias.

Estes vasos sanguineos, conservados pelo frio, ás vezes durante mais de um mez, quando introduzidos n'um animal reassumem as suas funcções e trabalham indefinidamente. A natureza offerece pois ao homem de sciencia um momento favoravel — o lapso de tempo que medeia entre a morte da personalidade e a morte da cellula viva. Se n'esse periodo se consegue extrahir do corpo os órgãos essenciaes, estes podem ser preservados durante um longo espaço de tempo.

A asepsia previne a putrefacção e o frio intenso mantem as arterias n'um estado de vitalidade suspensa. Apesar da sua apparencia secca e mirrada, os tecidos ainda estão vivos, e apesar dos animaes a que elles pertenceram já haverem entrado ha muito tempo no seu descanso final, estes fragmentos da sua entidade podem reatar o fio da existencia se forem collocados n'um novo individuo vivo. Está absolutamente provado que as arterias tiradas a um homem recentemente fallecido pôdem manter por esta fórma a sua vitalidade e a sua utilidade.»

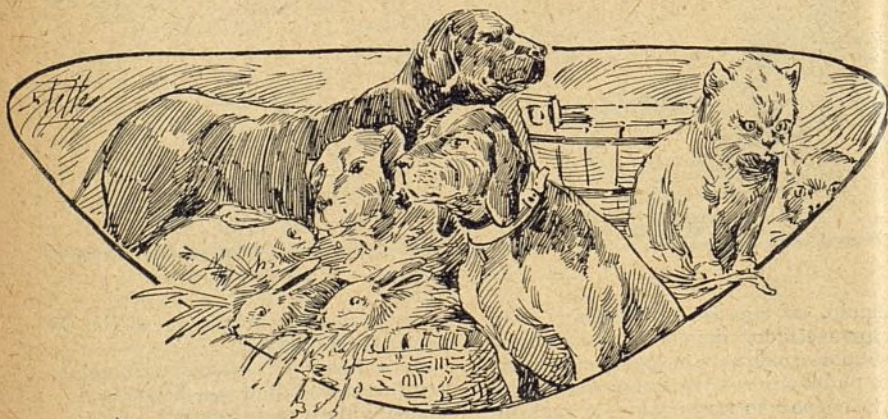
Todos estes factos nos revelam uma nova visão do futuro. O forno crematorio poderá considerar-se um vergonhoso desperdicio do valiosissimo material humano, e só poderá aprovei-

tar-se mais tarde para o material de refugio absolutamente inutilizavel. Os nossos cemiterios poderiam transformar-se em necroterios frigorificos para todas as partes sãs dos recém-fínados.

O methodo da transfusão do sangue tem dado os melhores resultados ultimamente, graças á sutura perfeita que o dr. Carrel conseguiu fazer entre a arteria da pessoa sanguinea e a arteria da pessoa anemica. O mesmo cirurgião espera curar aneurismas e substituir as arterias doentes por arterias sãs, obtidas de outra procedencia.

O que é consolador, não só para os corações sensiveis como para todos aquelles que reprovam a abominavel pratica da viviseccão, é que estas extraordinarias experiencias não causam soffrimento ás innocentes victimas da sciencia. O dr. Carrel tem tido o maior cuidado em não infligir a minima dor aos animaes de que se serve, e muitos cães e gatos perdidos ou vagabundos encontram na sua clin'ca, em vez de um lugar de supplicio, um asylo confortavel. Quando é necessario para o interesse da sciencia sacrificar a vida de um d'elles, o animal é chloroformizado segundo todos os preceitos e passa da vida para a morte sem sequer dar por tal.

Valha ao menos isso...



Os martyres da sciencia

Old England

Exposição permanente de artigos de toilette
para homem

Camisas, collarinhos, roupas brancas, cha-
peus, bengalas, luvas, gravataria, ar-
tigos de viagem OLD ENGLAND

SECÇÃO DE ALFAIATERIA

Variados e lindos tecidos em todos os generos
para fatos de homem

OLD ENGLAND

Todos devem experimentar o côrte do habilissimo mestre
diplomado na

ACADEMIA DE CÔRTE DE LONDRES

Vastissimos armazens

Sortimento colossal

Preços reduzidissimos

Grandes armazens
internacionaes

Old England

Rua Augusta—Rua de S. Nicolau

(PREDIO TODO)



A influencia da tradição na calligraphia



E'

opinião corrente que o movimento da mão e do braço empregado na escripta é uma traducção do trabalho intellectual e que o autographo pode ser considerado como a photographia do caracter, da mentalidade e dos impulsos psychicos. Completando esta theoria, que já deu ensejo a muitas controversias, um graphologo inglez Ainsworth Mitchell acaba de apresentar os resultados d'uma longa serie de experiencias, tendentes a demonstrar as influencias atavicas sobre o graphismo, quer dizer, sobre a maneira de traçar linhas e letras.

Este estudo é novo. Faz entrar a chiographia no dominio da biologia e procura explicar de certo modo alguns phenomenos que tinham passado despercebidos. Admitte, em principio, que em qualquer escripto á mão se pode encontrar um indicio de parentesco, um reflexo de familia e que a propria mão parece guiada pela tradição. Escusado é dizer que n'isso tambem interveem outras causas determinantes, modificando a influencia da origem como as enfermidades, as commoções accidentaes, alterações organicas, desvios mentaes, hypnoticos, etc.; no emtanto, descobrem-se sempre com relativa evidencia os principios do graphismo atavico.

Ainsworth Mitchell verificou as suas conclusões, tendo á vista os autographos de varios membros d'uma mesma familia, pae e filho, mãe e filha. Comparando assim a calligraphia de varias gerações que proveem d'uma mesma origem, notou uma invejavel semelhança entre os movimentos, as direcções da mão, a extensão das letras, a ordem das linhas direitas, ascendentes ou descendentes, a sua disposição, a egualdade ou desigualdade dos traços, a inclinação, etc. Estas analogias constituem uma verdadeira transmissão de signaes individuaes d'um primeiro auctor genealogico.

E' certo que não é facil, em muitos casos, encontrar esse primeiro auctor, ao qual se possa attribuir a iniciativa da calligraphia atavica; do mesmo modo que não é facil encontrar biologicamente os prodomos de certas conformações ou manifestações dos caracteres

communs a uma mesma familia. Seria imprudente generalisar, baseando-se em reconhecimentos isolados; mas, seja como fôr, não se pode pôr em duvida, ao comparar a calligraphia de varias

Bedford London 1.

Bedford London 2.

Bedford London 3.

Bedford London 4.

Bedford London 5.

Bedford London 6.

Bedford London 7.

Bedford London 8.

Bedford London 9.

pessoas d'um mesmo parentesco, que, frequentemente, a sua mão descobre a sua filiação.

Em regra, essas analogias são verdadeiramente surprehenderes. Ainsworth Mitchell, por exemplo, tomou n'uma familia nove amostras das duas palavras *Bedford London*, escriptas por nove pessoas, estreitamente aparentadas. A' primeira vista, observa-se a semelhança das maiusculas, as vogaes, as consoantes finais. As duas primeiras amostras são do pae e da mãe; a terceira, quarta,

oitava e a sexta rões. Es do pae; terminan mãe, a vantada. surprehe cia o pa samento.

Esta i cativa s circumst mas pal rio d'un nal, n'u mentos, tades. E que dict dizer-se O phys Breyer, notaveis temporar descreve monstra

Um in duas mã pés. Est exercicio graphia mutilado tro indi mente r das mã ou a po d'este m lidade. F d'este m ás da su

Breyer um cen deve ser sendo a phia, ap possa ex vou o caso:

Um in de paral mento, só palav a pouco excepto f, l, r, por con bilidade dentes, broso t logo. Es formaçã escripta graphism



la. Seria
to-se em
seja co-
duvida,
e varias

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

co, que,
scobre a

o verda-
nsworth
'uma fa-
palavras
ove pes-
. A' pri-
ança das
soantes
tras são
quarta,

oitava e nona, são das filhas; a quarta, a sexta e a sétima são dos filhos varões. Estes traçam as letras á maneira do pae; as filhas começam a palavra e terminam-na do mesmo modo que a mãe, adoptando, como ella, a letra levantada. Esta ultima particularidade é surpreendente: assignala com evidencia o *parentesco* da interpretação do pensamento.

Esta interpretação é bastante significativa sempre que haja identidade de circumstancias, como quando as mesmas palavras são traçadas sob o império d'um mesmo acontecimento passional, n'uma mesma explosão de sentimentos, em identica affirmacão de vontades. E', com effeito, o acto psychico que dicta o gesto manual: e podia até dizer-se que este gesto é inconsciente. O physiologo e psychologo allemão Breyer, a quem se devem trabalhos notaveis sobre todas as questões contemporaneas da biologia, encontrou e descreve o seguinte caso, muito demonstrativo:

Um individuo a quem amputaram as duas mãos, aprendeu a escrever com os pés. Estes, depois de algum tempo de exercicio, chegaram a traçar uma calligraphia exactamente parecida á que o mutilado tinha antes da amputação. Outro individuo, que se encontrava egualmente na impossibilidade de se servir das mãos, conseguiu agarrar o lapis ou a penna com os dentes e escrever d'este modo com surpreendente habilidade. Pois bem: as letras que tracava d'este modo eram absolutamente eguaes ás da sua calligraphia primitiva.

Breyer attribue o gesto da escripta a um centro nervoso especial, que não deve ser confundido com o da palavra, sendo a aphasia bem distincta da agraphia, apesar de que entre uma e outra possa existir analogia como o comprovou o graphologo Holder, citando este caso:

Um individuo, repentinamente atacado de paralyssia, viu-se privado, n'esse momento, da faculdade de articular uma só palavra. No entanto, recobrou pouco a pouco o uso da maior parte dos sons, excepto de certas consoantes como o *f*, *l*, *r*, que nunca mais pronunciou; e por concomittancia, viu-se na impossibilidade de traçar as letras correspondentes, que substituiu com traços. Lombroso tambem menciona um facto analogo. Estas impotencias parciais para a formação d'este ou d'aquelle genero de escripta, encontram-se egualmente no graphismo atavico, que, como já disse-

mos, pode ser modificado por causas occasionaes. Pertencem a esta cathegoria as suggestões hypnoticas. Lombroso e Richet demonstram que as modificações de personalidade, por meio do hypnotismo, são quasi sempre acompanhadas d'uma alteração da calligraphia. E' o caso d'uma menina hysterica, hypnotisada, á qual se suggeriu que era apenas uma creança de cinco a seis annos de idade e que escreveu no decurso da suggestão, como o havia feito durante a sua meninice.

A acreditar em Ainsworth Mitchell, o graphismo não seria mais do que uma especie de suggestão atavica. De pae a filho, de mãe a filha, comprehende-se até certo ponto a imitação, porque a creança pode ter como primeiro mestre de escripta o pae ou a mãe; mas, como explicar, a não ser por uma suggestão hereditaria, que n'uma mesma familia, que possui documentos graphicos remontando a varios seculos, exista tanta semelhança e que ella reflecta essas identidades de caracter psychico, segundo as provas adduzidas pelo graphologo inglez?

Convem registrar que a theoria do graphismo atavico ainda se encontra nos seus primeiros passos e que os graphologos reclamam de ha annos a admissão das suas conclusões, como base concreta d'uma das sciencias da vida. Ora com a graphologia succede o mesmo que com alguns ramos do occultismo. A' medida que os estudamos mais de perto diminue o seu valor scientifico. Apesar d'isso, o que ha de extranho n'esses phenomenos fica em suspenso entre a verdade e a hypothese. Talleyrand pretendia poder mandar enforcar um homem apenas por duas linhas da sua calligraphia. Quem sabe se não chegará o momento em que devido ao methodo de Ainsworth Mitchell essas mesmas duas linhas bastem a demonstrar, com uma experiencia graphica bem conduzida, a innocencia d'um accusado!...

A semana santa em Roma

Os viajantes e os litteratos mais illustres que em todas as épocas—de Montaigne a Goethe, de De Brosses a Chateaubriand—tocaram o solo da Cidade Eterna, foram quasi todos espectadores das grandiosas, solemnes cerimoniaes da Semana Santa. E em tantas e tão differentes descripções deixaram lembrança d'ella que se poderia crear toda uma esplendida litteratura... paschoal.

Entre as funções mais estranhas que em época remotíssima, como para purgar a Igreja da putrida escoria da heresia, os Papas costumavam realizar pouco antes da Paschoa, existia a *Excommunio*. Em um dos muitos quadros pittorescos que Montaigne faz da vida romana, é admiravelmente descripta a curiosa função.

O Papa, em grande pompa, ficava no primeiro portico de S. Pedro, assistido pelo Collegio dos Cardeaes. Um conego vaticano lia em voz alta uma «Bulla» latina na qual eram excommungados uma quantidade infinita de pessoas, os Huguenotes e todos os principes que *dell* qualquer parte das terras da igreja (a leitura d'este artigo, conta Montaigne, os cardeaes de Medicis e Caraffa riam-se beatamente).

Um cardeal traduzia depois o texto para o italiano: após uma hora e meia a função estava acabada, e o Papa lançava ao povo duas tochas acesas. A' excommunhão seguia-se depois, *ipso facto*, a benção dos fieis.

* * *

Outra cerimonia curiosissima da igreja, que se costumava praticar antes da Paschoa, era a exposição, do alto de um pulpito, do rosto da Veronica: eram apresentados os possuidos de espirito, os obsessos, para impetrarem a graça da sua salvação. Alguns padres mostravam as pobres victimas ao povo que, como invadido por um imprevisto fanatismo, ulvava e se agitava desesperadamente.

«E' lindo—exclamava Montaigne maravilhado ao vêr n'esses dias o vivissimo zelo religioso do povo romano. Existem cento e tantas confrarias, ás quaes não ha ninguém de qualidade que não pertença».

O viajante francez descreve-nos depois a curiosa procissão nocturna de mais ou menos doze mil fieis, armados de tochas, dirigindo-se para S. Pedro. Em meio de duas alas ia uma fileira de cerca de quinhentos penitentes; mostravam o dorso nú todo descascado e sangrento das chicotadas. Com o seu passo franco e o aspecto sereno não pareciam sentir dor alguma; e note-se que havia no cortejo meninos de doze e treze annos. Um d'estes, de gentil aspecto, voltando-se risonho para uma mulher, que chorava piedosamente dizia-lhe entre outras cousas: «Faço isto pelos peccados dos outros não pelos meus».

No *Sabbado Santo*, Montaigne viu na

egreja de S. João de Latrão as cabeças dos apostolos Pedro e Paulo, «que conservavam ainda a carneação, a côr e a barba como se fossem vivos»; e pintamos S. Pedro com o rosto um pouco alongado, o colorido vermelho da face quasi sanguineo, uma barba parda, fendida, e a cabeça coberta por uma mitra papal; e S. Paulo escuro, com a face larga e gorda, a cabeça mais grossa, a barba parda e espessa.

* * *

Duzentos annos depois, Wolfgang Goethe estudou e observou com grande imparcialidade as ceremonias da *Semana Santa* e da Paschoa romana, para tirar d'ellas esta conclusão:

«Nada produziu sobre mim um verdadeiro effeito, nada me empolgou; mas admirei tudo e pôde-se dizer que nas ceremonias são perfeitamente postas em pratica as tradições christãs. Nas solemnidades pontificias tudo aquillo que habitualmente parece pouco festivo no culto catholico, se realisa aqui com gosto superior e uma perfeita dignidade. Isto, de resto, não se pode dar se não ali onde, ha seculos, se tem á disposição, todas as artes reunidas.»

Um novo invento de Edison

O celebre inventor norte-americano Edison resolveu o anno passado o problema dos accumuladores. Escusado é dizer que o seu invento está destinado a fazer uma completa revolução na industria.

Pelo que se afirma, um accumulador poderá mover de Londres a Southampton um carro pesando uma tonelada, n'um espaço de tempo tres vezes menor do que aquelle em que o fazia uma parella de cavallos. Estes accumuladores durarão quatro annos, pelo menos. O modo de carregar é simpliíssimo, podendo-se comparar á introdução do ar n'uma camara pneumatica: munido d'uma bomba, o conductor, no meio do caminho, podel-os-ha carregar ligando-os ao fio electrico mais proximo e em poucos segundos ficará prompto a seguir viagem.

Calcula-se que o numero total de telephones que ha no mundo é de 9.500.000, dos quaes 7.000.000 pertencem aos Estados Unidos e 2.500.000 aos paizes europeus.

mente d
d'uns tan
ro e que
nheiro a
já resolv
racional
O prin
noticia
e chama
nascido
em marc
um appa
As memo
dido de
na voad
parativan

Caricatura
r
absoluta
va ter in
dor na aq
de cruzar
E, com

cabecas
o, «que
a cor e
»; e pin-
m pouco
da face
rda, fen-
or uma
, com a
ais gros-

ang Goe-
grande
a Semana
ara tirar

um ver-
gou; mas
que nas
ostas em
Nas so-
lillo que
stivo no
qui com
dignida-
dar sem
á dis-
s.»

lison

americano
o o pro-
cusado é
estinado
o na in-

mulador
outham-
onclada,
ezes me-
azia uma
mulado-
menos,
eissimo,
ecção do
munido
o meio
ar ligan-
oximo e
ompto a

total de
o é de
rtencem
aos pai-

ANTES DO AEROPLANO

Voando com a imaginação

N'



este artigo não vamos descrever os diversos modelos de machinas voadoras, rigorosamente scientificas, ideadas por Langley, Graham Bell, os irmãos Wright e outros famosos inventores, que conduziram o aeroplano ao seu estado de perfeição actual. Occupar-nos-hemos só-

mente das extravagancias mechanicas d'uns tantos enamorados do mytho d'Icaro e que consagraram o tempo e o dinheiro ao magno problema da aviação, já resolvido, como é sabido, d'um modo racional e scientifico.

O primeiro dos *icarophilos* de que ha noticia floresceu na America do norte e chamava-se Reuben Spalding. Tendo nascido em Roseto (Estado do Colorado) em março de 1889 obteve patente para um apparelho voador da sua invenção. As *memorias* que acompanhavam o pedido de Reuben falavam d'uma machina voadora em extremo simples, comparativamente barata, de facil manejo e

possuía azas e cauda copiadas fielmente das da aguiá. As pennas podiam ser feitas de qualquer material, segundo a po-



O projecto de Reuben Spalding

sicção social do afeccionado ao vôo: de seda para os ricos *sportsmen*, de tela para os mesocratas, de couro para os amadores de fraca elegancia. N'esta machina tanto as azas como a cauda saíriam d'uma couraça bem adaptavel ao corpo. Uma vareta d'aço que partindo das costas terminava na cabeça mantinha o dorso dos aeronautas em posição rigida.

O movimento alternado das azas effectuava-se com o auxilio d'uma mola semelhante ás que se usam nos apparelhos Sandow. Indubitavelmente, as mãos do aeronauta não poderiam folgar muito, porque tambem seriam empregadas em imprimir direcção ao vôo, pondo em jogo outras molas incumbidas de dar movimento ao appendice caudal.

Naturalmente, a extrema complicação do mecanismo podia determinar desagradaveis consequencias e em especial tratando-se de aprendizes de Icaro, e Reuben Spalding completou o seu apparelho voador com um globo ovoide dotado da força necessaria para sustentar o peso do aeronauta. Mas como esse globo ia unido ao corpo do aeronauta por umas tantas cordas presas aos joelhos e ás costas, escusado é dizer que assim ficava mais diminuido o já escasso funcionamento muscular.



Caricatura de Wilbur Wright, muito vulgarizada nos Estados Unidos

absoluta efficacia». O inventor confessava ter inspirado o seu mecanismo voador na aguiá, esse velho mestre na arte de cruzar o espaço.

E, com effeito, a machina em questão

E aqui está a razão por que Reuben Spalding aconselhava aos aeronautas que quando quizessem atravessar abysmos ou fazer travessias entre dois pontos elevados a respeitavel altura, substituissem o globo ovoide por um cabo d'aço e seu correspondente *trolley*, ou seja



O projecto de Quinby

por um recurso parecido com o que se emprega no carro aereo de mineraes.

O inventor, desconfiando do arrojo dos seus compatriotas e não querendo que a sua assombrosa descoberta das azas e da cauda mechanicas passasse ao montão das cousas inuteis, recommendava a adopção das mesmas como elemento propulsor de trenós e qualquer outro meio de transporte. Segundo Reuben, só não serviam para a tracção ferroviaria e para a navegação maritima. Outra vantagem, ainda não adoptada pelas aguias e utilizada pelo famoso inventor, consistia em duas presilhas de couro no peito da couraça, destinadas a servir de descanso ás mãos do aeronauta, quando este quizesse mover-se no espaço á mercê da brisa.

Decorreram alguns annos, durante os quaes a machina de Reuben Spalding teve tempo de sobejo para o seu descredito e surgiu o invento de Watson Quinby, de Delaware, que em 1870 já tinha pedido privilegio de invenção para uma machina voadora sem cauda. Watson dotava o seu apparelho de azas parecidas com as do morcego, despoçando-o d'um appendice, que a julgar pela faculdade do voo do curiosissimo chiroptero, não é absolutamente necessario para fender os ares. O apparelho constava de azas dorsaes e lateraes, dispostas em fórma semi-circular e d'uns

quatro metros de diametro. Carecia de molas, funcionando somente por virtude do esforço muscular do aeronauta.

Mas, como na machina voadora de Reuben Spalding, era tal a complicação de cordas, tirantes, polés e varetas, que só com vinte mãos o aeronauta poderia manejar o curioso artefacto. No entanto, as instrucções que Quinby dava sobre o seu invento eram tão simples que só um estúpido deixaria de voar á primeira experiencia. Para isso, bastava levantar com certa ligeireza um pé e estender ambos os braços para cima e para deante como na acção de nadar, o que determinava a abertura total das azas. Em seguida, com um movimento do joelho, entravam em acção as cordas depressoras das azas e o aeronauta nada mais tinha que fazer senão continuar a sua jornada atravez dos ares «com a mesma commodidade e tão naturalmente, dizia o inventor, como o nadador se move entre as ondas tranquillas d'um lago.»

Comtudo, essa cousa de nadar, ainda que seja n'um lago, acaba por ser fadigante se se prolonga mais do que permitem as forças humanas. Compreendendo-o assim, Quinby queria retardar o momento da fadiga o mais possivel; e, para esse effeito, construiu a



Beeson no seu «trapezio dirigivel»

machina com um peso maximo de seis ou sete kilos. Além d'isso, o apparelho era manejavel em extremo; podia dobrar-se como um guarda-chuva e ser conduzido n'um sacco de lona ás costas, á guisa de mochila. Quando o aeronauta se cançava de andar, desenfunava

o appare
kilometr

Ter-se
china d
o voo e
ca musc
desgraça
pessoas

forço p
tanto u
a disfru
talizando

Em 18
registou
dora m
quasi se
china d
acrescid
pezoide.
pendia u
lar o a
caudal p
consistia
do voo,
apparelh
apparelh
para a s
como nã
lar cous
daste, cl
offerecia
de vista
ta no ar,
realisand
das aves
tura».
Esse v
necessida
co e tão
de como
considera
podemos

Carecia de
por vir-
aeronauta.
adora de
plicação
retas, que
a poderia
entanto,
ava sobre
es que só
a primei-
ava levam-
e esten-
ma e para
ar, o que
das azas.
to do joe-
cordas de-
auta nada
continuar
es «com a
aturalmen-
o nadador
illas d'um

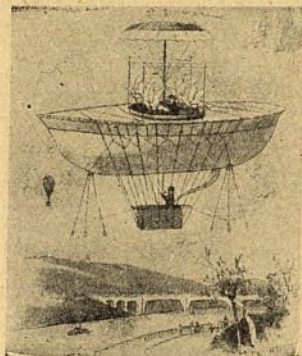
dar, ainda
r ser fati-
que per-
comprehen-
a retardar
ais possi-
nstruiu a

gível»

mo de seis
apparelho
podia do-
uava e se-
na às cos-
do o aéro-
esenfunava

o aparelho e... zás, voava uns tantos
kilometros.

Ter-se-ha observado que tanto na ma-
china de Spalding como na de Quinby
o vôo effectuava-se com o auxilio da for-
ça muscular do aeronauta. E como, por
desgraça, é consideravel o numero de
pessoas a quem horrorisa qualquer es-



O invento Wulff

forço physico, não é de estranhar que
tanto uma como outra não chegassem
a disfructar o favor das gentes, immor-
talisando o nome dos auctores.

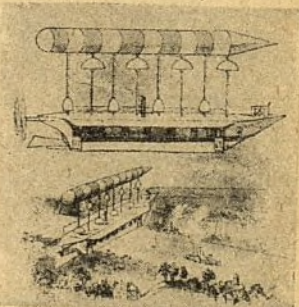
Em 1888, o sr. Beeson, de Montana,
registou uma patente de machina voa-
dora movivel sem *esforço muscular* e
quasi sem necessidade de motor. A ma-
china tinha a fôrma d'um cogumello
aerescido d'um appendice caudal tra-
pezóide. Da parte inferior do cogumello
pendia um trapezio destinado a susten-
tar o aeronauta, unido ao appendice
caudal por uma alavanca cuja missão
consistia em corrigir qualquer desvio
do vôo, prejudicial á estabilidade do
apparelho. O unico inconveniente do
apparelho Beeson residia em necessitar
para a sua elevação d'um guindaste. E
como não é muito commodo transpor-
tar cousa tão volumosa como um gui-
naste, claro é que a machina de Beeson
offerecia poucas vantagens sob o ponto
de vista pratico. Comtudo, uma vez sol-
ta no ar, comportava-se admiravelmente
realisando evoluções semelhantes ás
das aves e elevando-se a qualquer al-
tura.

Esse vôo sem esforço e ainda sem
necessidade de motor era tão economi-
co e tão satisfactorio que mal se conce-
be como o seu inventor não seja hoje
considerado o rei da aviação. Todavia
podemos ainda registar alguma cousa

de superior á machina Beeson no ter-
reno economico, e é o aparelho ideado
em 1887 por Wulff, de Paris.

Este aviador, ao registar o seu inven-
to, manifestava na competente memoria
explicativa o haver descoberto «o modo
de prescindir por completo de motores
electricos ou mechanicos para dar di-
recção aos globos». Wulff resolvia a
difficuldade empregando propulsores ala-
dos viventes, como por exemplo aguias,
abutres, condores, etc. A for a ascen-
sional, a unica necessaria n'este appa-
relho, obtinha-se por meio d'um rece-
ptaculo cylindrico cheio de gaz, sobre
o qual estava montado um taboleiro
giratorio, dominado, por sua vez, por
um pára-quedas automatico, cujo fun-
cionamento começava mal principiava a
descensão. As aguias, os abutres e os
condores iam presos no taboleiro. Uma
barquinha pendente do deposito de gaz
dava alojamento ao piloto e aos passa-
geiros.

Logo que o capitão da originalissima
aeronave estava disposto para a viagem,
transmittia por um tubo acustico as
suas ordens ao machinista, que aguilhoa-
va amigavelmente as aguias, os abutres e
os condores, obrigando-os a vôar. A
direcção do vôo tambem era regulada
pelo machinista, que fazia rodar o tabo-



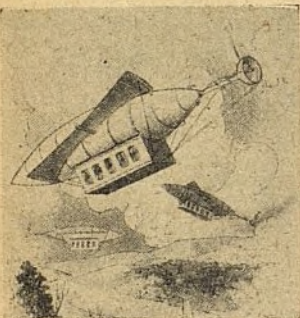
O dirigível Heintz

leiro no sentido desejado. Para as pa-
ragens, o mesmo machinista lançava
uma rede sobre as aves propulsores e
paralysava-lhes os movimentos.

E a cousa parecia tão viavel a muita
gente que o escultor francez Lorin
propoz a Wulff o effectuar um vôo do
alto da torre Eiffel, utilizando duas
aguias que o artista pensava educar
sufficientemente para as fazer vôar em
qualquer direcção.

Em 1897 appareceu outra aeronave

inventada por Henry Heintz, de South Dakota. Enquanto os francezes Wulff e Lorin se davam por satisfeitos com um modesto aparelho movido á força de azas alheias, Heintz apresentava á admiração dos seus contemporaneos um verdadeiro vagon Pullman com portas e janellas, *cabine* para o piloto e projector electrico. No vagon podiam ser



O invento de Balty

alojados uma duzia de individuos, as mercadorias, as machinas motoras, etc. A fim de que os aeronautas não tivessem necessidade de pôr o pé em terra para irem pernoitar a um hotel, a previsão do inventor havia dotado o mesmo vagon de varios leitos em nada inferiores aos d'um luxuosissimo *yacht* de recreio. O vagon estava ligado a um globo fusiforme. Mas a novidade mais saliente da aeronave de Heintz consistia nos *para-quedas compensadores*, que se fechavam ou abriam por meio de connexões mechanicas com o motor principal. Da propulsão e da direcção estavam incumbidas varias helices horizontaes e verticaes.

Temos ainda a *machina aerea de grande velocidade* inventada por Sumter Balty, de Nova York, em julho de 1893. Estando destinada, segundo a phrase do seu auctor, a atravessar os ares «com o impeto d'um projectil» claro é que os materiaes da sua construcção deviam ser cousa mais solida do que a seda. Era um enorme globo de aluminio, de forma analoga a um torpedo, a cuja parte inferior estava ligada uma *cabine* do mesmo metal destinada ao passageiro e á carga.

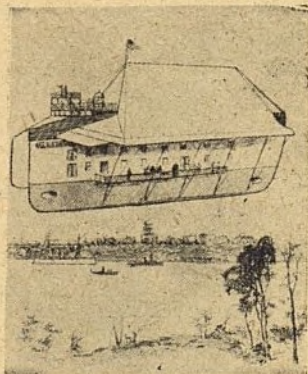
Da extremidade posterior do aparelho saia uma vara d'aço terminada por um tubo de larga abertura, e que era um verdadeiro deposito de substancias explosivas. Por uma série de successivas explosões provocadas pelo aéro-

nauta, o aparelho movia-se com a força d'um projectil de artilharia. Os movimentos ascensionaes eram obtidos por meio d'azas horizontaes situadas lateralmente.

Edwin Pynchon, de Chicago, foi o auctor da primeira aeronave amphi-bia, registada oficialmente em Washington em 14 de novembro de 1893. Tinha um magnifico casco, varias cobertas, grandes salões de musica, vastos camarotes, etc. Além d'isso dispunha da respectiva chaminé e dos seus compartimentos-estanques. Nos flancos ostentava dois aeroplanos, semelhantes a duas grandes azas presas á quilha por meio de cabos.

A machina de Pynchon era, pois, applicavel aos tres elementos: ar, agua e terra. Se os passageiros, por exemplo, comessem a experimentar os efeitos do enjôo, o aparelho voava, saindo magestosamente da superficie do oceano para o azul da atmospheria. A propulsão tambem era obtida, como no invento anterior, por meio d'uma série de explosões. Mas deixemos este aparelho, demasiado complicado para que nos detenhemos a gastar com elle muito espaço, e vejamos agora o *hotel fluctuante aereo* de Edward Johnston, que appareceu ha cinco annos no Estado do Colorado.

Este monstro nada tinha de commum



O projecto de Pynchon

com a nave aquatica, a aguia, o *montgolfier* ou outro qualquer aparelho. A sua machina era um mixto de omnibus e de hotel de verão, onde podiam viajar centenaes de pessoas. Na cobertura da magna estrutura havia tres receptaculos fusiformes de gaz incumbidos de manter no ar tão portentosa construcção. Para conservar a horizontalidade perfeita, extravasava-se o gaz com o auxilio d'uma bomba e restabelecia-se o equilibrio.

a força
ovimen-
or meio
almente.
foi o au-
mphibia,
shington
inha um
s, gran-
marotes,
spectiva
mentos-
va dois
grandes
e cabos.
is, appli-
agua e
exemplo,
efeitos
saindo
o oceano
propul-
o inven-
série de
parelho,
e nos de-
uito es-
fluctuante
appareceu
colorado.
commum

o mongol-
no. A sua
nnibus e
m viajar
oberta da
eptáculos
e manter
ção. Para
perfeita,
ito d'uma
ilíbrio.

A MALICIA FEMININA

A scena passa-se no castello de Urso-
thes, em França, por occasião d'um
grande jantar que ali foi dado o anno
passado:

Como á meza se encontrassem mais

—Consentem uma observação? Trata-se
d'uma ligeira incorrecção na *toilette* d'um
dos presentes: aquelle de entre todos que
se pôde considerar o mais bello e o mais
elegante, esqueceu-se de pôr a gravata...



A mulher é «coquette» e vaidosa...

homens que mulheres, a conversa to-
mou um rumo malicioso contra estas
e versou-se este assumpto momentoso:
«A mulher é realmente vaidosa?» Ma-
dame X, uma das senhoras presentes, con-
statando a unanimidade das opiniões
masculinas (todos os homens afirmando
que a mulher é *coquette* e vaidosa) disse:

Ouvindo estas palavras, todos os ho-
mens que assistiam ao banquete leva-
ram instinctivamente a mão ao pescoço
n'um movimento de conjuncto d'uma
precisão militar.

—E agora? —concluiu madame X.—
ainda affirmarão que a mulher é vai-
dosa?



VIERLING & C.^A L.^A

44, RUA DO ARSENAL, 46

1, ESQUINA DO PELOURINHO, 3

LISBOA

Endereço telegraphico : STERLING—Lisboa

LOTERIAS

Satisfaz com a maxima promptidão todos os pedidos de loterías que venham acompanhados das suas respectivas importancias.

Compra e vende inscrições e obrigações do Estado, acções de bancos, acções e obrigações de companhias e fundos hespanhoes.

Cambio e papeis de credito

Esta casa compra e vende sempre pelos melhores preços do mercado: todas as moedas nacionaes e estrangeiras em ouro, prata e cobre;

todas as notas dos bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha, Italia, Austria,

Hollanda, Suecia, Noruega, Belgica, Suissa, Estados Unidos da America do Norte, Brazil, Republica Argentina, Africa do Sul, etc.

Sacca sobre todas as principaes praças de Hespanha e mesmo sobre muitas povoações pequenas.

Compra saques sobre o estrangeiro.

Desconta todos os juros nacionaes e estrangeiros vencidos e a vencer.

Sacca e desconta letras sobre o Porto, Coimbra e diversas terras do paiz.

das a
ciente
nhecir
gar ac
Na s
dem i

que p
Prové
ção an
ropa C
dam a
ta-se
zar d'
parten
nascen
que a
minho
sobre
poucos
caminh

A intelligencia das aves

A



palavra *instincto*, demasiadamente commoda, não basta para explicar muitos actos da ave e, em geral, de todos os animaes superiores, que revelam, evidentemente, intelligencia. Um medico allemão, o dr. J. Gauner, apesar de ser um caçador apaixonado, estudou a fundo a vida das aves e das suas demoradas e pacientes observações colheu muitos conhecimentos, que é interessante divulgar aos leitores d'este almanach.

Na sua opinião, accões ha que dependem realmente do instincto e accões

mo se possuíssem uma longa experiencia. Passa o inverno, vem a primavera. Apesar de os paizes, que lhes deram hospedagem hibernal, ainda estarem em condições favoraveis á sua permanencia, as aves emprehendem de novo a fatigante jornada. D'esta vez os machos precedem as femeas, como se fossem preparar o alojamento. O facto de as aves engaioladas sentirem e demonstrarem vivamente o desejo da migração é uma prova evidente de que se trata do instincto. Os passarinhos estão em apertos quentes, bem alimentados, e apesar d'isto, emquanto dura o periodo da migração dos seus companheiros, mostram-se inquietos dia e noite, batem



que procedem da vontade individual. Provém do instincto a grande migração annual das aves. Abandonam a Europa Central n'uma época em que abundam ainda os pastos. O tempo apresenta-se bonançoso e ainda quente e apesar d'isso as aves partem para o sul; e partem primeiro as mais novas, as que nasceram durante esse anno, ao passo que as mais velhas só se põem a caminho mais tarde. Sem hesitação, por sobre montes e mares, as avesinhas de poucos mezes de vida encontram o seu caminho e chegam ao seu destino co-

com as azas e com a cauda de encontro ás paredes da sua prisão e tornam-se fracos e magros.

A reproducção é um instincto e uma necessidade da natureza para todas as classes de animaes, á qual nem os machos nem as femeas se podem subtrahir. Tambem o cuidado pela prole é um impulso natural. Porém na escolha do logar para o ninho e na sua propria construcção manifestam-se, além do instincto, a experiencia e a habilidade individual.

Muitas vezes vê-se um casal de pas-

saros abandonar um ninho já meio feito para começar outro n'um sítio diferente. Evidentemente este casal descobriu que o sítio que escolhera não era bom. As fêmeas mais velhas constroem ninhos melhores, mais solidos, com materiais mais adequados, ao passo que as principiantes os edificam mediocrementemente. Póde muito bem fazer-se esta observação com os canários que vivem em grandes gaiolas.

E' também o instinto que rege a escolha e a quantidade de alimento, que os paes fornecem aos recém-nascidos; nunca succede que os passarinhos adoeçam no ninho por falta ou por excesso de sustento. O instinto e a intelligencia combinados guiam os mais velhos na educação. Quando os passarinhos atingem um certo desenvolvimento e se preparam a abandonar o ninho, os paes acompanham-nos, vigiam-nos e não os



abandonam ao seu destino, senão depois de os ter, por assim dizer, educados para a vida. Dão com isto prova de um cuidado e de uma attenção extrema, vigiam inquietamente os inimigos e os perigos, e ensinam aos filhos como se devem defender ou fugir, quando as circumstancias o exijam. Os caçadores vêem muitas vezes certas aves collocar-se diante d'elles, saltitando; são pequenos heroes que chamam por esse meio a attenção para si a fim de darem aos filhos tempo de se pôrem a salvo.

Outra prova da intelligencia dos passaros é o poderem elles aproveitar-se da experiencia adquirida. O passaro que os paes abandonam a si proprio, depois de o terem educado, deve adquirir sózinho as noções da experiencia e tirar d'ellas as necessarias deducções logicas; é sobretudo nas aves migradoras que se póde avaliar como este trabalho intellectual é feito com rapidez e desembaraço.

Quando chegam dos paizes longinquos, as aves não conhecem ainda o homem

ávido de presa e de morte, nem sabem o que são as terriveis armas de fogo, e nos primeiros dias expõem-se aos laços e ás espingardas estouvadamente. Mas aprendem depressa, observando o triste fim dos seus companheiros, o que significam aquelles engenhos, e então evitam o homem, o inimigo mortal. Algumas especies de aves, em geral todas aquellas que vivem na vizinhança das habitações humanas, manifestam muita astucia e previdencia. Outras, pelo contrario, parecem quasi incapazes de tirar algum fructo da experiencia.

Entre as aves mais intelligentes e mais avisadas, podemos contar o corvo, que aprende a avaliar exactamente o alcance da espingarda, e a distinguir bem a propria espingarda de maneira que, se o homem se aproxima com um pau na mão, o corvo fica tranquillamente onde está, mas se elle traz uma espingarda levanta vôo apenas calcula estar ao alcance do tiro. Os corvos sabem até tirar proveito da experiencia, seguindo os caçadores a pequena distancia, para se apoderarem de qualquer lebre ferida que ficou abandonada no matto.

As aves dão também um bello exemplo de solidariedade quando algum perigo as ameaça; parecem ter organizado entre si uma verdadeira sociedade de socorros mutuos. Quando uma ave avista um perigo, real ou supposto, não guarda para si esta descoberta, mas communica-a aos seus companheiros por meio de repetidos gritos de alarme. Muitas vezes um susto inesperado excita a tal ponto estas aves, que ficam a gritar e a chamar durante muito tempo, mesmo depois de ter cessado o perigo.

Cada passaro, ouvindo o aviso, não se preoccupa só de si, como também da salvação de todos os outros. Os passaros de todas as especies e até os outros animais aprendem depressa a reconhecer estes gritos de alarme particulares; e ás vezes, em poucos instantes, toda a matta fica sabendo que um perigo ameaça os seus habitantes e que ha qualquer cousa de suspeito.

Nos socorros medicos, também as aves dão provas de intelligencia e reflexão. Citam-se casos de corujas cobrirem as feridas com musgo e os piscoes depois de terem examinado attentamente a pernilta quebrada, a cortarem com o bico acima da ferida.

Dão bellos exemplos de intelligencia, a quem as observar com attenção, as aves engaioladas. Quando lhes falta a

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

FUNDADA EM 1875

Séde: Rua d'El-Rei, 109 — LISBOA

Capital realizado . . 2.000:000\$000 réis

Fundo de reserva . . 222:379\$801 „

Correspondentes em todas as localidades do paiz e
ilhas e nas principaes praças estrangeiras, so-
bre as quaes toma e fornece saques, dá ordens
telegraphicas e cartas de credito. Recebe depo-
sitos á ordem e a praso fixo, abre creditos em
conta corrente e effectua todas as operações
de BANCO.

AGENTE NO PORTO

Manuel Pereira Penna & C.^a

Praça Carlos Alberto, 128

TELEPHONE N.º 159



PROBLEMAS E PASSATEMPOS



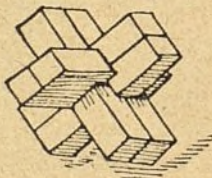
OS MAIS CURIOSOS REMONTAM A ANTIGUIDADE CLASSICA



historia completa dos chamados problemas e passatempos de salão ainda está por fazer e não será, decerto, este almanach que a faça. No entanto é lícito citar rapidamente os mais curiosos, porque essa citação provavelmente evocará gratas lembranças no espírito dos nossos leitores.

Todo o problema bem architectado repousa sobre uma base mathematica. Comtudo a maioria d'elles está ao alcance mesmo d'aquelles que tem fracos conhecimentos das sciencias exactas.

Os primeiros problemas parece que foram inventados pelos chinezes 2:000 annos antes da era christã. Exemplo: o velho entretenimento da cruz chinesa, cujas seis peças que o compõem estão cortadas de maneira especial, e o do triangulo exposto por Pappus da Alexandria do seguinte modo: "Uma menina tomou



O velho entretenimento da cruz chinesa



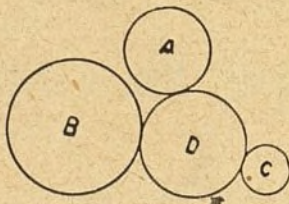
O problema do triangulo

um menino de brinquedos pediu-lhe que lhe indicasse na outra folha de cartão o mesmo ponto A para fazer identica suspensão.

Escusado é dizer que a solução consiste, não em achar esse ponto por ten-

tativas, mas resolvendo um simples problema de geometria plana.

Outro problema geometrico, o de Apollonius (200 annos antes de Christo) consistia em descrever um circulo D tangente a outros tres circulos dados, A,



Problema de Apollonius (200 annos antes de Christo)

B e C. Foi resolvido por Vieta no seculo XVI e mais tarde por Isaac Newton. Registamol-o apenas para mostrar que um bom entretenimento nunca envelhece.

O problema das medidas data de 1539 e

foi inventado por Niccola Fontana o Tartaglia ou o Tartamudo.

"Tres ladrões roubaram uma garrafa contendo 24 onças de balsamo e deviam reparti-lo em partes eguaes: mas contavam apenas com tres recipientes de 13, de 11 e de 5 onças. Como fizeram, afinal essa divisão?"

Dos chinezes tambem possuímos um brinquedo muito vulgarizado, os *anneis fatigantes*, que na Noruega foi durante muito tempo usado como cadeado. Regista-se ainda outro problema que gosou de justificada fama:

"Um homem dispõe de quatro pesos diversos que o habilitam a pesar qualquer quantidade de kilos entre 1 e 40. Todos esses pesos se podem collocar n'um dos pratos da balança. De quanto são os pesos?"

A este problema, revelado inicialmente por Claude Bachet em 1638 pode juntar-se est'outro do mesmo auctor:

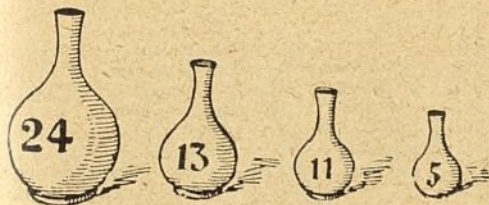
"Um proprietario possuía uma adega com oito compartimentos, contendo 60 garrafas de vinho distribuidas pelo modo indicado na gravura. A sua criada, que não era muito honesta, subtrahiu-lhe 4 garrafas e distribuiu novamente as restantes. O proprietario notou que as garrafas tinham sido removidas, mas como observasse que de cada lado continuava a haver 21 garrafas, innocentemente

meiro
fas e
sem
mais
cada
tantes
trica
adega
deu
n'essa
vezes
der
16 gar
realm
tou?"
Ha
vinto
appar
blico
bra-ca
nhec
Proble
se ve
linha
que
probl
se e

mente chegou á conclusão de que as 60 garrafas ainda se encontravam todas na adega.

«A criada, entusiasmada com o pri-

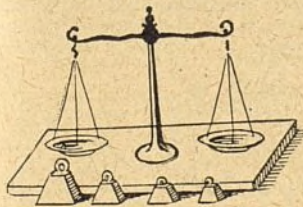
a locomotiva evolucionar e era absolutamente necessario que ella entrasse successivamente nos dois desvios e conduzisse successivamente tambem os



Problema das medidas

meiro exito, subtrahiu outras 4 garrafas e distribuiu novamente as restantes sem ser descoberta. Repetiu o facto mais duas vezes, tendo o cuidado em cada uma d'ellas de distribuir as restantes garrafas por uma fôrma symetrica e de maneira que de cada lado da adega houvesse sempre 24. Como procedeu a gatuna n'essas quatro vezes para poder furtar as 46 garrafas que realmente furtou?»

Ha cerca de vinte annos appareceu a publico um quebra-cabeças conhecido pelo Problema do caminho de ferro e que se vendia como brinquedo. Sobre uma linha ferrea principal havia dois desvios que conduziã ao mesmo ponto A; o problema consistia em demonstrar como se empregava a locomotiva para que



O problema de Bachet sobre os pesos

os dois carros ou os dois vagons mudassem de posição, tendo presente que no ponto A não havia espaço para

6	9	6
9		9
6	9	6

Outro problema de Bachet: «A adega»

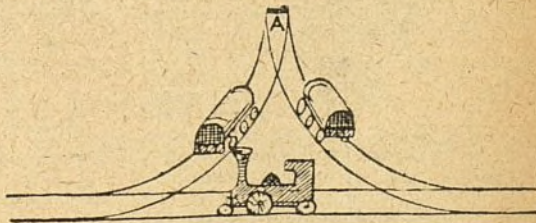
dois vagons á linha ferrea principal

Outro entretenimento paradoxal (a maneira de ganhar um quadro, cortando um quadrado) surprehe e engana muita gente. O quadrado A que está dividido em 64 pequenos quadros, é cortado em quatro pedaços pelas linhas mais grossas. Os mesmos quatro peda-

ços collocados pela fôrma indicada na figura B conterão fatalmente 65 quadros em vez dos 64 da figura A.

Outra solução moderna do mesmo problema: se cortarmos (pelas li-

nhas grossas) o quadrado C que contém 25 quadros e reunirmos depois os quatro pedaços de modo a formarmos o rectângulo D, observaremos que em vez de ganhar um quadro como na solução anterior, perdemos um e que não é fácil

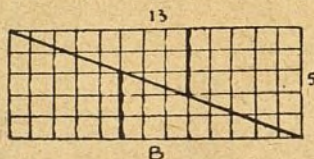
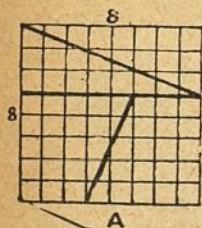


O problema do caminho de ferro

explicar para onde esse quadro se sumiu.

O problema Mitra data de 1835. Con-

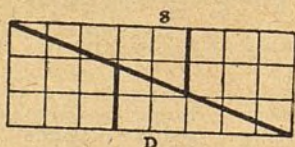
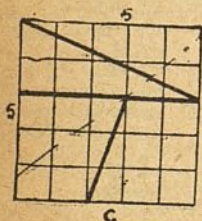
siste em cortar um pedaço de papel da fôrma indicada na gravura, em quatro partes todas do mesmo tamanho e de fôrma idêntica. Outro problema conhecido é o de origem hindú que



A maneira de ganhar um quadro, cortando um quadrado

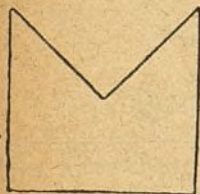
consiste em cortar uma cruz grega em pedaços que depois de agrupados formem um quadrado. Este problema também tem uma variante mais moderna com a cruz cortada em cinco pedaços em vez de quatro. Mas a primeira é, incontestavelmente, a melhor.

Ainda outro passatempo; se se abrir em duas a extremidade d'um phosphoro de madeira, reduzir a espessura d'outro phosphoro e unir-se ambos por meio d'um terceiro, poderemos mantel-os na posição indicada na figura X. Collocando-se três phosphoros ou



Como se perde um quadro, cortando um quadrado

pedacitos de madeira pela fôrma indicada na figura XX com a extremidade exterior descansando em tres copos ou outros objectos apropriados, podemos fazel-os supportar no meio um objecto sensivelmente pesado. Este passatempo já era conhecido em 1674.

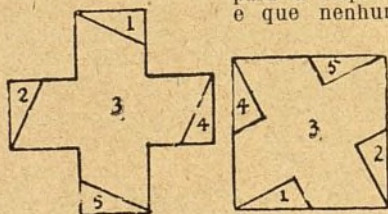


O problema «Mitra»

O primeiro problema consiste em com oito fichas collocadas uma ao lado da

outra, n'uma fila alternadamente branca e negra, fazer, em quatro jogadas, movendo duas fichas contiguas de cada vez, com que todas ellas fiquem novamente n'uma fila não interrompida, mas as negras a um lado e as brancas a outro. Não é permitido inverter a ordem do par de fichas, mudal-as para uma nova posição ou arranjar as da fila principal no intervalo d'uma jogada.

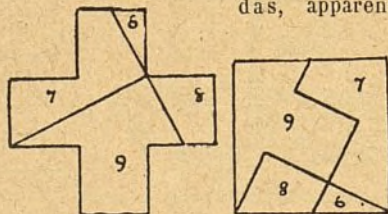
O inventor do salto do sapo não é conhecido. Collocam-se quatro fichas negras e tres brancas n'uma fila. O problema consiste em mudar de sitio as côres, attendendo, porém, que as negras só se podem mudar para a direita e as brancas para a esquerda e que nenhuma



Problema hindú, dos cinco pedaços

pode saltar sobre outra de côr diferente no caso do quadrado estar vago.

Posto isto, podemos concluir estes desataviados apontamentos sobre a historia dos problemas e passatempos de mais nomeada universal, registando o facto de todos elles haverem preocupado gerações successivas e terem constituido e constituirem ainda, não só uma diversão da mocidade, como o entretenimento de muitas creaturas sisudas, apparente-

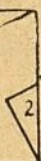


Solução moderna, apenas com quatro pedaços

mente incapazes de concentrarem a sua attenção n'um assumpto, cuja futilidade

bran-
gadas,
e cada
nova-
a, mas
a ou-
rdem
idal-as
ou ar-
no in-

o sapo
cam-se
e tres
proble-
de si-
o, po-
se po-
rancas
querda
nhuma

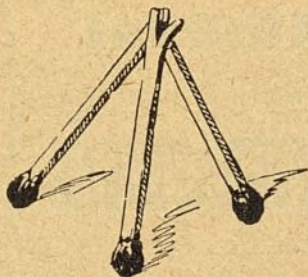


fferen-
o estar

con-
apon-
ria dos
pos de
al, re-
dos el-
do ge-
terem
uirem
moci-
nuitas
sisu-
rente-

outras creaturas não menos sisudas proclamam sem hesitação.

E esse facto é tanto mais notavel quanto é certo que vivemos hoje n'uma



O entretenimento dos phosphoros (Fig. X)

epoca de indiscutível utilidade pratica e em que o utilitarismo sobreleva a quaesquer sentimentos humanos por mais dignos que sejam e mais recom-mendaveis se nos apresentem.

No emtanto, como o diver-tir não raro é condição essencial da vida tranqui-la e livre de pezares, não admira que os problemas e passatempos acima enunciados tenham servido a muitos dos nossos similitantes de dis-tracção espirital, de variante impres-cindível á mono-tonia da existen-cia. E servirão de-certo por largos annos, a avaliar pela enorme quan-tidade de proble-mas que todos os annos võem a luz da publicidade, e pela necessidade sempre

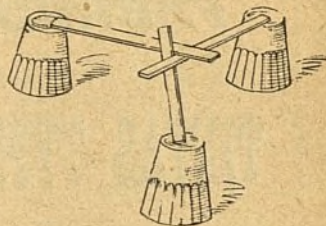


«O salto do sapo»



As «fichas» de Tait

constante de fazer convergir a nossa acti-vidade para a solução ou a busca do des-conhecido, pela attracção da nossa curio-sidade para tudo que é difficil explicar. Foram essa necessidade e essa attrac-



Problema já conhecido em 1674 (Fig. XX)

ção que n'outras eras levaram os portu-guezes a pontos bem distantes do globo, ás descobertas que os immortalisaram. Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e tantos outros foram guiados nas suas

façanhas por esse estímulo que cria he-roes e os lan-ça na historia dos gran-des feitos. A actualidade não permitiria talvez a reproducção integral d'esses arrojados quasi sobre-humanos. Mas dá ainda o ensejo, e porque o nosso feito aventureiro não soffreu sensível modificação, para que o mais intrin-cado dos labyrin-thos não constitua obstaculo insupe-ravel ao nosso de-sejo fremente de saber, de prescrutar, á ambição dominadora de tudo inquirir.

A tina do presidente Taft

E' a maior que se conhece. N'ella, como a gravura indica, tomam á von-tade um banho quatro homens de estatura regular.

A corpulencia do actual presidente da republica dos Estados Unidos é o exemplo mais frisante do que pódem e do que valem os exercicios corporaes. Foi, praticando-os, que o sr. Taft conseguiu ser de taes dimensões.



Ayuntamiento de Madrid

FABRICA NACIONAL

DE

TINTAS TYPO-LYTOGRAPHICAS

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

AGENTE EM PORTUGAL DE «LA PAPELERA ESPAÑOLA»

Rua da Cascalheira, 18 — Alcantara

Deposito Central

70, RUA IVENS, 70

LISBOA

**Vernizes e massas
para rolos**

REPRESENTANTE NO PORTO

GUILHERME MARTINS COELHO

Rua da Victoria, 56

D
xandre S
nado na
nandes
desapp
uma rec
sismica
locára n
bas quas
bocca d
mezes,
ciente
bibliothe
uma tra
dos Com
de Garc
publicad
em 1688
as aven
rinheiro
naufra
n'aquell
principi
e que a
saram p
serta o
annos.
blicou o
em 1719
provave
inspirad
Garcilas
a qual
gleza te
to de p
veja-se
Pedro
sobrevi
gio d'u
nhol, e
mais cr
A pequ
guiu sa
ples ba
vegetac
meiras
atorme

“Robinson Crusoe” em hespanhol

A obra ingleza teria sido inspirada n'uma narrativa de Garcilaso de la Vega?

D

urante muito tempo sup pôz-se que Daniel Defoe extrahira o enredo do seu romance *Robinson Crusoe* das aventuras authenticas do mari-
nheiro es-
cossez Ale-

xandre Selkerbo abandonado na ilha de João Fernandes (uma ilha que desapareceu durante uma recente perturbação sismica e que Defoe collocára no mar dos Carai-
bas quasi em frente da bocca do Orenoque). Ha mezes, porém, um pa-
ciente investigador de bibliothecas descobriu uma traducção ingleza dos *Commentarios Reales* de Garcilaso de la Vega publicados em Londres, em 1688, onde se narram as aventuras d'um mari-
nheiro hespanhol, que naufragou justamente n'aquellas paragens, no principio do seculo XVI e que as ondas arremes-
saram para uma ilha deserta onde viveu sete annos. Como Defoe publicou o *Robinson Crusoe* em 1719, é pois mais que provavel que se tivesse inspirado na narrativa de Garcilaso de la Vega com a qual a obra prima ingleza tem mais d'um ponto de parecença. E senão veja-se :

Pedro Serrano, o unico sobrevivente do naufragio d'um navio hespanhol, encontrou-se em condições muito mais criticas do que o seu collega inglez. A pequena ilha, sobre a qual elle conseguiu salvar-se, não era senão um simples banco de areia, sem vestigios de vegetação e sem agua. Durante as primeiras vinte e quatro horas, Serrano, atormentado pela fome e pela sede,

exhausto e sem forças, soffreu tormentos infernaes; a ponto de haver decidido afogar-se para escapar ao seu lento martyrio.

Um aguaceiro providencial proporcionou-lhe, porém, o meio de apagar a sede, e o naufrago descobriu com jubilo que ao longo da praia havia grande abundancia e variedade de molluscos, com os quaes fez lauta refeição. Na manhã seguinte, ao acordar, teve a agradável surpresa de ver uma enorme tartaruga marinha sair da agua, avan-



nou-lhe, porém, o meio de apagar a sede, e o naufrago descobriu com jubilo que ao longo da praia havia grande abundancia e variedade de molluscos, com os quaes fez lauta refeição. Na manhã seguinte, ao acordar, teve a agradável surpresa de ver uma enorme tartaruga marinha sair da agua, avan-

cando lentamente sobre a areia para ali depositar os seus ovos.

Depois de muitos esforços conseguiu virar o animal de pernas para o ar, matando-o com uma navalha, unica e preciosa reliquia do naufragio. Cortou a carne succulenta em largas fatias e pôl-as a secar ao sol; da casca serviu-se como receptaculo para a agua da chuva. As tartarugas continuaram a apparecer em grande numero; estava, pois, resolvido o problema essencial: o da alimentação.

Como era de esperar, depois de ter satisfeito as primeiras exigencias do seu estomago, Serrano começou a ter saudades dos alimentos cozidos, e os seus esforços para obter fogo provam mais uma vez que a necessidade é a mãe da invenção. O pobre naufrago tornou-se um novo Prometheu á procura de lume. Como o havia elle de obter? Sobre o arido banco de areia, que descia em lento declive para o mar, não havia sequer uma hastesinha. Serrano deitou-se, pois a nadar para o alto mar, mergulhou e sondou pacientemente o fundo cheio de algas e de sargação.

Finalmente, encontrou duas ou tres pedras, das quaes a lamina da sua navalha fez brotar uma scentelha, que não tardou a pegar fogo ás algas secas. O regostijo de Serrano, por tão inesperado exito, foi de tal ordem que, mesmo muitos annos depois do fim do seu captivo, não podia reter as lagrimas, quando se recordava d'este facto. Desde esse dia não deixou mais apagar o precioso elemento que conquistara com tantas fadigas. Construiu uma especie de lareira coberta, servindo-se das cascas das tartarugas, e com sargação secco e fragmentos diversos, trazidos pelo mar á praia, alimentava continuamente a chamma.

Depois de haver passado alguns mezes na ilha deserta, Serrano perdera toda a semelhança com um ente civilizado; completamente privado de fato, com a barba e os cabellos que lhe chegavam á cintura, a pelle queimada pelo sol, parecia um selvagem authentico; até se poderia ter tomado por um urso ou por qualquer macaco de uma especie desconhecida.

(Quem tiver lido as aventuras de Robinson Crusoe verá facilmente que o seu exilio era um paraíso terrestre, comparado com as terriveis condições nas quaes o marinheiro hespanhol passou tres annos da sua vida, testemunhando extraordinaria força de vontade.)

Um incidente inesperado pôz, porém, cobro á solidão de Pedro Serrano, que lhe custára mais a supportar do que todas as outras privações. Certa manhã, enquanto dava o seu costumado giro em volta da ilha á procura de molluscos, encontrou-se face a face com outro naufrago. Julgando-se victima de uma allucinação, Serrano fugiu espavorido, gritando e fazendo o signal da cruz, ao passo que o recém-chegado, que á principio o tomára por um selvagem, animou-se a tentar uma aproximação depois de o ouvir invocar em alta voz Deus e todos os santos. Quando cessou o mal entendido e o terror de ambas as partes, os dois abandonados abraçaram-se chorando.

Decorreram assim outros quatro annos, durante os quaes Serrano e o seu companheiro de desventura viram passar ao longe muitos navios, sem conseguirem, porém, attrahir a attenção dos navegantes com as fogueiras que acendiam na praia. Finalmente ao cabo de sete annos depois de Serrano haver chegado á pequena ilha deserta, um navio enxergou os signaes desesperados feitos pelos naufragos e enviou um pequeno bote para os recolher. Os marinheiros, porém, ao verem aquellas estranhas figuras, hesitaram em desembarcar e se os dois infelizes não tivessem ajoelhado e recitado o credo teriam sido de novo abandonados á sua infeliz sorte.

O companheiro de Serrano morreu durante a viagem de regresso, mas este, mais robusto, viveu ainda muitos annos e foi recebido na corte do imperador Carlos V, que lhe concedeu uma pensão. Voltando-lhe de novo a mania das viagens tornou a embarcar para o Novo Mundo e após varias vicissitudes foi morrer no Panamá.

OS BACILLOS DA CONSTIPAÇÃO

A constipação é uma doença aborrecida que nos accommette a todos mais de uma vez por anno, que nos atormenta a vida, ás vezes durante muitas semanas, e á qual ninguem dá em geral a devida importancia. Com effeito estamos costumados a considerar o classico resfriamento como um episodio fastidioso, mas quasi inevitavel, do inverno. A constipação não é tomada a serio pelas suas numerosas victimas. No entanto, o dr. Allen, auctor d'um artigo que temos presente, não hesita em declarar que os damnos infligidos á hu-

PARA CONVI

O system
para tira
siste em
pouca prof
se encarreg
a quem a
obter agua
quando ape



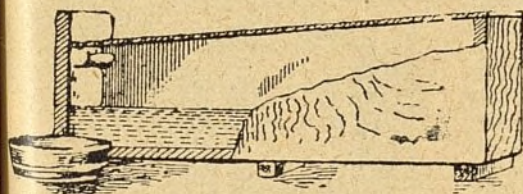
bertura d
D'este mo
pelo vidr
que se c
por effei
convertid
como se
densação
agua sol
conserva
sagem do

O Car

O con
creou un
quella s
sumo é
do, por
para a v
ção dest
porção d
tos econ
ticas al
que a
a extin
longinq
Felizi
se dese
de um r
e ferte
tal e e
gmenta
A' n
despeja
do trig

PARA CONVERTER EM AGUA DOCE A AGUA DO MAR

O systema vulgarmente empregado para tirar o sal da agua do mar consiste em pôr o liquido em tanques de pouca profundidade e deixar que o sol se encarregue de evaporar a agua. Agora a quem adopte o mesmo processo para obter agua potavel da agua do mar, tendo apenas os tanques com uma co-



bertura de vidro um pouco inclinada. D'este modo o calor do sol, ao passar pelo vidro, evapora a agua e o vapor que se condensa na cobertura resvala por effeito da inclinação e vae cahir, convertido em agua doce, n'uma tina como se vê na gravura junta. A condensação pôde sêr accelerada deitando agua sobre o vidro, porque assim conserva-se o frio sem impedir a passagem dos raios solares.

O Canadá, celeiro do mundo

O continuo augmento da população creou uma procura cada vez maior d'aquella substancia alimentar cujo consumo é mais universalmente espalhado, por ser ella a mais indispensavel para a vida, isto é, o trigo. A produção deste cereal não augmenta na proporção da população, de modo que muitos economistas já publicaram estatisticas alarmantes, tendendo a provar que a raça humana está condemnada a extinguir-se n'um futuro não muito longinquo.

Felizmente a cultura do trigo tem-se desenvolvido n'estes ultimos annos de um modo phenomenal nas enormes e fertes planicies do Canadá occidental e essa produção vae sempre augmentando.

A' medida que a emigração tem ali despejado braços robustos, a cultura do trigo tem-se tornado pouco a pouco

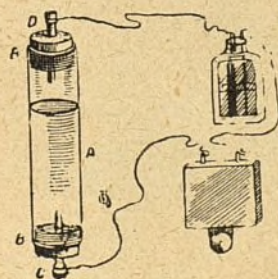
mais intensiva e aquella região promette vir a ser o celeiro do mundo, como o Egypto era antigamente o celeiro de Roma.

Quando se pensa que 25 milhões de bushels (o bushel equivale a 35,2 litros) bastam para o consumo do paiz, pôde calcular-se que enorme quantidade de trigo fica disponível para a exportação. Calcula-se que em 25 annos a área da cultura do trigo será de 6 milhões de acres (o acre equivale a 411,2 ares) e como a produção média é de 18.98 bushels por acre, isto é, superior de 50 por cento á produção média do mundo, o Canadá chegará a lançar, elle só, no mercado, uma quantidade de trigo equivalente a cerca da metade da produção total do mundo, que hoje não vae além de 312 bilhões de bushels.

A ultima colheita fez ganhar a bella somma de 25 milhões de libras esterlinas aos farmers (fazendeiros) canadenses, que mostram tendencia cada vez mais accentuada a abandonar todo e qualquer outro genero de agricultura para se dedicarem exclusivamente á cultura do trigo.

O ALARME DE INCENDIO

E' facil obtel-o no domicilio sem grande dispendio. N'um tubo de crystal A collocam-se umas rolhas B para que uma d'ellas sirva de fundo, atravessada por um pedaço de cobre C em communicação directa com uma campainha electrica.



Depois deita-se mercúrio no tubo até ficar quasi cheio, faz-se atravessar a outra rolha com um pedaço de cobre D em contacto com uma pila.

Iha, d'onde partirá outro fio para a campainha.

Montando-se tudo isto n'uma especie

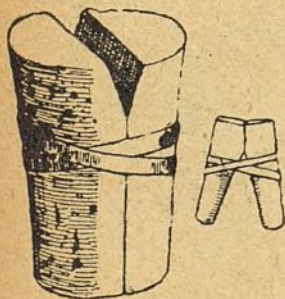
de taboleiro, collocado no ponto da casa que mais convenha, teremos um aparelho muito util e muito seguro para dar o alarme d'um incendio, porque o calor do fogo dilata o mercurio e quando este, dilatado, tocar o pedaco de cobre D estabelecer-se-ha a corrente, vibrando intensamente a campainha electrica.

Como se enterra um arabe

E' curioso registar o que os arabes praticam quando entregam qualquer cadaver á sepultura. Ao lado da cova as mulheres arrancam os cabellos e abrem as veias com agulhas, apparentando a mais viva dor e desesperação. O corpo é depositado na sepultura com o rosto voltado para o oriente. Na mão do finado colloca-se uma carta de recommendação para Mafoma, e arranja-se sobre o cadaver uma especie de abobada feita com ramos d'arvores para evitar que a terra toque o extinto. Sobre a sepultura içam uma bandeira funebre, utilizando para esta bandeira a roupa do morto. Concluida a cerimonia, voltam todos aos seus labores sem o menor signal de tristeza. Os parentes e os amigos é que de vez em quando visitam a sepultura, descobrindo parte do corpo, para vêr se o defuncto resuscitou.

PARA LAVAR PROVAS PHOTOGRAPHICAS

Trata-se d'uma especie de pinças domesticas muito uteis para prender as provas em papel durante a lavagem. E' facil arranjá-las pegando n'uma rolha ordinária de dois ou tres centimetros



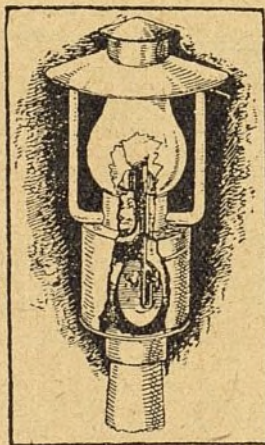
Depois com um pedaco de elastico sujeitam-se essas duas metades e está feita a

de comprimento por, approximadamente, um e meio de diametro na parte mais grossa. N'essa parte abre-se uma fenda em forma de V e corta-se toda a rolha em duas metades.

pinça. Para a abrir aperta-se com os dedos a parte da rolha talhada em V e ao solta-se as duas metades voltarão a fechar-se por effeito da pressão do elastico.

Um apagador automatico

O invento apresentado na gravura junta serve para apagar automaticamente a uma determinada hora qualquer candieiro de petroleo e é essencialmente util nas pequenas po



voações onde a iluminação é feita por esse systema. Para apagar a luz ha uma manga ou tubo estreito que deve resvalar, subindo, até á torcida do candieiro. Uma vareta vertical sustenta essa manga e por baixo termina n'uma ranhura denta-

da que se encaixa na chave d'um relógio despertador.

Ao dar a hora préviamente marcada, o machinismo do despertador funciona, a chave dá a volta e por meio dos dentes da ranhura sobe a vareta e com ella a manga que extingue a chamma.

A applicação das ondas electricas

O problema do movimento de machinas a distancia por meio de ondas electricas acaba de ser definitivamente resolvido por dois engenheiros de Nuremberg, os srs. Wirth e Beck. Estes dois sabios executaram ultimamente perante a Sociedade de Sciencias Naturaes d'aquella cidade uma longa série de experiencias, que foram coroadas do mais brilhante exito.

Serviram-se de um aparelho da sua invenção, bastante parecido com o aparelho radio-telegraphico de Marconi, que foi posto em communicação com o machinismo que se tinha de

s dedos
ao sol-
fechar-
stico.

ático

travura
camen-
qualquer
almen-
il nas
aspo
es on
illumi-
é fei-
esse
na.

a apa-
luz ha
manga
abo es-
quede-
esvalar,
do, até
cida do
ieiro.
vareta
al sus-
a essa
e por
termi-
uma ra-
denta-
relogio

areada,
cciona,
pio dos
e com
amma.

tricas

machi-
las ele-
amente
de Nu-
Estes
amente
as Na-
longa
am co-

ho da
to com
e Mar-
tificação
ha de

pôr em movimento. O aparelho transmissor das ondas electricas foi collocado n'uma sala, ao passo que se encontravam installadas n'outro aposento muito distante umas poucas de machinas.

Conseguiu-se acender e apagar lampadas electricas, poz-se em movimento uma pequena locomotiva, accionaram-se motores, fizeram-se explodir pequenas minas e disparou-se um revolver. As applicações da nova invenção hão de ser, sem duvida, muito numerosas no campo da pratica, e d'ellas resultará uma grande economia de trabalho e, por conseguinte, uma diminuição no preço do custo da produção industrial. Além d'isto, a genial descoberta dos engenheiros Wirth e Beck será utilizada para provocar a explosão de minas subter-

rneas a distancia, sem offerecer perigo algum aos mineiros, evitando por esse modo, todos os annos, a perda de muitas vidas. A marinha de guerra poderá aproveitar esta nova descoberta para o lançamento de torpedos, que poderão ser dirigidos com grande precisão.

E' impossivel, por enquanto, formular hypotheses sobre as futuras applicações desta invenção na paz e na guerra, mas os technicos e os homens de sciencia são unanimes em affirmar que ella marca um novo passo gigantesco na via do progresso. No que respeita propriamente aos torpedos, parece que o problema da sua direcção por meio das ondas herzianas tambem foi resolvido recentemente em França.

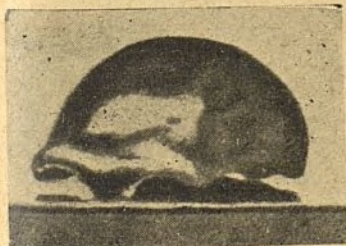
Os antepassados do homem

u

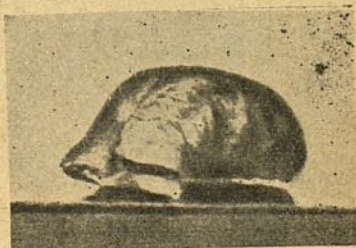
ma das questões mais interessantes e mais discutidas é a da origem da especie humana. A historia mais antiga é quasi contemporanea, se a compararmos com os milharés de seculos comprehendidos pela existencia real

do homem sobre a terra. Dos nossos remotos antepassados não possuímos ou-

(Allemanha) a parte superior d'um craneo humano primitivo, mais desenvolvido que o dos macacos, mas apenas comparavel ao d'um idiota. Trinta annos depois, em 1886, foram descobertos, em Spy (Belgica) dois craneos semelhantes ao primeiro, acompanhados de fragmentos de esqueleto que indicavam bipedes de posição ao mesmo tempo vertical e inclinada para deante. Estes craneos, como o anterior, pertenciam á epoca qua-



Craneo fossil de Neauderthal



Craneo fossil de Java (pithecanthropo)

tros vestigios senão alguns instrumentos de pedra e alguns objectos em extremo toscos, aos quaes nada tem que invejar os desenhos espontaneos da creança.

Em 1836 descobriu-se em Neauderthal

ternaria e a sua capacidade era de 1:300 centímetros cubicos. Agora, por exemplo, a media humana é de 1:500 centímetros, chegando a 1:800 em certos homens excepcionaes como Cuvier ou lord

Byron, e baixando a 1:400 nos australianos mais inferiores. O maximo observado nos macacos anthropomorphos é de 600 grammas.

Pondo de parte outras descobertas menos notaveis—os chamados craneos de Constadt e Cro-Magnou—chegamos á



Craneo d'um europeu

exibição sensacional do pithecanthropo descoberto em Java em 1891 pelo medico hollandez Dubois, que trouxe para a Europa um craneo parecendo pertencer ao typo intermediario entre o homem e o macaco. Um anno depois, e a quinze metros de distancia do local do achado anterior, o mesmo medico Dubois encontrou dois molares enormes e um femur que parecia humano. Julgou poder considerar estes ossos como pertencentes ao mesmo individuo do craneo e, com uma audacia excessiva, reconstruiu uma especie de macaco su-



Craneo d'um chimpanzé

perior aos conhecidos, a que chamou pithecanthropo, fixou-o como o immediato antepassado do homem e fel-o figurar na exposição de Paris de 1900.

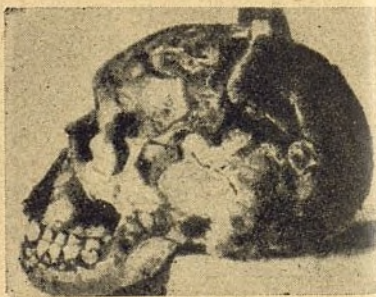
Em summa, a questão do homem prehistorico não avançou grande cousa. Em geral, os sabios estavam de accordo com Darwin e os evolucionistas para nos encararem como macacos aperfeiçoados. Recordemos que os anthropoides se parecem com o homem pela falta



Craneo d'um negro australiano

de cauda e a faculdade de caminhar em posição vertical, e se differenciam d'elle pelo achatamento e o pequeno volume da caixa craneana, a proeminencia das arcadas ciliares e a exiguidade do angulo facial.

No meio d'estas incertezas, encontrou-se recentemente n'uma gruta de Chappelle-aux-Saints (departamento francez de Corrèze) um craneo prehistorico de excepcional interesse. O terreno é da epocha quartenaria como os anteriores e n'elle tambem se encontraram armas de pedra e ossaturas de animaes. O sr.



Craneo fossil de Monstier

Boule expressou-se do seguinte modo sobre essa descoberta:

«A cabeça, algumas vertebrae e varios fragmentos dos membros denotam um

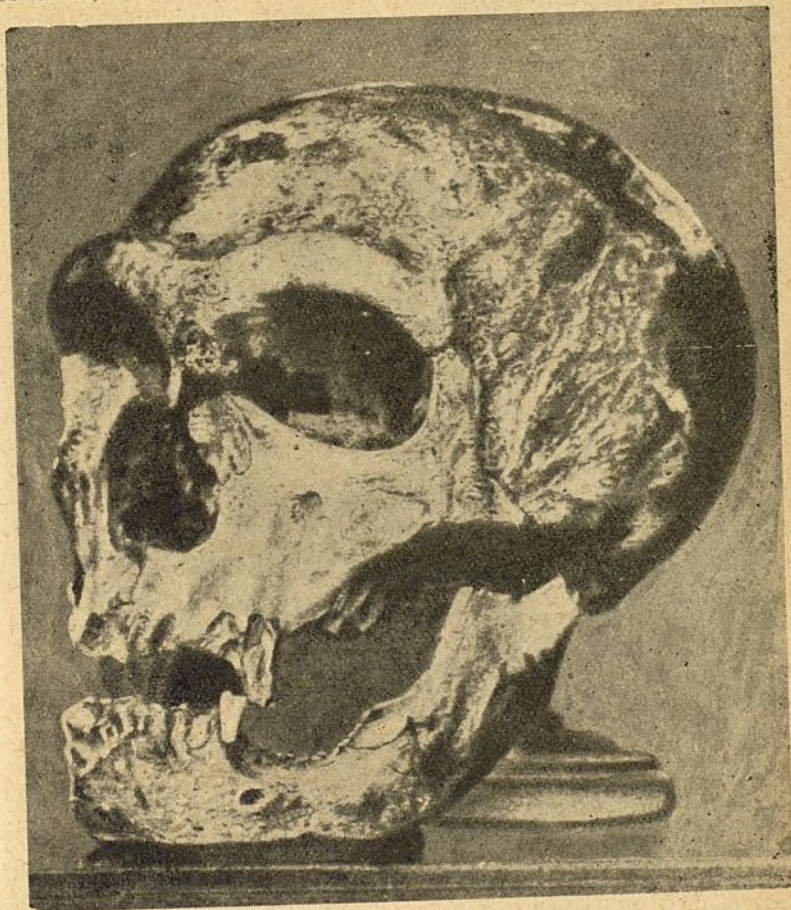
indivíduo
tura devi
de velho
lação á
miescos
ma prol
ra dos c

cerebr
desenv
forte p
deprim
progn
são an
por u

em pre-
e cousa.
acordo
tas para
aperfei-
thropoi-
pela falta

indivíduo do sexo masculino, cuja altura devia ser de 1 metro e 60; cabeça de velho, de dimensões enormes em relação á estatura e com caracteres simiescos accentuados. O craneo, de fórma prolongada, é notavel pela espessura dos ossos, o achatamento da caixa

go. O maxillar superior prolonga-se sem nenhuma depressão. Faltam os dentes, excepto um; a aboboda palatina é muito larga e os bordos lateraes da arcada alveolar quasi parallelos como nos anthropoides. A mandibula inferior é notavel pelo grande comprimento do con-



O craneo encontrado no departamento de Correze — Calcula-se que tem, pelo menos, 20.000 annos

cerebral, a fuga da fronte, o enorme desenvolvimento das arcadas ciliares, a forte projecção da parte occipital, muito deprimida, etc. A cara apresenta um prognatismo muito grande, as orbitas são amplas e o nariz, separado da fronte por uma funda depressão, é curto e lar-

dylo (parte da mandíbula que se articula ao craneo) e pela ausencia de mento.»

O sr. Boule liga este craneo ao typo de Neanderthal-Sapy, collocando-o entre o pithecantropo de Java e as raças actuaes. Julga que no estado actual da

sciencia é impossivel indicar-lhe a idade em seculos ou em millenios. No entanto está convencido de que tem pelo menos 20.000 annos e acrescenta que «uma cifra muito mais elevada estaria, provavelmente, mais perto da verdade.»

Emquanto os srs. Bonyssonie e Bardou descobriam o craneo de Chapelle-aux-Saints, o archeologo suiso sr. Hauser descobria no valle do Vezere um esqueleto fossil, tambem pertencente á epoca quaternaria e cujo craneo, muito

A sua religião consistia no culto dos mortos, cuja antiguidade remonta a centenas de mil annos. As armas e os ossos de animaes selvagens, espalhados ao redor do esqueleto que está na posição de quem dorme, representam provavelmente offerendas funebres: os amigos do defunto tinham levado para o tumulo os ossos roídos nos festins dos funeraes.

Este esqueleto representa, sem duvida, os mais antigos restos humanos en-



O habitante da gruta de Chapelle-aux-Saints, segundo uma composição de Kupka

parecido ao anterior, é muito menos completo. O esqueleto, ao total-o, quasi se reduziu a pó. Pertence provavelmente a um rapaz de 18 annos, de 1 metro e 48 de altura e de membros curtos em relação ao tronco. A curvatura das pernas mostra que este adolescente devia marchar com os joelhos dobrados. O corpo devia estar coberto de pelo. Era, sem duvida, antropophago; mas o seu alimento habitual seria constituido por morcegos, rãs, lagartos, mel e plantas silvestres. Este ser superior, na opinião do dr. Ludwig, de Basileá, já sabia, decerto, arranjar fogo, friccionando dois pedaços de madeira, e confeccionava instrumentos de pedra.

contrados em terra realmente virgem. O dr. Ludwig, por observações feitas sobre o terreno, avalia-lhe a idade n'um minimo de 400.000 annos. E acrescenta:

«Isto está longe de ser uma cifra excessiva, pois, segundo indiquei n'uma obra recente, *O homem da epoca glacial na Europa*, hoje temos provas irrefutaveis de que seres semelhantes ao homem já existiam ha mais de dez milhões d'annos.»

Como se vê, o dr. Ludwig é mais arrojado nos seus calculos e hypotheses que o sabio francez sr. Boule. De qualquer modo, porém, o problema do parentesco do homem com o macaco ainda não foi resolvido. E em vez de per-

guntarmos
mitivo e
questão
vez mais
natureza,
nossos se
sorrir d
bios do

Uma

A' prim

menos
me Val
quasi u

O A

Em
Florida
quenaa
coral, d
a conce
Na ult
de Key
notorie
americ
posto d
operaç
dos U
boa po
deral
uma h
Um
americ

guntarmos se o avô d'esse homem primitivo era um mono, o que é talvez questão de palavras, admiremos uma vez mais essa potencia mysteriosa da natureza, graças á qual os craneos dos nossos selváticos avoengos parecem hoje sorrir das vitrines dos museus aos sabios do seculo actual.

Uma cabelleira feminina

A' primeira vista poderá suppôr-se que a publicação da gravura junta coincide com o réclamo, muito conhecido e muito espalhado, d'um tonico para o cabelo. Mas não se trata d'isso, affirmamolo, desde já aos leitores. Trata-se, sim, da mais formosa cabelleira feminina que até hoje tem apparecido em casas de espectáculo e que pertence a uma não



menos formosa cantora franceza madame Vallandri. Mede de comprimento quasi um metro e sessenta centímetros!

O ARROJO DOS «YANKEES»

Em frente da costa meridional da Florida estende-se uma cadeia de pequenas ilhas, na maior parte ilhas de coral, dispostas em arco de circulo com a concavidade virada para o nordeste. Na ultima d'estas ilhas está a cidade de Key-West, que adquiriu uma certa notoriedade durante a guerra hispano-americana por ter sido ali creado um posto de abastecimento e uma base de operações para a esquadra dos Estados Unidos. Key-West possui uma boa posição strategica. O governo federal creou ahi, depois d'essa guerra, uma base naval para a sua marinha.

Um audacioso e habil financeiro americano, Henry M. Flagler, conce-

ben o audacioso projecto de prolongar até Key-West o caminho de ferro que corre ao longo da costa oriental da Florida. Esse projecto já está executado em parte. Hoje pôde-se chegar por meio do caminho de ferro até á ilha de Knight's-Key, em parte sobre diques e viaductos, construidos sobre os espaços de mar que se devem transportar para attingir aquella ilha.

Esta construcção arrojada, que oppõe sérias difficuldades mesmo aos engenheiros americanos, habituados a não se deterem deante de nenhum obstaculo, teve o merito de transformar uma região pantanosa n'um centro commercial d'alguuma importancia. Em certos pontos tornou-se indispensavel terraplenar valles submarinos, construir diques d'uma ilha á outra, etc. Mas como um dique continuo poderia alterar o regimen das marés na bahia da Florida, os constructores tiveram de deixar aberturas no terrapleno e recorrer em determinados pontos á construcção de viaductos. O primeiro d'estes viaductos, a sudoeste de Long-Key, estende-se sobre um comprimento de 3,200 metros e eleva o seu taboleiro a 9,50 metros acima do nivel da maré baixa. Consta de uma serie de 180 arcos em cimento armado, que se apoiam sobre *palaftas* cravadas em cimento.

O prolongamento da linha ferrea da Florida Oriental até Knight's Key já tornou mais faceis e mais rapidas as communicações entre o continente norte-americano e a ilha de Cuba.

O veterano narra as suas façanhas:

—As balas choviam como granizo. Na furia do combate não dava pelo que se passava em volta de mim. Imaginem o meu espanto quando, de repente, ao voltar-me, vi que o regimento mudára de posição e que eu ficára ali sózinho, á mercê do inimigo.

Chegado a este ponto, o veterano faz uma pausa para gosar do effeito produzido. O auditorio está suspenso dos seus labios. Um dos ouvintes, impaciente por conhecer o fim da história, pergunta-lhe:

—E o senhor então que fez?

—Que fiz?—responde o veterano com muita serenidade.—Eu lhe digo. Fiz...pelo menos dois kilometros em tres minutos.

J. G. PEIXINHO & F.^{os}

R. Nova do Carmo, 49

LISBOA

Jardim de Lisboa

Telephone 1696

Flores naturaes

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Executam-se todas as encomendas feitas com antecedencia para qualquer ponto do paiz. Recebe 3 vezes por semana flores de Nice vindas pelo Sud-Express.

Agua de Cintra e Caneças

PEIXES PARA AQUARIOS

Bolsa Official de Lisboa
VIRGILIO DA COSTA
CORRETOR
Transacções
de Bolsas
112, RUA D'EL-REI, 114

se os pe
em obser
que o pr
o mais
será vên
«Seria
seculo
mais pa
ra, dos
ela.» Pó
curiosid
na cre
tudo a
exterior
fundam
em qu
cumula
poderá
da vida
possa s
xiliares
uma ve
N'um
em Alk
rio que
Metzu;
com as
amonto
so o pe
um vid
póz a a
recção,
—Oh!
gallo d
O pa
estava
E a p
sua de
Bacon,
mente
das cre
cia a u
elle. H
salitre
As cre
antes
polvor
O v

OS BRINQUEDOS E OS SABIOS

C

talvez se não conheça suficientemente tudo quanto os sabios devem ás creanças. E' em verdade curioso o facto de que todas as grandes descobertas tiveram a sua origem n'um brinquedo infantil, como se os pequenos excedessem os grandes em observação e habilidade. Resulta d'ahi que o primeiro dever dos sabios, e talvez o mais util emprego do seu tempo, será vêr brincar as creanças.

«Seria possivel, dizia ha mais de um seculo Lefebvre de Reauvray, tirar mais partido do que geralmente se tira, dos brinquedos da primeira infancia.» Póde-se affirmar isto pensando na curiosidade tão vivamente despertada na creança. Esta nada conhece, tem tudo a aprender, descobre o mundo exterior, dá-se a si propria as noções fundamentais de tempo e de espaço; em quatro annos o seu espirito accumula mais conhecimentos do que poderá adquirir durante todo o resto da vida. Não é para admirar que ella possa ser um dos mais preciosos auxiliares da sciencia. Além d'isso, é uma verdade que a Historia verifica.

N'uma pequena cidade da Hollanda, em Alkmar, vivia um modesto operario que trabalhava em oculos, Jacob Metz; tinha um filho que se divertia com as diferentes especies de vidros amontoados na banca do pae. Por acaso o pequeno collocou contra um olho um vidro concavo e, com a outra mão, pôz a alguma distancia, na mesma direcção, um vidro convexo.

—Oh! — exclamou elle espantado — o gallo da torre já não está longe.

O pae repetiu a operação infantil: estava achado o telescópio.

E a polvora? Attribuímos a honra da sua descoberta ao monge inglez Roger Bacon, e este transfere muito claramente toda a gloria aos brinquedos das creanças: «Devemos esta experiencia a uma brincadeira de creança», diz elle. Havia visto os rapazes encher de salitre um tubosito e deitar-lhe o fogo. As creanças tinham achado o petardo, antes que Bacon houvesse inventado a polvora.

O vapor? Ouçam o seu pretendido

inventor Olivier Evans: contou elle proprio que, quando tinha 18 annos, observou uns rapazes que tinham enchido de agua um cano velho de espingarda: taparam-lhe o ouvido e a bocca e lançaram-no na forja de um ferrador. Não tardou a produzir-se uma ruidosa explosão.

— Eis uma força motora — pensou Evans.

E passou a vida a estudar e a aperfeiçoar o divertimento dos rapazes. Assim tambem Terracino, um dos mais habéis mechanicos da Italia, concebeu diante de pequenos moinhos de papelão a idéa do seu famoso invento: uma serra circular gigantesca movida pelo vento.

A electricidade? Em 1767, Pulger escrevia um livro «Sobre a natureza do prazer»; fallou n'elle de creanças que tinha visto a divertir-se prendendo a lingua entre um bocado de zinco e um outro de cobre tocando-se de um só lado: interrogou-as, perguntando-lhes que prazer encontravam n'esse exercicio. As creanças explicaram que sentiam ao mesmo tempo um sabor picante e uma leve convulsão. Pulger consignou esta observação sem elle proprio suspeitar de que dava assim as primeiras noções de galvanismo.

Não é ao papagaio que Franklin deve a descoberta do pára-raios? Ao papagaio, longo tempo considerado como um brinquedo frivolo, mas, na realidade, artificio destinado a prestar os maiores serviços como aparelho de observação para a engenharia militar, para a meteorologia, engenho de photographia aerea, de salvação nas costas, admiravel posto de telegraphia sem fio: o futuro d'este brinquedo é cheio de promessas e de grandeza.

E a aviação? A conquista do ar deve ter tido por ponto de partida um brinquedo. A theoria dos aeroplanos e do mais pesado que o ar é o prolongamento de uma diversão. O prototypo dos aeronaves, alerções, pairadores, ou qualquer que seja o nome que deve ser adoptado, é o helicoptero, brinquedo volitante com um helice como propulsor e uma borracha torcida por motor. Wilbur Wright declarou-o, da maneira a mais categorica: foi estudan-

do os helicópteros dos rapazes que teve a primeira idéa do seu carro voador.

Ha uma afinidade singular entre a infancia e a novidade. A infancia é o tudo o que amanhã trará progresso, bem-estar, transformação. Sem que o suspeitemos, ligamos á idade moça uma idéa de esperança, de promessa, de modificação. Os pequenos serão as gerações novas, e nós temos a franqueza de não conceber o futuro sem o progresso; por isso, estabelecemos uma correlação entre as palavras joven e novo. Não teríamos a idéa de procurar distrahir os novos com velharias; tem o apanagio das coisas novas, e é para elles que são escriptos os romances extraordinarios em que a imaginação mais phantastica se diverte a realisar, por uma antecipação algumas vezes arrojada, os sonhos e os vãos desejos da humanidade, tal como o sonho de igualar as aves. E' para os pequenos que Julio Verne fez fluctuar cinco semanas um balão ao cimo da Africa e que fez viajar da terra á lua um projectil habitavel, mais confortavel que um vagon de *sleeping-car*.

Como se vê, a sciencia é inseparavel dos brinquedos das creanças. Os pequenos são os melhores collaboradores dos grandes; achamos o seu sorrir á frente de todas as grandes descobertas; são as suas pequeninas mãos que rasgaram os véus dos mysterios. A creança é naturalmente investigadora, esquadrinhadora. Para ella a maior parte do tempo brincar é estudar. Quebra os seus brinquedos por curiosidade scientifica. O destroço dos brinquedos é um aniquilamento fecundo. Entre os braços e as pernas partidas, os tambores furados, as azas de moínho dispersas ao vento e os exercitos que fecundam o sólo, ergue-se uma fertil poeira que fecunda o futuro. Ha progresso a valer no brinquedo despedaçado. Ao furar o seu tambor ou o seu curral, a creança refaz a experiencia de um sabio que verifica ou estabelece as leis da acustica ou da electrostática. Todo o brinquedo é um estudo.

As creanças são simultaneamente as depositarias do passado e as annunciatórias dos dias futuros. Os contos de creanças transmitem a larga distancia e atravez os seculos as lendas eternas, como também anticipam sobre a melhor vida dos dias proximos. A infancia é um resumo da humanidade, da sociedade; a vida da creança é a imi-

tação da vida do homem; os mais graves espiritos tem tudo a aproveitar olhando-a, observando-a e amando-a.

O REGIMEN ALIMENTAR COMPATIVEL COM O CALOR

No verão, as doenças dominantes são as das vias digestivas: cholera, affecções choleriformes, dysenteria e outras infecções do tubo digestivo. O regimen alimentar tem, portanto, uma importância capital. Sem se adoptar d'uma forma absoluta o regimen vegetariano, será conveniente não comer senão pouca carne e, de preferencia, carnes brancas; os ovos e peixe devem ser ingeridos em pequenas quantidades e os legumes verdes formarão a base da alimentação, conjunctamente com fructos cozidos ou crus.

A questão das bebidas desempenha igualmente um papel consideravel na hygiene da quadra estival. Pergunta-se e com razão: E' conveniente tomar liquidos frios ou quentes? Instinctivamente, procuramos as bebidas frias e até mesmo geladas. E' um erro! E sea sensação agradável da frescura nos seduz, quando temos sede, devemos reconhecer que os gelados não refrescam senão durante pouco tempo. Os orientaes, os chinezes, os marroquinos, dão-nos, sob este ponto de vista, um exemplo excellent, porque bebem chá quente para combater o calor. Não tomam alcool nenhum ou licores, que, tomados em grande quantidade, como conviria no verão, poderiam provocar resultados deploraveis.

A hydrotherapia desempenha um papel consideravel no regimen estival. Os banhos, os duches, que durante a outra estação não tem outro fim senão o asseio, tornam-se indispensaveis, como medida de primeira importancia, durante os mezes de verão. A pelle é um órgão de exhalção, de secreção e regulador do calor animal. Convém, por isso, manter os orificios das glandulas sudoríferas e sebaceas absolutamente livres e activar a circulação peripherica e a respiração cutanea.

Um chimico italiano, o dr. Campani, afirma que os ovos se conservam durante muito tempo frescos cobrindo-os com uma camada gordurosa e guardando-os sem que toquem uns nos outros, entre estopa, n'um compartimento bem secco.



morteiro
chamativo
nica, com
bantes e
madores,
dam, em
leguas ao
os fleis a
gem sole
esturdia
ção.

O S. T.
to! Ao es
lhe o tit
algazarr
tival, si
puxar vi
mente na
penna, co
foguet
tuo, qu
subindo,
clamar b
a grand
gnifica
arraial,
sa, tun
dos seu
horas c
alcancar
sobre to
se lhe a
mente r
sal de m
e desco
maximo
dito, a
possanc
zes, d'
civels,
abomin
gargant
e poten
repous
ciaes, c

tes são
a, affec-
e ou-
o. O re-
uma im-
r d'uma
tariano,
ão pou-
es bran-
er inge-
e os le-
da ali-
fructos

imper ha-
avel na
guinta-se
omar li-
inctiva-
frias e
! E sea
nos se-
mos re-
efrescam
s orien-
os, dão-
m exem-
há quen-
tomam
e, toma-
mo con-
ocar re-

um pa-
tival. Os
te a ou-
senão
veis, co-
ortancia,
a pelle é
ereção e
vém, por
glândulas
utamente
eripheri-

Campani,
vam du-
rindo-os
e guar-
uns nos
conpar-

O S. TORQUATO

(CARTA PARA O BRAZIL)

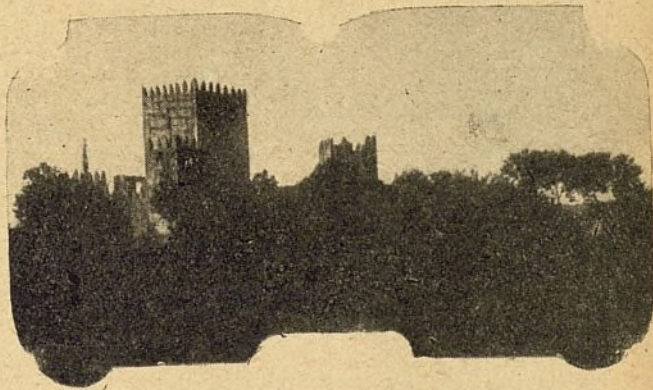


Lançado assim aos ouvidos do leitor portuguez, que ahi moireja com a sua saudade e os olhos sempre voltados para Portugal, esse nome estrondoso de festa far-lhe-ha em letras gordas, no cimo d'esta columna, a impressão de um enorme morteiro rebentando atroador, festivo, chamativo, convocando-o á minha chronica, como os outros, os de cá, ribombantes e alar-madores, convidam, em muitas leguas ao redor, os fleis á romagem solenne de esturdia e devoção.

O S. Torquato! Ao escrever-lhe o titulo de algazarra e festivo, sinto-o a puxar violentamente na minha penna, como um foguete impetuoso, que quer, subindo, ir proclamar bem alto a grandeza magnifica do seu arraial, a glorioza, tumultuosa, atropellada animação dos seus devotos, postos a caminhar, horas e horas, leguas e leguas, para alcançarem o santinho incorrupto, que sobre todos os discutíveis milagres que se lhe attribuem, um immenso annualmente realisa: esse da sua festa colossal de multidão, que é um hymno vivo e descommunal de alegria, um folgado maximo, que requisitaria, para bem ser dito, a estentorica, quasi sobrenatural possança d'estes pulmões de camponezes, d'essas vozes constantes e inven-cíveis, que não sabem enrouquecer e abominam do silencio, d'essas ferreas gargantas herculeas, cujo canto agreste e potente mana sem treguas, como sem repouso correm das penhas os mananciaes, como sem descão brotam a selva

nos milhos e o vinho nos parreiras.

O S. Torquato—e esse o, anteposto ao nome do martyr veneravel, condensa toda a jocundidade magnanima da sua vehemente commemoração—o S. Torquato, sendo a maior romaria do Minho, é, estou em dizel-o, a maior festa de todo o Portugal. Outras ha, nomeadas, gaudiosas, concorridissimas; nenhuma, porém, na festiva competencia, a excede, nem a Atalaya famosa, nem a Nazareth turbulenta. Em tal capitulo, o norte ganha ao sul; em alegria o Minho triumphha.



O castello de Guimarães

Pois mesmo no Minho, n'este verde Minho que me acotche e delicia em seu regaço de verdura, nenhuma outra das suas romarias celebres leva a palma ao S. Torquato: nem a Senhora do Porto, nem a Abbadia, nem a Peneda, nem o S. Bento da Porta Aberta, nem, ainda que se lhe approximem, o S. João de Braga e a Agonia de Vianna.

O S. Torquato é, assim, uma festa notavel, typica, memoravel, como as grandes festas alheias de mundial renome: Sedippota, em Napoles, as do Pilar em Saragoça, a festa da Assumpção, em Veneza, outras muitas que compendiam, nos seus nomes alegres e caracteristicos, todo o caracter e toda a alegria de um povo.

Melhor assumpto, portanto, não pode-

ria deparar-me o acaso, meu desvelado protector, para uma d'estas corredias impressões minhotas, feitas sem emenda, disputadas á calma indolencia com que esta provincia trabalhadeira e jovial nos bucolisa, dormentemente nos embevece na sua paizagem de frescor e suavidade, contemplativamente votados aos seus campos de encanto, mollemente retidos á beira dos seus rios e riachos hemfazejos, onde os agudes resonam e as lavadeiras, batendo a roupa, decoram as canções dos melros garotos, que batem as azas de arvore em arvore, como nós vamos de trecho em trecho, curiosos, presos do seu continuo, variado espectáculo de fecunda belleza.



Largo D. Affonso Henriques

O S. Torquato celebra-se no primeiro de julho. Dura tres dias: mas o domingo é o dia da festa mais rija.

* * *

A'quella hora—quatro e meia da tarde—no jardim do Toural, em Guimarães, a calma cabia sobre os bancos vazios e as arvores enfezadas. Após um jantar previdente, eu esperava ali com um amigo o carro que elle gentilmente me offerecera, admirando, para passar o tempo, um vohistleriano cai-

xeiro endomingado, que exhibia, sob o farto sol, em toda a sua pessoa, uma verde symphonia em que entravam, com um farto côr de ervilha, umas botas rarissimas côr de avenca e um esmurrado chapéu janota, verde garrafa, bem como uma gravata esperançosissima, sobre uma camisa brunida de verdes arabescos. O pobre rapaz, cuja melena, com o calor, distillava pela testa uma regueira oleosa, e devia ter tido um trabalhão em compôr em si aquella rapsodia esverdeada, mostrava desgosto por encontrar o passeio vazio, e olhava-nos supplicamente.

O melhor que pudemos demonstramos-lhe com olhares demorados o agrado á sua obra verdejante, e iam quasi transmittir verbalmente a nossa profunda veneração áquelle archanjo da esperanza, vestido á paizana, quando o estropício do carro nas duras calçadas da vetusta cidade nos surpreendeu e nos reclamou, deixando todo entregue ao pezar do seu desolhamento o vegetalisado empregado do commercio.

O carro parte comnosco. Pelas ruas centraes, nenhuma animação que indique a vizinhança da importante romaria, que tem em Guimarães o seu posto ferro-viario. Assim seguimos, olhando n'uma que outra janella, uma que outra donzella, que espreita com vagos olhares que quereriam tambem vir á festa. No Cano, ha já animação. Magotes de romeiros estacionam á beira das tabernas e do marco fontenario, e diligencias enormes absorvem passageiros, sem lotação. Vae tudo e mais que haja, a seis ou oito vintens por cabeça, dado que a hora é de pouca affluencia, e, por isso, baixam os preços. Logo, á volta, pela fresca madrugada, ninguém arremata um palmo de assento por menos de duzentos e quarenta, e ha de dar graças ao santinho, por ter feito caber, com mais quatro gordos, n'um banco, onde, nos dias normaes, cabem sem folga tres magros.

Para o S. Torquato o carro tem dois

caminho encascal de; outr mais de velhos, nunca s claro c do—os pronunc antigas. transito leceu-lhe poeiral

O carro os ranc se apre cando.

Ha ty moctõe



na ma estranl enxerg dumen apum all, ac do re uma r com a de lar alta. C saude como robust velhos da Ve lidade sei po zer ac

caminhos: um moderno, largo e bem encascalhado, que faz uma volta grande; outro velho e esburacado, que vae mais depressa, dado que os caminhos velhos, como as linhas rectas, que nunca são, encurtam as distancias. E' claro que o cocheiro opta pelo segundo—os cocheiros minhotos teem uma pronunciada predilecção pelas estradas antigas. A que seguimos é sinuosa, e o transitto continuo das caravanas amolleceu-lhe o piso, convertendo-a n'um poeiral medonho.

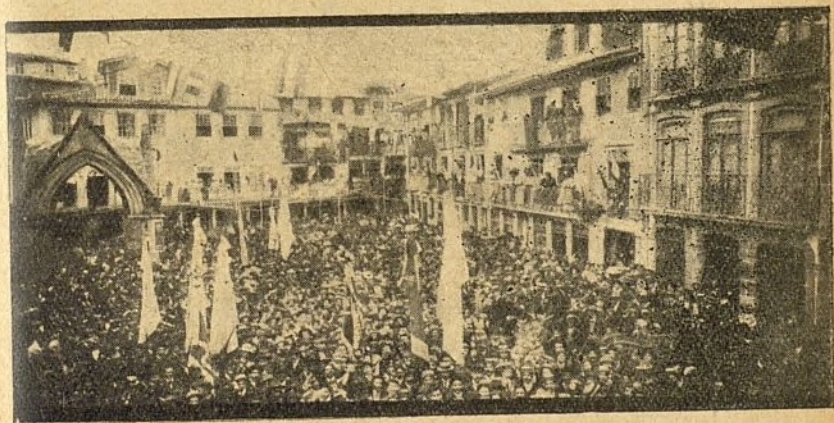
O carro atravessa, em nuvens de pó, os ranchos tardios dos romeiros que se apressam e veem cantando e tocando.

Ha typos exuberantes de cachopas e mocetões, com os trajos proprios, já

em rapida miragem, esses momentos venezianos, pequeninamente enormes e formosamente bons, em que, com a alma entre os labios, e os labios perto d'outros em que a alma afflora, se diz baixinho ao gondoleiro:

—De vagar!

Livres dos ranchos, independentes, unidos, seguem aos pares, os Maneis e as Marias. O sabores d'esses casaes, pela estrada fóra, é picante. Elle, de jaqueta ao hombro, sempre de viola, cavaquinho ou harmonium, toca sem parar. Ellas, a seu lado, com uma cara no geral aborrecida, acompanham-lhes o largo passo, cantando às vezes, outras tangendo o pandeiro, e invariavelmente carregando o cacete do seu homem, e os sapatos, que não aturam calçados.



Chegada de excursionistas ao largo do Municipio

na maioria desfigurados pelas modas estranhas. Ainda assim, d'onde a d'onde, enxergam-se figuras pittorescas cuja indumentaria denuncia a região. Garbosa, apumada, fecunda, segue, por exemplo ali, ao lado das respeitaveis suissas e do respeitabilissimo varapau paterno, uma rapariga da Maia, toda de luto, com a casaquinha de vidrilhos e a saia de larga roda e o chapelinho de vira alta. Caminha risonha, veloz, cheia de saude e frescura, forte, loira, pujante como uma Ceres pagã. Parece, assim robusta e alegre, uma veneziana dos velhos mestres, que, soberba, viesse, da Veneza do sonho, dar sonho á realidade. Vão-se-me os olhos n'ella, e não sei por que, talvez com desejos de dizer ao cocheiro que afrouxe, eu evoco,

Dos atalhos escorrem grupos, como afluentes do povoleo que vae na estrada. Volvida uma curva, no cimo de uma ladeira que o carro enceta, apparece ao longe, na sua alta e magnifica situação, o templo branco e incompleto de S. Torquato. E' a Meca em que todos põem os olhos enlevados, altaneiro, n'uma elevação encantadora rodeada de verde, adornada de umas pequenas bandeiras que na distancia perdem a côr.

O carro começa a subir e, d'ahi a pouco, enfla por alas de carros despejados, sem cavallos, que para ali estão atirados ao acaso, em filas cerradas, obstruindo o caminho. O gentio augmenta, á medida que vamos passando as poucas casas do povoado, cheias de ranchos pelas portas, e, n'um repente,

o carro estaca ante o vastissimo terreiro do arraial, que é um mar compacto de barracas, de toldos, de gente e de ruído.

Cessando o barulho do carro que nos distrahiria do grande rumor da festa, colhe-nos de surpresa, ao pormos pé em terra, a mais desordenada, a mais vibrante, a mais entontecedora das barulheiras. Confundem-se musicas, pregões, descantes, risos, tocatas, campainhas, harmoniums, violas, fanfarras, sinos que repicam, bocas que berram, zabumbas, cornetas, sacabuxas, tudo o que atordoa, tudo o que estrondeia, tudo o que ensurdece. E, no entanto, passada essa primeira impressão violenta—que foi a de uma enorme porta que se abrisse de chofre, e atraz da qual estivessem varios exercitos em tripudio—começa-se a perceber n'essa enorme maré ruidosa, n'esse pelago retumbante, um qualquer rythmo forçado, um modulo quasi harmonioso, que é feito da desordem geral, da vozearia dispar, da confusão dos instrumentos, para dizer tudo, da avassalladora harmonia do sentimento, da egualdade do fim, que preside a todos os cantos e a todas as danças, que todas as musicas e todas as almas se propõem: a alegria; folgar.

Deviam ser semelhantes, na Grecia, luminosa, em torno aos templos sagrados, nos bosques olorosos, as orgiasticas festas das divindades queridas: festas de multidão, descompassadas, impre-

vistas, improvisadas, em que a inspiração corre ao acaso de corpo em corpo, e a doida faísca do prazer, electrizando os nervos, os accende em movimento, em perturbação, em risos estrondosos, em canções delirantes, comunicando a todos a febre invencível da algazarra, do estrondo, da barulheira.

Decidimo-nos a atravessar essa floresta ruidosissima, em que os pandeiros, numerosissimos, incangaveis, aos



Jardim do Toural

milhares, tangidos, põem a nota insistente e guizalhante das suas rodellas de folha. Vae sair a procissão, e, como a não queremos perder, enveredamos, a custo, atravez da multidão, até ao templo.....

Manoel de Sousa Pinto.

O PLANETA MARTE

O MUNDO MAIS SIMILHANTE AO NOSSO

Todos, na quadra do verão, pôdem vêr ás noites brilhar no ceu, na direcção do leste, um astro de primeira grandeza, cuja coloração avermelhada não pôde deixar de impressionar os olhos que o observem atentos. Esse astro é o planeta Marte, que começa a despontar ás oito horas e meia, passa no meridiano, isto é, em pleno sul,

ás duas horas da manhã, e tem o seu occaso, a occidente, ás oito horas, commandando portanto, durante toda a noite, o fulgido exercito das estrellas.

A epoca do verão é verdadeiramente excepcional para a observação d'esse planeta nosso vizinho: Marte encontra-se actualmente o mais perto possivel de nós, e só d'aqui a quinze annos é que

poderemo

to.
Por iss
os seus
para esse
para nós
do syst
rece com
mos co
fraternid

As sua
de lagrim
olhar pa
particula
todos n
para per
terrestre
manidade
comnose
ção das
tem com
estações
segundo
minosas
duração
cida do
uma pre
de segun
22 segun

Vê-se
pouco m
emquan
ferem co
em Jupit
e 55 mi
em dez

Porem
de duas
terra, s
23 hora
estão p
ção de
pessoa
restres
Marte,
feito 55
nosso v
para a
tagem.
mano o
portado
que 26.

Todas
os ast
com u
elle av
de 58,3
pouco
que o
de 12,7
com ef
uma p
terrest

a inspi-
em cor-
electri-
n movi-
is es-
es, com-
vencivel
ulheira.
ssa flo-
pandel-
eis, aos



insis-
odellas
e, como
edamos,
até ao
Pinto.

n o seu
as, com-
toda a
estrellas.
ramente
o d'esse
contra-se
sivel de
os é que

poderemos vê-lo novamente tão per-
lo.

Por isso todos os observatorios teem os seus melhores telescopios assitados para esse globo, particularmente curioso para nós, porque, de todos os mundos do systema solar, é o que mais se parece com a Terra e por isso o saudamos com uma especie de incognita fraternidade.

As suas analogias com este «Valle de lagrimas» em que vivemos fazem-nos olhar para elle com uma sympathia particular; porque a verdade é que todos nós temos uma certa tendencia para pensar que a nossa humanidade terrestre é perfeita e que as outras humanidades do céu devem parecer-se connosco para serem dignas da attenção das pessoas que se prezam. Marte tem como nós um calendario, annos, estações, dias e noites, horas variaveis segundo o estado do céu, auroras luminosas e crepusculos reparadores. A duração da sua rotação diurna é connectida dos astrónomos terrestres com uma precisão que vai até ao centesimo de segundo: é de 24 horas, 37 minutos, 22 segundos e 75 centesimos.

Vê-se que lá os dias apenas são um pouco mais longos do que os nossos, enquanto que nos outros planetas differem consideravelmente, por exemplo, em Jupiter, onde apenas duram 9 horas e 53 minutos, e em Saturno, onde vão em dez horas e 14 minutos.

Porem, os annos martianos são cêrea de duas vezes maiores do que os da terra, sendo a sua duração de 686 dias, 23 horas, 30 minutos e 41 segundos; estão pouco mais ou menos na proporção de 19 para 10: de modo que uma pessoa que tenha vivido 36 annos terrestres não contaria mais de 20 em Marte, e quem cá na terra já tivesse feito 33 não passaria dos trinta, no nosso vizinho do espaço. Isto deve ser para a humanidade Martiana uma vantagem. Acrescentemos que um ser humano que pese 70 kilogrammas, transportado para Marte, não pesará mais que 26.

Todas as noites, quando faz bom tempo, os astrónomos estudam este planeta com um prazer crescente. Agora vai elle avançar para nós até uma distancia de 58,390,000 kilometros. E' ainda um pouco longe, dir-se-ha, pensando-se em que o diametro da Terra não tem mais de 12,742 kilometros. Aquella distancia, com effeito, só poderia ser vencida por uma ponte formada por 4,582 globos terrestres. Porém, nas medidas astro-

nomicas, isso representa uma quantidade ridiculamente minuscula.

O diametro apparente de Marte é 78 vezes mais pequeno do que o da Lua. Por consequencia, uma luneta que o amplie 78 vezes, mostrar-nos-ha esse planeta da dimensão sob que vemos a Lua a olho nú, e dez vezes maior do que o nosso satellite um telescópio que o amplie 780 vezes. Vê-se portanto que esta ampliação é sufficiente para poder-mos estudar-lhe a geographia com certa minucia.

E' o que se tem feito de ha longos annos—exactamente de ha 273 annos—mas principalmente ha um seculo, com o aperfeiçoamento successivo dos instrumentos. Distinguimos as configurações geographicas de Marte muito melhor do que distinguiríamos as da Terra à mesma distancia, por isso que a atmospheria de Marte é em geral incomparavelmente mais pura do que a nossa. Faz sempre bom tempo n'aquelles longinquos paizes. Por isso de ha vinte annos a esta parte a carta geographica do planeta Marte foi desenhada com grande precisão.

O que sempre me tem impressionado mais profundamente, desde o começo dos meus trabalhos sobre o planeta Marte, que datam de ha mais de quarenta annos, é a perpetua variação das configurações geographicas. Ha por exemplo, um lago, chamado o Lago do Sol, cuja superficie é igual á da França, e que nos mostra as mais phantasticas metamorphoses: ora alongado de este a oeste, ora alongado do sul ao norte, ora fendido em dois por uma linha recta, ora duplo, formado de duas peças circulares, ora ligado á região vizinha por uma cauda, como uma pera, ora cercado de varias ramificações. Será agua? Sera outra coisa?

Ha um mar, o mar do Areal, tres vezes maior do que aquelle lago, cuja praia oriental se alarga e se estreita successivamente, como se as inundações, com o decorrer dos annos, a cobrissem. Que elemento produz esse phenomeno?

Ha canaes de algumas dezenas de kilometros de largura e de alguns milhares de kilometros de extensão, que ora se mostram com uma nitidez perfeita, ora desapparecem inteiramente, ora se desdobram, ora mudam de logar, como se, por exemplo, o Sena começasse a deslocar-se de norte para sul, entre Paris e Orleans, para tomar por fim o logar do Loire.

A agua deve desempenhar um papel

n'essas diversas variações, porque muitas vezes assistimos com os nossos proprios olhos á fusão dos gelos. Mas não é provavel que esses canaes, esses lagos, esses mares, sejam cheios d'agua. Talvez que ali haja effeitos de vegetação, produzidos por infiltrações. Na terra não temos facto natural que possa servir-nos de comparação e nos ajude a explicar aquelles phenomenos.

Os habitantes do nosso planeta imaginam que podem e devem explicar tudo. A sua illusão é formidavel, porque a Terra não é o typo do Universo, e os nossos pobres cinco sentidos quasi nada podem perceber da realidade.

E depois, apezar dos progressos da optica, Marte continua a ficar-nos um pouco longe. Com ampliações approximam-nos-hiam d'elle 580,000 kilometros e não 58,000,000; quinhentas 146,000 kilometros; e mil uns 58,000 kilometros. Distancia ainda demasiado grande para distinguirmos com exactidão os detalhes, sendo bem provavel que nada vemos que corresponda á realidade.

Comtudo o nosso desejo seria saber, comprehender. O meu observatorio de Juvisy é especialmente consagrado ao estudo do planeta Marte. Tenho ali dois collaboradores do mais alto merecimento os srs. Quéniisset e Antniadi, que, por meio de dois instrumentos distinctos e sem comunicação, observam, desenham e photographam. Uma noite cada um separadamente notava uma grande massa de neve, que gradualmente se ia destacando da calote polar boreal. E' difficil duvidar de que se trata de verdadeira neve, agua solidificada pelo frio, a mesma agua chimica existente na Terra, porque a analyse espectral confirma esta identidade. Além d'isso a fusão das neves polares durante o estio seguindo exactamente a estação, foi observada em Marte já no tempo de William Herschel. Não é acido carbonico, como por vezes se tem imaginado, e a analogia com a Terra é aqui bem accentuada. Trata-se d'agua e de variações causadas pela agua.

O aspecto regular, tão geometrico dos canaes, fez suppôr que a industria dos habitantes de Marte não lhe seria estranha. Foi uma idea que emitti como possivel, ha muito tempo já, e que Schiaparelli, na Italia, e Lowell, nos Estados Unidos, desenvolveram em termos pittorescos. E' certo que em Marte a agua se tornou rara e preciosa e talvez uma condição de vitalidade da mais alta importancia. Schiaparelli fallou-nos do ministro das obras publicas

da Republica Martiana, dando ordem para a abertura dos diques em certas epochas do anno; e Lowell imaginou appparelhos que permittissem captar as aguas nos polos, levando-as para o Equador. Que o planeta Marte seja actualmente habitado por uma raça intelligente, é o que parece não admitir duvida. Ha uns quarenta annos o meu amigo Carlos Cros chegou mesmo a fallar-me n'um systema de telegraphia optica entre a Terra e Marte, que um astronomo americano, W.—H.—Pickering, n'esse mesmo anno, intentára realizar sob outra forma. E porque não? Coisa difficil, por certo, mas não impossivel.

E' curioso pensar que a humanidade martiana fluctua como a nossa no seio de plagas ethereas, cujas ondas podem servir de meios de communicação. Quem sabe? Talvez que ha mais de cem mil annos os nossos vizinhos se esforcem por se fazer comprehender de nós sem o conseguirem, tendo finalmente renunciado a isso, concluindo que não existem seres intelligentes na Terra. Elles precederam-nos na scena da vida universal, avancaram mais do que nós na senda do progresso e esperam em vão que os comprehendamos. Mas é muito provavel que não possuamos os mesmos sentidos que elles.

A astronomia mergulha-nos no mais profundo dos mysterios.

Camillo Flammarion

Acaba de morrer em Londres, na idade de 71 annos, o chefe da familia Sandwich, cujo nome é universalmente conhecido. Um dos seus antepassados, Carlos Sandwich, primeiro lord do almirantado em 1763, era um jogador apaixonado. Quando se sentava á meza para fazer a sua partida, não admittia qualquer interrupção nem mesmo para comer... ou satisfazer qualquer necessidade d'ordem material. Um bello dia, como os parceiros lhe tivessem observado que era uma barbaridade estar tanto tempo sem comer, o vicioso homem levou na sua mala de mão presunto mettido em miolo de pão. Todos acharam graça á coisa. Esses pequenos rectangulos encerrando uma tira de fiambre faziam as delicias de todos. Immediatamente espalhados por Londres, pouco depois eram usados em todo o mundo. A sandwich, de que tanto consumo se faz em Portugal, tem, pois, 144 annos de existencia. Durante esse tempo, quantos milhares de milhões se terão consumido d'essa saborosa guloseima?

Fazendas de lã e seda nacionaes e estrangeiras recebidas directamente de todos as estações

José da Fonseca & F.^{os}



182, Rua de S. Julião, 186 — LISBOA

**ALFAYATES
MERCADORES**

Armazem

DE

Fazendas

NO PRIMEIRO ANDAR

Novidades em gravatas, suspensorios,
peugas, camisolas, bengalas, chapéus de chuva
e casacos impermeaveis

**182, RUA DE S. JULIÃO, 186
LISBOA**

Executa-se com a maior perfeição
qualquer encomenda de fato tanto á
militar como á paisana.
Grande sortimento de pannos para
bilhares.

Fazendas de lã e seda nacionaes
e estrangeiras recebidas directamente
para todas as estações.

Novidades em gravatas, suspensorios,
peugas e camisolas.

O FIM DA MENTIRA

O

s professores Jung, da Universidade de Zurich, e Petersen, de Nova-York, dedicam-se a descobrir agora a machina de explorar o coração com um aparelho que se chama o psychometro electrico. Consta de um polo de zinco e de um polo de carvão, que communicam por intermedio de uma machina electrica, que permite medir com precisão a intensidade dos movimentos da alma e assim determinar se elles correspondem e concordam com as palavras que traduzem.

O psychometro é o terrivel denunciante da mentira e é pela luz de uma lampada que sobe ou desce que se verifica a intensidade da commoção e se o individuo sujeito á sua acção fala verdade ou mente. Estarão os sabios illudidos? O invento corresponderá aos seus desejos?

Se assim fôr chegou-se ao fim da mentira: a humanidade vai ser feliz, porque nunca mais um homem poderá ludibriar outro, porque nunca mais no mundo, mercê d'um pouco de zinco e d'um pouco de carvão, um ente enganará o seu semelhante. O psychometro prestará relevantes serviços em todas as manifestações da vida social. Por exemplo, nunca mais haverá dramas de amor.

Uma mulher, sorrindo, jurando com os labios e com os olhos a sua paixão, não poderá enganar, porque todo o homem usará o seu psychometro e terá o cuidado de ao ouvir taes juramentos pedir-lhe para segurar nas pilhas de zinco e de carvão. A vida do theatro será tambem modificada. O esposo, n'uma scena terrivel de duvida, ah! por alturas do 4.º acto, depois de receber todos os protestos, de vêr correr todas as lagrimas que commovem o espectador, exclamará:

—Sim... O psychometro dirá se falas verdade!...

O seu dedo tremulo focará o botão de uma campainha, e para o creado grave, como são todos os creados de theatro, ordenará de elle accessos em ira: «O psychometro...» Depois, tomando com furia as mãos da esposa e applicando-as ao aparelho, acabará por bradar:

—Oh! Enganas-me!

Ou então dirá:

—Sou feliz... Era uma suspeita indigna de ti...

E assim o espectador, de olhos rasos de agua, abençoará os professores Jung, de Zurich, e Petersen, de Nova-York.

Nas transações commerciaes será tudo modificado. Nunca mais se poderá fazer um negocio que vá além dos limites do razoavel, porque quando o commerciante nos jurar que vende pelo preço do custo o psychometro o accusará do contrario. Nas taboletas das lojas apparecerão invocações d'este genero: «Fulano & Fulanos, mercadores, vendas a psychometro», ou então «Ao psychometro de Zurich, modas e confeções».

Os sacerdotes usarão psychometros e a penitencia será tanto maior quanto fôrem as accusações que a lampada fará a cada mentira do catholico; os juizes servir-se-hão do psychometro não só para os criminosos, mas ainda para as testemunhas, e em cada mesa dos tribunaes, em vez do sagrado livro do Evangelho, sobre o qual se jura dizer a verdade, haverá o instrumento que os sabios julgam ter inventado. «Ponha a mão n'esse psychometro e diga o que sabe»—ordenarão os circumspectos magistrados, na certeza de que tudo virá para ali a fim de ser feita a mais cabal justiça. Quando um homem nos falar dos seus antepassados, da sua fortuna, da sua vida larga, das suas amantes, dos seus triumphos, o psychometro encarregar-se-ha de mostrar se elle realmente descende de D. Fuaes ou de um almocreve, se tem os milhoes do Peru ou dividas no alfaiate, se come tubaras ou agorda, se a duqueza que diz amal-o não é apenas uma costureira, se os triumphos não são antes derrotas.

Nos parlamentos o psychometro tirará todas as duvidas. «Sr. ministro, v. ex.ª falta á verdade! Isso não é assim!... V. ex.ª não pode provar!...» E o ministro, a tremer, a suar, titubeante em face do clamor indignado de todas as boccas, sentir-se-ha desfallecer ante a voz calma de um deputado que gritará: —Sr. presidente: Requeiro que seja applicado o psychometro a s. ex.ª...

E logo no meio do silencio da camara tudo será descoberto, mercê d'aquelle pedaço de carvão, d'aquelle polo de

ALMANAC

zínco, da
sagrada
Emfim,
em todas
o psych
Imporá a
tira, o q
tha e co
E' esta
espíritos
não lhes
ção:—O
rá ser ac
a mentir
agua.
De dua
falsificam

P

Se se
é claro
bem um
se embe
de extra
Mas o
perado,
resultad
valente
um barl
metallie
mente s
Mergu
de ferro
trará co
num
rentes a
trario á
uma for
tensão
certos l

Ainda
só flo
mais fi
que os
uns de
de agua
as suas
gulares
fios de
densida
tando
um rec
Não s
nomen
plo, o
tura in
de reco
a pergu
daelos
pela at

zínco, das oscillações d'aquella lampada sagrada como um fogo celeste.

Emfim, em todos os actos da vida, em todas as manifestações do homem, o psychometro terá o seu lugar, elle imporá a Verdade e dará cabo da Mentira, o que equivale a destruir uma velha e convencional sociedade.

E' esta a esperança de alguns bons espiritos, tão bons e tão ingenuos que não lhes occorreu logo esta observação:—O psychometro nunca mais poderá ser adoptado, porque o homem sem a mentira seria como o peixe fóra de agua.

De duas uma: ou o não-adoptam ou falsificam-no...

PARA ELEVAR LIQUIDOS

Se se mergulha um cordel na agua, é claro que, retirando-o, traz-se tambem uma certa porção de liquido que se embebeu entre as suas fibras. Nada de extraordinario ha em tudo isso.

Mas o que é mais curioso, mais inesperado, é que se pôde obter o mesmo resultado, retirar uma quantidade equivalente de liquido, por meio não de um barbante ou cordel, mas de um fio metallico que a agua molha simplesmente sem o embeber.

Mergulhae com effeito na agua um fio de ferro esticado horizontalmente; elle trará consigo, quando o retirardes, certo numero de pequenas gottas adherentes ao metal. Este phenomeno, contrario ás leis da gravidade, é devido a uma força mysteriosa que se chama tensão superficial e que depende, até certos limites, das leis de capillaridade.

Ainda ha melhor. Se em vez de um só fio metallico mergulharmos dois ou mais fios parallellos, uma rede, desde que os fios não sejam muito distantes uns dos outros, uma certa quantidade de agua será retirada por elles, entre as suas malhas, affectando fórmulas regulares, dependentes do diametro dos fios de seu afastamento, da natureza e densidade do liquido, etc. Depois, agitando estes fios, a agua cahirá sobre um recipiente qualquer.

Não será possivel utilizar esse phenomeno para elevar a agua, por exemplo, o vinho, o azeite, etc., a uma altura indefinida, sem haver necessidade de recorrer ao syphon ou á bomba? Tal a pergunta que a si mesmo fez um audacioso inventor e que elle resolveu pela affirmativa.

Imaginemos uma espiral sem fim de ferro galvanisado, consolidada por uma manga tambem de ferro que lhe serve de alma, desenrolando-se sobre uma roldana e cuja volta inferior mergulha n'um reservatorio de agua, de vinho, etc. Uma apreciavel quantidade de liquido, retirada pela tensão superficial, entre as voltas da espiral, eleva-se com o systema até a altura da roldana. Ahí, o movimento rectilineo transforma-se, graças a um systema de engrenagens, em movimento circular. A força centrífuga entra *ipso facto* em acção, uma vez que essa força se torne bastante consideravel para vencer a tensão superficial, a agua abandona as voltas da espiral para cahir sobre um recipiente apropriado.

Não sabemos se tal engenho paradoxal estará destinado a entrar na pratica corrente; estamos mesmos dispostos a duvidar, ainda que apresente vantagens reaes, taes como a pouca exigencia de local, a facilidade de transporte, a redução ao minimo dos riscos de contaminação, etc. Mas, em todo o caso, não se lhe poderá recusar, sem grave injustiça, o merito da originalidade.

O abbade Faria não é uma ficção de romancista

O abbade Faria existiu! Eis uma affirmativa que reconciliará talvez muita gente com a exactidão antes restricta, habitualmente, dos romances em geral e dos de Alexandre Dumas em particular. Mas a celebre personagem de Monte Christo não foi precisamente o que d'ella faz o romancista francez. Foi, principalmente, um amator do hypnotismo, nada mediocre aliás e merecedor de boas referencias, conforme nos declara o seu historiador, o Dr. Livon n'um dos numeros da *France Medicale*.

José Custodio de Faria nasceu em 31 de maio de 1756 em Candolim, villa de Bardés, em Góá, Indias portuguezas. Depois de um pequeno periodo matrimonial tomou ordens em 1780, entrando sua esposa tambem para uma ordem religiosa. Em 1788 foi a Paris, onde se entregou com verdadeira paixão ao estudo do magnetismo animal, tornando-se um magnetizador bastante conhecido. Depois de curta estadia no sul da França voltou a Paris, abrindo então um curso sobre o somno extra-lucido, que era muito frequentado pelos elegantes do

tempo e que rapidamente o tornou célebre.

Perseguido, porém, por adversários, estigmatizado pela imprensa, ridicularizado pelo publico, Faria viu-se dentro de pouco tempo em completa miséria.

Em 1816, foi recolhido por um pensionato onde exerceu o cargo de porteiro. Começou, então, a escrever o seu grande tratado sobre *A causa do sono lucido*, que devia constar de quatro volumes. Não conseguiu, porém, terminá-lo, morreu em meio de execução do primeiro, aos 20 de setembro de 1819, com sessenta e tres annos.

Como se vê, a realidade é muito menos romanesca que a lenda, mas tal qual foi, em verdade, a vida do padre Faria, justo é reconhecer que não lhe faltaram peripecias nem movimento. Resta saber o que de tudo isto sabia o romancista francez; aliás tão fecunda tinha a imaginação que era bem capaz de haver inventado a personagem pura e simplesmente!

OS POMBOS AO SERVIÇO DA PHOTOGRAPHIA

Na Exposição Internacional de Photographia, aberta em Dresde, esteve, sob a denominação *A photographia ao serviço da imprensa*, uma série de vistas de pombos comapparelhos photographicos em miniatura. Desde tempos immemoriaes os pombos foram occupados para communicação de noticias: já os gladiadores romanos communicavam as suas victorias aos seus patricios por intermedio d'estas mensageiras emplumadas. No anno de 43 antes de Christo, por occasião do cerco de Modena, pediu Bruto o soccorro dos seus amigos por meio de pombos; o mesmo fizeram os sitiados de Haarem (1572), Leiden (1574) e Veneza (1849).

Rothschild, o conhecido banqueiro, o teve, em 1815, grandes lucros com operações de bolsa baseadas sobre o resultado da batalha de Waterloo, de que elle por meio de pombos tinha conhecimento tres dias antes que o governo.

Até á introdução da telegraphia electrica em 1850, valeram-se os grandes bancos, commerciantes e tambem alguns jornaes, dos pombos-correios, que tambem durante a guerra franco-allema de 1870 prestaram immensos serviços aos sitiados de Paris: 57 pombas que

voltaram eram portadoras de 100:000 telegrammas officiaes e de mais de um milhão de noticias particulares. Os despachos eram micro-photographados sobre pelliculas de collodium, dos quaes um centimetro quadrado pesava só 000.2 grammas; sobre uma carga de uma gramma cabiam 8 3/5 milhões de letras.

Nos annos posteriores a esta guerra tomou grande desenvolvimento a installação de pombaes militares, para transmissão de noticias e de photographias. Em 1889, o chefe da esquadilha russa de navegação aerea, o actual tenente-general de Kowanko, tomou de um balão vistas photographicas, fechou as pelliculas e despachou-as pelos pombos. Esta operação é sempre incommoda na barquinha do balão e posteriormente usou-se *films*, entregues aos pombos em capsulas hermeticamente fechadas.

Verificou-se que um pombo pôde levar uma carga de 75 grammas a uma distancia de 100 a 150 kilometros. A um pharmaceutico allemão, dr. Neubronner, occorreu a idéa de occupar os proprios pombos como photographos, especialmente para fins militares e noticiosos. Depois de tres annos de ensaios, obteve resultados satisfatorios.

Neubronner e seu pae occupam-se de longa data na criação de pombos correios para fins praticos da sua industria.

Em meados do seculo findo, o pae Neubronner installou nas villas e aldeias circumvizinhas da cidade onde está estabelecido pombaes, e os seus empregados collocaram em bainhas, formadas de dedos de luvas, as receitas dos medicos, escriptas sobre papel de seda.

Os remedios eram entregues com a maior presteza. Esta organização deu excellentes resultados para a pharmacia e os freguezes. Finalmente combinou-se um engenhoso systema para remetter os remedios pelas avesinhas, em casos urgentes ou de distancias maiores.

Para utilisar os pombos como photographos ideou o mesmo doutor uns arreios correspondentes: uma chapinha delgadissima de aluminio, presa por quatro correias e onde se colloca um pequeno apparelho. Primeiramente, acostuma-se o pombo com os arreios, sem o apparelho, encerrando-o n'uma sala espaçosa, onde pôde caminhar e voar á vontade. Poucos dias depois, ao estar já acostumado, augmenta-se-lhe o

modelo c
pezo de
cessivam
que o p
posto em
pombal
lado da
O pombo
está livre
quando
maior p
A cam
comprim
gura. C
linha di
a região
se uma



seguir,
nisação
precisa
nomico
meio e

As b
guintes

1.ª—(cutados
specção

2.ª—(nados

blica, n
cio par

para s
cia ao

3.ª—(feita d

publica
os de

etc.;

4.ª—(cultas

5.ª—(orient

dições
aptos
de un

modelo da camara, principiando com o peso de 30 grammas e chegando successivamente até 75 grammas. Uma vez que o pombo vóa com o aparelho, é posto em liberdade e dirige-se ao seu pomal, onde immediatamente é libertado da carga e recebe agua e comida. O pombo que nota que no seu aviário está livre da carga incommoda, trata, quando está com ella, de voltar com a maior pressa para casa.

A camara tem oito centímetros de comprimento e cinco e meio de largura. Como o pombo vóa sempre em linha direita, conhece-se perfeitamente a região percorrida, mas para formar-se uma idéa da situação de uma gran-

de zona, deve-se lançar varios pombos de diversas partes. Com o aparelho, o pombo pôde voar uns 15 kilometros.

Com alguma pratica é facil formar um mappa do caminho percorrido.

O perigo de se perder algum aparelho não é grande; o dr. Neubronner, durante tres annos de ensaios, sómente perdeu um, devido a estarem mal collocados os arreios.

E' curiosa a observação feita de que as aves de rapina quando perseguem os pombos com aparelhos promptamente os deixam, provavelmente espantadas com o reflexo da parte metallica d'esses mesmos aparelhos.

O "HARD LABOUR"

É

uma penalidade que os tribunaes inglezes applicam com frequencia. Tende a dar á prisão um character eminentemente pratico, de modo que redunde em beneficio do recluso, sem causar prejuizo á sociedade. Para o conseguir, executa-se uma rigorosa organização do trabalho, pois este constitue precisamente, tanto sob o aspecto economico, como sob o aspecto moral, o meio em que essa penalidade se baseia.

As bases da organização são as seguintes:

1.º—Os trabalhos dos reclusos executados sempre sob o regimen da inspecção directa do Estado;

2.º—Os productos do trabalho destinados ao consumo da administração publica, não devendo ceder-se ao commercio parte alguma do trabalho produzido, para se evitar o perigo da concorrência aos industriaes e operarios livres;

3.º—Execução rapida, economica e perfeita de grandes trabalhos de utilidade publica, como os diques de Portland, os depositos de agua de Portsmouth, etc.;

4.º—Utilização e amanho de terras incultas;

5.º—Instrução pratica dos presos, orientada no sentido de os pôr em condições de voltar ao seio da sociedade aptos para ganharem a vida por meio de uma profissão lucrativa e honrada.

Chega o delinquente a Portland ou a Wormwood, que são na Inglaterra os estabelecimentos penitenciarios mais importantes, albergando 1.200 presos cada um. Destinado á servidão penal, fica comprehendido na *stat class*, categoria de neophytes do crime, dado que não se trate de um reincidente.

Entrega-se-lhe a roupa regulamentar, que lhe ha de dar o aspecto exterior do recluso. Fornece-se-lhe uma cella, um leito com duas mantas e dois lençoes, os indispensaveis accessorios recommendados pela hygiene e alguns livros de boa leitura.

O chefe da prisão dá-lhe a conhecer o regulamento que lhe mostra a perspectiva dos castigos. Estes correspondem a uma escala progressiva: más notas, baixa de classe, supressão de alimentos, encerramento em calabouço, açoites, e, finalmente, o pótro. Tal é o reverso da medalha.

Mas o anverso, o lado das recompensas, tem os seus attractivos. Desde que tenha boa conducta e amor ao trabalho, o preso ascende das classes inferiores ás superiores. E, segundo a classe a que pertence, assim elle recebe mais ou menos cartas, mais ou menos visitas, maiores ou menores gratificações e caminha lenta e rapidamente para a liberdade condicional.

Os lucros que o trabalho lhe proporciona são sempre escassos. Ao recuperar a liberdade, o peculio que conseguiu reunir limita-se a duas libras ster-

linas, 12 shillings e 6 pence, se o tempo de prisão não fôr além de cinco annos.

Não é, certamente, grande coisa. Mas a prisão ingleza não trata de enriquecer os reclusos. O que pretende é corrigil-os, instruil-os, collocal-os na situação de, ao voltarem á sociedade, poderem viver honradamente do trabalho que os redimiu. E consegue-o, em grande parte, porquanto não retrocede ante os maiores obstaculos, nem olha a meios, por mais radicaes que elles sejam. Entre os trabalhos mais violentos distinguem-se os que se applicam aos condemnados ao *Har Labour*.

Antes de ser admittido aos trabalhos uteis, vulgares, o preso é obrigado por um certo espaço de tempo a desempenhar uma occupação esteril, com o que se procura, segundo o espirito do legislador, abater-lhe a altivez, obrigando-o a adaptar-se a qualquer necessidade.

Imaginemos o quadro que formam duas duzias de recém-chegados a Portland, já vestidos com a sua farda cinzenta, diante de uma especie de grande roda de moinho, cujas aspas rodarão ao impulso dos pés dos reclusos, durante oito ou dez horas, com poucos ou muito breves intervallos de descanso. A terrivel machina começa a mover-se—e desgraçado d'aquelle que deixe de mover a tempo a aspa correspondente, porque então a roda despeça-o-ha! E' atroz o supplicio do *tread wheel*, ou da «roda de disciplina». Não é, todavia, o unico no seu genero. Ha uma variada colleção para pôr á prova as energias dos sentenciados ao *Hard-Labour*.

O condemnado que dê provas de docilidade é admittido nos trabalhos ordinarios. A que o dedicarão? Ao que possa ou saiba fazer, segundo as suas aptidões e tambem segundo a resistencia physica, que o medico da prisão avaliará previamente. Em qualquer caso, ser-lhe-ha imposto um minimo de trabalho semanal. Se fabrica calçado, tres pares por semana, se faz alpercatas, trinta pares. Os individuos bastante musculosos serão destinados ao corte de lenha para combustivel. Mas a esses mesmos será marcado um minimo de trabalho: seis quintaes em cada oito horas.

Desfallecimentos ou abandono de trabalho são motivos para a imposição de penas que umas vezes consistem na supressão da roupa da cama, outras na redução da comida e muitas na priva-

ção do primeiro almoço, que, segundo o regimen penitenciario, lhes é fornecido diariamente. Estes premios são como que uma compensação da violencia do *tread wheel*.

Os inglezes, que taes praticas conservaram, passam por ser, mais do que qualquer outro povo, respeitadores da liberdade e da dignidade humana.

Morreu o anno passado em Nova York um homem de appellido Wonsuch que, em tempos, descobriu uma mina d'ouro vendendo-a pela miseria de 500\$000 réis, por não ter meios para a explorar nem conseguir quem entrasse com o capital indispensavel. O comprador que muito bem soube o negocio que fez, principiou a exploração da mina que tem até agora rendido alguns milhares de milhoes...

Emquanto assim succedia o pobre Wonsuch morria de fome... O desgraçado, que teve na mão uma poderosa fortuna, morreu quasi desamparado. Os homens que elle enriqueceu não se lembraram nunca de auxiliar o infeliz que os encheu de milhoes.

E' sempre assim. Talvez que até lhe chamassem tolo...

O PETROLEO EM FRANÇA

Diz um jornal de Paris que o consumo de petroleo actualmente em França é 13 ou 14 vezes maior do que era ha 40 annos. Pelo menos é isso o que se infere da seguinte estatistica publicada pelo ministerio do trabalho:

Annos	Toneladas
1870	32:800
1880	75:800
1890	196:400
1900	350:600
1907	430:700

O principal factor d'este consumo é evidentemente a industria automobilista cuja influencia principiou a exercer-se no periodo de 1880-1890. Quanto ao consumo por pessoa, que era de 13 kil. e meio em 1873-1877, attingiu 92 kil. em 1902, excedendo actualmente 106 kil.

Os aeronautas tem observado que a ultima cousa que ouvem, effectuando uma ascensão, é o latido dos cães, que ás vezes se apercebe n'uma altura de 2:000 metros.

gundo
forne-
s são
violên-

onser-
do que
s da li-

a Nova
onsuch
a mina
ia de
para a
ntrasse
ompra-
negocio
ção da
alguns

pobre
desgra-
derosa
ado. Os
não se
infeliz

até lhe

A

o con-
te em
do que
isso o
tica pu-
alho:

ts

sumo é
obilista
ercer-se
ao con-
3 kil. e
kil. em
3 kil.

o que a
ctuando
aes, que
tura de

ASSOCIAÇÃO SINISTRA

A "MÃO NEGRA"

O

anno passado foi assassi-
nado em Palermo um
agente de policia chama-
do Petrosino, que se in-
cumbira de perseguir os
serventuários d'essa fa-
mosa aggremação italia-
na denominada a *Mão*
Negra. Ha varias versões

que explicam mais ou menos porme-
norisadamente a gestação d'essa terri-
vel sociedade. Ahí vae uma d'ellas:

No fim do seculo passado, as quadri-
lhas sicilianas, que vivem da extorsão,
perceberam que não poucos d'entre os
italianos que haviam deixado o seu paiz
como camponeses, tinham adquirido
fortuna do outro lado do oceano, nos
Estados-Unidos. Aos ouvidos dos mal-
feitores chegavam as narrações do suc-
cesso dos seus patricios que viviam na
America, e, com espanto, vinham a sa-
ber que até o trabalhador commum,
que não podia fazer na Sicilia mais de
quarenta centimos por dia, ganhava em
Nova York o quadruplo d'esse salario.

Deante d'isso, os criminosos sicilia-
nos apressaram-se a explorar com os
seus methodos habituaes a colonia ita-
liana de Nova York. Pouco depois, a
policia americana achava-se face a face
com um aperfeiçoado mecanismo do
crime, incomparavelmente mais enge-
nhoso e complicado do que tudo com
que até então ella deparára.

A *Mão Negra*, como a sociedade se-
creta se denominava, começou, syste-
maticamente, extorquindo o que que-
ria, por meio de pedidos acompanhados
de ameaças. E, sem a menor hesitação,
recorria ao rapto, á aggressão e ao as-
sassinio, sempre que isso se tornava
necessario para a realisação dos seus
fins.

Alguns exemplos darão uma idéa do
modo pelo qual procede essa associação
criminosa. Em setembro de 1903, foi
assassinado Deranimo, ex-policia ita-
liano, a cujos esforços se devia a ca-
ptura de diversos membros da *Mão N*

gra. A vingança dos seus inimigos per-
seguiu-o de cidade em cidade, até que
foi um dia apanhado no saguão de uma
casa de hospedes da Segunda Avenida
e morto por um tiro de revólver.

Em seguida deu-se o assassinio de
Salvatore Bossotto, filho do propieta-
rio de um restaurante italiano. O joven
Bossotto havia chamado a policia para



Andrés Bagnatto e Domingo Abatti
(Dois dos mais temíveis associados da «Mão
Negra»)

prender um siciliano, que tentára de-
fraudar alguns mineiros que vinham
da Pensylvania, em caminho para a
Italia.

Uma manhã, quando Bossotto e o fi-
lho iam abrir o restaurante, encontra-
ram na vidraça da porta principal o
signal da *ponte da morte*—uma linha

perpendicular cruzada em intervallos regulares por tres linhas horizontaes, com pequenas cruces nos dois espaços do lado direito. Pouco depois cumpria-se a predição. O joven Bosotto foi morto no seu proprio restaurante, por um tiro de revólver disparado pelo siciliano accusado. Durante o verão e o outono de 1904, houve explosões de dynamite em varios armazens de Nova York, cujos proprietarios eram italianos que se haviam recusado a pagar o tributo exigido pela *Mão Negra*.

Para se poder avaliar o panico determinado por estes attentados, basta dizer que, durante dias, grande parte das crianças, que frequentavam as escolas dos bairros italianos, foram retidas em casa pelos paes, receiosos de que os edificios dos collegios fôsem destruidos pela dynamite. E mais do que uma vez os boatos alarmantes começaram a circular, quando as crianças estavam nas escolas, as quaes foram invadidas pelas mães aterrorisadas, que declaravam que, se as escolas em que estavam os filhos iam voar pelos ares, queriam morrer com elles. A excitação chegou a tal ponto que a policia teve de mandar reforços para conter a multidão.

Esses exemplos dão idéa dos attentados commettidos pela *Mão Negra* em Nova York. Mas esta cidade não foi o unico theatro das façanhas da terrível sociedade. Em muitas partes da Nova Inglaterra os italianos vivem sob um terror permanente.

Não ha muito tempo que um italiano, empregado n'uma fabrica em Springfield, no Massachussets, communicou ao gerente da fabrica que estava sendo forçado a pagar a uma d'essas quadrilhas mais de um dollar por semana, a fim de obter immunição.

N'essa mesma cidade falleceu o fabricante de carabinas sr. D. B. Wesson, que não era, entretanto, italiano, mas cuja morte foi attribuida ao desgosto causado por cartas em que se ameaçava destruir, por meio de bombas de dynamite, a sua fabrica, por não ter elle pago uma grande somma, exigida pela *Mão Negra*.

Em Connecticut, o padrone de um

acampamento de trabalhadores italianos foi morto, por se ter recusado a dar á *Mão Negra* metade dos lucros da sua casa de pensão. Nos districtos industriaes da Pensylvania a organização da sociedade é muito poderosa. Em Seranton, ha alguns annos, travou-se uma batalha nas ruas, quando a policia tentou prender uma quadrilha, que extorquia tributos. N'essa cidade, quatro das victimas eram individuos que se recusaram a pagar as sommas exigidas, e que, por esse motivo, foram attrahidos a uma emboscada, a altas horas da noite, e golpeados nas faces.

No outono de 1907, foi preciso um regimento *au grand complet*, para desalojar as quadrilhas da *Mão Negra*, que se tinham installado nos condados de Westmoreland, de Fayette e de Washington. Uma occasião as tropas foram obrigadas a fazer voar pelos ares uma casa com a quadrilha que n'ella se entrincheirára.

A Luisiania é outro Estado onde a *Mão Negra* exerce a sua malefica actividade. E ahi a sua acção é tão terrível, e tem impressionado a população por tal fórma que, em certas cidades, as auctoridades tem tido difficuldades em impedir um levantamento geral contra os residentes italianos. O terror que esses criminosos inspiram constitue, exactamente, a sua melhor protecção contra a policia. Em muitos casos as auctoridades nada sabem sobre as ameaças, até ao momento em que ellas são levadas a effeito. O proprio agente Petrosino declarou uma vez que, se não fôsse a recusa dos italianos em auxiliar a policia, uma quadrilha que então commettia muitas depredações poderia ser anniquilada em 48 horas.

«O homem que diz ter recebido quatro cartas ameaçando-o», declarava o agente Petrosino, «não as mostra, nem nunca as mostrará a policia. Os italianos que recebem cartas d'essa ordem fazem muito mal em não contar á policia metade do que sabem.»

Em 1907, no proprio dia em que appareceu nos jornaes de Nova York um telegramma dizendo que muitos italianos tinham ultimamente voltado para Italia, a fim de escaparem á *Mão Ne-*

gra, occorreu um incidente significativo n'um dos tribunaes de Nova York. Um preso italiano, que havia sido condemnado pelo crime de rapto, mas cuja sentença ainda não havia sido cumprida, imaginou que, se prestasse testemunho contra o seu cúmplice, teria uma pena mais leve.

Tendo communicado ao carcereiro a sua intenção de contar toda a verdade, foi, de novo, levado ao tribunal e prestou juramento. Antes, porém, que elle tivesse tido tempo de pronunciar uma palavra, olhou para o seu cúmplice e logo a face se lhe cobriu de uma pallidez mortal.

O outro preso, olhando fixamente para o companheiro, tinha collocado o indicador da mão direita nas duas fontes, successivamente, e, em seguida, rapido como um relampago, passára a mão direita pela garganta. «Fez o signal de morte», exclamou o advogado de accusação. «Vi», accrescentou o juiz. E desde então não foi possível obter uma palavra do homem que tão espontaneamente se offerecera para contar toda a verdade. Retirado do tribunal, esse individuo, depois de ter sido animado, promettendo de novo contar tudo. Reconduzido ao juiz pela segunda vez, os ra-

pidos movimentos da mão do seu cúmplice fizeram-no emmudecer.

E não são unicamente os criminosos que ficam assim paralyzados pelo terror. Mesmo os italianos de boa posição raramente se promptificam a dar informações, ou a fazer qualquer cousa que possa acarretar-lhes a hostilidade da temerosa sociedade. Não ha muito tempo que um respeitavel negociante italiano d'uma cidade da Pensylvania se offereceu como fiador de tres membros da *Mão Negra*, que tinham sido presos, explicando ao tribunal que o fazia para que a vida e propriedade, não sómente d'elle, como de todos os residentes italianos, não corressem perigo.

Felizmente, tem havido, ultimamente, alguns indícios de que os italianos das melhores classes estão dispostos a combinarem-se, sem olharem aos riscos pessoases, para exterminarem as quadrilhas que teem causado tanto mal á reputação da sua terra natal. Ha pouco tempo noticiou-se o estabelecimento de uma contra sociedade, a *Mão Branca*, organizada em Chicago, e subsequentemente ramificada em Nova York, em Philadelphia, em Pittsburgh e em Boston.

• A pena de morte •



ter-se realisado ha mezes em Paris uma execução, cousa que se não effectuava ali ha dez annos, faz com que venha novamente a publico a pergunta: *O Cadafalso é moralisador?* Vejamos alguns argumentos dos que o

defendem e dos que o atacam.

Henry Joly, da Academia Franceza.

«Não podemos admittir que voltem ao meio de nós, ao meio das nossas familias, ao meio da nossa mocidade individuos sahidos de quadrilhas onde se faz a caça ao homem, gente que vive apenas do roubo, da prostituição. Ainda ha pouco, no meu bairro, havia um

bando d'essa natureza. Passa um rapaz de 15 annos. Um dos patifes diz:

«—E' uma creança.

«E outro responde:

«—Isso que tem?

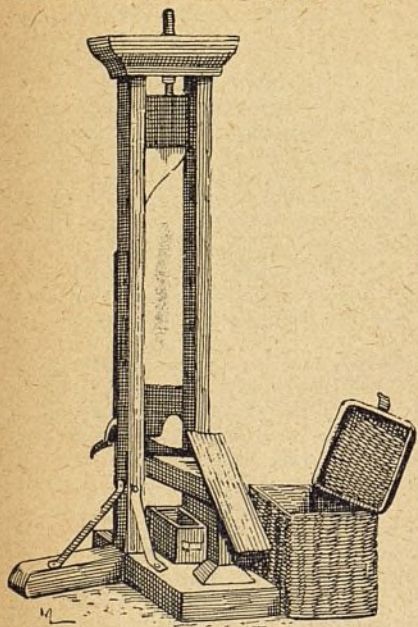
«Dispararam e mataram-no.

«Com franqueza, é preciso ter uma pertinácia singularmente obstinada do respeito pela vida dos assassinos para pedir a abolição definitiva d'uma pena que não se applica senão a um limitado numero de individuos e de individuos do genero que acabo de mencionar.»

O pastor Arbouse, capellão das prisões do Var

«Se consulto a minha experiencia, declaro que essa pena produz a intimida-

ção. Foi o que sempre notei, e assim não posso dizer que visse exemplos contrários. Acrescento que, desde que



Uma guilhotina

não se executa, os presos escutam com curiosidade, mas sem se impressionarem muito, tudo quanto se refere à necessidade d'uma mudança de vida...

«Recorda-nos de ter visto o regulamento de um bando de *apaches*. Os artigos não eram numerosos: uma dúzia... e também não eram complicados. Não havia mais que uma pena: a morte! Porquê? Porque é o único castigo que lhes causa medo; e para elles não ha outro.»

Demange, advogado

«Fiquem bem convencidos de que os malfeteiros, quando se agrupam em associação, sabem muito bem que a pena de morte não se lhes applica, ou tão raras vezes que a consideram como não existindo... Talvez os *apaches* não se servissem tanto da faca se vissem que empregando esta arma seriam executados...»

Ernesto Cartier, presidente da Associação dos Advogados Francezes:

«O ladrão, o salteador, que não tem outro fim senão roubar, pensa:

«—Se fôr surprehendido, supprimerei a testemunha indiscreta.

«Julgam que a morte lhe é indifferente? Se estiver seguro que não arrisca a sua vida, devido á abolição da pena de morte, será muito mais facilmente levado a assassinar para avultar o seu roubo, o que não faria se visse em perspectiva a guilhotina a levantar-se.

«... Creio que só a pena capital é capaz de amedrontar essa gente.»

Levillé, professor na Faculdade de direito de Paris:

«Espero que o parlamento francez nunca cederá aos conselhos imprudentes que lhe são dados, e que não inscreverá no código um artigo perigoso para a gente de bem e que, para ser exacto, devia ser assim redigido:

«De ora ávante a lei não garantirá em França senão a vida dos assassinos!»

Demague, professor da Faculdade de direito de Lille:

«Não ha individuos que teem muitas vezes recuado ante o homicidio com medo da morte? Parece-me ousado avançar que tal nunca aconteceu. E isso não justifica o manter-se a pena capital na lei, embora o seu emprego deva ser limitado?... Quando se trata de criminosos reincidentes, não nos mostramos



Guillotin

em face d'esses seres tão degradados, physica e moralmente, que o castigo supremo em nada deslustra a sociedade?»

J. Drioux, advogado no tribunal de Orléans.

«Estou finalmente convencido de que no mundo dos criminosos só a idéa do cadafalso faz reflectir e obsta a que se transponha um certo limite. Calculo que não é por sensibilidade que alguns miseráveis não matam a testemunha que os surpreheende no seu trabalho e fogueira, enquanto a outro não repugna o emprego da faca. Seria para lamentar que os riscos profissionais não fôsem diferentes para uns e para outros...»

Paulo Jolly, juiz de instrução em Paris.

«Não pronunciarei senão uma phrase: —Fiquem certos de que ao abolir a pena de morte os criminosos tornar-se-hão todos assassinos.»

Os fanaticos da India Inglesa



As duas opiniões na Inglaterra a respeito da politica que deve ser praticada na India Inglesa, para com os indigenas d'aquelle immenso paiz: uma é partidaria da politica de approximação e afirma a possibilidade de um convívio pacifico entre conquistadores e conquistados outra, pelo contrario, acha necessario conservar os habitantes da India em estado de submissão, fazendo-lhes ver sempre a sua differença de raça e de posição politica.

O recente assassinio do coronel William Curzon Wyllie, ajudante de lord Morley, ministro das Indias, torna da maior actualidade a questão do modo por que deve proceder a politica Inglesa para com os indigenas. Dhinra, o assassino de lord Curzon e do medico hindú Lalcaca, é um dos jovens indigenas alliciados para uma acção directa que durante os ultimos annos tem praticado na India toda a sorte de actos prescriptos pela doutrina libertaria.

Para espalhar taes doutrinas existe uma organização especial na Europa, denominada «India house», um club nacional fundado por Shyamaji Krishna-warma, um rico hindú que vive em Paris, consagrando a sua immensa fortuna á propaganda activa, cujo órgão é o jornal *Sociologue Hindou*. Lê-se n'elle:

«Arriscando-nos a perder a estima e sympathia dos nossos velhos amigos, repetimos que o assassinio politico não é um crime. Todo o mundo que não tem preconceitos trata o criminoso politico não como um assassino, mas como um vingador da humanidade.»

Hoje a agitação libertaria, realmente, é bastante grave, tanto mais que as doutrinas d'essa especie não são occasionaes para a India: correspondem, pelo contrario, ás tradições essenciaes da sua civilização. Rama e Krishna, que são considerados na India inteira como encarnações da divindade, são celebres por terem assassinado os tyranos Ravana e Kansa, sem contar outros tyranos aos quaes mataram e aos seus partidarios, do que se encontra a menção no capitulo septimo das leis de Manú. E o culto de Kali, a terrivel deusa da morte e da destruição, está re-crudescendo agora na India, e é no seu templo, em Calcutá, que se reúnem os agitadores.

O automobilismo faz emmagrecer?

Um sabio, o sr. Mouzel, descobriu que alguns porquinhos da India, alimentados com a mesma ração diaria e submettidos a uma corrente de ar da mesma temperatura, expostos a um vento de 21 kilometros por hora, perdiam o peso de 40 grammas por cada kilo.

D'aqui concluiu que o automobilismo faz emmagrecer, mas para isso seria necessario não se cobrir nem comer mais do que o costume.

E' preciso notar em favor d'esta theoria que nas terras da costa onde ha mais vento os obesos são em menor numero.

MISTURA INCOMBUSTIVEL

Preparar a mistura seguinte e n'ella humedecer os objectos inflammaveis papel ou fazenda, e deixar secar:

Agua.....	4:000 grammas
Phosphato de amoníaco.....	100 "
Acido borico.....	12 "

A maior estatua de bronze do mundo inteiro é a de Pedro o Grande em S. Petersburgo. Pesa mil toneladas.

Sociedade Torlades

PARIS — LISBOA — SETUBAL

COMMISSÕES, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

PARIS—Boulevard Haussman, 33

Escriptorios: LISBOA—Rua do Ouro, 32

SETUBAL—Avenida Todi

CORRESPONDENTES NAS CAPITAES EUROPEAS:

London—London & Country Banking Company Ltd.—
Baring Brothers & C.^o Ltd.—Credit Lyonnais.

Edinburgh—The National Bank of Scotland Ltd.

Dublin—The Munster & Luinster Bank Ltd.

Paris—Flury Herard M. Davillier—Credit Lyonnais—So-
ciété Marseillaise de Credit Industriel & Commercial
& de Dépôts.

Bruxelles—J. Matthieu & Fils.

La Haye—P. J. Landry.

Amsterdam—Hope & C.^{ie}.

Berlin—Mendelssohn & C.^{ie}—Breest & Gelpcke.

Berne—Banque Cantonale de Berne—Genus & C.^{ie}.

Copenhagen—Kjobenhavns Handelsbank.

Christiania—Central Banken for Norge.

Stockholm—Industri-Kredit-Aktie-Bolaget Stockholm.

Helsingfors—Forening Banken i Finland.

Saint Petersbourg—Credit Lyonnais.

Vienne—Banque Imperial e Royale Privilegiée des Pays
Autrichiens.

Budapesth—Pester Ungarische Commercial Bank.

Madrid—Gomes & Vasquez, Credit Lyonnais.

Rome—Banque Commerciale Italienne.

Athenas—Banque Nationale de Grèce.

Constantinople—Azarien-Père & Fils.

A arte musical na America

Nova-York é a cidade mais cosmopolita da America e talvez do mundo inteiro. Um bom terço dos seus habitantes é de origem germanica ou slava e os italianos attingem quasi a cifra de meio milhão.

Os descendentes d'estas grandes raças para as quaes a arte musical é um culto e até quasi instincto, unidos aos cidadãos de origem angle-saxonica e celtica, que tambem apreciam muito a musica, constituem uma inexgotavel mina para os empresarios lyricos. Inutil será dizer que o valioso filão é alacremenente explorado por systemas genuinamente americanos, isto é, grandiosos.

O empresario Maurice Grau foi o primeiro que se aventurou a fazer representar no «Metropolitan Opera House» obras musicas com artistas de fama mundial como os dois De Reszké, Melba, Plançon, etc., e attingiu logo um notavel resultado, chegando a média das suas receitas diarias a ultrapassar 11:000 dollars.

Não tardou a surgir-lhe um formidavel concorrente na pessoa do empresario Oscar Hammerstein, que abriu um novo theatro exclusivamente dedicado ás obras musicas, a «Manhattan Opera House», com um exito ainda mais favoravel do que o do seu rival, e que prova quanto o publico nova-yorkense é absolutamente insaciavel em materia de musica. Com effeito, o anno findo os dois theatros deram 280 representações de opera, sempre perante uma numerosissima assistencia e com uma receita média de 45:000 francos por noite.

Ao passo que os mais importantes theatros europeus, como por exemplo o «Scala», de Milão, fazem preceder cada novidade de uns poucos de dias de encerramento, para se poderem fazer ensaios, o «Metropolitan» e o «Manhattan» não interrompem nunca as representações regulares, nem mesmo na vespera de uma grande «première».

Estas novidades, que representam um verdadeiro acontecimento nos theatros europeus, são simples incidentes em Nova York. Tudo anda *comme sur des rou'ettes*, sem confusão, systematicamente, como se se tratasse de uma vasta empresa financeira e não de uma empresa artistica.

O elemento financeiro occupa um lugar importantissimo no theatro americano, onde vigoram preços e tarifas muito superiores aos europeus. Actualmente, por exemplo, a situação do «Metropolitan», apesar das suas receitas diarias médias de 45:000 francos, não é muito satisfatoria, e parece até que o seu *deficit* heblomadario sóbe a uns 20:000 dollars.

Não se deve isto á falta de interesse pela parte do publico, que nunca deixa de encher os theatros, mas sim ás despesas sempre crescentes da *mise-en-scène* e aos estipendios verdadeiramente principescos que exigem os artistas de marca, unicos que servem de chamariz para o publico de Nova-York.

Tamagno recebia 1:250 dollars por noite no «Metropolitan»; Jean de Reszké contentava-se a principio com 1:000 dollars por noite, mas na sua ultima temporada exigiu 2:500 dollars, além de uma percentagem sobre a receita excedente a 40:000 francos. Caruso subiu tambem de 1:000 a 2:500 dollars, e recebe este enorme estipendio não sómente em Nova York, como tambem em Londres, Berlim, Vienna e Monaco.

As cantoras, mesmo de primeirissima ordem, nunca attingiram estas sommas. Actualmente ha tres ou quatro que se fazem pagar 1:500 dollars por noite.

A China e o Japão foram os primeiros paizes que conheceram e usaram os guarda-chuvas.

A vida dos ratos está circumscripta a um periodo médio de tres annos e meio.

Os banhos do mar

CONSELHOS AOS NADADORES

Os banhos frios estão sendo cada vez mais preconizados e pôde-se mesmo dizer que estão na moda. Mas também se sabe que é raro o anno em que não ha a lamentar desastres, causados em grande numero pela imprudencia dos banhistas e especialmente pela falta de sangue-frio.

Conhecem-se varios casos de individuos que se atiram á agua depois de terem bebido ou comido excessivamente, ou que, estando alagados em suor apoz uma longa e fatigante marcha a pé, ou uma corrida de bicycleta, vão procurar nas ondas o almejado fresco, que pouco depois lhes causa a morte.

O dr. Mesnard, medico da Sociedade Franceza de Soccorros a Naufragos, expoz as suas opiniões sobre o assumpto n'um jornal francez, as quaes achamos do maior interesse e actualidade.

N'outros tempos, diz o illustre medico, fui um nadador intrepido e experimentado e por varias vezes tive de lutar contra os inimigos do nadador: os remoinhos, as plantas aquaticas e as caimbras... Vou indicar-vos como foi que eu, com o auxilio de meios muito simples, consegui safar-me das rascadas em que me vi mettido e em que por vezes corri bastante risco. Estes conselhos d'um nadador, dados aos seus camaradas novos ou velhos, não devem ser inuteis.

Os remoinhos

«Devem saber que o remoinho é um movimento rapido e circular, que se produz sobre um ponto qualquer da superficie d'uma corrente. O centro de um remoinho profunda-se sempre em forma de funil e esta acção circular estende-se sobre um raio mais ou menos extenso, dependente da massa das correntes do rio ou da ribeira e da força da corrente. Não se experimente resistir a um remoinho, porque nunca se

escapa. Da mesma forma que um polvo, se elle vos agarra, não vos abandonará mais. Aconselho a que vos abandonéis entregue aos seus caprichos, e ás suas danças vertiginosas, porque só elle é que vos poderá salvar. Basta para isso apenas que o nadador saiba sustentar por algum tempo a respiração; e, se estiver atordoado, deve fechar os olhos.

«O nadador começará a girar sobre si mesmo, desapparecerá debaixo de agua, dará ahí algumas voltas, mas o círculo alargar-se-ha muito depressa e vós chegareis então ao ponto onde a acção do remoinho deixará de se produzir e encontrar-vos-heis na parte calma da corrente. O nadador virá então á superficie e poderá continuar o seu percurso ou regressar para a margem. Empregando este meio tão simples, pôde-se estar certo de que a vida do nadador não corre risco.

As plantas aquaticas

«Passemos agora a vêr a forma como o nadador se ha de livrar do segundo inimigo: as plantas aquaticas. Algumas d'estas plantas são verdadeiras cordas que se elevam do fundo das aguas e se inclinam no sentido da corrente. Se lançarmos uma pedra pesada sobre as plantas aquaticas, depois das vibrações produzidas, veremos enrolarem-se como serpentes.

«O nadador que se encontra enrolado n'estas teias, quando é um inexperiencedo julga-se perdido; quer fugir. Coitado! E' quando está condemnado a uma perda inevitavel. Desde que opponha alguma resistencia com os braços, as pernas, ou pescoço, ficará de todo agarrado. Redobra de esforços? Mais cadeias se ligam a elle! Afunda-se e dir-se-ha, depois que estas algas enlaçadas que reteem o seu cadaver, quando se chega a encontral-o, parecem não querer mais a sua presa.

«E' certo que o contacto d'estas plan-

quejan
car.Ao
umas
sinhos
rostos
recom
nuante
Mas
offerec
em faz
motiva
d'uma
de umAlli,
clive e
todos
para
de um
caso o
como o
Este
hospit
sia-se
pressã
apreci
minut
com n
fregav
Ha

abyssos, saltam no espaço, e tornam a seguir sempre animados. Quando se sae de lá, pisado, tonto, dobrado, ar-



O «coração» de Coney Island iluminado durante a noite

quejante, jura-se nunca mais recommençar.

Ao contrario, as nossas vizinhas, umas raparigas coradas, os nossos vizinhos, rapazes escanhoados ou graves rostos germanicos com olhos de ouro, recommençam dez vezes este «sport» extenuante e selvagem, envergonhando-nos. Mas outros prazeres ainda nos são offerecidos! A unica difficuldade está em fazer a escolha. Uma pequena locomotiva nos leva aos arrancos ao cimo d'uma alta chaminé, levantada á altura de um terceiro ou quarto andar.

Ali, somos enfiados sobre um declive de madeira, deslizando e tortuoso; todos os homens e mulheres, eavante! para o *Fire Escape*. Porque, trata-se de um apparelho de salvamento em caso de incendio. Dançamos lá dentro como uma folha ao vento.

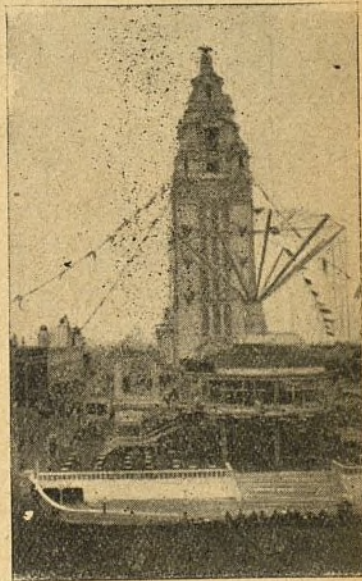
Estes apparelhos foram adaptados a hospitaes e a escolas; uma casa esvasia-se assim em pouco tempo. A impressão que temos é violenta; mas apreciámos a alegria de dois ou tres minutos de escuridão na promiscuidade com raparigas que gritavam, riam, esfregavam os pés na nossa roupa.

Ha alegrias que eu não desejo: des-

cer escadas com patins, metter-me em um barril que será solto n'um plano inclinado, cavalgar uma sella fixa por uma haste sobre um trilho, vencendo aqui e ali obstaculos, trabalhar n'um trapezio em cima d'agua, etc.

Mas acompanhei a multidão na fumaça dos ventos, labyrintho estreito e escuro onde os casaes se amam á vontade; no cabaret da noite, no inferno, no céu; nos pequenos navios movidos pela acção de um molinho, n'um canal sinuoso, sob tunneis sombrios para a felicidade dos amantes.

E se os divertimentos extenuantes não bastam, ha ainda bonecas que se abatem com bolas, mas todos abandonam essa diversão que exige entretanto um certo amor ao combate, para fins mais excitantes! Sim, as cabeças para abater, aqui, são cabeças de verdadeiros negros enquadras n'um amplo panno branco. E os projecteis são ovos crus, que se vão despedaçar sobre a alvura dos pannos ou, de vez em quando, sobre o rosto negro, para alegria do publico. A' porta, ouve-se gritar: «Por aqui, se-

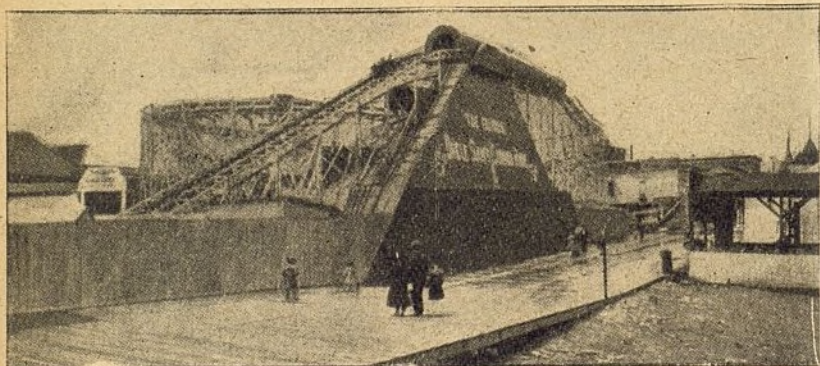


A «Torre da Noite»

nhoras e senhores, tendes necessidade de rir e nós temos necessidade de di-nheiro!»

Como em toda a parte, a quantidade de reveladores da *sorte*, chiromantes, cartomantes, phrenologos; cafés-concertos gratuitos mediante uma pequena gorgeta; bailes onde duas mil pessoas dançam, ou antes andam arrastando os pés.

Cafés populares onde negros cantam e tocam piano em mangas de camisa, enquanto os frequentadores dançam um *cancan* desordenado; restaurantes com orquestra, cheios de freguezes, armação de salsichas cozidas á nossa vista é que são comidas enquanto se passeia, armações de trigo verde em espigas, das quaes nos sentimos tão agradados, ostras que são comidas de pé,



O «cânhão mysterioso»

vaccas que são ordenhadas na nossa presença, cujo leite se mistura com sôda, e tudo isso ás centenas, como os tiros, os balouços, os torniquetes, as confettarias, os vendedores de xaropes, os jogos de destreza, de azar, os carrousseis com cavallos verdadeiros, uma *ménagerie* celebre com centenas de animaes, etc.

Um espectáculo mais complicado: a viagem á lua. Assentamo-nos em bancos tendo deante dos olhos télas pintadas e moveis, illuminadas por jogos de luz muito engenhosos. De repente temos a sensação de que atravessamos o espaço.

Nova-York passa com os seus milhares de luzes, desaparece; eis-nos nas nuvens, rebenta uma tempestade, tudo escurece, ouve-se o ruido do vento, a neve cãe, passa-se pelas estrellas, chega-se á capital da lua. Ah! os espectadores mudam de lugar. São engolfados

em corredores vagamente allumiados por clarões phantasticos, e de onde surgem de vez em quando angulos tenebrosos, e para vos aterrorisar verdadeiros *gnomos* vestidos de ouropéis de fadas, que soltam pequenos gritos.

No seu throno, o rei e a rainha dos Selenitas, cercados de anões authenticos e inquietadores, recebem as nossas homenagens. E' ridiculo e algumas vezes bastante empolgante; ficamos possuidos d'um medo um pouco grosseiro, á primeira vez, d'esses pequenos monstros movendo-se no meio d'essa decoração bizarra fracamente allumiada.

Percorri tambem n'um «wagon» uma mina de carvão; debrucei-me na janella

e vi a mim proprio em frente, com a minha cabeça collocada sobre corpos ridiculos; experimentei subir uma escada cujos vinte degraus se movem inteiramente e sem cessar de cima para baixo com a regularidade de um pendulo de relógio.

Trata-se de chegar acima, o que não é commodo, porque, assim que tivermos galgado um degrau a escada abaixa-se de um outro, perdemos muitas vezes o passo, arriscando-nos a ferir o rosto. Consegue-se, entretanto.

Saindo não sei de que exhibição d'esse genero, é preciso passar por uma porta por onde está installado um poderoso ventilador que não se vê e que tira os chapéus com uma presteza que faz rir. Homens e mulheres despenteados são forçados a correr atraz dos seus chapéus por entre a multidão...

Jules Huret

CONTRA OS GATUNOS

Conta-se que o guarda-livros d'uma casa industrial do boulevard de Villette, em Paris tinha por habito, ao chegar ao escriptorio, despir a sobrecasaca e substitui-la por um *veston*, pondo-se em seguida a trabalhar. Um dia, porém, notou, ao vestir de novo a sobrecasaca, que o haviam desfalcado do dinheiro da carteira que tinha deixado n'um dos bolsos d'aquella peça de vestuario.

Intrigado com o caso e não sabendo a quem attribuir o furto fatou a tal respeito com um pyrotechnico seu amigo, o qual lhe disse:

—Pois é uma cousa simples e facil o apanharem a unha o ladrão. Leva este cartucho de fulminante e mette-o na carteira. Isto não faz mal nenhum, mas produz um estouro formidavel.

O guarda-livros levou o dito cartucho e no dia seguinte despiu a sobrecasaca, metteu-o dentro da carteira e deixou ficar esta no bolso d'aquella, indo para a sua escreva.inha trabalhar.

Passado tempo, ouviu uma grande detonação, que partiu do gabinete onde o guarda-livros deixára a sobrecasaca, e, correndo toda a gente ahi, deparou-se-lhe um dos empregados, pallido, atterrado e tendo caída aos pés a carteira do guarda-livros.

Descoberto assim o gatuno, foi este preso e remetido para um commissariado de policia, d'onde, depois de haver confessado ser quem assaltára a carteira do guarda-livros, o enviaram para o calabouço do Deposito.

Ora aqui está um meio de toda a gente que usa carteira e anda nos electricos ser avisada, no momento preciso, em que algum hespanhol lh'a empalma, e a tempo evitar ficar sem ella.

A lua e as flores

Houve tempo em que se affirmou que a lua exercia uma influencia decisiva sobre a coloração das flores. Mas ninguém procurou saber se essa affirmacão se baseava em factos positivos ou se era apenas o devaneio d'algum poeta sentimental.

Segundo diz a *Tribuna Horticola*, de Bruxellas, parece que effectivamente não se trata d'uma phantasia. Um floricultor plantou exemplares de rosas-chá, com botões, em tres locais diferentes: os primeiros, n'um campo a toda a acção do tempo; os segundos, n'um terreno

vedado onde não entrava o mais pequeno raio de luz; os terceiros, n'um jardim, cobertos durante o dia, e expostos á noite aos raios do luar.

Ao cabo d'um mez o floricultor colheu os seguintes resultados: as rosas do primeiro grupo estavam quasi murchas; as do segundo estioladas e as que não se achavam inteiramente secas offereciam um aspecto doentio, com as suas petalas d'um amarello pallido riscadas com estrias de côr mais viva; as do terceiro, lindas e graciosas pelo formato e colorido.

Estará resolvido o caso?... A lua pode contribuir para augmentar a belleza das rosas?... O facto que apontamos é expressivo, mas o floricultor, não se dando ainda por convencido, projecta repetir as experiencias na primavera.

Um diamante aziago

Tem uma historia tragica o diamante Hope, ou diamante azul, que ha pouco tempo foi vendido no hotel Druot, de Paris. Se a narrativa tem precedido a venda, os arrematantes naturalmente abandonavam a praça e deixavam o brilhante azul ao desamparo.

O diamante Hope foi trazido do Oriente por Tavernier e vendido á corôa de França. Tavernier, arruinado por seu filho, teve de voltar á Asia, onde morreu de febres. Madame de Montespan começa a usar o brilhante azul, e a partir d'esse dia a favorita perde a sua influencia. Depois de ter pertencido a Maria Antonietta, que o empresta de vez em quando á princeza de Lamballe, a pedra é recolhida em 1792 no «Garde Meuble» e, poucos depois, desaparece.

Ao fim de 40 annos vão encontrar a em casa de um agente de commissões de Amsterdam, Wilhel Fals, cujo filho se suicida d'pois de ter roubado o diamante e arruinado o pae. A pedra passa ás mãos do marseluez Beaulieu, que, doente e necessitado, a manda offerrecer a um negociante de Londres, Eliason. Quando chega a resposta de Eliason, Beaulieu tem morrido de fome.

Eliason, em 1830, revende o diamante ao colleccionador Henry Thomas Hope, cuja familia, por uma immundade singular, a possui até 1901 sem que haja desgraças. Um negociante de Londres, Weil, adquire-a em nome de Frankel, joalheiro de Nova York, que, não encontrando comprador, começa a sentir-se mal de dinheiros. Cede-a a Co-

lot, francez, que a revende por trezen-
tos contos ao príncipe Kanitovsky.

Este offerece-a a uma artista das
Folies Bergères e mata-a na noite em
que ella a estreia. Quanto a Colot, en-
louquece. O proprietario seguinte, Mon-
tharides, joalheiro grego, despenha-se
n'um precipicio com a mulher e dois
filhos. O diamante passa a Abdul-Hamid,
que o confia, para ser polido, a um
certo Abu-Sabir. Este desgraçado é
d'ahi a dias chibatado e preso.

Um guarda vigia o diamante para que
não o roubem; encontram-no estran-
gulado. Um eunucho, Kouloub Bey, vae
substituir esse guarda; durante os re-
centes tumultos de Constantinopla, o
povo agarr-a-o, maltrata-o e enforca-o...

Quanto rende a litteratura

Sven Hedin, um explorador sueco,
que pela quinta vez percorreu o Thi-
bet, o paiz mysterioso do Dalai-Lama,
pediu a um editor inglez 160 contos de
réis para auctorisar a impressão do
seu proximo livro. Por mais elevado
que pareça este preço, é entretanto
moderado em comparação com outros
honorarios que tem sido pagos por
livros. Escriptores apreciados, como
Hall Caine e Maria Corelli, diz um jo-
rnal inglez, auferem maiores resultados.
Os herdeiros de Eduardo Noyes Wes-
trott obtiveram como gratificação espe-
cial pelo romance "David Harum" nada
menos de 400 contos. Uma parte da
"Historia da Inglaterra", de Macaulay,
foi paga com um cheque de 320 contos;
Gibbon recebeu pela sua grande obra
historica "Declínio e queda do imperio
romano" 160 contos e Walter Scott ou-
tro tanto por mais de um de seus ro-
mances.

Chateaubriand percebeu pelas suas
"Memorias" uma somma fixa de 160
contos e mais um ordenado annual de
7:680\$000 até á morte. Como vivesse
ainda doze annos, elevou-se essa som-
ma a 232:260\$000, ainda augmentada de
51:200\$000, que recebeu de comissão
sobre as vendas; ao todo, por conse-
quencia, 303:360\$000. Tennyson e Rus-
kin alcançaram com suas obras 80 con-
tos por anno. O "Judeu Errante"
produziu a Eugenio Sue 64 contos por
anno, o que era tido como fabuloso,
mas romances modernos como "Ben-
Hur", "Trilby" e "Sherlock Holmes",
teem dado aos seus auctores muito
maiores resultados.

Uma ideia luminosa

O engenho dos commerciantes aguça-
se sempre que teem que defender-se
contra os vexames do fisco. Os de Ber-
lim, empenhados n'uma guerra malleo-
sa contra os novos impostos que ag-
gravam os objectos mais indispensaveis
ao consumo, tiveram uma grande ideia.
Para se subtrahirem ás garras do fis-
co, supprimiram as phosphoreiras que
havia sobre as mesas á disposição dos
fumadores; substituiram-nas por umas
lamparinas acesas a toda a hora. Isto
custa-lhes tanto como aquillo; mas dá-
lhes o gostinho de diminuir a re-
ceita do thesouro publico, visto que a
lamparina não paga imposto.

Tambem começam a usar-se em Ber-
lim phosphoros compridos inflammaveis
pelas duas extremidades. Quando se te-
nha accendido por uma ponta, sopra-
se, guarda-se cuidadosamente o phos-
phoro e, cinco minutos depois, experi-
menta-se a indizível satisfação de o ac-
cender pelo extremo opposto.

A ideia não pôde ser mais luminosa.
E' innegavel que o cerebro que a dis-
correu tinha muito phosphoro. A inge-
nua lei aggravou os phosphoros de cé-
ra sem se lembrar de que elles podiam
servir duas vezes.

Outra applicação das ondas hertzianas

Um engenheiro allemão acaba de rea-
lisar, com pleno exito, uma série de
experiencias em Nuremberg, com o fim
de dirigir um barco electrico, com o
auxilio das ondas hertzianas. Eis alguns
pormenores sobre as experiencias fei-
tas no lago de Dutzeudteich:

Um pharol, collocado na margem do
lago, estava munido d'um projector e
d'uma antenna, como na telegraphia
sem fios. Um barco com motor electrico
estava provido de dois mastros de
quatro metros, entre os quaes estava
suspensa uma antenna, com igual com-
primimento. Foi collocado um receptor á
próa. Na pópa encontrava-se um comu-
tador para as correntes projectadas
e para o leme electrico.

Este dispositivo permittiu fazer exe-
cutar ao barco todas as evoluções de-
sejadas e com que descrevesse varios
«SS». Um systema de lampadas com inter-
ruptor prevenia o observador collocado
no pharol, um ou dois segundos antes
da mudança de direcção do barco.
D'esta maneira podia-se corrigir a tem-
po qualquer falsa manobra.

A psychologia d'um crime

(Extrahido d'um conto de Edgar Poe)

O

enygmatico Agenor endireitou o corpo ondulado na sobrecasaca preta e exclamou n'um rom-pante que tinha qualquer cousa da furia dos selvagens:

—Não, não, isso é tolice! O desequilibrio mental

que a tua amizade receia, affirmo-te, não existe. Ora, vê bem... Concentra a tua atenção, reflecte um pouquinho... Estás convencido de que falas, n'este momento, a um doido?

O outro sorriu e, mais enygmatico ainda, soltou, n'um leve murmurio, esta palavra hesitante:

—Conforme...

E quasi a seguir:

—Sim, não és doido varrido... Tens lucidez bastante para não comprometteres a tua liberdade. Quero dizer, não reclamas o immediato encerramento n'um manicomio. Mas soffres qualquer coisa, um pequenino grão d'areia que ás vezes parece transtornar profundamente a tua intelligencia... Duvidas?

—Duvido... E duvido, porque não dou um passo na existencia sem o calcular, sem o medir, sem lhe prevêr, cautelosamente, as consequencias. Duvido, porque todos os meus actos obedecem a uma consciencia perfeita do seu alcance. Oh! nunca procedi á toa. Nunca!... Sempre pautado, sempre orientado, o labyrinth da sociedade percorro-o sem abrir os olhos. E' vaidade dizel-o?... Seja... Mas, digo-o na certeza de que não erro...

—E, no emtanto, uma noite...

—Não prosigas... Sei o que vaes dizer. Vaes repetir o que, durante annos, eu li e ouvi longos dias a fio. E vaes repetil-o com o orgulho enfatuado de quem descobriu, para me conveneer, um argumento solido, indestructivel. Não prosigas... porque essa historia, a historia do meu crime, é bem diversa d'aquillo que tu sabes.

—O que eu sei... é o que ninguém ignora... é o que na realidade se passou... Mataste...

—Matei!

—Estrangulaste um velho, creatura indefesa, que nunca te offendera...

—Sim, estrangulei...

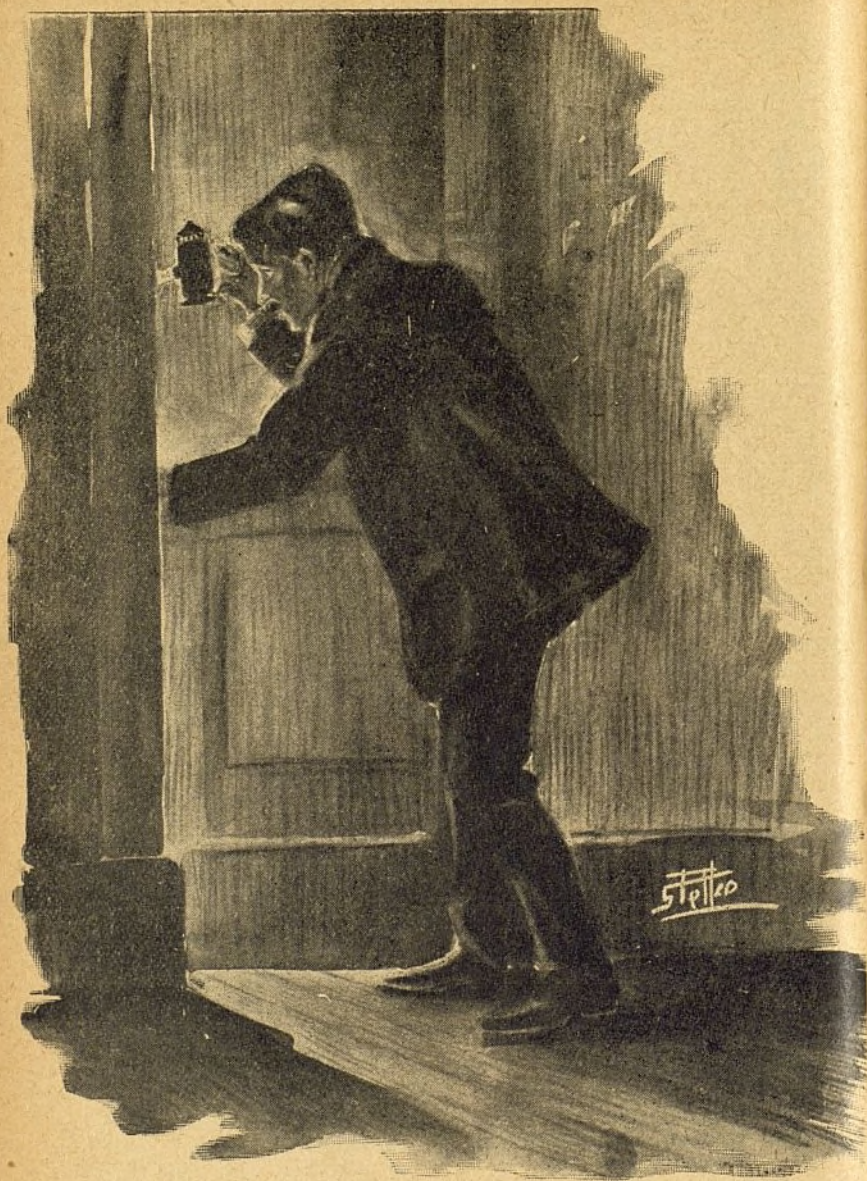
—Praticaste um crime horroroso, um crime atroz, que só a loucura justifica. O teu crime foi um crime de doido. Nem se explica d'outro modo...

—Basta. Pensas como toda a gente. Ouviste dizer isso, leste isso nos jornaes e foi o sufficiente para empenhares o teu criterio n'essa falsidade monstruosa. Ora ouve... Vou fazer-te a confissão d'esse crime sem omitir um pormenor. Vou contar-te minuto a minuto como o pratiquei e o que me levou a pratical-o. Depois, o teu raciocinio avaliará as circumstancias que intervieram no meu caso e, em ultima analyse, dictará a sentença de commentarios que se lhe affigurar mais justa.

Houve uma pausa. Agenor endireitou novamente o corpo e falou d'este modo:

—Sou muito nervoso, espanto: amamente nervoso. Sempre assim fui. Esse nervosismo afinou-me os sentidos, apurou-os por uma fórma extraordinaria. O sentido da audiçao, esse, mais do que os outros, attingiu um grau de finura excepcional. Cheguei a ouvir todas as cousas do ceu e da terra. Ouvi mesmo as do inferno. E, comtudo, repito, nunca senti o effeito pernicioso d'um desvairamento, nunca perdi a tranquillidade que n'este momento pódes constatar.

«Não posso dizer-te de que modo a ideia do crime entrou primitivamente no meu cerebro; mas, uma vez lá dentro, nunca mais deixou, noite e dia, de me assediar. Essa ideia nada tinha de abusiva. A paixão não a influenciava. A minha synpathia pelo velho era absoluta, sem restricções. Nunca me offendera. Nunca me desgostára. Não



Abria-a o bastante para deitar sobre o olho do velho um flosinho de luz...

Ayuntamiento de Madrid

lhe cobri
cido de
er isso
abutre-
belida
sobre
assim,
xon-se-
car a
esse me

«E a
me doia
não sa
visses
que pi
que cau
a sema
fui ama
as noit
á tranq
sament
der m
lantern
bem fe
de luz
Oh! fa
traordi
estava
lantern
precau
Abria-
olho d
imperc
do dia
quarto
mento
affectu
passar
elle fô
observ
eu o c
das as
crime.

«Na
maior
teiro
pressa
Antes
toda
des—
conter
sar q
pouco
seque

lhe cobiçava a fortuna. Estou convencido de que era o olho!... Sim, devia ser isso! Um dos seus olhos parecia de abutre—um olho azul pallido com uma belida. Sempre que esse olho incidia sobre mim, gelava-se-me o sangue; e, assim, lentamente—gradualmente—fixou-se-me na cabeça a ideia de arrancar a vida ao velho e livrar-me, por esse meio, do olho irritante.

«E agora, admira o melhor! Julgas-me doido, não é verdade?... Os doidos não sabem o que fazem. E eu... se visses com que pericia procedi!—com que precaução—com que tacto—com que cautela puz mãos á obra! Durante a semana inteira que precedeu o crime fui amabilissimo para o velho. E todas as noites, pela meia noite, dava a volta á tranqueta da porta e abria-a cuidadosamente. Abria-a o sufficiente para poder metter a cabeça; introduzia uma lanterna de furta-fogo bem fechada, bem fechada, sem coar um unico raio de luz; depois... introduzia a cabeça. Oh! fazia isso com uma prudencia extraordinaria! Depois, logo que a cabeça estava toda dentro do quarto, abria a lanterna com precaução—e com que precaução—porque os gonzos chiavam. Abria-a o bastante para deitar sobre o olho do velho um fiosinho de luz quasi imperceptivel. E de manhã, ao romper do dia, entrava resolutamente no seu quarto, falava-lhe com o maior atrevimento, chamando-o pelo nome em tom affectuoso e informando-me solcito se passara bem a noite. Quer dizer: só se elle fôsse, na verdade, um velho muito observador é que podia suspeitar que eu o espreitava durante o somno, todas as noites, á hora do silencio e do crime.

«Na oitava noite ainda empreguei maior precaução a abrir a porta. O ponteiro d'um relógio move-se mais depressa do que se movia a minha mão. Antes d'essa noite, nunca tinha sentido toda a amplitude das minhas faculdades—da minha esperteza. Mal podia conter as sensações do triumpho. Pensar que estava ali, abrindo a porta, pouco a pouco, e que elle nem sonhava sequer as minhas acções ou os meus

propositos! Só esta ideia me fez rir—um riso abafado, mas que elle, decerto, ouviu, porque se voltou rapidamente na cama como se houvesse despertado. Vaes talvez suppôr que me retirei. Não. A escuridão no quarto era de breu—as janellas estavam hermeticamente fechadas com medo dos ladrões—e sabendo que elle não podia vêr o abrir da porta, continuei a empurrar-a para a frente, sempre para a frente.

«Tinha poisado a cabeça e ia a abrir



Não hesitei... Abri bruscamente a lanterna e corri para o leito...

a lanterna quando o meu pollegar escorregou na fechadura e o velho erguendo-se na cama, gritou: «Quem está ahí?» Fiquei completamente immovel e não respondi. Durante uma hora bem puxada não movi um musculo e o velho não tornou a deitar-se; continuava erguido na cama, a escutar—exactamente como eu tinha feito noites e noites seguidas.

«De repente, cortou o silencio do quarto, um gemido fraco, o gemido de um terror mortal. Não era o gemido que a dôr ou o desgosto provocam—não, não—era o gemido surdo e asphyxiado

d'uma alma cheia de pavor. Conhecía-o como os meus dedos. Muitas noites, á meia noite, enquanto toda a gente dormia, eu senti que o despedia do peito fendendo com o seu echo terrível os receios que me torturavam. Conhecía-o... Oh! se o conhecía! Sabia bem o que o velho experimentava n'esse instante e, francamente, embora os meus labios ainda sorrissem, quasi cheguei a apiedar-me do infeliz!... Sabia que elle despertára ao primeiro ruido e que se voltára no leito. O medo invadiu-o n'uma progressão assombrosa. Tentára socegar, persuadindo-se de que o sobresalto não tinha fundamento, mas impossível. A si proprio dissera n'um repellão de energia fugaz: «Foi o vento... ou então um rato que atravessou o quarto.» Procurára fortificar-se n'essas hypotheses, mas em vão... A Morte, approximando-se, passára na sua frente com uma grande sombra negra, a sombra em que envolvera a victima. E era a influencia funebre d'essa sombra despercebida que lhe revelava— embora elle não visse nem ouvisse coisa alguma— a presença da minha cabeça dentro do quarto.

«Esperei ainda um pedaço, pacientemente, julgando que elle se tranquillizaria e voltaria a deitar-se e, por fim, abri a lanterna de modo a consentir que o tal fiosinho de luz incidisse sobre o olho dos meus tormentos. Lá estava, como sempre, irritante e ferino, provocando calafrios, gelando-me o sangue nas veias. O coração do velho batia desesperadamente. Produzia um ruido surdo, apagado, frequente, como o que produz um relógio embrulhado em algodão. Não hesitei... Abri bruscamente a lanterna e corri para o leito. O velho soltou apenas um grito, um só. N'um prompto, precipitei-o sobre o sobrado e esmaguei-o com o peso da cama. D'ahi a instantes estava morto. .

«Cortei-lhe a cabeça, os braços e as pernas. Depois, desprezei tres taboas do quarto, escondi cuidadosamente esses restos e tornei a pregar as taboas de modo que nenhum olho humano—nem mesmo o seu—fosse capaz de descobrir qualquer coisa de anormal.

Quando conclui o trabalho eram quatro horas da manhã. Ainda fazia escuro como breu. Bateram á porta da rua. Fui abrir, lepidamente e semi-satisfeito. (E que tinha eu a recear?) Na minha frente surgiram tres policias, creaturas delicadas e de maneiras unctuosas. Um visinho tinha ouvido um grito — explicaram — e dera parte no posto mais proximo.

«Soltei uma gargalhada e respondi que o grito fôra meu, que o desferira durante um sonho mau; accrescentei que o velho andava em viagem, fiz com que os policias percorressem todos os cantos da casa e até os conduzi ao quarto do morto para verem como estava tudo em ordem... No entusiasmo da minha confiança convidei-os a assentarem-se e a descansarem e installei-me n'uma cadeira sobre as pranchas que occultavam os pedaços do cadaver. Conversámos sobre cousas banaes, a conversa chegou mesmo a tomar uma feição alegre e familiar, quando, de repente, senti que empallidecia e que do sobrado vinha um ruido estranho, um ruido surdo, frequente, como o d'um relógio, envolvido n'uma camada de algodão...

«Procurei disfarçar, falando mais alto, mas o ruido augmentava a cada instante. Ergui-me da cadeira, passei pelo quarto, gesticulei como um possessor, mas em vão. Os policias continuavam a conversar, a sorrir, e não pareciam dispostos a sair tão cedo da habitação. Impossivel! Era impossivel que elles não ouvissem o ruido!.. Agitei a cadeira, bati com força no sobrado, gritei, mas o ruido, cada vez mais forte, dominava tudo. E os policias riam, riam sempre, como se suspeitassem do meu crime, como se tivessem a certeza da minha culpabilidade e quizessem divertir-se um pouco com o meu horror. Indubitavelmente não poderia suportar por mais tempo tão afflictiva situação e esses sorrisos tão hypocritas... Então, n'um arranco de furia, exclamei o mais alto que pude:

«—Miseraveis! Abaixo a mascara! Confesso tudo! Arranquem estas taboas! O cadaver está ali!... E' ali que ainda bate o seu odioso coração!..»

Corre-
dades
trans-
motri-
para
todos
panq-
tos p

J. Vilanova & C.^a

REPRESENTANTES DE TURNER BROS, L.^{TD}

ROCHDALE (ENGLAND)

Fornecedores das marinhas de guerra
Ingleza e Japoneza

Fabrica em Blanes (Espanha)

FABRICANTES E UNICOS VENDEDORES
DA ACREDITADISSIMA CORREIA DE PELLE DE BUFALO «*LOWSKY*»,
MARCA REGISTRADA

Correias de todas as qualidades, cabos de couro para transmissões de força motriz, atilhos, colas para correias, tacos de todos os systemas, empanques, borrachas e amiantos para usos industriaes.

Vidros de nivel de bordos refundidos da melhor marca que existe, lubrificadores de todos os systemas, frictolina, Demireunstante Elk e todos os artigos e accessorios para a industria, etc.

ARMAZENS EM BARCELONA

Moncada, 1 — Assahonadores, 2 a 6
Paseo Cementerio, 66 — Mirallers, 9 — Baños Viejos, 16

160, Rua da Boa Vista, 162

LISBOA

Telegrammas — **LOWSKY** — Lisboa

Telephone — 1436

A "ferrugem"

E' muito vulgar observar-se nas arvores fructíferas, especialmente nas pereiras, macleiras e cerejeiras e com mais frequencia ainda nas oliveiras e laranjeiras, uma camada negra cobrindo as folhas, os ramos e tambem os fructos. Essa camada um pouco gommosa, mas por vezes pulverulenta e facil de se desprender das partes invadidas, apresenta uma semelhança notavel com a fuligem ou o negro do fumo e d'ahi o nome de «ferrugem» e mais modernamente de «fumagina». Tambem scientificamente se lhe dá o nome de «morphea», pois ha varias especies de fumaginas, conforme os parasitas vegetaes que as originam e que affectam formas variadas.

As causas d'esta molestia são diversas. Se os estragos são devidos a cogumelos pertencentes a dois generos principaes, «Lapmodiu» e «Limacinia», cujas tres especies mais conhecidas são «Capnodium salicinum» que se encontra sobretudo nas pereiras, macleiras e cerejeiras; «Limacinia citri», que invade as laranjeiras, e «Antennaria eloesphilo» que se propaga nas oliveiras, por outro lado o desenvolvimento e a propagação d'estes parasitas exigem a presença de uma exsudação assucarada.

Esta exsudação adocicada e algum tanto viscosa tem duas origens, vegetal e animal, conforme é produzida pelas folhas das arvores ou pelas secreções de certos insectos.

Em geral, nas arvores fructíferas e aos insectos que é devida a exsudação adocicada.

Apesar de não estar ainda completo o estudo de todos estes cogumelos, em todo o caso já se conhece o papel que representam na arboricultura fructifera. O seu mycelio e fructificações formam o revestimento negro, inteiramente superficial, que cobre as diversas partes aereas da arvore. Quanto aos estragos que occasionam, queda das folhas, pequeno desenvolvimento dos fructos que é raro chegarem a amadurecer completamente, provém, na maioria dos casos, dos obstaculos que encontram as folhas nas suas funções.

No nosso clima, as laranjeiras, limoeiros e oliveiras soffrem muito mais com a ferrugem ou a fumagina que as outras arvores fructíferas.

Quanto ao tratamento d'esta molestia deve ser feito de modo que seja ao

mesmo tempo fungicida e insecticida, pois está estabelecido que a «ferrugem» ou a «fumagina» só se desenvolve quando encontra meio adequado para isso, meio que lhe offerecem o pulgão e as cochilhas com as suas secreções e, sobretudo, as larvas das «phyllas», genero de insectos hemipteros que apparecem de maio a junho.

Um agronomo francez, Ducomet, preconisa para se combater esta molestia que sejam lavadas com agua pura as folhas contaminadas, de modo que estas fiquem completamente limpas. Em seguida pulverisa-se as folhas com sulphato de cobre, sal que, como é sabido, se oppõe efficazmente á germinação dos sporos ou sementes do cogumelo.

Tambem se deve arejar as arvores por meio de uma póda racional em que sejam sacrificados de preferencia os ramos atacados, sendo estes logo queimados. Esta póda, que deixa melhor penetrar a luz e circular o ar, oppõe-se, portanto, á propagação do cogumelo, que se dá bem com a sombra e com uma atmosfera pouco batida pelas correntes de ar.

A póda é preferivel que se faça nos fins do outono, quando a vegetação se acha em descaço.

Até ao presente, diz Ducomet, é este o unico tratamento recommendavel. A sciencia agricola não tem outro melhor á sua disposição.

N'uma obra intitulada «Mann und Weib» (o homem e a mulher) Ellis estuda o rendimento da telegraphia Morse, segundo o serviço é confiado a grandes ou pequenas mãos. As conclusões do seu relatorio não devem agradar ás feministas:

«Uma experiencia de 13 annos, escreve elle, demonstrou-me que as mulheres são, como telegraphistas, muito inferiores aos homens. Estes podem, durante algumas horas, transmittir 45 palavras ou, por outra, 600 signaes por minuto. Os signaes dos homens são mais nitidamente traçados: a differença entre os pontos e os traços é mais regular e melhor. Os signaes das mulheres misturam-se e confundem-se quando deveriam separar-se. A melhor maneira de telegraphiar consiste em tocar o manipulador com a extremidade do index, do dedo do meio e do pollegar. E' assim que fazem ordinariamente os homens. As mulheres, pelo contrario,

teem uma disposição para «dansar», isto é, para mudar muitas vezes o modo de contacto. Ora tocam o manipulador com a extremidade do index, ora apoiam n'elle a articulação mediana, ora o tocam entre dois dedos. A mão é dominada então por um tremor que o olhar de um observador pôde verificar. Acontece frequentes vezes, emfim, que ellas mudam duas ou tres vezes de posição no curso mesmo de uma só palavra. Parece que empregam a extremidade do dedo para os pontos e a phalange do meio para os traços. Os effeitos d'este mau methodo são de tal natureza que um empregado experimentado, recebendo um despacho, reconhece logo se elle foi transmittido por uma grande ou uma pequena mão.»

No gesto humano a intenção é tudo

Em Chensi e em Kensu, na China, foi prohibido o uso do opio. Os fumadores, que não pôdem resistir aos encantos que lhes proporciona a embriaguez, revoltaram-se; mas como na China as revoltas se pagam por bom preço, os recalcitrantes viram o bom e o bonito.

O anno passado, o magistrado de Chensi condemnou uns rebeldes fumadores de opio a uma pena horrivel. Primeiro arrancaram-lhes os olhos e depois os braços... O povo, indignado com esta barbaridade, agarrou no filho do magistrado e fel-o em pedaços. O velhote, sabendo da mísera sorte do seu rapaz, atirou-se a um poço!

O magistrado, porém, que substituiu o que deu cabo da vida, decidiu enveredar pelo mesmo caminho. Fumador d'opio que persistisse no vicio hediondo era trucidado. Ou se corrigia e escapava, ou continuava a embebedar-se e apanhava a sua conta. O letrado assim o declarou aos seus administrados, dizendo que, quando alguém pensa uma coisa, deve executá-la, ainda mesmo que conheça o fim terrível que o espera.

Esta theoria do chinês faz lembrar o caso do capitão de navios Poker-Denil, condemnado a morte por haver assassinado a esposa. Quando compareceu perante o tribunal, o reu, que se conservára sempre activo e tranquillo, disse ao juiz:

—O senhor não comprehende estas coisas. Matei minha mulher porque... me enganai, ou melhor, porque ella me enganou. Os cabellos louros com que

me encantou eram fingidos. Quando reconheci que me tinha ludibriado, matei-a. Era a unica coisa que tinha a fazer-lhe. Matei-a singelamente, no proposito de livrar a sociedade d'um grosseiro embuste. Fiz mal? Oh! não, não fiz. Bem sei que não estamos d'accordo n'este ponto, mas o senhor fica com a sua opinião e eu morrerei com a minha. No gesto humano, senhor juiz, a intenção é tudo. Matei minha mulher porque ella tinha os cabellos pretos e eu havia jurado casar com uma mulher de cabellos louros...

Como um hespanhol escreve a nossa lingua

Do chronista taurino do *Liberal* de Madrid, fazendo em agosto do anno passado a resenha d'uma corrida em que se lidaram rezes da casa de Bragança:

«A tourada de homtem foi una tourada indecente.

«Os touros da ganaderia da abastado lavrador Sua excellença reverendissima el rey de Portugal, ums pequenos, uotros finchados, nao fisseron nada de particular. Os dous primeiros mansissimos.

«A entrada «fanée», muito «fanée». A imprensa tirarfase dos cabellos da cabeça.

«Não se respiraba em a praça nem fora da praça. ¡42 grados á sombra son muitissimos grados! ¡Nem o aguardente do Chinchón!

«Os touros nao estiveron bravos; mais os toreadores, ficaram munto peor.

«Sua excellença ilustrisima don Pacomio Peribañez, matou um e matouno con vergonha. Foi voutleado e pisouteado e passou a enfermeria con uma contusao em um pe. O povo soberano entusiasmouse, apraudendo o señor do Peribañez.

«O Jaqueta, quedou a estatura do beutem. Ao primeiro e a outros pitáron-lhe muito os kabilenhos do sol.

«Punteret, que e um rapaz de mérito, no seu primeiro agradou, mais no sexto nao gostou tanto.

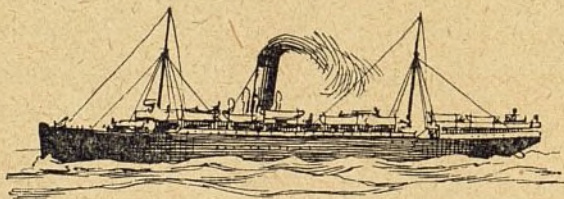
«E acabouse a pequena resenha, da pequena tourada, dos pequenos touros, da sua excellença ilustrisima e reverendissima o rey de Portugal.

«¡Faz um calor terrivel, un calor de catrocenos mil pés do cavallo!»

Sociedade Torlades

AGENTES EM PORTUGAL DA

Companhia das Messageries Maritimes



Exploradora da linha transatlantica de vapores
postaes para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro,
Santos, Montevideu e Buenos Ayres

Linha Transatlantica

SAHIDAS DE DUAS EM DUAS SEMANAS

Cordillere 6.378 toneladas — Magellan 6.357 toneladas
— Chili 6.488 toneladas — Amazone 6.357 toneladas
— Atlantique 6.907 toneladas

Escritorio da agencia em Lisboa

RUA DO OURO, 32 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO:

Carlos José da Silva & C.^a Successores

RUA FERREIRA BORGES, 14 — PORTO

TELEPHONE N.º 58

labio
os m
cend

Braz
cipal
São
e vi
que
obrig
sua
nhas
mais
po q
Te
mas
inju
zer-l
Os p
hom
nari
e sa
das
tuf

Usos e costumes exóticos

OS BOTOCUDOS



Comamos a liberdade de apresentar aos leitores os botocudos ou aymóres—os povos mais selvagens da America, que habitam ao longo da costa do Brazil, entre os rios Doce e Prado. Em geral andam completamente nús o seu unico ornamento consiste n'uma rodela de madeira — *botóco* — que lhes dá o nome e que introduzem n'um orifício que fazem no labio inferior ou nas orelhas. Segundo os melhores dados, são elles os descendentes dos primitivos habitantes do

muito expansivos e quando riem fazem muitas rugas.

A rodela de madeira que introduzem no beico inferior vae sendo substituída por outra maior á proporção que o seu portador vae crescendo. As mulheres parece que não seriam feias de todo se não fôssem desfiguradas por tão extravagante costume. Tanto os homens como as mulheres pintam-se de vermelho e de preto, com côres d'origem local.

Quando emigram, os homens levam apenas as armas n'uma das mãos e a caça que vão matando, na outra. A mulher carrega com todos os moveis da casa e com todos os filhos que não podem ir por seu pé.

São optimos caçadores, errando raras vezes a pontaria, e a pesca é feita a tiro de flecha, depois de terem adormecido o peixe com raízes venenosas. São dotados de grande voracidade, comendo meio



Brazil—os tapuias, que habitavam principalmente o Ceará e o Maranhão.

São dotados d'uma agilidade pasmosa e vivem geralmente errantes. Diz-se que n'uma epoca muito remota foram obrigados a separar-se dos homens da sua raça, internando-se pelas montanhas, onde se tornaram os indianos mais ferozes. Ainda não ha muito tempo que elles eram antropophagos.

Teem as pernas e as côxas delgadas, mas musculosas, e uma das maiores injurias que se lhes pôde dirigir é dizer-lhes que teem as pernas grossas! Os pés são pequenos, o peito e os hombros largos, o pescôco curto, o nariz chato e as maçãs do rosto altas e salientes. Cortam o cabello acima das fontes, deixando ficar apenas um tufo redondo no alto da cabeça. São

peça de caça.

Não ha entre elles qualquer especie d'auctoridade constituída. Estão divididos em tribus de cincoenta a cem guerreiros. Cada uma d'estas tribus, independentes entre si, é que tem o seu chefe, cuja dignidade é electiva, dotado d'um poder quasi absoluto, e cuja missão consiste em dirigir as marchas, conduzir os homens á guerra, pacificar as discordias havidas *quasi sempre por causa das mulheres*, etc. Nas suas campanhas, os chefes distinguem-se facilmente por um modo particular de pintarem o corpo — mas só n'essas occasiões.

Alguns *botocudos* usam a tatuagem. Os homens arrancam as barbas e as mulheres as sobancelhas. Os guerreiros, quando vão para qualquer expedição,

costumam levar um diadema de casca de certas arvores. A sua habitação, que elles denominam *kijem*, é uma simples cabana de ramos com quatro pés d'altura e sustentada por alguns paus. São dispostas em semi-circulo em volta d'uma especie de pateo e sempre protegidas na reataguarda por um resistente vallado.

Mesmo na visinhança dos colonos, não querem outra especie de habitação. D'essas habitações exhala-se sempre um cheiro caracteristico, que não parece ser devido á falta d'asseio, mas sim á exhalação cutanea dos seus moradores. São muito refractarios á civilisação, vivendo apenas da caça, da pesca e de fructas selvagens como os seus antepassados, cujas armas empregam, sendo rarissimos os que sabem servir-se d'uma espingarda ou d'um machado. A polygamia é entre elles materia corrente. A mulher, apesar dos rudes trabalhos que lhe são destinados, não é considerada como uma escrava, tomando parte nas danças que se realisam quando na tribu se dá qualquer acontecimento d'importancia: a chegada d'um viajante generoso, uma boa caçada, uma colheita abundante de fructos, a morte d'um chefe, etc. Não tem o sentimento da musica e os seus cantos, n'uma voz rouca, são tudo que ha de mais desagradavel. Só conhecem um instrumento de musica: um pifaro

de canna, que muitas vezes tocam com as ventas.

Não sabem contar e a sua linguagem só tem dois vocabulos para exprimir os numeros: *polchic*—que significa—um ou unico;—e *ouronhou*—que se traduz por—muito ou muitos.

Os seus enterros são muito curiosos: umas vezes enterram os mortos pouco profundamente e deixam a sepultura coberta de pedaços de madeira; outras vezes lançam fogo á cabana do fallecido, cujo cadaver lá deixam flear propositamente, ardendo tudo; e quasi sempre deixam junto á sepultura alimentos e uma canna cheia d'agua. Acreditam que quando qualquer d'elles morre n'uma idade avançada—o que é frequente—se transforma em jaguar!

Em materia religiosa, acreditam no espirito do bem ou *Tupan* e no espirito do mal *Nanchon*, mas não prestam culto algum a estas divindades. Durante as trovoadas, para conjurarem o espirito do mal, atiram flechas ao céu.

Rapazes e raparigas casam antes da idade nubil, e, no caso de divorcio, os filhos ficam com a mãe enquanto são de menor idade, indo depois para o poder do pae. Os *botocudos* são hoje muito pouco numerosos, caminhando rapidamente para a sua completa extincção pelas constantes guerras em que andam sempre envolvidos mesmo com as tribus menos selvagens.

Historia da Civilisação

O BERÇO



curiosa a historia do berço, acompanhando a sua evolução atravez dos seculos e confrontando-a depois com o que elle é actualmente entre os povos d'alguns paizes. E' isso que vamos fazer, começando por dizer que os

braços maternos suppriram durante muito tempo a invenção do primeiro berço.

Só depois a civilisação foi tornando indispensavel esse pequenino movel, destinado a ser a testemunha discreta de tantas alegrias—quando nasce o pri-

meiro filho—ou o objecto de tão pungentes saudades quando o seu pequenino possuidor desaparece para sempre, deixando a carinhosa mãe afogada em pranto...

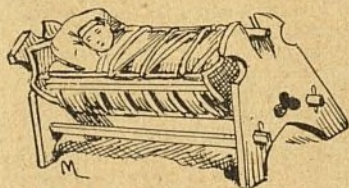
Mesmo entre os povos mais atrazados é interessante vêr como o engenheiro e a solicitude da mãe sabem supprir a deficiência de materiaes adequados para fazer um berço para o seu bebé.

Já dizia J. Simon que *é junto ao berço que se deve vêr a mulher*—querendo demonstrar assim de quanto é capaz a sua dedicação de mãe extremosa.

A palavra berço parece derivar do

latim *bera*—cannizado ou entrançado de vime, por d'este serem feitos durante muito tempo os berços. Na infancia da humanidade, a criança andava ligada á mãe por um ramo de cipó florido.

O berço, na antiga Grecia, era constituido por uma especie de cêsta quasi fechada, ficando a descoberto sómente



Um berço da antiguidade

a cabeça e parte do tronco da creança. Devia ter a fôrma d'um barquinho que pudesse oscillar lateralmente.

Nos romanos tambem o berço tinha a fôrma de barco, estando a creança ligada de modo que não pudesse cahir quando a embalassem—costume que ainda existe n'algumas terras. O berço romano tinha colchão e almofada e o uso dos cueiros já era conhecido, sendo porém a creança enfaixada da cabeça até aos pés, não ficando os bracitos de fóra.

Na Edade Media continuou a usar-se o berço romano com ligeiras modificações segundo as exigencias dos climas.

Existem miniaturas do seculo XV que nos mostram duas especies de berço d'aquelle tempo: n'uma, é quasi o berço romano com um suporte onde oscillava, suspenso a uns ganchos por duas argolas. Na outra variedade, é de madeira, rectangular e está fixo a umas travessas arredondadas que lhe facilitavam a oscillação com o simples impulso do pé. No seculo XVII, o berço dos nobres tornou-se um verdadeiro movel de luxo, pouco portatil e pouco pratico, porém.

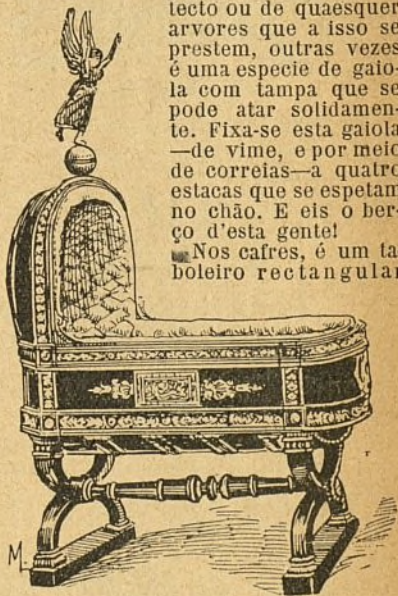
Pelo contrario, no seculo XVIII começaram a usar-se berços leves e elegantes, verdadeiros ninhos aereos, de fôrma oval, suspensos de dois supportes e envolvidos por cortinados transparentes e catadupas de rendas caras e artisticas.

O berço do seculo XIX continua com a fôrma de barco, mas perdeu toda a gracilidade que tinham os dos secutos XVII e XVII. O do rei de Roma, o do avô materno do actual monarcha de Portugal, etc., eram mais proprios para figurarem n'uma exposição que n'um quarto de dormir.

Vejam agora rapidamente o que é o berço em varios pontos do Universo. Em certas regiões do globo é tudo que ha de mais rudimentar: uma especie de mochila que as mulheres levam ás costas, com o bebé dentro, mesmo para os mais rudes trabalhos a que são obrigadas. Na Lapônia é uma especie de tamanco, em ponto grande, que muitas vezes fica dependurado d'uma arvore enquanto a mãe trata da sua vida. Os cueiros, se os tem, são de pelles de rennas muito novas, macias como pennugem. Este berço tem ás vezes uma especie de capota, que protege o pequenino lapão da chuva, da neve, etc., e d'elle estão suspensas varios berloques que o distraem pelas suas côres garridas. Diz Michelet que o unico objecto d'arte que existe na Lapônia—é o berço.

Na India, o berço é umas vezes um rectangulo de qualquer tecido, que pelas pontas se suspende do tecto ou de quaesquer arvores que a isso se prestem, outras vezes é uma especie de gaiola com tampa que se pode atar solidamente. Fixa-se esta gaiola—de vime, e por meio de correias—a quatro estacas que se espetam no chão. E eis o berço d'esta gente!

Nos cafes, é um taboleiro rectangular



O berço do rei de Roma

suspenso de dois postes. Nos apaches, berço e bebé constituem um embrulho de que só é facil distinguir a capota que teem os da Lapônia. Nos cabeças-chatas (indianos da America do Norte), o berço é cavado n'um bloco de madeira e tem uma especie de mola na

parte superior, a qual comprime a cabeça da creança de modo a produzir-lhe a deformação craneana que caracteriza esta tribu de selvagens.

N'algumas localidades do



Um berço de luxo

Meio-dia de França, não ha muito tempo

que o berço consistian'um pedaço de tronco d'arvore, óco, onde mettiã a pobre creança com a cabeça e os bracitos de fóra — mas o resto do corpo completamente immobilizado!

N'algumas tribus dos pelles-vermelhas, é uma simples taboa ou prancha, — mais ou menos adornada — a que adaptam a creança, ligada por correias e com uma pequenina peanha na extremidade inferior, para descansar os pés. Quando a mãe precisa sahir, — tabua ás costas e lá vão ambos!

Finalmente, ha povos em que o berço é... simplesmente um taleigo ou pequeno sacco em que a mãe mette o filho, deixando-lhe de fóra sómente a cabeça, depois de puxar — mais ou menos suavemente... — a corredilha do berço. E' o que fazem os N'gapou, Boudjios e outras tribus do Oubangui. Sendo inútil descrever o berço actual entre nós, diremos apenas, para terminar este artigo, que ao seu uso deve presidir o mais meticuloso asseio e a mais rigorosa hygiene, sendo arejado e limpo muitas vezes e devendo ser protegido das correntes d'ar por um véu de *mousseline* que ao mesmo tempo evitára que a luz muito viva fatigue a vista do seu pequenino locatário...

Bicycletas Humber e Continental e outros

DOMESTIC

**O MAIOR SUCESSO
EM MACHINAS DE COSTURA!**

A admiravel machina de costura **DOMESTIC** recommenda-se pelas suas inimitaveis qualidades.

CASA DOMESTIC

DE

J. HENRIQUES & C.^{ta}

(Ex-socio da casa Santos Beirão & Henriques)

Rua do Ouro, 106, 108

ARTIGOS DE SPORT

♣♣
Solidez, Elegancia, Perfeição

♣♣
Velocidade de marcha inegualavel

♣♣
Costura perfei-tissima



RUA DE S. NICOLAU, 95-97

Casa Bancaria

SOB A FIRMA

FONSECAS, SANTOS & VIANNA

120, Rua dos Capellistas, 122

LISBOA

CARLOS FERREIRA DOS SANTOS SILVA

Socios: *JOAQUIM PINTO DA FONSECA*

FRANCISCO DA SILVEIRA VIANNA

Toma e fornece saques e dá cartas de credito sobre
as principaes cidades e villas de

Hespanha, França, Italia,
Inglaterra, Allemanha, Hollanda,
Belgica,
Suecia e do reino

*Compra e vende fundos publicos, na-
cionaes e estrangeiros, acções
e obrigações de*

BANCOS E COMPANHIAS

*Effectua operações de transferencias
sobre as principaes terras do reino*

*Recebe depositos
em conta corrente a juro
convencional,
à vista ou a prazo.
Toma letras, fornece
saques,
cartas de credito e ordens
telegraphicas sobre*

Rio de Janeiro,
Santos,
S. Paulo, Campinas,
Pará
e Manaus

O CHEQUE E O SEU USO



cheque é de uso muito corrente na Inglaterra. E' o modo habitual por que se fazem os pagamentos. Que é um cheque? E' uma ordem dirigida por uma pessoa a um banqueiro, para pagar á vista a uma pessoa nominalmente designada, ou á sua ordem, ou ao portador uma certa

somma em dinheiro.

O cheque deve ser sacado sobre um banqueiro. A qualidade de banqueiro não depende do facto de um individuo assim se denominar. O commercio de banco na Inglaterra é uma profissão estritamente definida: consiste em receber dinheiro em deposito com o fim de o emprestar com juro ou de o collocar de maneira que possa auferir lucro. Um individuo que desconte letras de cambio não é, pois, um banqueiro no sentido em que os inglezes tomam esta palavra.

O cheque é nominal, á ordem ou ao portador. Quando um cheque é nominal pode-se sempre inserir a clausula «á ordem», comtanto que n'elle não existam indicações que o tornem intransferivel. O cheque nominal ou á ordem transfere-se por meio de endosso; o cheque ao portador por tradição. O cheque inglez é particularmente interessante pela instituição do cruzamento. O cruzamento consiste em duas linhas paralelas traçadas sobre o centro do cheque. Isto é sufficiente para que o cheque seja cruzado «em geral».

Ao cruzamento geral ou em branco oppõe-se o cruzamento especial. Este obtém-se escrevendo o nome de um banqueiro entre as duas linhas do cheque cruzado «em geral» escrevem-se ordinariamente as palavras «and Company» por extenso ou em abreviatura. O banqueiro que apresentar o cheque a pagamento, muitas vezes desconhecido do sacador, no momento da emissão, fará preceder do seu nome aquellas palavras.

O cheque cruzado não pode ser recebido senão por um banqueiro. O cheque cruzado «em branco» pode ser recebido por um banqueiro qualquer; o «em especial» não o pode ser senão pelo ban-

queiro cujo nome está indicado, ou seu procurador para a cobrança. Se o banqueiro do sacador paga um cheque cruzado «em branco» a uma outra pessoa que não um banqueiro ou paga um cheque cruzado «em especial» a um outro banqueiro, cujo nome não seja o indicado ou ao seu procurador, para a cobrança, é responsavel para com o verdadeiro proprietario do cheque por todo o prejuizo causado por um tal pagamento; em outros termos, o banqueiro expõe-se a pagar duas vezes.

Em certos bancos ha o costume, quando o pagamento de um cheque cruzado foi rejeitado na «Chambre of Compensation», de pagar a importância do cheque ao portador se esse é apresentado de

Cte nº 2015.	Cte nº 2015.	18 . Fr.
18	COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTE DE PARIS	
Fr. _____	Payez à _____	
ou _____	la somme de _____	
Ste 2, nº 133008.		

Um cheque vulgar

novo e se ha provisão. Os bancos que pagam assim, fazem-no por sua conta e risco. As restricções ao pagamento de um cheque cruzado tornaram-no praticamente inutil nas mãos de um ladrão ou de uma pessoa que não tenha a elle direito. Se o falso possuidor se apresentar ao banqueiro do sacador para haver a importância do cheque, o pagamento é-lhe recusado.

Se remetter o cheque ao seu proprio banqueiro, descobre a sua identidade e expõe-se ás penas da lei. Além d'isso, é provavel que o banqueiro do sacador, já avisado da perda ou do roubo do cheque, recuse o seu pagamento a qualquer banqueiro que não esteja auctorizado por conta do verdadeiro titular. O cheque cruzado garante, assim, uma notavel segurança e favorece o seu uso. Graças a elle evitam-se as consequências da perda e do roubo, isto é, os principaes riscos do emprego do cheque.

O cruzamento do cheque pode ser feito no momento da sua emissão ou posteriormente. Um cheque não cruzado pelo

ALMANA

sacador especial cruzado sel-o «dor. O elal do cal-o ou sa.

Existe seguran é escre «não ne estas p moment sacador tador. bre o clavel? cheque mais d conferio

Cte nº 15

Fr. _____

ou _____

Ste 2, nº 133008.

Se, p que fô adquiri compra o paga mente um tal ca a q affectav de seu riores.

um ch endoss nota «guintes gue se

O q cheque fica, p os ris zem c

E' p negoci Esta u sula «chequ cruzan cruzo

sacador pode sel-o «em geral» ou «em especial» por um portador. Um cheque cruzado «em geral» pelo sacador pode sel-o «em especial» por um portador. O cruzamento é uma parte essencial do cheque; é prohibido modificá-lo ou acrescentar-lhe qualquer coisa.

Existe um meio de reforçar ainda a segurança que resulta do cruzamento: é escrever sobre o cheque as palavras «não negociável». Como o cruzamento, estas palavras podem ser apostas no momento da emissão do cheque, pelo sacador, ou posteriormente por um portador. Qual é o effeito da apposição sobre o cheque das palavras «não negociável»? Graças a ellas, o portador do cheque não pode ter nem transmitir mais direitos, senão os que lhe foram conferidos.

Cte no 153.	Cte no 155	Au 15 janvier 189 .	Fr. 1000
COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTE DE PARIS			
Agence de Nantes.			
Payez à l'ordre de Monsieur TIRLET la			
somme de mille francs.			
Fr. 13	Dufourea-Lagelouze,		
et	à Nantes.		
Sic no 27150.	Payable à MM. HOLLIER-Larousse et Cie, à Paris.		
	Série no 27150.		

Um cheque «cruzado»

Se, pois, em qualquer tempo, o cheque fôr roubado, alguém que o tenha adquirido depois do roubo, mesmo por compra, não tem o direito de reclamar o pagamento. Esta solução é perfeitamente razoável; todo o cessionário de um tal cheque deve saber que se arrisca a que se lhe opponham os vícios que affectavam o cheque, quando em poder de seu cedente e dos portadores anteriores. Ha uma outra maneira de tornar um cheque «não negociável»: é o de o endossar com restricção. Equivalem a nota «não negociável» os endossos seguintes: «Pague-se a X sómente», ou «pague-se a X ou á sua ordem».

O que precede indica bem que um cheque com a nota «não negociável» não fica, por isso menos transferível. Mas os riscos que ameaçam o portador fazem com que as cessões sejam raras.

E' preciso não confundir a nota «não negociável» com a «não transferível». Esta ultima impede a apposição da clausula «á ordem», bem assim a cessão do cheque. Uma ultima palavra sobre o cruzamento do cheque: a pessoa que cruzou o cheque pode abril-o escrevendo

sobre elle as palavras: «pague-se em dinheiro», assignalando entre aspas esta alteração.

O uso do cheque cria relações de cliente para banqueiro, e d'estas relações nascem deveres reciprocos. Quaes são os deveres do banqueiro? O banqueiro deve pagar o cheque, quando apresentado, desde que elle tenha provisão sufficiente e que o seu direito de pagar não tenha sido revogado pelo cliente, ou, *ipso facto*, pela communicacão que tiver da quebra ou da morte d'esse mesmo cliente.

Uma infracção a esta regra expõe o banqueiro a pagar perdas e danos ao cliente, mesmo quando elle não faça prova de haver tido um prejuizo real. O banqueiro não pode mudar discriçãoariamente a praxe estabelecida nas relações com o cliente. Por isso, um banqueiro foi condemnado a pagar perdas e danos, por ter recusado o pagamento de um cheque, allegando não ter ordem expressa para fazel-o, quando anteriormente já havia pago diversos cheques do mesmo cliente, em egualdade de condições, e que ainda não haviam sido resgatados.

Esta condemnação mostra que no direito inglez não é necessario que haja ordem expressa n'um banco para que um cheque seja validamente sacado n'esse banco. O banqueiro não deve pagar senão á vista da assignatura do cliente. Se a assignatura fôr falsa, e se o banqueiro tiver feito o pagamento, é responsavel para com o cliente. Mas o banqueiro que, de boa fé e sem negligencia, paga um cheque com a assignatura falsa de um portador, faz um pagamento valido em relação ao sacador, e debita este pela importância do cheque. Em quaesquer circumstancias, o banqueiro deve provar que procedeu com prudencia.

Logo que se levanta a questão da responsabilidade do banqueiro, o criterio é sempre este: o banqueiro provou ou não ter procedido com prudencia? Assim, quando uma pessoa saca um cheque por procuração, as palavras «p. pro.» sobre o cheque são o indício de que o sacador tem um poder limitado. O banqueiro deve informar-se sobre a extensão d'este poder; se o não o fizer, acarreta com as consequencias d'esta falta.

Em Londres, é de uso os bancos escreverem a nota «good» (bom) sobre os cheques apresentados depois das 4 horas, desde que haja provisão. Uma

tal nota, porém, não significa acceitação por parte do banco e, em caso de erro seu, não está obrigado a pagar o cheque. Um cheque, uma vez pago, é propriedade do sacador, mas o banqueiro pôde conservá-lo como título contável até o ajuste da proxima conta.

O banqueiro será responsável por perdas e danos para com um cliente, por ter revelado o estado da sua conta? A affirmativa é certa, quando o cliente pôde provar que soffreu prejuizo real. Em caso contrario, a questão é controversa.

Por seu lado, o cliente é obrigado a uma certa diligencia. Assim, deve encher o cheque de maneira que não possa facilmente ser alterado, e, sobretudo, cumpre-lhe não deixar espaços em branco.

Quando se enche um cheque, de maneira que fiquem espaços em branco, a importancia d'elle sendo augmentada, o banqueiro que o paga está insento de toda a responsabilidade para com o sacador.

Para alguém poder tomar compromisso por meio de um cheque, é preciso possuir a capacidade de contractar. Assim, um menor não pôde validamente sacar um cheque. Uma sociedade não o pôde também, senão ficando adstricta aos seus estatutos. Mas a assignatura d'um sacador capaz de contractar, ou do seu procurador devidamente autorisado, é sufficiente para constituir um cheque valido. Tudo o mais, importancia, data, nome do portador, pôde ser accrescentado a todo o momento por qualquer outra pessoa, a não ser o sacador.

O aproveitamento do calor do sol

As modernas invenções não são, na realidade, mais que uns pequenos passos no vasto terreno das sciencias. E' indubitavel que ha ainda immensos campos de exploração para os futuros cultivadores da sciencia applicada.

Uma invenção destinada a prestar incalculaveis serviços á humanidade seria a de um systema, processo ou meio racional de aproveitar a enorme força motriz contida no estado potencial dos raios solares. O calor do sol constitue uma reserva illimitada que temos ao alcance das nossas mãos, mas que até á data não soubemos ainda aproveitar. A idéa já é velha.

O primeiro a applicar-a foi Archimedes, queimando com os seus famosos espelhos as galeras dos romanos. Nos tempos modernos, o francez Mouchot construiu uma machina, na qual uma série de espelhos dispostos em fórma de ellipse sobre uma superficie de 30 metros quadrados concentrava tanto calor que chegou a produzir uma força motriz equivalente a um cavallo-vapor.

Desde os tempos de Mouchot tem-se realizado progressos muito notaveis, dos quaes, sem duvida os mais importantes, se encontram no celebre pyrrheliophoro, do padre portuguez Himalaya.

Não ha ainda muito tempo também que um outro aparelho d'esse genero foi inventado por um hespanhol. No emtanto ainda está muito longe o dia em que esse genero de machinas seja coisa vulgar e usada universalmente.

A maior das machinas solares existentes na actualidade, é a que está installada em South-Paradena (California) e emprega-se na elevação das aguas. Outra fonte inexgotavel de energia é a constituida pelas marés. A força que poderia aproveitar-se, se existisse meio para isso, equivaleria á de um volante que tivesse 12:000 kilometros de diametro e 6 quintillhões de toneladas de peso.

Os surdos-mudos da Belgica e do norte da França realisaram o anno passado em Ostende a sessão inaugural do seu congresso. A essa sessão assistiram cerca de 500 pessoas. O presidente fez um discurso... com os dedos, e logo outros congressistas pediram, não a palavra, porque a não têm, mas permissão para exporem os seus pensamentos e formularem as suas notas.

N'uma reunião d'esta natureza é claro que se dispensa a classica campanha das grandes reuniões. Se se suscitarem controversias azedas ou questões irritantes, os congressistas poderão pegar á unha, mas nunca gritarem como se grita onde se falla.

Os congressistas foram recebidos pelo burgomestre que proferiu um discurso de boas vindas, discurso que era posto em mimica por um cavalheiro que sabe... fallar com os dedos. Terminado esse discurso de recepção, um dos congressistas agradeceu, sendo esse discurso posto em linguagem pelo mesmo cavalheiro que também sabe fallar com a bocca..

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A

82 a 88, Rua da Victoria, 82 a 88

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Rua do Ouro, 166 e 168

Lustres de crystal e bronze, candeeiros e lanternas para gaz, petroleo ou vellas, retretes, tinas, lavatorios, urinoes, bidets, syphões, autoclysmos, aparelhos a gaz para aquecer agua, tanques de ferro, torneiras e pertences para agua ou gaz, boccas d'incendio e rega, agulhetas, mangueiras de lona e borracha, tubos de ferro e latão, fogões de cosinha e sala, installações electricas, campainhas electricas, telephones, pára-raios, tubos acusticos, etc., etc.

Preços especiaes em tubos de chumbo

FABRICA A VAPOR

Rua de S. Thiago, 17 e 19

LISBOA

TELEPHONE N.º 219

INDUMENTARIA

O CHAPEU DE SOL



almanach do *Seculo* para 1909 occupou-se da evolução do chapéu alto. Este anno vamos fazer a historia do chapéu-de-sol, seu proximo parente, menos elegante, mais burguez, é certo—mas tambem mais util pelos bons serviços que ainda presta sob um sol tropical de agosto ou n'um dia de temporal defeito. Como todas as coisas uteis, como tudo que revela engenho ou progresso, tem detractores e tem admiradores. Como succede em muitos ou-



A sombrinha chinesa

tros casos, só é apreciado quando é preciso...

A sua origem perde-se na noite dos tempos, acreditando-se que veio da China, onde foi inventado pela mulher d'um carpinteiro, a quem ella fez vêr que se elle fazia os tectos das casas para os homens se abrigarem, essas casas não podiam deslocar-se; ao passo que o pequenino tecto, que ella havia inventado, podia ser transportado nas pontas dos dedos a milhares de leguas! Calcule-se a satisfação do marido de tão engenhosa mulher...

Esta é a lenda chinesa; mas ha quem

diga que o guarda-sol veio dos egypcios ou dos assyrios. O que está averiguado é que nos baixos relevos de Nínive, que datam de mil annos antes de Christo, já elle apparece, assim como em Suse, Thebas ou Memphis—sobre a corôa do grande rei, sobre a tiara do sátrapa, ou ainda, dominando o *pschent* do pharaó. Parece, por estes factos, que o guarda-sol é d'origem divina, visto que nos tempos mais remotos só aos grandes da terra era permitido usal-o, como symbolo de poderio e nobreza. Ainda hoje, na Asia e na Africa (em Marrocos, por exemplo) o guarda-sol constitue um privilegio real, um symbolo respeitoso da magestade.

E' sob o guarda-sol imperial, que um escravo segura, que o sultão de Marrocos recebe a vassallagem dos rebeldes que frequentemente agitam o seu paiz, perturbando a sua discutivel soberania em todo o *Moghreb-el-Aksa*—como os indigenas o denominam. Na Grecia, já no tempo d'Aristophanes havia o guarda-sol ou sombrinha d'abrir e fechar, como se deduz d'uma comedia d'aquelle auctor, em que Prometheu, querendo fugir de Jupiter, grita para o seu escravo:—Toma depressa esta sombrinha e esconde-me debaixo d'ella, porque tenho medo de que os deuses me vejam.

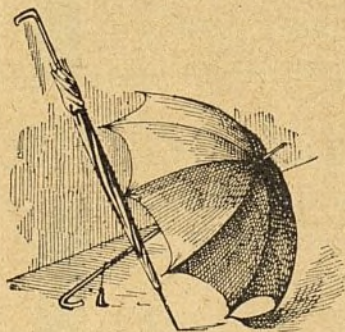
O Oriente é por excellencia o paiz do guarda-sol, onde elle pode ter varios andares como as casas. Na China, os mandarins usam-o com dois ou tres andares, segundo a sua categoria ou dignidade. Só o guarda-sol imperial tem quatro andares—e no Hindustão tem sete. Um dos titulos mais honrosos de que faz uso o rei d'Ava é este: —Rei 'do elephante-branco e senhor dos vinte e quatro guarda-sões.

Tão modesto objecto, que faz parte da nossa *toilette* burgueza, é tão apreciado entre certos povos, constitue tal honra o seu uso, que um explorador encontrou uma vez, no coração da Africa, um régulo completamente nú, tendo apenas na cabeça um velho e pellado chapéu-alto, resguardado pelo esqueleto d'um velhissimo guarda-sol, de cujo panno apenas restavam alguns farrapos! A fallecida rainha Victoria, querendo retribuir os valiosos presentes do sultão Mahmoud, não encontrou para elle prenda mais apreciavel que

uma sombrinha que valia a *bagatella* de vinte contos.

Os primeiros guarda-chuvas que appareceram em França, na segunda metade do século XVI, foram de Portugal. Cabe-nos essa honra, que alguns contestam, afirmando que foram lá importados da China. Tinham então um cabo monumental: 1^m 20; as varetas 80 centímetros e eram pezadíssimos.

Em vez da sêde leve, flexível e brilhante de hoje, eram guarnecidos de coiro ou d'oleado, etc. Na ponta do cabo tinham uma argola de cobre tão soldada como se tivesse de se prender a ella algum Hercules. Pezavam cerca de 3 kilos e custavam uns doze mil réis. Eram tão pouco portateis que, geralmente, só quem andava a cavallo os trazia—logo quando começaram a usar-se. Pelo contrario, mais tarde só usava guarda-chuva quem andava a pé, por não poder andar de sége ou de cadei-



Os chapeus modernos

rinha. N'esse tempo era ainda mais que um movel de familia: era quasi um immovel—uma barraca. Não era *chic*, portanto.

Os paizes do Norte foram os ultimos a adoptar o guarda-chuva, apezar do rigor dos seus climas. Onde mais custou a generalisar-se o seu uso foi precisamente na humida e nevoenta Inglaterra! O seu defensor e propagandista, Jonas Hanway, foi n'este assumpto um *apostolo* e um *martyr*. Durante vinte annos foi troçado, assoabiado e escarnecido ao ultimo ponto; mas quando morreu, em 1786, o guarda-chuva estava definitivamente implantado na Grã-Bretanha. Em 1769 constituiu-se em Paris uma companhia que obteve privilegio —para fornecer guarda-sôes a quem não

quizesse ser incommodado pelo calor durante a travessia da Ponte-Nova.

Havia uma especie de kiosques onde os elegantes do tempo alugavam a sua *umbrella*, que deixavam na outra extremidade da ponte.

Actualmente, n'algumas cidades da America, uma sociedade organisou verdadeiros *trusts* de guarda-chuvas, tendo escriptorios em todos os bairros: por meio d'um bilhete recebe-se um guarda-chuva, e á noite deixa-se no escriptorio mais perto de casa. Este processo tem, pelo menos, a vantagem de evitar que sejamos obrigados a trazer um objecto que, para muita gente, é de veras importuno—logo que não é preciso... O que não lembra aos americanos não lembra a ninguem!

Liga contra as plumas

Constituiu-se na Belgica uma nova Liga para defender muitos milhões de passarinhos que todos os annos são cruelmente sacrificados para ornarem os chapeus femininos. Essa «Liga» tem já muitos adeptos. Effectivamente, para se conservar as plumas toda a sua belleza, as aves são desplumadas em vida. Já em tempos a Inglaterra se occupou d'este supplicio, mas quem é que se importou com a sorte misera dos lindos colibris?... As damas belgas resolveram o seguinte:

1.^a Pôr termo ao cruel exterminio das aves.

a) Pela suppressão das plumas, *aigrettes*, pennas, etc., na *toilette* feminina;

b) Por uma activa propaganda em todos os estabelecimentos de instrucção publica;

2.^a Desenvolver a industria das flores artificiaes e quaesquer outros trabalhos femininos destinados a guarnecer os chapeus: galões pretos e bordados artisticos, ornatos d'ouro e prata, rendas, applicações em que o bom gosto se reserva á imaginação e á elegancia;

3.^a Interessar n'este movimento as senhoras de todos os paizes para que se substituam por completo as aves com que actualmente a moda enfeita os chapeus.

Os expositores que concorreram com estes productos á exposição que deve realisar-se em Bruxellas em 1910 serão galardoados com magníficos premios.



M. Herrmann

CASA FUNDADA EM 1865

OFFICINAS:

8 A 10, CALÇADA DO LAVRA, 8 A 10

DEPOSITO:

2 A 8, RUA DE S. JOSÉ, 2 A 8

Installações de luz electrica

Construcções e applicações electricas,
machinas a vapor, gaz e petroleo,
motores de toda a especie, telegraphia
e telephonia

Pára-raios, campainhas,
fornecimento de todos os pertences de ma-
chinas, material electrico,
lampadas.

MACHINAS — APPARELHOS — TELEGRAPHIA
ELECTRICIDADE

A p
atê ha
que en
já não
sumo.
ultimo
sensiv
faltar.

Os p
da per
da su
d'aqui
sr. Da
Franç
a esta
novas

«Con
do pap
em pa
de cell
agora
simple
não é
1887.
mava
ção d
pedia
ment
uso in

«Pou
da s
papel
prio
taes.
manei
cuja
bricas
«xylo
Alorf

«Os
são
ptado
vanta
exhal
servi
como
são e
até p
pel
ros,
serão
pens
barra
chine
pana
ment
senã

• O papel substitue a lã •

A produção das fibras textis que, até ha pouco tempo, eram as unicas que entravam no fabrico das fazendas, já não basta para fazer frente ao consumo. O algodão tem escasseado nos ultimos annos, a especie ovina diminue sensivelmente, e portanto a lã ameaça faltar.

Os preços das fibras textis e da sêda permanecem altos, por causa mesmo da sua relativa raridade e provêm d'aqui a invasão da sêda artificial. O sr. Dantel Bellet explica no *Economiste Français* como se tem procurado obviar a esta carestia, procurando applicações novas e obtendo optimos resultados:

«Conseguiu-se extrair fibras textis do papel. A sêda artificial já respondia em parte ao problema, pois que é feita de cellulose que é a base do papel; mas agora procurava-se alguma cousa mais simples e menos cara. Esta invenção não é muito recente. Com effeito, desde 1887, uma casa allemã de Chemnitz tomava a patente de invenção para a *fiação do papel*, mas este processo ainda pedia muitas modificações e aperfeiçoamentos para poder ser applicado ao seu uso industrial.

«Pouco e pouco, chegou-se á produção da *silvadina*, fibra textil extrahida do papel e por conseguinte, como o proprio nome indica, das arvores florestaes. Com a cellulose, tratada de uma maneira diversa, obtem-se o fio «liellia» cuja maior produção provém das fabricas de Waldhorf, e o fio chamado «xylolino», fabricado sobretudo em Alorf.

«Os empregos do tecido do papel são bastante diversos. Tem sido adoptados para lonas de saccos e tem a vantagem—ao contrario da juta—de não exhalar nenhum cheiro, podendo pois servir para involueros de comestiveis, como por exemplo o assucar. Tambem são empregados para roupa de mesa e até para roupa branca. Com fios de papel fazem-se tecidos coloridos e asperos, fazendas para fatos, os quaes não serão elegantes mas que são, em compensação, muito commodos. Fazem-se barracas e tapetes, fazem-se rendas, chinellas e até chapéus do genero dos panamás. A nova fibra lava-se perfeitamente, é muito resistente, e não custa senão cerca de uma terça parte do preço

do algodão e uma decima parte do preço do linho; presta-se á tintura com a maxima facilidade e pôde tomar os matizes mais variados.

«Escusado será dizer que os fatos de tecidos de papel preservam muito bem do frio (pois é sabido que a cellulose é um bom isolador) e são tambem muito leves, o que representa uma vantagem consideravel. E acima de tudo convém não esquecer que a fazenda necessaria para um fato completo não custa mais de uns tres mil réis. Não é possivel dizer exactamente a quanto monta a produção das novas fibras. A Allemanha possui diversas fabricas, que produzem mais de 10 toneladas de «xylolino» por dia. Mas em todo o caso pôde affirmar-se desde já que esta industria está destinada a ter em breve um grande desenvolvimento.

«Enquanto os tecidos de papel vão entrando no commercio, estão-se fazendo outros estudos e outras tentativas para produzir lã artificial. A cellulose, ou antes, a solução de cellulose fórma tambem a materia prima da nova fibra textil. Por enquanto não se trata senão de estudos e tentativas, mas podemos contar com grandes surpresas d'aqui a pouco tempo.

«São tambem interessantes as recentes invenções que tem por fim produzir, não já um fio para teer, mas sim uma pasta plastica que se pôde transformar rapida e directamente n'um tecido. O methodo empregado na Allemanha consiste em juntar uns aos outros, antes da solidificação definitiva, os fios fornecidos por uma massa de cellulose plastica. Depois de se estender simultaneamente uma série de fios paralelos que formam uma especie de trama, deitam-se sobre estes outros fios que correm obliquamente da direita para a esquerda e vice-versa: estes fios pegam-se á trama e formam, solidificando-se juntos, uma especie de tecido.

«N'esta ordem de idéas tem-se feito muitas e diversas experiencias, chegando um inventor a crear um tecido sem fios, que é simplesmente uma folha de cellulose ligeiramente perfurada, de modo a simular o cruzamento dos fios!

«Naturalmente todos estes productos estão ainda em estudo e necessitam grandes aperfeiçoamentos, mas não ha

duvida que d'aqui a pouco tempo teremos no commercio uma serie de fazendas novas ao alcance de todas as bolsas.

«Os tecidos impermeaveis revestidos de borracha, que offerecem grandes vantagens, são, porém, a causa de grandes inconvenientes, sobretudo o de impedirem a transpiração. Por isso começa-se agora a substituir a borracha pela cortiça, que, sendo igualmente impermeavel com respeito á agua, deixa passar o ar livremente. A cortiça muito leve, pouco augmenta o peso do estofo a que é applicada. Subtil e flexivel, a pellicula impermeavel não modifica sensivelmente nem a elasticidade nem o aspecto exterior das fazendas.»

O operariado allemão

Assumem uma feição especial os agrupamentos operarios na Allemanha, sahindo da esphera economica, propriamente operaria, para a esphera politica e religiosa. Os operarios constituíram uma grande organização syndical em que o numero dos adherentes é de dois milhões, o seu capital de 72:000 contos e a sua receita annual excede 40:800 contos. Além d'esta, existem os syndicatos liberaes, os syndicatos catholicos e os syndicatos christãos nacionaes. Estes ultimos contam actualmente trezentos e quarenta mil membros, com o capital de mil e oitenta contos e a receita annual de 9:900 contos.

O seu capital cresce rapidamente, porque as despesas da associação não excedem annualmente 8:100 contos.

Os syndicatos allemães, de qualquer feição politica ou religiosa, representam um total de quasi tres milhões d'operarios, com instituições solidamente organisadas, possuindo quasi 9:000 contos de capital e um orçamento annual que excede 42:600 contos. Todos visam, seja qual for o seu partido politico, ao melhoramento material e moral da situação dos associados, que procedem methodicamente n'uma acção muito efficaz e mui raramente sahem dos limites marcados pela lei.

* * *

Segundo o ultimo relatório da repartição dos seguros do imperio germanico, havia em 1 de julho de 1909, 877:269 pensionados por causa d'invalidéz; 104:931 pensionados por velhice e

48:819 pensionados por doença; total: 1.001:049 operarios aposentados em consequencia da lei de seguros, em vigor na Allemanha, desde 1 de janeiro de 1891. Este milhão d'aposentados foi, pois, formado n'um periodo de 18 annos e meio.

* * *

Uma estatística publicada pela inspecção do trabalho constata que a Alsacia-Lorena conta actualmente 7:644 fabricas, occupando 498:774 operarios. Estas fabricas repartem-se assim: Alta-Alsacia, 2:954; Baixa-Alsacia, 2:866; Lorena, 1:824. A estes numeros é preciso accrescentar ainda 439 minas, com 26:393 operarios.

Ha, portanto, na Alsacia-Lorena 223:167 operarios industriaes que se decompõem em 161:433 operarios adultos, 45:877 operarios com mais de dezesseis annos d'idade, 9:620 rapazes e 6:852 raparigas de quatorze a dezesseis annos e, finalmente, 93 creanças do sexo masculino e 1:270 do sexo feminino, de menos de quatorze annos d'idade.

Os gestos dos oradores

Um jornal francez propunha recentemente que se fizesse um inquerito sobre os gestos habituaes dos melhores oradores.

Esse inquerito deveria ser divertido, pois que os principes da palavra quasi todos tem a sua mania: uns passeiam, outros balouçam-se, alguns agitam a cabeça, este bate no peito, aquelle brinca com o lapis, ess'outro torce e destorce a corrente do relógio.

Um ministro da Restauração, em França, Corbière, tinha a mania de esvasiar as algibeiras. Um dia, falava deante do rei, no conselho de ministros, e começou por tirar d'um bolso uma caixa de rapé. D'ahi a pouco, d'outro bolso tirou o estojo das lunetas, depois uma velha carteira ensabada e rota... Por fim, como o discurso era comprido, puxou d'uma algibeira um grande lenço tabaqueiro. Luiz XVIII não pôde suster-se e disse-lhe:

—Corbière, você ainda acaba por despejar as algibeiras todas que tem...

E o ministro, sem perder o sangue-frio, retorquiu-lhe:

—Sire, antes despejar-as do que encher-as!

O rei sorriu e Corbière, retomando o fio do discurso, continuou a esvasiar os bolsos.

COMPANHIA PORTUGUEZA

— DE —

PHOSPHOROS

Sociedade anonyma de responsabilidade
limitada

CAPITAL 4.500:000\$000 RÉIS

Dividido em acções do valor de 45\$000 rs.

CONCESSIONARIA

*do exclusivo do fabrico de phosphoros
e isca no continente do reino e ilhas
adjacentes*

FABRICAS

EM LISBOA:

Rua do Assucar

NO PORTO:

Lordello do Ouro

ESCRITORIO

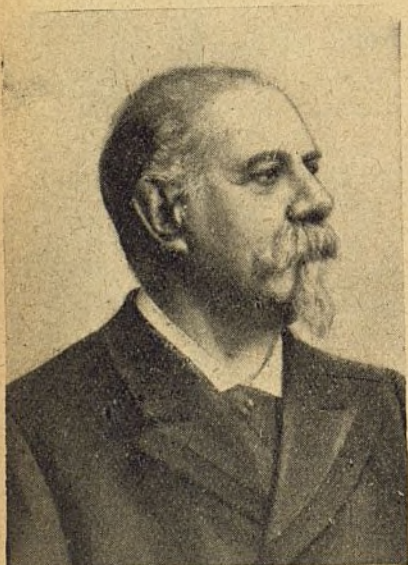
Rua de S. Julião, 39, 2.º

LISBOA



Mortos do anno

DE 1 DE JULHO DE 1908 A 30 DE JUNHO DE 1909



Jayme Arthur da Costa
Pinto

40-4-909

Provedor da Casa Pia e presidenteda camara de Cascaes, prestou relevantes serviços aquelle estabelecimento verdadeiramente modelar e contribuiu com rara actividade para os melhoramentos em todo aquelle concelho. Era d'uma grande affabilidade de trato, que lhe conquistou innumerasympathias.

Ayuntamiento de Madrid



Conde de Burnay

29-3-909

Iniciou a sua carreira commercial, uma das mais felizes que se conhecem, aos 17 annos de idade em casa de sua avó, a viuva do sr. João Baptista Burnay. A sua actividade assombrosa e a sua constante intervenção nas mais diversas transacções e explorações industriaes e financeiras conquistaram-lhe a alcunha popular de *Topa-a-tudo*.

Gen

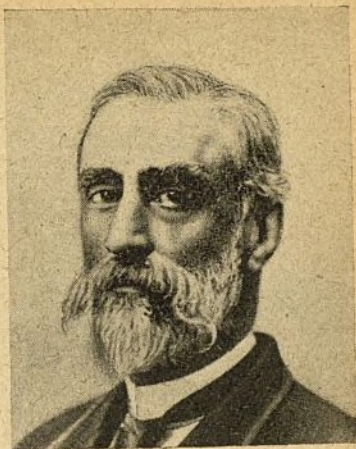
Milita
comm
fantaria

Uma
portug
idade.
1846,
tes de
da Tr



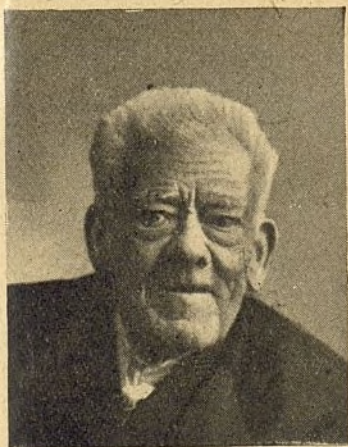
General Vieira Pimentel
20-2-909

Militar bríoso e muito considerado, commandou as 1.ª e 8.ª brigadas de infantaria.



Duque de Loulé
2-3-909

Mordomo-mór da rainha D. Maria Pia, era filho da infanta D. Anna de Jesus Maria. Nunca se entregou á politica. A sua unica distracção era a musica.



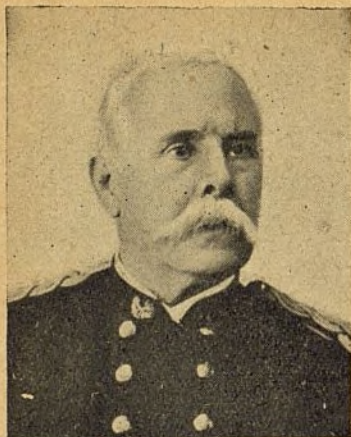
Actor Taborda
5-3-909

Uma das maiores glorias do theatro portuguez. Morreu com 83 annos de idade. Estreou-se em 17 de maio de 1846, n'uma peça intitulada *Os fabricantes de moeda falsa*, no primitivo theatro da Trindade.



General Henrique de Carvalho
5-2-909

Incumbido pelo governo, em 1884, de organisar uma expedição scientifica á Lunda, escreveu interessantes obras sobre essa região e uma bella descripção das suas viagens em terras africanas.



Tenente-coronel Manuel
José Ribeiro de Faria

27-8-908

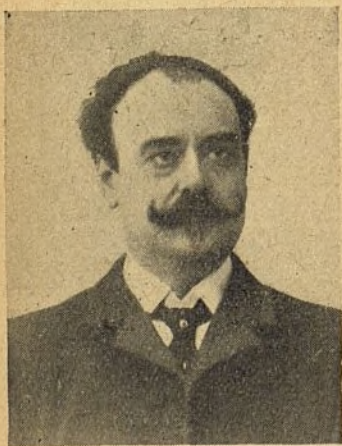
Serviu na arma de engenharia e foi reformado em 25 de fevereiro de 1892. Tinha uma larga folha de serviços.



Visconde do Rio Sado

7-6-909

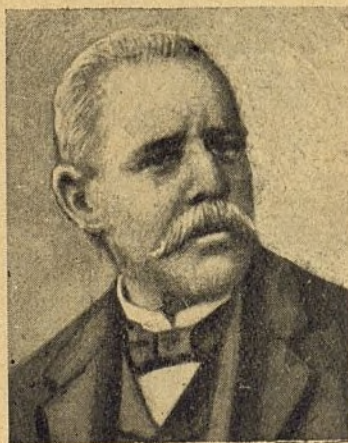
Illustre juriconsulto, foi juiz no tribunal da Boa Hora. Era um magistrado íntegro e as suas sentenças foram sempre inspiradas na maior imparcialidade.



Dr. João Chaves

9-4-909

Clinico distincto, os seus serviços prestados á cidade foram relevantísimos.



Frederico Franco

28-6-909

Proprietario no Alcaide, pae do sr. conselheiro João Franco. Morreu com 82 annos de idade.

Escripto
camara n
sos jorn
nacional
dou, com
dade Litt

Bibliou
Artes, s
rito e u
xou mui
e littera



Pedro Pinto
15-11-908

Escriptor distincto, foi vereador da camara municipal, collaborou em diversos jornaes diarios e deu ao theatro nacional muitas peças de agrado. Fundou, com outros escriptores, a Sociedade Litteraria Almeida Garrett.



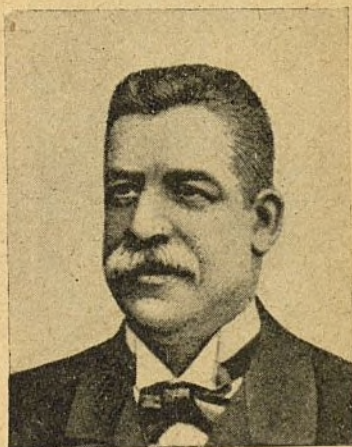
General Francisco Maria da Cunha
13-1-909

Ministro da guerra n'um gabinete progressista, foi o chefe da casa militar do rei D. Carlos. Prestou relevantes serviços á Sociedade de Geographia e á da Cruz Vermelha.



Zacharias d'Aça
27-12-908

Bibliotecario da Academia de Bellas Artes, foi um erudito, um caçador emérito e um cavaqueador infatigavel. Deixou muitas obras de valor, critica de arte e litteratura e impressões de viagem.



Conselheiro Polycarpo Anjos
22-1-909

Importante capitalista de Lisboa, estava aparentado com as casas Valenças, Arnoso, S. Lourenço e Fontalva. Foi vereador da camara municipal de Lisboa.

**D. Antonio Paraty**

5-3-909

Coronel de estado-maior, ajudante de ordens do rei D. Manuel. Era vogal effectivo da Junta do Credito Publico.

**Dr. Alberto Costa**

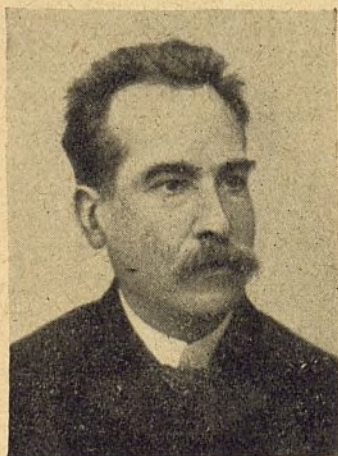
4-11-908

O espiituoso *Pad-Zê*, celebre dos seus tempos de estudante coimbrão, suicidou-se na redacção d'um jornal republicano, disparando na cabeça um tiro de revolver.

**D. Gaudencio José Pereira**

4-11-908

Arcebispo de Portalegre. Foi sagrado em 1 de maio de 1887, na sé de Lisboa. Governou por vezes o patriarchado, na ausencia de D. José III.

**Conselheiro Ferreira Lobo**

26-2-909

Jornalista politico de valor e um funcionario zelossissimo e intelligente.

Cavalle
plaudido
não só
geiro. M

Gener

Antigo
dor, dis
concelho
Fontes I
primeira



Joaquim Alves

7-3-909

Cavalleiro tauromachico dos mais applaudidos e eximio equitador. Toureou não só em Portugal como no estrangeiro. Morreu com 37 annos de idade.

seus
suici-
repu-
a tiro



General Avellar Machado

23-4-909

Antigo militante do partido regenerador, dispoñdo de grande influencia no Concelho de Abrantes, foi secretario de Fontes Pereira de Mello e eleito pela primeira vez deputado em 1882.

obo

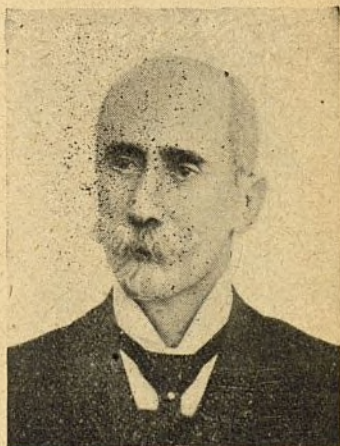
func-
e.



Alvaro Penalva

2-3-909

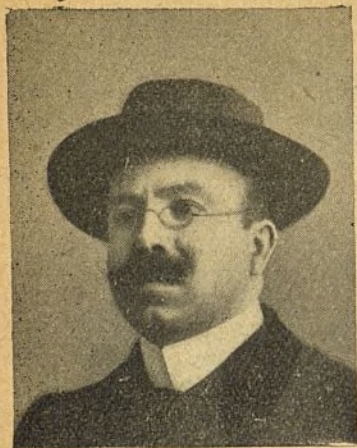
Official de marinha e deputado. Possuia a Torre e Espada pelos serviços prestados nas campanhas d'Africa.



Conde de Tondella

4-8-908

Fidalgo da Beira Baixa, muito rico, foi assassinado por um sobrinho, por umas questões de familia. O criminoso tentou suicidar-se, mas não o conseguiu.



Dr. Trindade Coelho
9-8-908

Magistrado judicial de espirito aberrantemente democratico, um incidente da politica interna fel-o cahir n'uma neurasthenia incuravel que o levou ao suicidio.



João Augusto d'Oliveira Junior
19-8-908

Abastado proprietario, possuia em Bemfica uma vivenda onde passava a maior parte do anno. Victimou-o um ataque de angina pectoris.



Alberto Magno
23-8-908

Morreu n'um desastre no Tejo, durante umas regatas de vela promovidas pelo Real Club Naval. Contava 22 annos de idade.



Antonio Gonçalves d'Azevedo
27-8-908

Negociante lisboeta, muito activo e emprehendedor, foi victima d'um desastre na pesca na praia das Maças, onde possuia a sua residencia de verão.

Desco
portug
agricul
tituiun
em ter

Mon

Era v
dos em
rochior
gumas
vadas
lhes se
de S.
data da

Co

Antig
Angoch
campan
diverso
portug

Gen

Ofici
te da
uma b
nos de

Gen

Dotac
intellig
Lisboa
dissima
Deixou
bre san

Cont
d

Foi u
e exer
sub-dir

Carle

Impo
Iniciad
Estoril

Conde de Villa Verde

29-7-908

Descendente da mais nobre fidalguia portugueza, foi um dos mais activos agricultores da Zambezia, onde reconstituiu a fortuna que dissipara no reino, em tempos de incomparavel bohemia.

Monsenhor Santos Viegas

3-8-908

Era um dos sacerdotes mais conhecidos em Lisboa, onde durante annos parochiou a freguezia dos Martyres. Algumas vezes foi indigitado para as elevadas funcções episcopaes, mas preferiu-lhes sempre o repouso da sua abbadia de S. Thiago d'Anta, que pastoreava á data da morte.

Contra-almirante Miravent Tavares

4-8-908

du-
vidas
2 an-

Antigo governador do districto de Angoche, tomou parte em diversas campanhas ultramarinas e commandou diversos barcos da marinha de guerra portugueza.

General Manuel Joaquim de Mattos

16-8-908

Official da arma de cavallaria, fez parte da guarnição d'Elvas e commandou uma brigada em Vizeu. Contava 71 annos de idade.

General Augusto Montenegro

7-9-908

Dotado de superiores qualidades de intelligencia e de caracter, a cidade de Lisboa deve-lhe uma campanha dedicadissima contra as habitações insalubres. Deixou publicados muitos trabalhos sobre saneamento e hygiene.

Contra-almirante Achilles de Almeida Navarro

3-10-908

Foi um medico naval muito distincto e exerceu durante annos o cargo de sub-director do Hospital de Marinha.

Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos

14-10-908

ivo e
m de-
rão.

Importante industrial agricola, foi o iniciador do aformoseamento do Monte Estoril. Possuía muitas propriedades no

Alemtejo, entre ellas a granja do Alvito, onde tinha as machinas mais aperfeiçoadas para o fabrico do vinho e do azeite.

General Antonio Eugenio de Mendonça

27-10-908

Official muito distincto da arma de cavallaria, exerceu quando major o logar de chefe da repartição militar do governo geral da provincia de Moçambique.

Leonel Tavares de Mello

1-11-908

Antigo escrivão do 2.º districto criminal, possuía as mercês de cavalleiro da Ordem de Christo e da Conceição. Pertencia a uma distincta familia açoriana.

Conselheiro Marino Franzini

26-11-908

Par do reino, ministro de Estado honorario, exerceu o cargo de vice-presidente da camara alta; militou sempre no partido progressista e era commendador da Ordem de Aviz.

José Saragga

27-11-908

Antigo jornalista e critico lyrico. Collaborou nos periodicos *Economista* e *Correio da Manhã* já extinctos.

Conde de Lumiares

10-12-908

Pertencia a uma das mais illustres familias da aristocracia portugueza. Contava 72 annos de idade e era adjunto do commissario regio na Companhia dos Tabacos.

Conselheiro Emauz Gonçalves

11-12-908

Chefe da 1.ª repartição da direcção geral da estatística, collaborou intelligentemente no *Seculo* e exerceu de modo superior diversas commissões de serviço publico.

Actor Julio Soller

21-12-908

Estreou-se aos 17 annos no palco do Normal ao lado de Emilia das Neves e Manuela Rey. Trabalhou em quasi todos

os theatros de Lisboa. Era um artista consciencioso e de raras aptidões.

Visconde de Reguengo

28-12-908

Neto do conde de Avilez, estava relacionado com a primeira nobreza do paiz. Foi deputado em varias legislaturas e era um exímio atirador. A elle e a seu filho Jorge se deve o regulamento da caça em Portalegre.

Andrade Neves

31-12-908

Jornatista republicano dos mais talentosos, pertenceu durante annos á redacção do *Seculo*.

Vice-almirante Teixeira Pinha

9-3-909

Illustre official da armada portugueza, commandou, além de outros navios, a *Bartholomeu Dias* e o *Vasco da Gama*.

João de Oliveira Ramos

1-4-909

Considerado jornalista portuense, o *Pae Ramos* redigiu durante muitos annos o *Boletim politico do Primeiro de Janeiro*.

Abbade Paes Pinto

7-4-909

Combateu sempre pelo triumpho da democracia. Tomou parte activa no movimento revolucionario de 31 de janeiro de 1891.

José Augusto d'Oliveira

23-3-909

Primeiro official do ministerio da fazenda, foi o proprietario dos extinctos jornaes *O Reporter* e *Jornal da Noite*.

Joaquim Maria Nunes

3-6-909

Antigo proprietario do theatro Luiz de Camões, de Belem, era muito estimado pelo seu character.

Dr. Elmano da Cunha

9-6-909

Advogado distincto, foi deputado em varias legislaturas. N'estes ultimos annos fixára residencia em Aveiro.

João Feliciano Marques Pereira

17-6-909

Deputado pelo circulo de Macau, foi professor, na Escola Colonial, das cadeiras de legislação e administração ultramarina. Dirigiu durante muitos annos a revista *Ta-Si-Yang-Kuo*.



HERBERT J. OSBORNE & C.^a LTD.

2 e 4 TUDOR STREET

LONDRES

AGENTES DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS
DE PAPEL DE INGLATERRA, ALLEMANHA
E HOLLANDA

Papeis de todas as qualidades

COMMISSARIOS DA GRANDE FABRICA
DE TINTAS DE IMPRESSÃO

Slatter & Palmer

RECONHECIDA COMO UMA DAS PRIMEIRAS
EM TODO O MUNDO

Telegrammas: **PAPELILO** — London
Codigos: **A. I Western Union**
A. B. C. 5.^a edição

Sociedade Portuguesa de Seguros

Sociedade anónima de



responsabilidade limitada

Sede em Lisboa: RUA DO OURO, 32

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente: Antonio José Gomes Netto
Vice-presidente: Visconde de Carnaxide

CONSELHO D'ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Victorino Vaz Junior
Vice-presidente: Conde de Silves
Marquez de Gouveia, Carlos Reincke, Jorge O'Neill,
Joseph William Henry Bleck, Antonio Maria d'Oliveira Bello Junior,
Director-gerente: Rodrigo Peixoto

CONSELHO FISCAL

Presidente: Conde da Guarda
Manuel Joaquim Alves Diniz, Antonio Serrão Franco,
Annibal Vaz, Fernando d'Oliveira Bello

Agencias nas
principaes cidades e villas
do reino

Endereço telegraphico:
SEGUROS
Número telephonico: 53